



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**ESCOLA DE BELAS ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS**

**VLADIMIR SANTOS OLIVEIRA**

**cArtEgrafias — Latitudes | Móbeis**

**L  
o  
n  
g  
i  
t  
u  
d  
e  
s**

Salvador  
2018

**VLADIMIR SANTOS OLIVEIRA**

**cArtEgrafiaS — Latitudes | Móbeis**

**L  
o  
n  
g  
i  
t  
u  
d  
e  
s**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (PPGAV-EBA-UFBA), como requisito para obtenção do título de Doutor em Artes Visuais.

Área de Concentração: Artes Visuais  
Linha de Pesquisa: Processos de Criação Artística  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Virginia Gordilho Martins

Salvador  
2018

O48 Oliveira, Vladimir Santos.

Cartografias: latitudes, longitudes móbeis. / Vladimir Santos Oliveira.  
- Salvador, 2019.  
263 f.: il.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Maria Virginia Gordilho Martins.  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Escola de Belas Artes,  
2019.

1. Cartografia - cartografias. 2. Mapa. 3. Artes visuais. 4. Processos criativos. 5. Subversão. I. Martins, Maria Virginia Gordilho. II. Universidade Federal da Bahia. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDU 528.9

VLADIMIR SANTOS OLIVEIRA

**cArtEgrafiaS — Latitudes | Móbeis**

**L  
o  
n  
g  
i  
t  
u  
d  
e  
s**

Aprovada em 19 de Dezembro de 2018.

**Banca Examinadora**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Virginia Gordilho Martins – Orientadora  
Doutora em Artes – ECA – USP

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elyane Lins Correa  
Doutora em Arquitetura e Urbanismo - Universitat Politècnica de Catalunya-UPC

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nanci Santos Novais  
Doutora em Artes Visuais - Universidade Politècnica de Valencia

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Roseli Amado da Silva Garcia  
Doutora em Mídia e Conhecimento - Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera Lucia Didonet Thomaz  
Pós-Doutora em Artes Visuais – Instituto de Artes-IA-UFRGS

Ao Mundo, ao Tempo-Espaço, aos Afetos, as carto-cArtEgrafias da Arte-Vida, infinitamente Móbeis.

## AGRADECIMENTOS

A *Drummond*, Amor, por tudo e muito mais, e por compartilhar-me e ensinar-me de sua admirável e exemplar 'metodologia' de ser-viver.

A minha *Mãe*, pelo Amor e Ânimo.

A *Viga*, 'rosa-dos-ventos' da pesquisa, artista e professora admirável, pelos afetos, por me receber como seu orientando, e por entrever e me mostrar, nos primórdios da pesquisa, que um Grid era uma cArtegrafia.

A cada integrante da Qualificação e Defesa, pela atenção, generosidade, sensibilidade, criticidade e outras contribuições moventes.

Aos amigos e artistas-pesquisadores *Jô Felix* e *Péricles Mendes*, pelos encontros de Arte-Vida, afetos e apoios.

Aos *amigos* da vida e campos afins.

A *Lance Arney* no Hemisfério Norte.

Ao *Programa de Pós-graduação em Artes Visuais-PPGAV*, a Escola de Belas Artes-EBA e a Universidade Federal da Bahia-UFBA.

A *Galeria Cañizares* e sua equipe.

A *FAPESB* e a *CAPES* pela concessão da bolsa de pesquisa.

A *Arte-Ciência* da Cartografia.

Ao *Mundo*, ao Viver e Tudo que se-nos Move.

Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar,  
**cartografar**, mesmo que sejam regiões ainda por vir.  
Deleuze & Guattari, 1991

Se quisermos compreender quando e porque a cartografia é  
uma arte, precisamos considerá-la da perspectiva do artista.  
Richard Wollheim, 2002

OLIVEIRA, Vladimir Santos. cArEgrafiaS – Latitudes | Longitudes Móbeis, 259 fl. il. 2018. Tese (Doutorado) – Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2018.

## PERSPECTIVA

Esta tese focaliza e reflete a conjunção Cartografia e Arte como plano e processo de criação artística. Designada como Ciência e Arte de pensar e criar Mapas, imagens e representações espaciais, esta investigação concebe e reflexiona a Cartografia como campo experimentável, movente, propulsor de poéticas e estéticas destoantes da Cartografia convencional e funcional. A operatividade criadora em Artes Visuais, notavelmente na contemporaneidade, expõe a presença, o uso e mesmo a invenção de Cartografias e formas de Cartografar, dimensionando trabalhos artísticos com Mapas e derivados cartográficos, em trajetos e abordagens imaginárias, subversivas e críticas. Esta constatação moveu na pesquisa a criação de uma figura conceitual nomeada como 'cArtegrafiaS', referência ao pensar-fazer artístico-visual, a investigações, produções em Arte e Cartografia. Desta forma, dois planos móbeis, imagéticos, discursivos e derivados, espelham a pesquisa trilhada; o CartOográfico, de paralelos e meridianos coordenados, mensuráveis, e o cArtegráfico, imaginativo, poético, de latitudes | longitudes móbeis —

Coordenadas-Chave

CartOgrafia-cArtEgrafiaS \_\_\_\_\_ Mapa \_\_\_\_\_ Móbil \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ Artes Visuais \_\_\_\_\_ Processos Criativos \_\_\_\_\_ Subversão

## PERSPECTIVE

This thesis focuses and reflects the conjunction Cartography and Art as a plan and process of artistic creation. Designated as Science and Art of thinking and creating maps, images and spatial representations, this investigation conceives and reflects the Cartography as an experimental, moving field, propeller of poetics and esthetics distoantes of conventional and functional Cartography. The creative operability in Visual Arts, notably in contemporary times, exposes the presence, use and even the invention of Cartographies and Cartographic forms, dimensioning artistic works with Maps and cartographic derivatives, in paths and imaginary, subversive and critical approaches. This finding moved in the research the creation of a conceptual figure named as cArtegrafia, reference to the artistic-visual think-make, to investigations, productions in Art and Cartography. In this way, two mobile, imaginary, discursive, and derivative plans mirror the treacherous research; the Cartographic, of coordinated, measurable parallels and meridians, and the cArtegráfico, imaginative, poetic, of latitudes | mobile lengths.

Key-Coordinates

Cartography\_\_\_\_\_Map\_\_\_\_\_Mobile\_\_\_\_\_Visual Arts\_\_\_\_\_  
Creative Processes\_\_\_\_\_ Subversion

## LISTA DE IMAGENS

<b>Figura 1:</b> Pássaros em voo batido alternado com o planeio-esquema	<b>p. 27/28</b>
<b>Figura 2:</b> Sequência de movimentos das asas de um beija-flor pairando	<b>p. 28</b>
<b>Figura 3:</b> Desenho de um ornitóptero	<b>p. 29</b>
<b>Figura 4:</b> Códice sobre o voo dos pássaros	<b>p. 30</b>
<b>Figura 5:</b> Pigeon in Flight, from Animal Locomotion	<b>p. 31</b>
<b>Figura 6:</b> Cockatoo flying	<b>p. 31</b>
<b>Figura 7:</b> Analysis of the Flight of a Pigeon by the Chronophotographic Method	<b>p. 31</b>
<b>Figura 8:</b> Dr.Julius Neubronner com câmera fotográfica e pombo (esq.)   Pombo com câmera fotográfica acoplada ao peito e pronto para decolar	<b>p. 33</b>
<b>Figura 9:</b> Cartão postal a voo de pássaro	<b>p. 34</b>
<b>Figura 10:</b> Paper Sculpturers	<b>p. 35</b>
<b>Figura 11:</b> We Like to Get Around	<b>p. 36</b>
<b>Figura 12:</b> It's all for you	<b>p. 36</b>
<b>Figura 13:</b> London Lovers	<b>p. 37</b>
<b>Figura 14:</b> Done and Dusted	<b>p. 38</b>
<b>Figura 15:</b> A falcon in Boston (Esq.)	<b>p. 40</b>
<b>Figura 16:</b> Swan from Padua (Dir.)	<b>p. 40</b>
<b>Figura 17:</b> Pájaro herido en México DF	<b>p.41</b>
<b>Figura 18:</b> Da série Mapaglifos	<b>p.41</b>
<b>Figura 19:</b> This is enough for me – I'm not sure this one would last too long in the big city	<b>p.42</b>
<b>Figura 20:</b> I'll Stalk This Town Until I Find It	<b>p.42</b>
<b>Figura 21:</b> The Eagle Map of the United States (Engraved For Rudiments of National Knowledge)	<b>p.43</b>
<b>Figura 22:</b> Pigeons Over London	<b>p.44</b>

<b>Figura 23:</b> Over Brighton	<b>p.44</b>
<b>Figura 24:</b> Mouth of the Thames	<b>p.45</b>
<b>Figura 25:</b> Pocket Atlas-Heading South	<b>p.45</b>
<b>Figura 26:</b> Ornitografies	<b>p.46</b>
<b>Figura 27:</b> Ornitografies	<b>p.46</b>
<b>Figura 28:</b> Ornitografies	<b>p.47</b>
<b>Figura 29:</b> Ornitografies	<b>p.47</b>
<b>Figura 30:</b> Ornitografies	<b>p.47</b>
<b>Figura 31:</b> Ornitografies	<b>p.47</b>
<b>Figura 32:</b> Traçado de 'rotas-caminhos' em mapa de Salvador-Ba	<b>p.49</b>
<b>Figura 33:</b> Mapa (s) de Ga-Sur	<b>p.53</b>
<b>Figura 34:</b> Mapa de Bedolina	<b>p.55</b>
<b>Figura 35:</b> Petróglifo de Bedolina	<b>p.55</b>
<b>Figura 36:</b> Mapas das Ilhas Marshall	<b>p.56</b>
<b>Figura 37:</b> Mapas das Ilhas Marshall	<b>p.57</b>
<b>Figura 38:</b> O mapa-múndi de Ptolomeu (c. 1780)	<b>p.68</b>
<b>Figura 39:</b> Mapas T-O	<b>p.69</b>
<b>Figura 40:</b> Mapa T-O	<b>p.70</b>
<b>Figura 41:</b> Planisfério de Mercator e detalhe (1569)	<b>p.71</b>
<b>Figura 42:</b> Planisfério de Mercator (detalhe)	<b>p.72</b>
<b>Figura 43:</b> Projeção Cilíndrica de Mercator	<b>p.72</b>
<b>Figura 44:</b> Delineatio omnium orarum totius australis partis Americae (...) – 1596	<b>p.73</b>
<b>Figura 45:</b> Mapa do Oeste Africano – 1596	<b>p.74</b>
<b>Figura 46:</b> A Arte da Pintura ou A Alegoria da Pintura – 1666	<b>p.77</b>
<b>Figura 47:</b> O Geógrafo-1669	<b>p.79</b>
<b>Figura 48:</b> O Astrônomo-1668	<b>p.79</b>
<b>Figura 49:</b> Oficial e moça sorridente (1658)	<b>p.80</b>

<b>Figura 50:</b> Os embaixadores (1533)	<b>p.81</b>
<b>Figura 51:</b> Mapa do Mundo de Johannes Stabius (1515)	<b>p.82</b>
<b>Figura 52:</b> Vista y plano de Toledo (1610-1614)	<b>p.83</b>
<b>Figura 53:</b> Le monde au temps des surréalistes – 1929	<b>p.102</b>
<b>Figura 54:</b> de la rigueur de la Science – 2011	<b>p.104</b>
<b>Figura 55:</b> Map of Venise – 1957	<b>p.106</b>
<b>Figura 56:</b> The Naked City: illustration de l'hypothèse des plaques tournantes en psychogéographie – 1957	<b>p.106</b>
<b>Figura 57:</b> The Naked City: illustration de l'hypothèse des plaques tournantes en psychogéographie – 1957	<b>p.107</b>
<b>Figura 58:</b> New Babylon-Paris – 1963	<b>p.108</b>
<b>Figura 59:</b> New Babylon-Köln – 1963	<b>p.108</b>
<b>Figura 60:</b> New Babylon Nord – 1958	<b>p.109</b>
<b>Figura 61:</b> New Babylon-Ruhrgebiet – 1963	<b>p.109</b>
<b>Figura 62:</b> Symbolic Map New Babylon – 1969	<b>p.109</b>
<b>Figura 63:</b> Carte du pays de Tendre – 1654	<b>p.110</b>
<b>Figura 64:</b> Dada Siegt/Dada Conquers – 1920	<b>p.111</b>
<b>Figura 65:</b> The Melancholy of Departure – 1916	<b>p.112</b>
<b>Figura 66:</b> Europe after the Rain – 1933	<b>p.113</b>
<b>Figura 67:</b> Le Jardin de la France – 1962	<b>p.114</b>
<b>Figura 68:</b> América Invertida – 1943	<b>p.114</b>
<b>Figura 69:</b> Map – 1961	<b>p.115</b>
<b>Figura 70:</b> Map – 1963	<b>p.116</b>
<b>Figura 71:</b> Map to Not Indicate, 1967	<b>p.117</b>
<b>Figura 72:</b> Map of an Area of Dimensions 12" x 12" Indicating 2,304 1/4" Squares 1967	<b>p.118</b>
<b>Figura 73:</b> Figura 73 – Map Piece – 1962	<b>p.119</b>
<b>Figura 74:</b> Map Piece – 1964	<b>p.119</b>
<b>Figura 75:</b> Colours of the Globe– 2009	<b>p.119</b>

<b>Figura 76:</b> Draw your own Map – 2011	<b>p.120</b>
<b>Figura 77:</b> Imagine Peace Map – 2003...	<b>p.120</b>
<b>Figura 78:</b> O novo atlas 1 – 1977	<b>p.127</b>
<b>Figura 79:</b> Variáveis – 1977/2010	<b>p.127</b>
<b>Figura 80:</b> Cartografias contemporâneas. Dibujando el pensamiento – 2013	<b>p.128</b>
<b>Figura 81:</b> Druksland – 1975	<b>p.129</b>
<b>Figura 82:</b> Diagrama de Poética e Processo Criativo – 2014 2018	<b>p.131</b>
<b>Figura 83:</b> Diário de Processo Criativo – 2014 2018	<b>p.132-33</b>
<b>Figura 84:</b> Estudo esquemático para ícone da exposição – 2018	<b>p.135</b>
<b>Figura 85:</b> Ícone da exposição – 2018	<b>p.135</b>
<b>Figura 86:</b> Disposição dos Trabalhos no Espaço Expositivo (Vista em Planta Baixa) — 2018	<b>p.138</b>
<b>Figura 87:</b> Grid – 2018	<b>p.144</b>
<b>Figura 88:</b> Grid (traçados e processos) – 2018	<b>p.145</b>
<b>Figura 89:</b> Topotesia e Grid – 2018	<b>p.147</b>
<b>Figura 90:</b> Topotesia e Grid – 2018	<b>p.148</b>
<b>Figura 91:</b> Topotesia (detalhes) – 2018	<b>p.149</b>
<b>Figura 92:</b> série Topotesia (Processo de Criação) – 2018	<b>p.152</b>
<b>Figura 93:</b> série Topotesia (Processo de Criação) – 2017/2018	<b>p.153</b>
<b>Figura 94:</b> série Topotesia (Processo de Criação) – 2017/2018	<b>p.154</b>
<b>Figura 95:</b> Topotesia (detalhes) – 2018	<b>p.155</b>
<b>Figura 96:</b> Topotesia (detalhes) – 2018	<b>p.156</b>
<b>Figura 97:</b> Topotesia (detalhes) – 2018	<b>p.157</b>
<b>Figura 98:</b> Topotesia (detalhes) – 2018	<b>p.158</b>
<b>Figura 99:</b> Topotesia (detalhes) – 2018	<b>p.159</b>
<b>Figura 100:</b> Topotesia (série ArquivAtlas) – 2017__	<b>p.160</b>
<b>Figura 101:</b> Topotesia (série ArquivAtlas-Processo de Criação) – 2017___	<b>p.162</b>

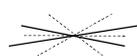
<b>Figura 102:</b> Topotesia (série ArquivAtlas) – 2017_ _ _	<b>p.163</b>
<b>Figura 103:</b> De locais e localizações imaginárias (Para que Latitudes ou Longitudes será que estou indo?) – 2018	<b>p.165</b>
<b>Figura 104:</b> De locais e localizações imaginárias (Para que Latitudes ou Longitudes será que estou indo?) – 2018	<b>p.166</b>
<b>Figura 105:</b> De locais e localizações imaginárias (Para que Latitudes ou Longitudes será que estou indo?) – Processo de Criação – 2017/2018	<b>p.169</b>
<b>Figura 106:</b> De locais e localizações imaginárias (Para que Latitudes ou Longitudes será que estou indo?) – Processo de Criação – 2017/2018	<b>p.170</b>
<b>Figura 107:</b> De locais e localizações imaginárias (Para que Latitudes ou Longitudes será que estou indo?) – Processo de Criação – 2017/2018	<b>p.171</b>
<b>Figura 108:</b> ...e conhecedor do mundo em que vivemos (Recordação Cartográfica) – 2018	<b>p.173</b>
<b>Figura 109:</b> ...e conhecedor do mundo em que vivemos (Recordação Cartográfica) – 2018	<b>p.174</b>
<b>Figura 110:</b> ...e conhecedor do mundo em que vivemos (Recordação Cartográfica) – 2018	<b>p.175</b>
<b>Figura 111:</b> e conhecedor do mundo em que vivemos (Recordação Cartográfica) – Processo de Criação – 2018	<b>p.178</b>
<b>Figura 112:</b> e conhecedor do mundo em que vivemos (Recordação Cartográfica) – Processo de Criação – 2018	<b>p.179</b>
<b>Figura 113:</b> ...e conhecedor do mundo em que vivemos (Recordação Cartográfica) – 2018	<b>p.180</b>
<b>Figura 114:</b> ...e conhecedor do mundo em que vivemos (Recordação Cartográfica) – 2018	<b>p.181</b>
<b>Figura 115:</b> De uma ponte a pé navegar – 2016/2018	<b>p.182</b>
<b>Figura 116:</b> De uma ponte a pé navegar – 2016/2018	<b>p.183</b>
<b>Figura 117:</b> De uma ponte a pé navegar – 2016/2018	<b>p.184</b>
<b>Figura 118:</b> De uma ponte a pé navegar (detalhes) – 2016/2018	<b>p.187</b>
<b>Figura 119:</b> GeoPlanos – 2018	<b>p.188</b>
<b>Figura 120:</b> GeoPlanos – 2018	<b>p.189</b>
<b>Figura 121:</b> GeoPlanos (Processo de Criação) – 2018	<b>p.191</b>

<b>Figura 122:</b> GeoPlanos – 2018	<b>p.192</b>
<b>Figura 123:</b> Garanhuns sobre Salvador – 2009	<b>p.193</b>
<b>Figura 124:</b> Garanhuns sobre Salvador – 2009	<b>p.194</b>
<b>Figura 125:</b> Garanhuns sobre Salvador (Processo de Criação) – 2009	<b>p.197</b>
<b>Figura 126:</b> Garanhuns sobre Salvador – 2009	<b>p.198</b>
<b>Figura 127:</b> Esclrlta – 2015	<b>p.200</b>
<b>Figura 128:</b> Esclrlta (Processo de Criação) – 2015	<b>p.203</b>
<b>Figura 129:</b> Esclrlta (Processo de Criação) – 2015	<b>p.204</b>
<b>Figura 130:</b> GeoArquivo (MemoraCartobilia) – 2006/2018_ _ _	<b>p.205</b>
<b>Figura 131:</b> GeoArquivo (MemoraCartobilia) – 2006/2018_ _ _	<b>p.206</b>
<b>Figura 132:</b> GeoArquivo (MemoraCartobilia) – 2006/2018_ _ _	<b>p.207</b>
<b>Figura 133:</b> GeoArquivo (MemoraCartobilia) – 2006/2018_ _ _	<b>p.209</b>
<b>Figura 134:</b> GeoArquivo (MemoraCartobilia) – 2006/2018_ _ _	<b>p.210</b>
<b>Figura 135:</b> Recortes de papel vegetal em branco – 2018	<b>p.212</b>
<b>Figura 136:</b> Experimento cArtegráfico Participativo (Galeria Cañizares) – 2018	<b>p.213</b>
<b>Figura 137:</b> Criações (Experimento cArtegráfico Participativo) – 2018	<b>p.214</b>
<b>Figura 138:</b> Criações (Experimento cArtegráfico Participativo) – 2018	<b>p.215</b>
<b>Figura 139:</b> Continuous (Belo Horizonte)   2012	<b>p.234</b>
<b>Figura 140:</b> Topos   2018	<b>p.234</b>
<b>Figura 141:</b> Atlas   2015	<b>p.235</b>
<b>Figura 142:</b> Mapamaré   2010	<b>p.235</b>
<b>Figura 143:</b> Soft-Velofluxo   2008	<b>p.235</b>
<b>Figura 144:</b> Conexão I e Conexão II   2008	<b>p.236</b>
<b>Figura 145:</b> Cartografia abstrata III, 2012	<b>p.236</b>
<b>Figura 146:</b> Algumas distâncias entre pontos - abstrações burocráticas e cartografias abstratas   2012	<b>p.237</b>

<b>Figura 147:</b> Ilhas derivadas   2011	<b>p.237</b>
<b>Figura 148:</b> Alto-mar (Atlântico)   2018	<b>p.238</b>
<b>Figura 149:</b> Projeção I e Projeção II   2012	<b>p.238</b>
<b>Figura 150:</b> Gravidade na linha do equador   2015	<b>p.239</b>
<b>Figura 151:</b> Porto Alegre-RS encontra Portalegre-PT   2010 Lagoa, Ribeira Grande e Rio Maior encontram Feliz Deserto   2010	<b>p.239</b>
<b>Figura 152:</b> Cabo da Boa Esperança encontra Cabo das Tormentas   2010 - Ilha da Decepção encontra Ilha da Desolação   2010	<b>p.240</b>
<b>Figura 153:</b> Itália ao acaso   encontrar a mancha da Itália numa rua da Itália   2009 Paris ao acaso   encontrar Paris em um muro português   2009 Cruzeiro do Sul ao acaso   encontrar o Cruzeiro do Sul no hemisfério norte  2009 Portugal ao acaso   encontrar Portugal dentro de casa  2009	<b>p.240</b>
<b>Figura 154:</b> Mapa Mole - São Paulo   2006 e Mapas Moles – Rio de Janeiro - Zona Norte  1998	<b>p.241</b>
<b>Figura 155:</b> Cartografias Transmutadas – Londres e Cartografias Transmutadas – Lisboa   2004	<b>p.241</b>
<b>Figura 156:</b> Cartografia Fragmentária - Belo Horizonte   2003	<b>p.242</b>
<b>Figura 157:</b> Mapas bordados	<b>p.242</b>
<b>Figura 158:</b> Mapas em tecido	<b>p.243</b>
<b>Figura 159:</b> Mapas costurados	<b>p.243</b>
<b>Figura 160:</b> Lugar nenhum	<b>p.243</b>
<b>Figura 161:</b> Le Sacre	<b>p.244</b>
<b>Figura 162:</b> Untitled   2008	<b>p.244</b>
<b>Figura 163:</b> Texas Road Map e Zurich   2002	<b>p.245</b>
<b>Figura 164:</b> (B.1961) SACRAMENTO	<b>p.245</b>
<b>Figura 165:</b> La légende ou l’atelier de construction du territoire   2013	<b>p.246</b>
<b>Figura 166:</b> Le monde énervé   2011	<b>p.246</b>
<b>Figura 167:</b> Cartes recomposées   2007-2012	<b>p.247</b>

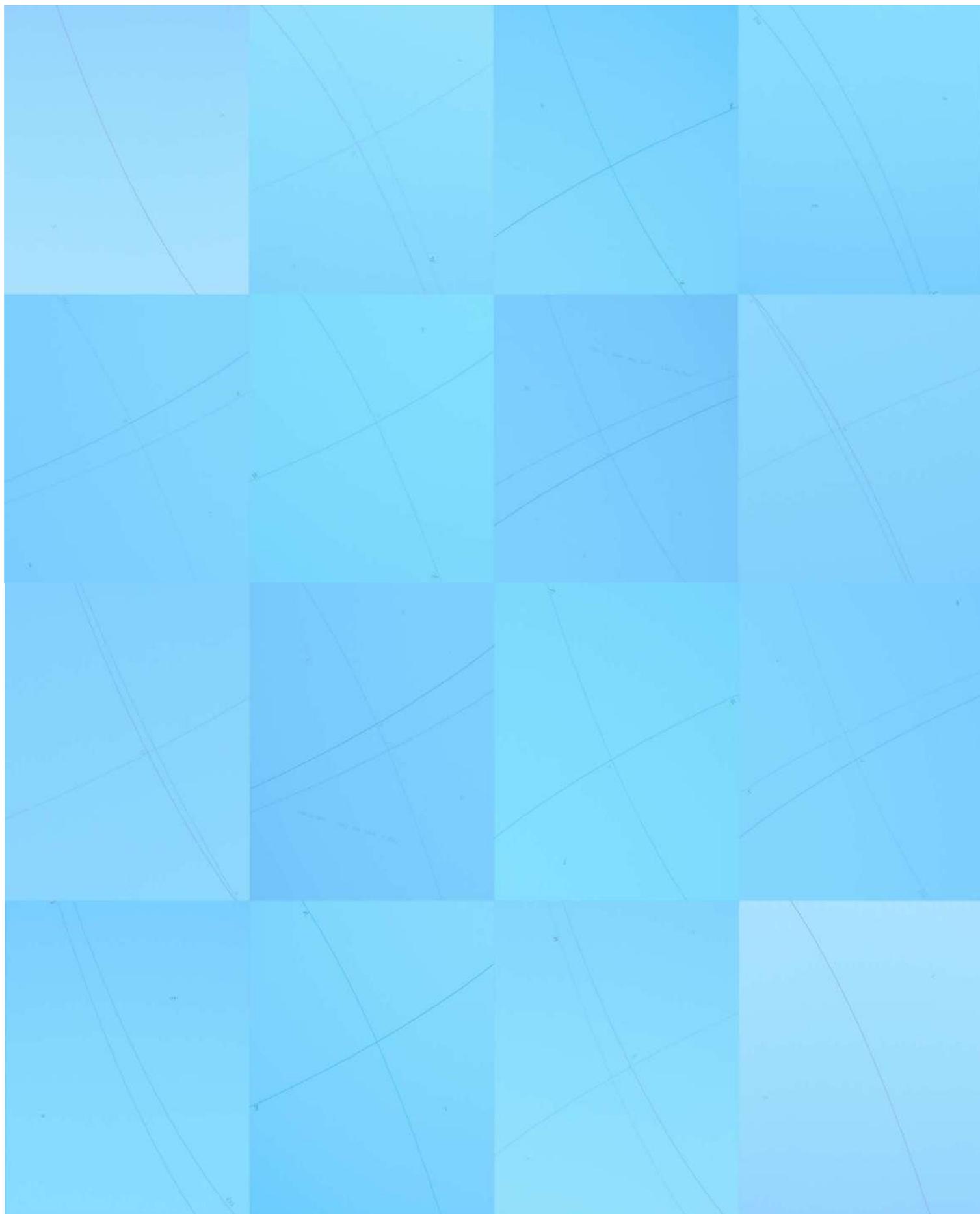
<b>Figura 168:</b> Dymaxion version 1   2010	<b>p.247</b>
<b>Figura 169:</b> Germinate (5000 Seeds)   2009	<b>p.247</b>
<b>Figura 170:</b> Artifacts 2   2015	<b>p.248</b>
<b>Figura 171:</b> Terrain (Blue No. 1)   Terrain (Pink No. 1)   Terrain (Yellow No. 1)   2010	<b>p.248</b>
<b>Figura 172:</b> Desprendimientos e Una región sin mapa (de la serie Coordenadas Móviles)   2012	<b>p.248</b>
<b>Figura 173:</b> Relevancias 1/12, Relevancias 8/12, Relevancias 12/12 (de la serie Impacto Mínimo)   2012	<b>p.249</b>
<b>Figura 174:</b> Série Trópicos, No.4 e No.2   2017	<b>p.249</b>
<b>Figura 175:</b> here, is The Place   2017	<b>p.249</b>
<b>Figura 176:</b> Sacred Space (neither here nor there)   2017	<b>p.250</b>
<b>Figura 177:</b> A Place (meant to be forgotten)   now there is order, or disorder, or both	<b>p.250</b>
<b>Figura 178:</b> Island   2013 and Prefecture   2009	<b>p.250</b>
<b>Figura 179:</b> Grey Map Square   2017 and Elsewhere   2014	<b>p.251</b>
<b>Figura 180:</b> Série Folded in Place	<b>p.251-52</b>
<b>Figura 181:</b> Tour   2010	<b>p.253</b>
<b>Figura 182:</b> Guía de la inmovilidad   2003	<b>p.253</b>
<b>Figura 183:</b> Ciudad cansada   2004	<b>p.253</b>

# BUSSOLA



<b>Linhas Cardeais</b>	17
<b>CO1   CartOgrafia – Você está aqui   a-onde</b>	26
CO1.1  Pássaros   CartOrnitografias_OrnitoCartografias	27
CO1.2  Humanos   Mapas	49
CO1.3  Cartografia   CiênciArte	63
<b>CE2   cArtEgrafiaS  Paralelos  Meridianos</b>	87
CE 2.1  Você <i>não</i> está aqui: CartoCrítica   CartoSubversão   PoÉstéTiCas cArtEgráficas	87
CE 2.2  cArtegrafias – latitudes    longitudes móbeis	131
<b>DN   DesNorte</b>	217
DN1. Mapas Abertos	217
DN2. cArtoEgrafia de Fontes	223
DN3. APÊNDICE A – cArtegrafias	234
APÊNDICE B – Peças gráficas  divulgação da exposição	254
ANEXO A – Clipagem  exposição	255

LEGENDA	
CO	CartOgrafia
CE	cArtEgrafia
DN	DesNorte
	Paralelos
	Meridianos



*De locais e localizações imaginárias (Para que latitudes ou longitudes  
será que estou indo?  
Superposição Fotográfica  
Vladimir Oliveira*

Como escrever senão sobre aquilo que não se sabe ou se sabe mal? É necessariamente neste ponto que imaginamos ter algo a dizer. Só escrevemos na extremidade de nosso próprio saber, nesta ponta extrema que separa nosso saber e nossa ignorância e que transforma um no outro. É só deste modo que somos determinados a escrever.

(Gilles Deleuze, 1988).

Se a realidade é movente, porque assim é a experiência humana do espaço, também seria assim uma outra cartografia, trazendo à superfície novas linhas. Existe um permanente devir cartográfico.

(Jörn Seeman, 2014).

**cArtEgrafias — Latitudes | Longitudes Móveis** é uma tese sobre Cartografia e Artes Visuais, decorrente da realização do projeto de doutorado na linha de pesquisa Processos de Criação Artística, nomeado Cartografias Moventes, pautado no interesse de criar e refletir um trajeto criativo, um pensar-fazer artístico inspirado e movido por intersecções com o campo de conhecimento cartográfico. Desta forma, as linhas aqui escritas se compõem como pensamentos e articulações favoráveis a uma revisão e alargamento do sentido clássico, científico e tradicional de Cartografia, com a-e pela mobilidade aberta, experimental e poética da Arte. Neste caminho, desenvolver um projeto artístico tomando a Cartografia e sua extensão por mote e tema, nos leva a uma das questões abertas no plano de pesquisa, apropriada de Martín Barbero, que assim indaga: “Mas quem disse que a cartografia só pode representar fronteira e não construir imagens das relações e dos entrelaçamentos, dos caminhos em fuga e dos labirintos?”<sup>1</sup> À vista disso, pensando num além-fronteiras, desvios de campos e espaços do saber, buscamos também com esta Tese pensar, traçar, examinar uma possível e ampliada noção de Cartografia, em virtude de seu uso nas/pelas Artes Visuais. Com a realização da pesquisa e sua escala criativa e teórica, refletimos ser possível, praticável, outras noções-expressões de

---

<sup>1</sup> MARTIN-BARBERO, Jesus. **Ofício de Cartógrafo: travessas latino-americanas da comunicação na cultura**. SP: Ed. Loyola, 2004.

Cartografia, a partir da sua premissa científica, constituição formal, funcional, mas derivadas de percursos, criatividade e inventividades poético-artísticas.

A matéria desta tese consiste numa grafia reflexiva sobre minhas feitura criativas e artístico-cartográficas no decurso do tempo-espaço da pesquisa de doutorado, processo apresentado na exposição individual *cArtEgrafias — Latitudes | Longitudes Móveis*, e em escritos, levantamentos teóricos-conceituais sobre a Cartografia, sua gênese e andamentos nas esferas da História, Cultura e Artes Visuais. Contudo, escolhemos não abordar na pesquisa as transformações tecnológicas cartográficas, a exemplo da Geotecnologia, o Geoprocessamento, em relação a e com práticas artísticas visuais, considerando este enfoque para investigações futuras. Por conseguinte, concentramos interesses, esforços e atuações na produção de um escrito teórico, porém não prescritivo, e no desenvolvimento de um plano criativo, gerador de um conjunto de trabalhos artísticos, inter-entre-ligados à área da Cartografia Geográfica-Geocartografia, especialidade da Geografia, e seu escopo criador de objetos como Mapas, Globos, representações do espaço terrestre-geográfico, ferramentas capazes de delinear funções de orientação e localização.

Há tempos pulsavam em mim desejos, fagulhas de pesquisa e criação artística com Cartografia. Para Cecilia Salles, [...] “o movimento criativo é a convivência de mundos possíveis”, “[...] estamos sempre diante de uma realidade em mobilidade, e isto nos permite falar, sob o ponto de vista do artista, em uma estética em criação”<sup>2</sup>. Refletindo meu universo artístico, os mundos fabulados e materializados por e na minha criatividade e expressão através da Arte, meu lastro e repertório estético em movência até o presente, reconheço e penso ser patente os temas do Espaço e da Paisagem, o Espaço Urbano-Cidade em particular, e um interesse exponencial em sistemas-soluções e dinâmicas de mobilidade, localização e orientação, formalizados em esquemas, representações visuais, gráficas, que im(põem), atravessam, “ordenam”, racionalizam a experiência humana de percepção, de vivência e deslocamento espacial. É importante dizer que antes de ser artista e arte-educador sou um técnico não atuante, formado em Projeto e Construção de Estradas, curso já

---

<sup>2</sup> SALLES, Cecilia Almeida. **Gesto Inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: Annablume, 2004. p.26.

extinto e do qual sou egresso há dezenove anos, onde experimentei uma vivência prioritariamente técnica e funcional do urbano, da cidade, como também, de forma restritiva e pouco imaginativa, me relacionei com Cartografia e campos correlatos como Topografia<sup>3</sup> e Geodesia<sup>4</sup>. Considerando esses caminhos e as veredas de pesquisas artísticas, decidi cursar o Mestrado em Artes Visuais (linha de investigação em poéticas visuais), desenvolvendo uma investigação do urbano, da “cidade como espaço visual”<sup>5</sup>, adotando como enfoques de estudo, construção poética e investigação plástica, minhas caminhadas, experiências de deslocamento a pé na cidade, e o sistema e repertório gráfico-visual da sinalização urbano-viária, suas implicações nas escalas de deslocação, orientação e percepção-fruição da cidade. Nesta pesquisa concebi a dissertação<sup>6</sup> e duas exposições individuais, já na segunda Mostra<sup>7</sup> expus uma seleção de trabalhos artísticos derivados de estudos e experimentações com Cartografia, posteriormente escrevi e publiquei um artigo<sup>8</sup> sobre o tema, junção que apontou, portanto, o foco que veio a ser singularizado e aprofundado no doutorado, igualmente em processos de criação artística.

Para construir e se referir ao conhecimento sobre Cartografia e Artes Visuais, considerando uma confluência destes saberes, e a produções artísticas, pesquisas em Arte derivadas de estudos com e sobre Cartografia, um dos objetivos e conteúdo desta investigação, pensamos, criamos e usamos como título da Tese e nomeação da exposição artística, uma noção designada como cArtEgrafiaS, reescrita para o termo “CartOgrafia” (com a letra “c” minúscula, a letra “A” maiúscula-italico, a substituição da letra “o” por “E” maiúscula e a inclusão do “S” pluralizando a expressão), para nomear e focalizar processos de criação artística ligado a Cartografia e seus elementos. Grafando “cArtEgrafiaS”,

---

<sup>3</sup> Descrição ou delimitação exata e pormenorizada de um terreno, de uma região, com todos os seus acidentes geográficos; topologia.

<sup>4</sup> Ciência que estuda a forma e as dimensões da Terra. Arte de medir as terras.

<sup>5</sup> ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

<sup>6</sup> OLIVEIRA, Vladimir S. **Sinalizações: orientações gráfica urbanas**. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/9816>>

<sup>7</sup> Exposição intitulada “**Você está aqui**”, realizada na Galera Cañizares da Escola de Belas Artes – EBA/UFBA em 2010.

<sup>8</sup> OLIVEIRA, Vladimir S. **Cartografias: da arte de fazer mapas aos mapas na arte**. In: Cultura Visual, n. 18, dezembro/2012, Salvador: EDUFBA, p. 97-108. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/rcvisual/article/view/6248/4649>>

realçamos também os termos (Arte e Art) em língua portuguesa e inglesa, e encontramos a palavra francesa (Carte) que em tradução para o português faz referência a 'Mapa'. No que concerne as 'Latitudes e Longitudes Móbeis', termos presentes também no título da Tese e da Exposição, aventuramos um pensamento, um arranjo discursivo sobre Arte e estas que são as respectivas coordenadas geográficas, o sistema de linhas imaginárias traçadas sobre o globo terrestre ou um Mapa, considerando-as como linhas dinâmicas, em mobilidade contínua, que não encerram seu movimento na localização de um ponto na superfície terrestre, sua funcionalidade cartográfica, mas que ao se moverem, impelem criatividade, inventividade. Estas linhas, paralelos e meridianos movediços, conceberiam, então, cArtEgrafiaS Móbeis, criações artísticas nas quais a Cartografia, os Mapas, um derivado cartográfico, não são tidos como produtos estáticos, imutáveis, mas como processos em construção, transformação, desvios, como são os espaços representados pela Cartografia. Este mesmo sentido de processo e movência pensado e apropriado ao corpus teórico da pesquisa, busquei também incorporar a investigação poética, desde as escolhas criativas, atravessando as feitura, composições e apresentações dos trabalhos artísticos componentes da exposição.

A ideia de Móbil-Móvel, como característica de movimento, das coisas em constante fluxo, transformação, trilhada na pesquisa poética e teórica, esboça também possíveis contraposições ao regime epistemológico convencional e normativo que circunscreve a Cartografia como ciência exata, precisa, restrita a objetividade, de função e finalidade específica na elaboração, aplicação e todo o processo dos Mapas. Nesta perspectiva, o encontro com as teorias da chamada Cartografia Geográfica Crítica, através de obras e autores como Yves Lacoste (A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra), John Bryan Harley (Desconstruindo o mapa), Mark Monmonier (Como mentir com Mapas), Dennis Wood (The power of maps e Rethinking the Power of Maps), Eduardo Paulo Girardi no texto "A construção de uma cartografia geográfica crítica", apontando que "elaborações acerca do mapa não se limitam à Geografia e nem são limitadas por ela, já que uma das mais notáveis características do Mapa é a

interdisciplinaridade”<sup>9</sup>, contribuiu potencialmente para pensarmos em novas práticas cartográficas, a partir da Arte, em processos e poéticas de criação artística, por exemplo, e para constatar a cartografia como um campo complexo, em mudança constante, tal como a concepção, produção, disposição e uso de Mapas.

Na condução deste estudo constatamos que bibliografias e produções acadêmicas específicas e brasileiras sobre o tema Cartografia e Artes Visuais ainda são parcas. Detectamos e levantamos abordagens e enfoques substanciais sobre este tópico, ainda sem traduções para o português, especialmente na literatura Europeia (Espanhola, Inglesa, Francesa) e Norteamericana, principalmente através dos campos da Geografia, Urbanismo e Design. Deste repertório bibliográfico internacional e propriamente sobre Artes (teoria e prática), assinalamos obras como *Contra El Mapa - Estrella de Diego Otero*, *L’oeil cartographique de l’art - Christine Buci-gluksmann*, *La carte à l’oeuvre: Cartographie, imaginaire, création - Julien Béziat*, *Mappamundi, art et cartographie - Guillaume Monsaingeon*, *You are here: personal geographies and other maps of imagination* e *The map as art: contemporary artists explore cartography - Katharine Harmon*, *Map it out: na alternative atlas of Contemporary cartographies - Hans Ulrich Obrist*, *Geografie - Representations of the World Between Art and Design - Beppe Finessi*. Traduzido para o português, destacamos o livro *(A Arte de Descrever. A Arte Holandesa no Século XVII)* de Svetlana Alpers, sobre Cartografia e História da Arte. E no âmbito das pesquisas acadêmicas apontamos as Teses *(Geografias portáteis: arte e conhecimento espacial - Renata Moreira Marquez)* em Geografia, e *(Mapas Dissidentes-Proposições sobre um mundo em crise (1960-2010) - André Luiz Mesquita)* em História Social. E quanto ao conteúdo sobre ‘Subversão Cartográfica’, primordial categoria conceitual examinada e desenvolvida na Pesquisa e Tese, sublinhamos o autor Jörn Seeman, geógrafo com repertório acadêmico de estudos, conhecimentos e publicações em Cartografia e Cultura.

---

<sup>9</sup> GIRARDI, Eduardo Paulon. **A construção de uma cartografia geográfica crítica**. Revista Geográfica de América Central Número Especial EGAL, 2011-Costa Rica. Disponível em: <<http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/download/2019/1918/>>

Considerando também movente a substância em forma de textos-imagens-pensamentos-visualidades concebida nesta e como esta Tese, compomos e apresentamos seus conteúdos sumarizados em dois planos abertos e refletivos, assim traçados:

**Plano I – Cartográfico**, designado como **CO1 | CartOgrafia – Você está aqui | A-onde**, desdobrável em três vertentes discursivas:

### **CO1.1| Pássaros | CartOrnitografias\_OrnitoCartografias**

Neste plano abordamos a chamada **vista de pássaro** ou **aérea**, comum em Mapas, considerando a possibilidade de um comportamento e visualização cartográfica animal que antecede a dimensão humana, na medida em que já é crível pela ciência que aves migratórias, por exemplo, possuem capacidades de orientação, podem ver o campo magnético terrestre, orientarem-se em deslocamentos, realizarem mapeamentos, como se possuíssem uma ‘bussola’ interna. Encaminho também aqui um pensar-ver sobre pássaros, seus voos, visões e ‘atitudes’ cartográficas, pelo voejo imaginativo artístico, do passaredo em cortes-colagens da artista Claire Brewster as ‘Ornitografias’ do fotógrafo Xavi Bou.

### **CO1.2| Humanos | Mapas**

Da escala do ‘olhar-mapa’ animal, dos pássaros, voamos para a visão e potencialidade humana de representar visual e graficamente a terra. Percorremos rotas históricas e socioculturais que refletem a métrica dos espaços em superfícies bidimensionais que são os Mapas. Miramos o raciocínio aberto de Skelton, que “um mapa não é – não se pode permitir que seja – um diagrama meramente geométrico, em que as distâncias e as relações horizontais estejam corretas; deve, até certo ponto, sugerir a aparência do assunto, como este é visto

pelo observador, no terreno”<sup>10</sup>, argumentamos o Mapa em sua dimensão objetiva técnica e funcionalista, como fonte e ferramenta de informação, desenvolvimento de atividades, matéria produzida a partir dos anseios humanos de se deslocar, se orientar, ir e vir, e avistamos Mapas em seus atributos e constituições matéricas, plásticas, gráficas, como imagens representativas e planificadas de terras e mares.

### **CO1.3| Cartografia | CiênciArte**

Nesta terceira vertente expomos a Cartografia enquanto atividade que conjuga Ciência e Arte na elaboração de imagens-representações do espaço na forma de Mapas. Observamos e discorremos escalas e níveis histórico-culturais cartográficos de representação e projeção do mundo, da Terra, a Cartografia como sistema e expressão de saber e poder geográfico. Também notabilizamos e movemos linhas pensantes e localizáveis de imagens cartográficas em exemplares pictóricos na História da Arte, demonstrando a presença da Cartografia e derivados iconográficos como Mapas, Globos Terrestres, em quadro de Hans Holbein, Albrecht Durer, El Greco, e notadamente em uma série de pinturas de Johannes Vermeer.

**Plano II - CE2 | cArtEgrafiaS  Paralelos || Meridianos, aberto em duas coordenadas moventes:**

#### **CE 2.1| Você *não* está aqui: CartoCrítica | CartoSubversão | PoÉstéTiCas cArtEgráficas**

Sobre este plano projetamos uma argumentação relativa ao reconhecimento das categorias de ‘crítica’ e ‘subversão’ frente a Ciência Cartográfica, e factível em experiências, investigações, processos artísticos com Cartografia. Discorremos como as Artes Visuais, ao criar Mapas destoantes das convenções cartográficas oficiais, por exemplo, impelem tanto uma Crítica a ‘razão cartográfica’, sua

---

<sup>10</sup> SKELTON, Raleigh Ashlin. **Decorative Printed Maps of the 15th to 18th Centuries: A Revised Edition of Old Decorative Maps and Charts**. London: Staples Press, 1952.

dinâmica e vigência prescritiva, como criam uma forma ‘Subversiva’ de Cartografia, produção que nomino na Pesquisa e Tese como cArtEgrafiaS. A Cartografia Crítica, examina Jorn Seeman (2012), “engloba pelo menos duas dimensões: uma revisão das bases teóricas da disciplina que define o que é um mapa e que não é e uma reflexão sobre o “fazer cartografia” que diz respeito às práticas cartográficas<sup>11</sup>. Este trajeto crítico declara os Mapas como representações geográficas da realidade, mas assegura que eles não são a realidade, constatação que muito interessa a imaginação, pesquisa, criação artística.

Nesta coordenada movemos também a concepção de PoÉstéTiCas cArtEgráficas, acordando que “a estética tem um caráter filosófico e especulativo enquanto que a poética tem um caráter programático e operativo”<sup>12</sup>, e argumentando que processos de criação artística com Cartografia, projetos de Arte com Mapas, que resultam portanto em cArtEgrafiaS, empreendem revisões, reposicionamentos, reconstruções as formas, princípios, conteúdos cartográficos padrões, normatizados, a partir de estratégias e atuações PoÉstéTiCas (programas e teorias de Arte).

## CE 2.2| cArtegrafias – latitudes || longitudes móveis

Mas, por ser o imaginar um pensar específico sobre um fazer concreto, isto é, voltado para a materialidade de um fazer, não há de se ver o concreto como limitado, menos imaginativo ou talvez não-criativo. Pelo contrário, o pensar só poderá tornar-se imaginativo através da concretização de uma matéria [...]

(Fayga Ostrower, 1978)

Este é o plano PoÉstético, criativo, inventivo, revelação do (meu) ‘fazer concreto-artístico’ com Cartografia, assim, uma cArtegrafia. Aqui apresento a mobilidade do pensamento, da criação e realização da Exposição, e elucido a elaboração criativa do conjunto de trabalhos desenvolvidos no decurso da pesquisa. Com a

<sup>11</sup> SEEMANN, Jörn. **Subvertendo a cartografia escolar no Brasil**. Revista Geografares n°12, Departamento e Mestrado em Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo, Julho, 2012. Disponível em < <http://www.periodicos.ufes.br/geografares/article/view/3191/2401>>.

<sup>12</sup> PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. Martins Fontes: SP, 1984. p. 24.

Exposição buscamos abrir os elos traçados e arranjados num plano de interconexões subjetivas, imaginativas e poético-criativas entre Artes Visuais e Cartografia. Num espaço-tempo de investigação operei, movi e moveram-se coordenadas compositivas, que, por meio de desorientações teóricas, deslocamentos 'poestéticos', exercícios (subversivos) de criação, constituíram um grupo de trabalhos artísticos.

Compus este plano da Tese como um conjunto de imagens, vistas, pensamentos e textos concisos, relacionados aos atos que envolveram desde a criação do projeto de exposição, o pensamento e criação da marca visual para a Mostra, a como se formou o repertório artístico exposto e sua instalação no espaço da Galeria. Examino ainda o formato dinâmico e movente esboçado para a 'Conversa com o Artista', um segmento da Exposição, e que foi desenvolvido como um 'Experimento cArtEgráfico Participativo', envolvendo o artista expositor, o público e 'intervenções-movências criativas' em um dos trabalhos apresentados na Mostra.

A Pesquisa de doutorado, a Tese e a Exposição artística realizada, versam sobre inter-relações existentes, móveis e criadoras entre Cartografia e Artes Visuais. Para criá-las, busquei me ocupar de um mundo de objetos em potencial, neste plano, o mundo Cartográfico-da Cartografia, com os quais pensei-penso ser possível travar um diálogo inventivo.



Old Brighton Streets - John Dilnot | Autumn - Claire Brewster

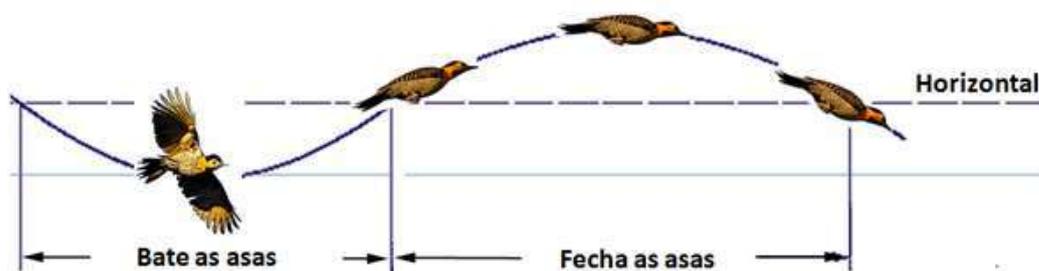
## CO1.1| Pássaros – CartOrnitografias\_OrnitoCartografias

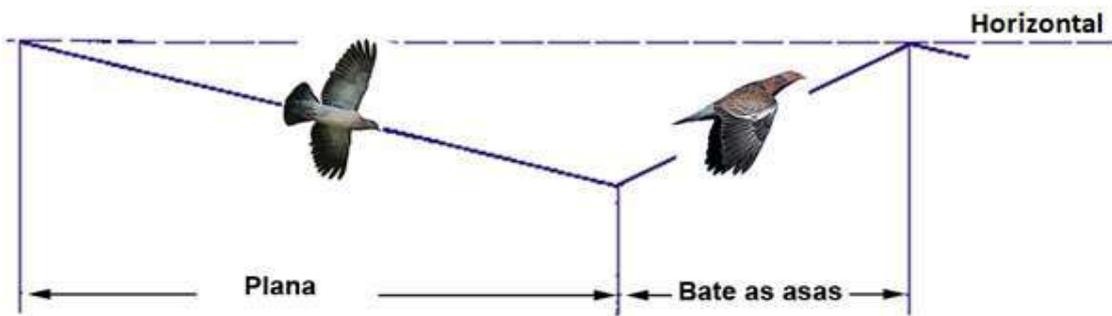
O menino pegou um olhar de pássaro –  
 Contraindo visão fontana.  
 Por forma que ele enxergava as coisas  
 Por igual como os pássaros enxergam.  
 As coisas todas inominadas.  
 (Manuel de Barros, 2004)

Observe tudo embaixo ser  
 Menor do que você,  
 Como tudo é. (Adriana Calcanhotto |  
 Antônio Cícero, 1998)

No campo e céu da ciência ornitológica, ramo da biologia e da zoologia dedicado ao estudo das aves, Pássaros-passarinhos são aves do reino biológico Animalia, da ordem dos *passeriformes*, dotadas de asas que podem ou não serem usadas para voar, sendo o voo a principal forma de deslocamento para a maioria de suas espécies. Em sua capacidade dinâmica de voar, devido a seu padrão corporal aerodinâmico, as adaptações evolutivas, hábitos, anatomia dos órgãos, estruturas, tamanhos e formas das asas, as aves conquistaram o ambiente aéreo e assumiram estilos e mecanismos diversos de voos. Há o modo **planado**, que exigem pouco esforço, no qual se usam as asas para obter forças ascendentes ou descendentes, aproveitando as correntes de ar, a diminuição e aumento da velocidade do vento, modo de voo comum aos albatrozes gigantes, ao condor, espécies que dispõem também de envergadura física para planar, e o **batido**, modo dos canários e beija-flores, que tem asas curtas e as batem sem parar.

**Figura 1** – Pássaros em voo batido alternado com o planeio-esquema

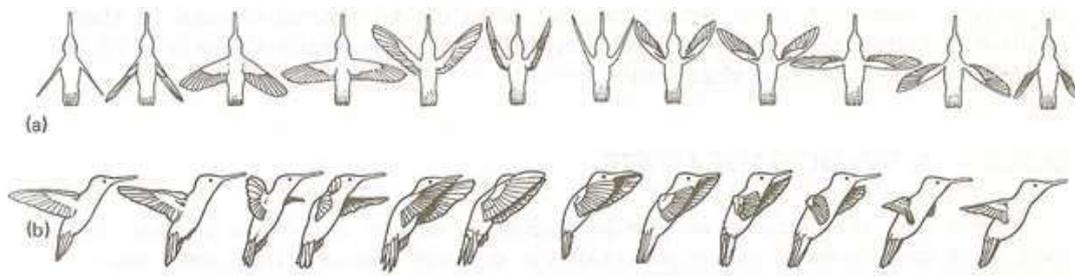




Fonte:

([http://www2.ibb.unesp.br/Museu\\_Escola/Ensino\\_Fundamental/Animais\\_JD\\_Botanico/aves/aves\\_biologia\\_geral\\_voo.htm](http://www2.ibb.unesp.br/Museu_Escola/Ensino_Fundamental/Animais_JD_Botanico/aves/aves_biologia_geral_voo.htm))

**Figura 2** – Sequência de movimentos das asas de um beija-flor pairando



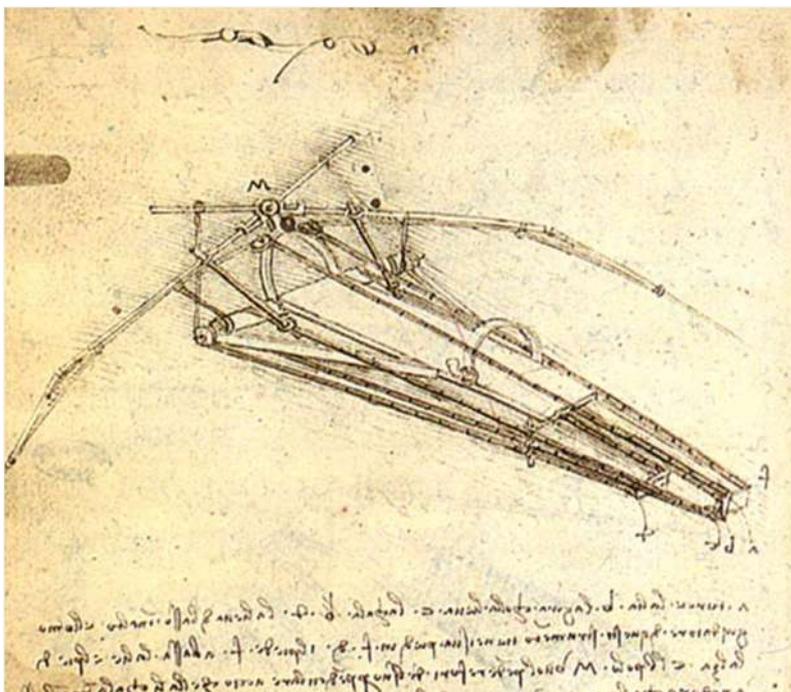
Fonte: (<http://www.geocities.ws/apotecionegro/voopropulsionado.html>)

À capacidade prodigiosa de voar dos pássaros/das aves, uma habilidade adquirida e exercida ao longo de sua evolução animal, estrutural, funcional, inclusive nas suas formas de se movimentar, se locomover e deslocar por chão-terra e ar, alia-se a uma outra potencialidade sensorial, destacável entre os pássaros: a visão, o sentido visual, como eles enxergam o mundo, as coisas. Com quatro receptores de cores nos olhos, aspecto nomeado de 'visão tetracromática', um a mais em relação aos humanos, os pássaros experimentam uma percepção mais colorida do mundo, conseguem captar o campo magnético da terra, uma espécie de 'visão-bussola/bussola visual' que eles usam para definir a rota de seus voos, auxiliar nos voos migratórios, e algumas espécies possuem um campo de visão de 360 graus completos, superior aos 180 graus de frente dos humanos.

Voar como os pássaros tem sido um sonho da humanidade desde os tempos mais longínquos, e os humanos, seres não-voadores, mesmo não dispendo de capacidades naturais aerodinâmicas, nem de ver ao modo aéreo dos pássaros,

conseguiram em parte satisfazer o seu desejo e sonho de voar, de ver as coisas de cima, a certa altura, apoiados em criações como o ‘Ornitóptero’<sup>13</sup> (máquina que voa batendo asas), um dos inventos visionários de Leonardo da Vinci, datado de 1485, que após observar e estudar o voo das aves, idealizou e projetou uma máquina para alçar voo inspirada na forma e bater das asas dos pássaros e insetos voadores. Do artefato de Da Vinci, que assinou também a feitura de um livro todo escrito a mão, com seus estudos, anotações e desenhos sobre como os homens poderiam aprender a voar por meio da observação dos pássaros, o “Códex sobre o Voo dos Pássaros”<sup>14</sup>, mecanicamente voar se tornou possível com o ‘balão tripulado’, o ‘dirigível-Zeppelin’, o ‘avião’, todos eles exemplares de equipamentos vislumbrados e construídos para propiciar aos humanos a experiência de voar, de sobrevoar os espaços terrestres, avistar de cima.

**Figura 3** – Desenho de um ornitóptero

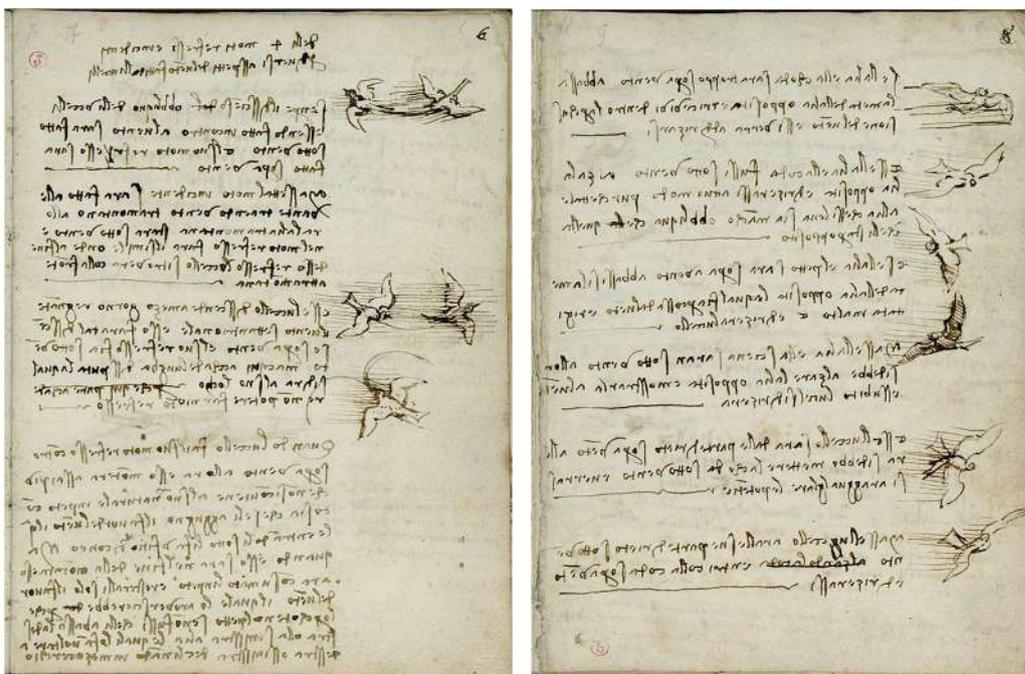


Fonte: Leonardo da Vinci, c. 1488 (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ornit%C3%B3ptero>)

<sup>13</sup> Aeronave mais pesada que o ar e que se mantém em voo em virtude das reações que exerce o ar sobre os planos, aos quais se aplica um movimento semelhante ao bater de asas”. Disponível em <[http://www2.anac.gov.br/anacpedia/por\\_esp/tr2104.htm](http://www2.anac.gov.br/anacpedia/por_esp/tr2104.htm) >

<sup>14</sup> Disponível em: < <https://www.wdl.org/pt/item/19477/view/1/1/>>

Figura 4 – Códice sobre o voo dos pássaros



Fonte: Leonardo da Vinci, 1505 (<https://www.wdl.org/pt/item/19477/view/1/1/>)

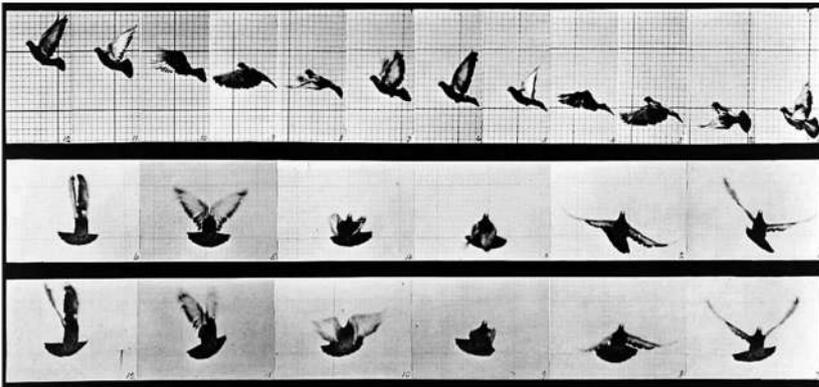
De volta a aerodinâmica ornitológica, os experimentos de Eadweard Muybridge (1830-1904), fotógrafo inglês conhecido por seu pioneirismo em procedimentos com uso de múltiplas câmeras para captar o movimento, a locomoção humana e animal, aérea e terrestre, deram a ver, revelaram ao olho humano, registros sequenciais de movimentos de pássaros em voo<sup>15</sup>. Com Étienne-Jules Marey (1830-1904), seu contemporâneo, inventor e Cronofotógrafo<sup>16</sup> que também desenvolveu pesquisa fotográfica sobre a dinâmica e decomposição do movimento, compilou em fotos, consideradas também como criações estéticas, várias fases da mecânica voadora de aves como pelicanos, pombos, montando-as e exibindo-as em esquemas seriados, dispostas em formato de 'grid' (grade).

<sup>15</sup> Uma expressiva quantidade destes registros fotográficos está publicada no livro "Animals in Motion"-1957, de Eadweard Muybridge.

<sup>16</sup> Cronofotografia é uma técnica fotográfica antiga que captura o movimento em vários quadros de impressão. Consiste também no processo de análise do movimento através de fotografias sucessivas. Segundo o dicionário LÉXICO, é um "processo fotográfico, para analisar os movimentos de um objeto móvel, tirando fotografias instantâneas, com intervalos regularmente espaçados. (Do gr. khronos + photos + graphein)". Disponível: <<https://www.lexico.pt/cronofotografia/>>.

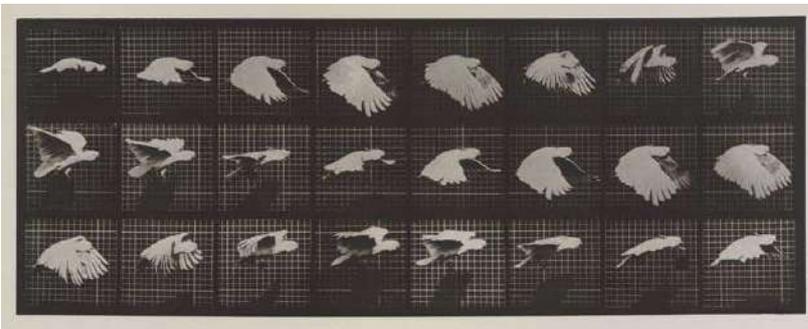
As pesquisas e estudos sobre Cronofotografia e seus dispositivos, os movimentos do homem e dos animais, constam no livro 'Le Mouvement' de Étienne-Jules Marey.

**Figura 5** – Pigeon in Flight, from Animal Locomotion



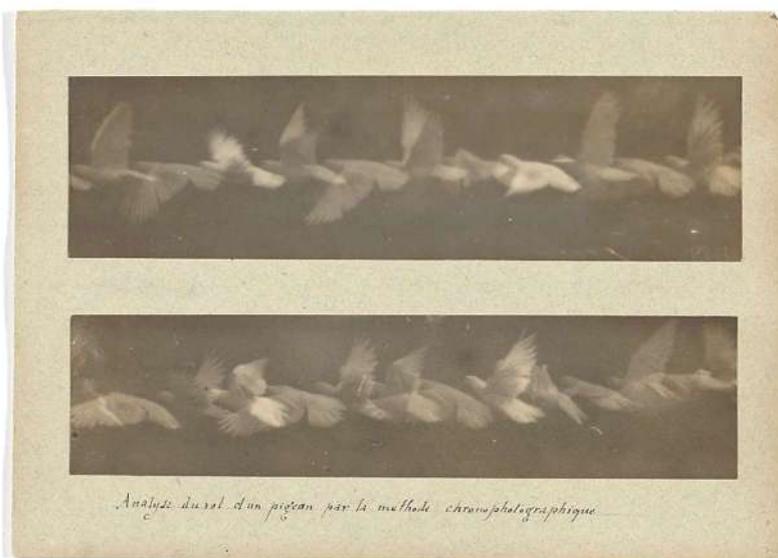
Fonte: Eadweard Muybridge, circa 1887 (<http://100photos.time.com/photos/eadweard-muybridge-horse-in-motion>)

**Figura 6** – Cockatoo flying



Fonte: Eadweard Muybridge. Plate 759, 1887 (<http://www.tate.org.uk/whats-on/tate-britain/exhibition/eadweard-muybridge/exhibition-guide/animal-locomotionO>)

**Figura 7:** Analysis of the Flight of a Pigeon by the Chronophotographic Method



Fonte: Étienne-Jules Marey, 1883-87 <https://www.moma.org/collection/works/50605>

A vista de pássaro, visão dos pássaros, vista a voo de pássaro, perspectiva de olho de pássaro, vista aérea, vista de topo, bird's-eye view<sup>17</sup>, é o modo de ver e perceber que permite que as aves que voam enxerguem uma cidade, por exemplo, de cima para baixo, distinta da visão humana do mundo que em geral se dá de baixo para cima. Essa visualização de um determinado objeto ou plano a partir de um ponto situado acima do mesmo, o ponto de vista dos pássaros, é comum em Mapas (Cartografias), fotos obtidas por satélites, imagens aéreas e conforme destaca Felix Thürlemann (2011),

O conceito de *vista à voo de pássaro*, *Vogelschauou Vogelperspektive* em alemão, *bird's eye view* em inglês, foi imaginado pelo homem bem antes que ele dispusesse dos meios de alçar-se nos ares. Antes de ter tido a possibilidade de olhar a superfície da terra a partir de balões e de aviões, o homem desenhou mapas e plantas de cidades à voo de pássaro [...]. (THÜRLEMANN, 2011, p. 121).

Desta forma, o ato de mirar, notar e anotar o mundo, a terra, a partir da vista aérea, de cima, antecedeu a disponibilidade humana de voar, tendo em vista que há tempos, em termos de elaboração de imagens, por exemplo, já se desenhavam Mapas e se representavam graficamente cidades à vista de pássaro. Ainda sem voar, mas com Mapas em mãos, já era possível ter uma experiência de visualidade do solo como de sobrevoo e a planar por cima dele, visto assim das alturas, do céu. Essa perspectiva nos suspende num voo imaginativo, se então dessa forma, os pássaros, em antecipação aos seres humanos, não seriam os primeiros a verem a terra, os espaços terrestres com a fisionomia de um Mapa, em dimensões cartográficas. Considerando essa tese e a título de exemplificação sobre uma então possível 'Inclinação Cartográfica\_CartOrnitografia' das aves, no olhar-visão e nas relações e práticas espaciais com os espaços que sobrevoam, habitam, tem-se conhecimento que cientistas do Reino Unido, Canada e Brasil conseguiram traçar um Mapa com o caminho de voo de albatrozes, através de um experimento<sup>18</sup> com acoplagem de equipamentos de GPS em 88 aves, detectando nos giros, voltas, deslocamentos

<sup>17</sup> Expressão em língua inglesa.

<sup>18</sup> Ver a matéria "Pássaros traçam padrões matemáticos na busca por comida", disponível em: <<http://clickeaprenda.uol.com.br/portal/mostrarConteudo.php?idPagina=33471>>. O artigo completo sobre esta pesquisa, publicado na Revista Nature e intitulado "**Lévy flight search patterns of wandering albatrosses**", encontra-se disponível em: <[https://www.academia.edu/29773506/L%C3%A9vy\\_flight\\_search\\_patterns\\_of\\_wandering\\_albatrosses](https://www.academia.edu/29773506/L%C3%A9vy_flight_search_patterns_of_wandering_albatrosses)>

em linhas retas e curvas traçados nos voos destes pássaros, estruturas geométricas muito parecidas com a dos Fractais.

Um outro exemplo destacável é o do Pombo-correio<sup>19</sup>, aves reconhecidamente mensageiras e capazes de levar mensagens escritas, porque dispõem de uma espécie de “Mapa” pessoal, habilidade em se localizar e senso de direção que faz com que quando são deixadas em algum lugar desconhecido, mesmo a longas distâncias, consigam encontrar as direções norte, sul, regressando para o lugar de onde vieram. Esses pássaros possuem algo parecido com uma bússola no bico, a visão apurada, pela qual localizam o Sol e identificam sua posição (leste, oeste e norte), e são treinados desde pequenos a voar longas distâncias para ganhar resistência e não se perderem.

**Figura 8** – Dr. Julius Neubronner com câmera fotográfica e pombo (esq.) | Pombo com câmera fotográfica acoplada ao peito e pronto para decolar (dir.)



Fonte: <http://www.museudeimagens.com.br/neubronner-pombos-fotografos/>

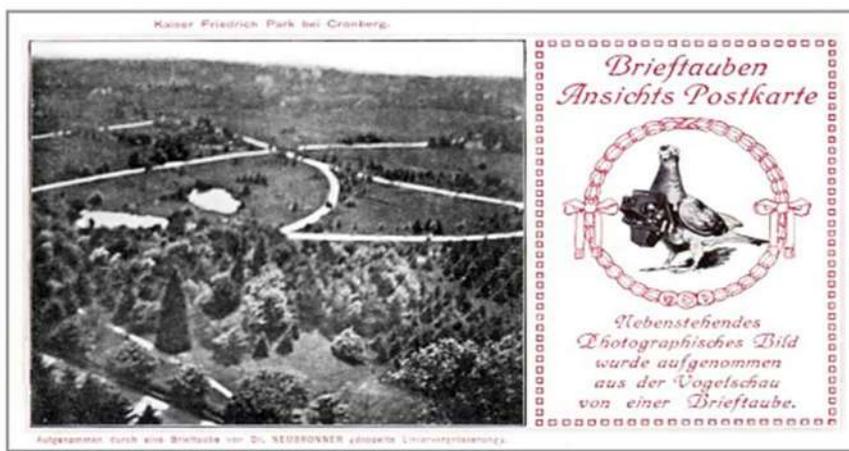
Os pombos-correio, em pleno voo e com auxílio técnico humano, foram capazes de realizar fotografias aéreas, devido a criação do Dr. Julius Neubronner (1852-1932), um farmacêutico alemão que, conforme destaca Thürlemann (2011), “inventou um dispositivo fora do comum de fotografias capturadas por pombos em voo”<sup>20</sup>. O Dr. Neubronner, que também usava pombos para entregar medicamentos, criou um equipamento que funcionava por mecanismo de tempo e que disparava uma sequência de cliques, algum tempo após o pombo alçar

<sup>19</sup>Ver o texto “A orientação do pombo-correio”. Disponível em: <  
<http://www.sitedecuriosidades.com/curiosidade/a-orientacao-do-pombo-correio.html> >.

<sup>20</sup> Ibid., p. 120

voo com um pequeno aparelho fotográfico acoplado ao peito que utilizava negativos de apenas 4cm. Com a invenção patenteada, Dr.Julius passou a produzir e comercializar essas fotografias em ‘cartões postais’, e a ‘Pigeon Photography-Fotografia de Pombo’, como ficou conhecida essa invenção que gerava fotos aéreas, atraiu também a atenção de militares que notaram seu potencial para vigilância, sendo utilizada pelo exército durante a Primeira Guerra Mundial.

**Figura 9:** Cartão postal a voo de pássaro



Fonte: Julius Neubronner, 1908,  
<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewFile/8187/6096>

Refletindo sobre os “pombos-fotógrafos”, Thürlemann (2011) assinala ainda que, “o que torna o emprego de pombos-correio como fotógrafos interessantes e fora do comum ao mesmo tempo, é que esta invenção toma ao pé da letra a expressão vista à voo de pássaro [...]”<sup>21</sup>. Pássaros em suas dinâmicas de voo conseguem e nos dão a ver, através de uma ideia e maquinário criado por humanos, vistas-amostras mais próximas daquelas que as suas visões admiram e capturam quando sobrevoam a terra. São instantes de ‘movimentos voadores’ fixados em imagens fotográficas do chão, visto(a) das alturas.

Olhar no horizonte de voo de pássaro, ver o plano do ar, se orientar voando, pode ser entrever e apreender cartograficamente os espaços. Aves demonstram terem inclinação cartográfica, “vocação de mapeamento”, atuações gráficas. Gansos, pelicanos, íbis-eremitas, são pássaros que, quando levantam voo em

<sup>21</sup> THÜRLEMANN, 2011, loc. cit.

bando, se agrupam no céu formando-desenhando a letra V<sup>22</sup>, e aproveitam e se orientam com as correntes de ar criadas pelas asas dos companheiros. Outras espécies durante as migrações, se norteiam graças a capacidade de reconhecer características topográficas. À vista disso, passeriformes voadores operariam, em função de seus voos, deslocamentos, posições espaciais, rotas migratórias, mudança de habitat, busca de comida, reprodução, ‘OrnitoCartograficamente’, de forma a ‘MAPeAr’ territórios? Destarte seriam, também, se é possível reconhecer, ‘pássaros (animais) – cartógrafos’?

**Figura 10** – Paper Sculpturers



Fonte: Claire Brewster (<http://www.thisiscolossal.com/2012/01/cartographic-birds-by-claire-brewster/>)

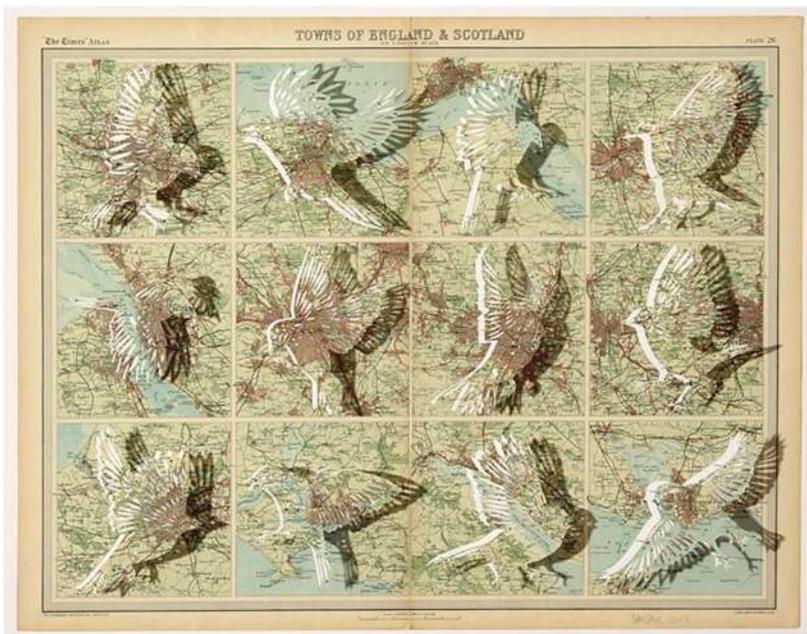
No céu\_vôo das Artes Visuais, em contextura artística, vistas de pássaros em panorama cartográficos, assumem asas e voos imagísticos, subjetivos e poéticos. Notadamente expressivo é o bando de ‘pássaros geo-gráficos’ com antigos Mapas e Atlas, criados pela artista inglesa Claire Brewster<sup>23</sup>. Atuando/operando manual e precisamente com desenhos-cortes-recortes, perfurações, rasgos, colagens, a artista delicadamente compõe um ‘conjunto Ornitocartográfico’ que sugeri alternância de voos, pousos, paradas nos movimentos voadores dos pássaros. Nos leva a pensar em ‘MAPeAmento(s)’, movimentos migratórios desorientados e revoadas, uma imprecisa, aleatória distribuição geográfica de aves que levantam voo, deslocam, carregam,

<sup>22</sup> Ver o artigo “Cientistas explicam por que as aves voam em formato V”. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/ciencia-e-tecnologia/noticias/2014/01/16/cientistas-explicam-por-que-as-aves-voam-em-formato-v/>>

<sup>23</sup> Vive e trabalha em Londres – Reino Unido. Site oficial da artista: <http://clairebrewster.com/>

incorporam e são, ao mesmo tempo, o espaço que sobrevoam e que ora também aterrissam, habitam...

**Figura 11** – We Like to Get Around



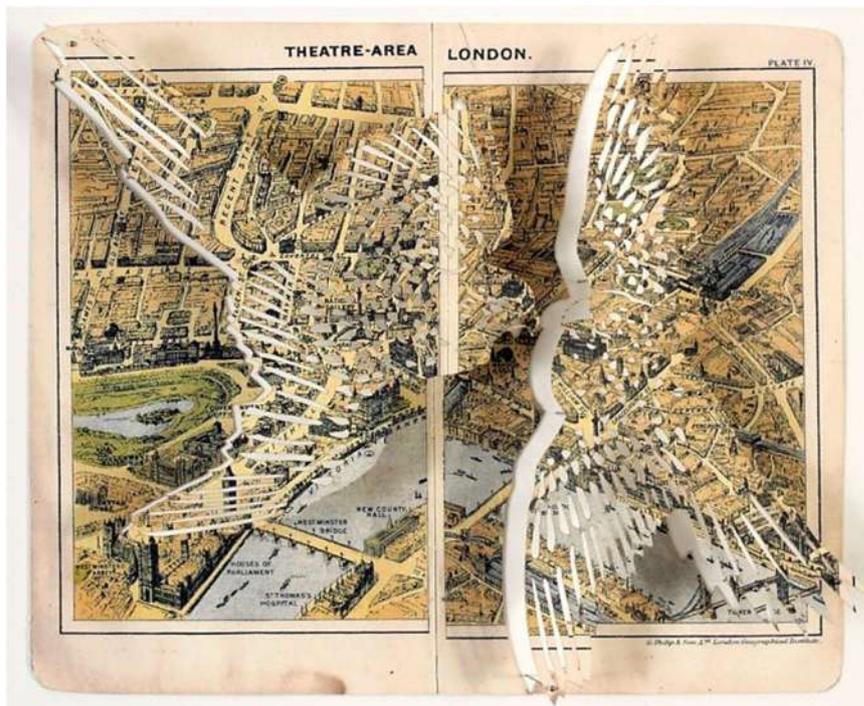
Fonte: Claire Brewster (<https://www.riseart.com/art/we-like-to-get-around-by-claire-brewster/>)

**Figura 12** – It's all for you



Fonte: Claire Brewster (<http://www.tagfinearts.com/claire-brewster.html>)

**Figura 13** – London Lovers



Fonte: Claire Brewster (<http://www.tagfinearts.com/claire-brewster.html>)

Do ponto de vista técnico, mas não menos poético, conceitual, é perceptível também como se articulam as dimensões bi e tridimensional na formação desses trabalhos. A artista não limita os pássaros a seus “desenhos”, mas ao recortá-los nos-dos mapas, sugeri certa tridimensionalidade a uma matéria-prima que comumente é planificada, bidimensional, quase como se animasse, dinamizasse, movimentasse a conformação estática dos Mapas, que sabemos serem ‘moventes’, em-de transformação contínua, como são, amplamente, os espaços, as terras mapeadas que eles configuram. Outra possibilidade que a artista explora, que trata na elaboração dos seus ‘OrnitoMapas’, é o conteúdo gráfico comum a essa matéria, pondo e movendo uma lente nos elementos de sintaxe de comunicação visual (linha, cor, forma, direção, textura, escala, dimensão, movimento) que constituem Mapas.

**Figura 14 – Done and Dusted**



Fonte: Claire Brewster (<http://www.tagfinearts.com/claire-brewster.html>)

O conjunto de trabalhos criados pela artista também sinaliza um estilo-estética cartográfico (a) ‘zoomórfico’, a medida em que seus Mapas, por meio de suas intervenções, cortes, furos, vazados, assumem forma animal, processo que remete e se comunica com “Mapaglifos”, trabalhos de Ibrahim Miranda que são, conforme o artista cubano, “uma série de obras em que imprimo sentido e poesia aos mapas que marcam minha existência” (MIRANDA, 2011). Numa série de Serigrafias, o artista descobre figuras animais em mapas de cidades como Paris, Tel Aviv, Washington, bem como de seu insular país Natal, Cuba, em que o mapa comumente é associado a uma Lagartixa. Em relação a esse conjunto de “mapas zoomorfos”, o artista escreve:

Mapaglifos es también hablar de planeación, de una planeación urbana ya establecida; el mapa tiene algo racional, científico, demasiado estricto, aparentemente no cambia, y mi intervención es la que realmente le da otro sentido.. Los mapaglifos que descubro en la cartografía mundial son una especie de bestiario urbano: diversos animales realzan un espacio dentro de una gran urbe y así esa pequeña parte de ciudad convertida en alce, caballo, elefante, cerdo o

caballito de mar por la influencia del azar, alcanza ser utopia.  
(MIRANDA, 2011)<sup>24</sup>

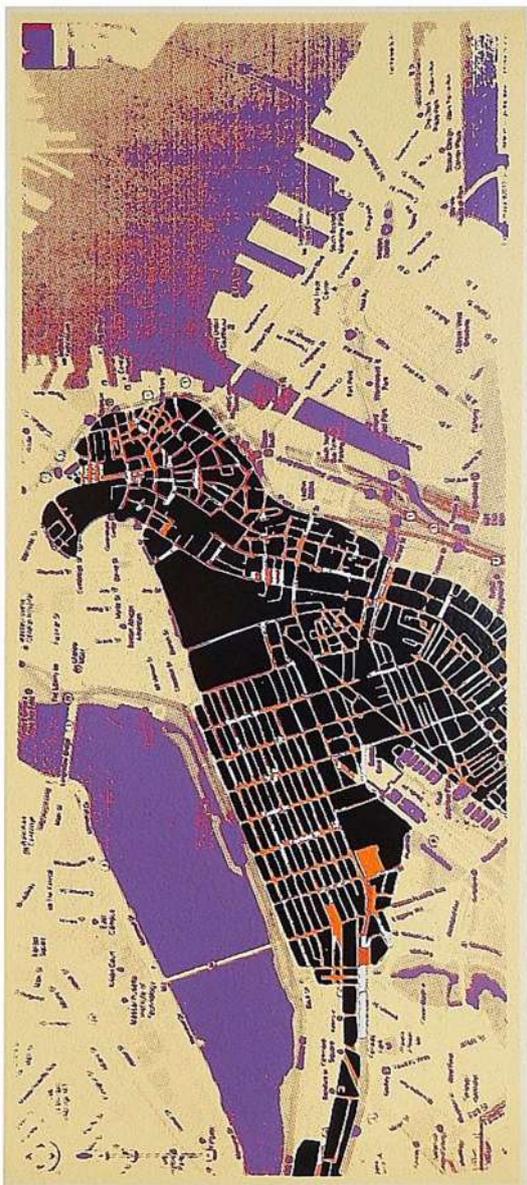
Desta forma, tanto Claire com seus ‘recortes-pássaros | mapas-pássaros’, como Ibrahim com os ‘Mapaglifos’, lidam com uma ‘elaboração figurativa animal cartográfica’, a medida em que veem e formatam animais em-com Mapas geográficos, bem como exploram/atuem em seus “percursos-vôos” imaginativos, criativos, assumindo um modo de visão e apreensão do espaço a voo de pássaro, visualização aérea do solo, de sobrevoo, a mirar o chão. Nos “Mapas-fauna” dos artistas, as intervenções-recortes de Claire e as manchas-marcas serigráficas de Ibrahim, trazem à tona um reaproveitamento plástico, uma preservação, bem como uma obliteração e cobertura dos repertórios, conteúdos visuais e das coordenadas diretivas correntes em Mapas geográficos. Refletindo a nomenclatura da série de Ibrahim, ‘Mapaglifos’, é inevitável não se recordar os ‘Geoglifos’, grandes figuras feitas diretamente no chão, na terra, formando desenhos que se destacam em relevos positivos e negativos. É crível também considerar que o artista sinaliza, inscreve e escreve, lembrando que um ‘glifo’ (glifos vem da palavra grega inscrição) é um elemento da escrita, desenha e pinta similarmente em terras, no caso da série citada, em sua representação convencional, clássica, portanto, em Mapas, sobre os quais Ibrahim Miranda grafa; “tem algo racional, científico, muito rigoroso, aparentemente, não muda, e minha intervenção é o que realmente dá-lhe um outro sentido”<sup>25</sup>. Na abordagem cartográfica exercitada e impressa pelo artista, se ‘descobrem’ figuras, uma ‘zoocartografia’, na qual os signos que se destacam em mapas e plantas de cidades são animais.

---

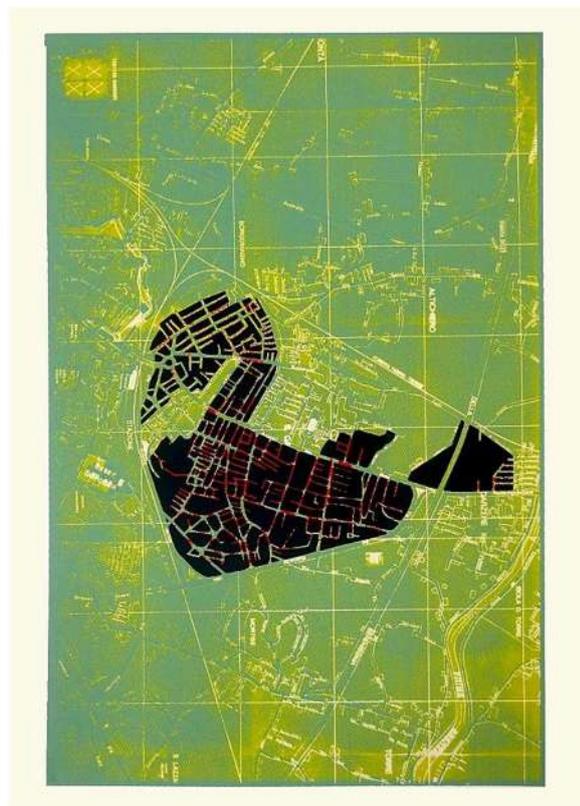
<sup>24</sup> Texto de Ibrahim Miranda, por ocasião da exposição “Mapaglifos”, realizada no Brasil, em São Paulo, na Galeria Gravura Brasileira em 2011. Texto e release da exposição disponíveis em <<http://www.gravurabrasileira.com/exposicao-detalmes.asp?lang=pt&expold=163>>. Ibrahim Miranda, artista plástico, nasceu em Pinar Del Rio – Cuba, em 1969. Site do artista: <http://www.ibrahimiranda.com/>

<sup>25</sup> MIRANDA, 2011, loc. cit.

**Figura 15** – A falcon in Boston (Esq.)

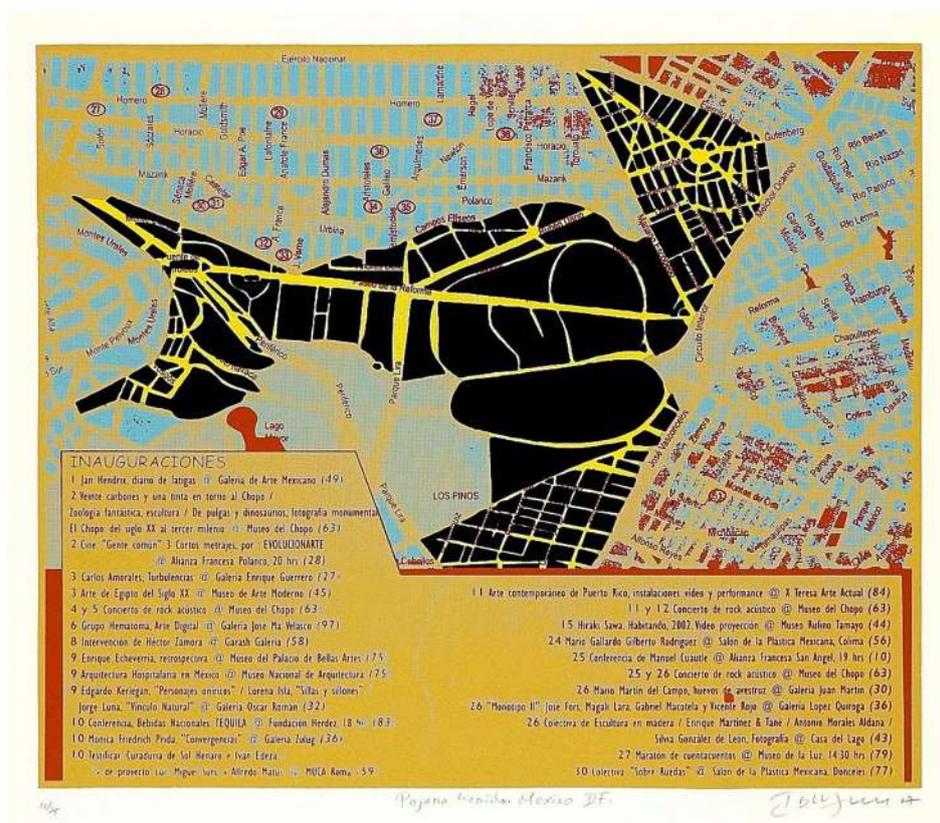


**Figura 16:** Swan from Padua (Dir.)



Fonte: Ibrahim Miranda (<http://www.ibrahimiranda.com/catalog-menu/silkscreen-menu/event/silkscreen-2007-2013#0>)

Figura 17 – Pájaro herido en México DF



Fonte: Ibrahim Miranda <http://www.ibrahimiranda.com/catalog-menu/silkscreen-menu/event/silkscreen-2007-2013#14>

Figura 18 – Da série Mapaglifos

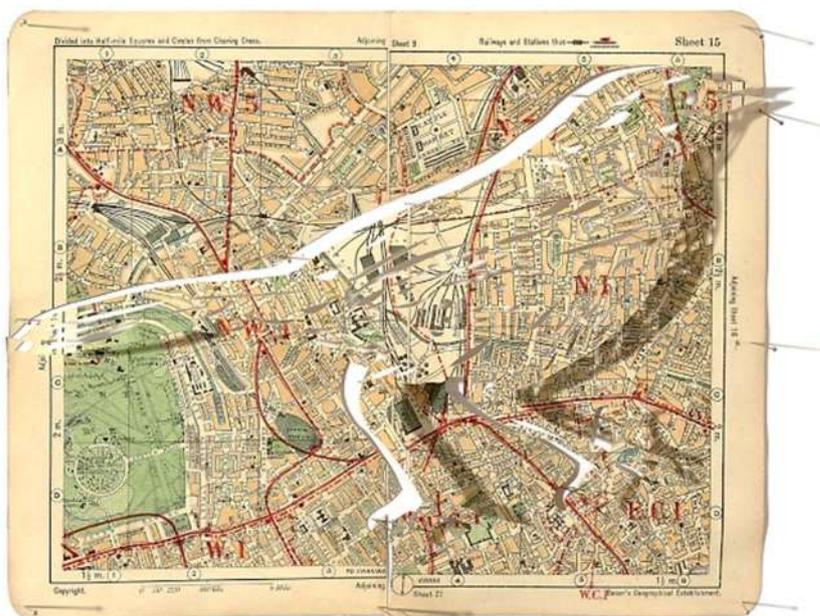
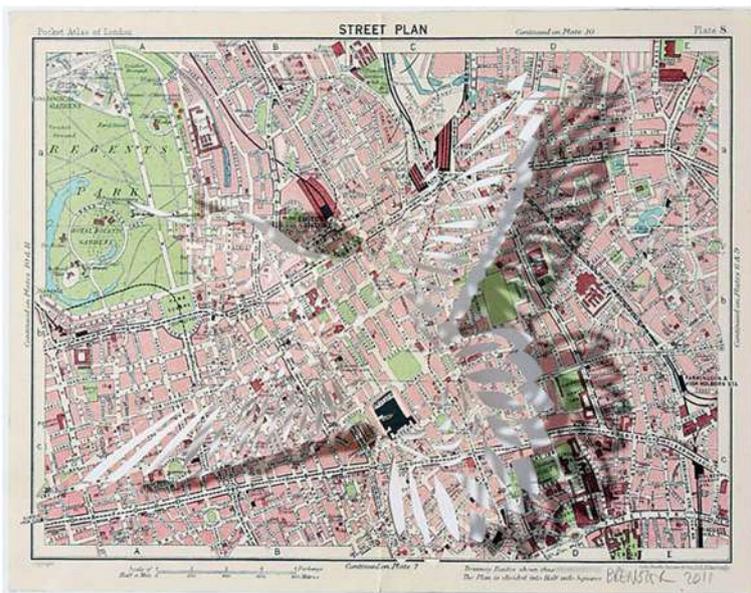


Fonte: Ibrahim Miranda <http://www.tecto.com.br/Agenda/2011/06/29/Gravura-Brasileira>

Ainda no andamento criativo de Claire, repara-se que os cortes e as perfurações precisas que ela realiza nos Mapas, alteram ou interferem na visualização, sentido de precisão e mesmo de leitura e premissa localizadora e orientadora dos Mapas, instrumento empenhado e comprometido com a exatidão das informações gráfico-visuais, a verossimilhança daquilo que referencia e indica.

**Figura 19** | This is enough for me – I'm not sure this one would last too long in the big city e

**Figura 20** | I'll Stalk This Town Until I Find It

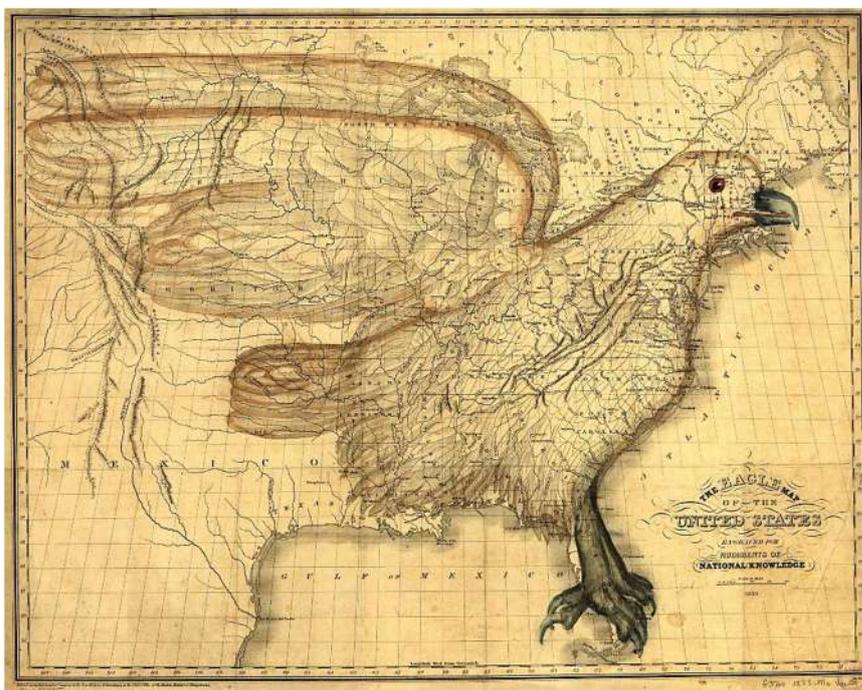


Fonte: Claire Brewster (<https://www.riseart.com/art/i-ll-stalk-this-town-until-i-find-it-by-claire-brewster#>) e (<http://clairebrewster.com/2012/01/new-works-paper-cuts/>)

Com seus ‘mapas voadores’, podemos nomina-los assim, a artista expõe, suscita em atravessamentos, um “além-mapas”, um voo afora de suas fronteiras, dos limites gráficos que os Mapas envolvem, planificados e perspectivados a vista de pássaro. Nas asas da dinâmica imaginação artística, como numa espécie de ‘Metáfora Ornitológica’, os pássaros de Claire incorporam geografias, mapas daquilo que avistam, como se carregassem, (fossem) os espaços\_territórios que sobrevoam.

É também um pássaro, o animal que figura como Arte definido num antigo mapa intitulado “Eagle Map of the United States – Mapa da Águia dos Estados Unidos”. Representando a América como uma Águia, esse mapa apareceu pela primeira vez em um Atlas de 1833, chamado “Rudiments of National Knowledge, Presented to the Youth of the United States, and to Enquiring Foreigners”, criado com o intuito de ocupar um espaço vazio entre textos educacionais sobre a história e a geografia americanas.

**Figura 21** - The Eagle Map of the United States (Engraved For Rudiments of National Knowledge)



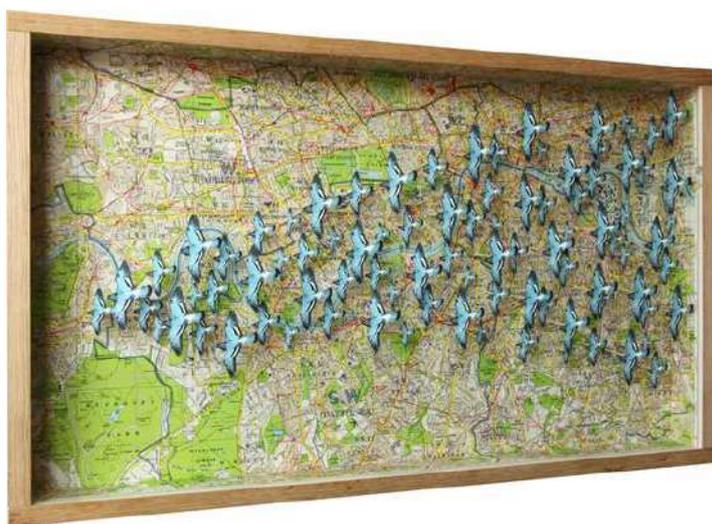
Fonte: Joseph and James Churchman, 1833, [https://www.raremaps.com/gallery/archivedetail/17263/The Eagle Map of the United States Engraved For Rudiments of National/Churchman.html](https://www.raremaps.com/gallery/archivedetail/17263/The_Eagle_Map_of_the_United_States_Engraved_For_Rudiments_of_National/Churchman.html)

O ‘mapássaro’ formado em gravura como Águia, traz o animal eleito como insígnia nacional, emblema de cunho patriótico e sinal de liberdade, que inclusive

foi escolhido como estampa do selo nacional americano em 1782. No conjunto cartográfico, a ave, elaborada em grande escala, e o mapa, se incorporam e se sobrepõem graficamente, formando uma 'OrnitoCartografia' nacional, revelando um atravessamento da silhueta-contorno do pássaro, posicionado em voo, com as linhas inscritas de latitude e longitude, princípios comuns cartográficos.

Num movimento inverso ao de Claire Brewster, que opera uma série de recortes e desmontes de mapas diversos, atlas, extraindo variados pássaros, o artista inglês John Dilnot<sup>26</sup> (1956\_) lida com mapas antigos descartados, arranjando bandos de pássaros em voo e sobre cartografias incorporadas a caixas de madeira.

**Figura 22** - Pigeons Over London



Fonte: John Dilnot, 2010 (<http://urbantree.eu5.org/boxes-archive4.html>)

**Figura 23** - Over Brighton



Fonte: John Dilnot, 2017 (<http://urbantree.eu5.org/boxes-available.html>)

<sup>26</sup> Site oficial do artista: <http://www.johndilnot.com/>

Dilnot elabora “boxes” com tampa de vidro, nos quais organiza com impressões, recortes-colagens de minúsculos pássaros, composições que remontam as viagens em bando, migrações, as deslocações aéreas das aves pela vastidão da terra. Em seu voo imaginativo, o artista oferece como ‘vista de-dos pássaro(s)’ em curso, territórios, regiões, rios, mares, focalizados em modo e escala cartográfica.

**Figura 24 - Mouth of the Thames**



Fonte: John Dilnot 2009 (<http://urbantree.eu5.org/boxes-archive4.html>)

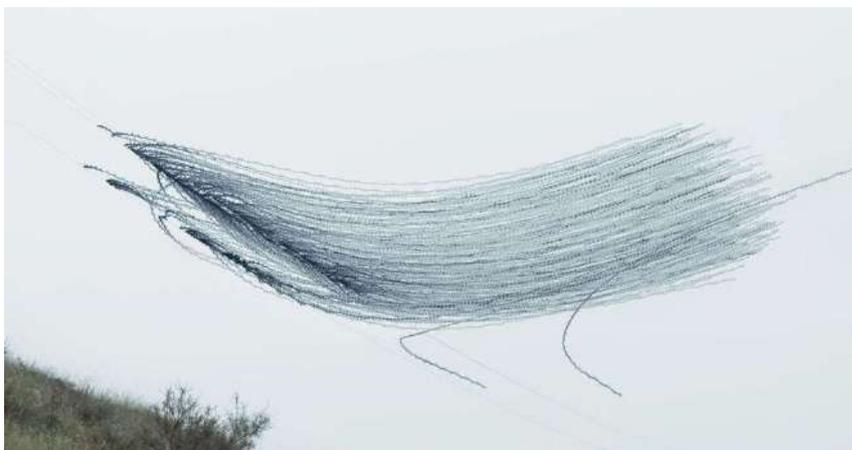
**Figura 25 - Pocket Atlas-Heading South**



Fonte: John Dilnot, 2015 (<http://urbantree.eu5.org/boxes-available.html>)

Da superfície da terra, de pés no chão, admirando como pássaros em voos desenham o céu, o fotógrafo espanhol Xavi Bou cria um conjunto de imagens com 'ares' cartográficos, de mapeamento, devidamente nomeada de "Ornitografies"<sup>27</sup>. A partir do seu longo interesse por aves, desenvolvido durante as longas caminhadas realizadas desde a infância, a percepção humana de Xavier focaliza a natureza animal, registrando e revelando as possíveis e diversas formas geradas por pássaros ao voarem.

**Figuras 26 e 27 - Ornitografies**



Fonte: Xavi Bou, (<https://theculturetrip.com/europe/spain/articles/discover-artist-xavi-bous-evocative-ornitographies-series/>)

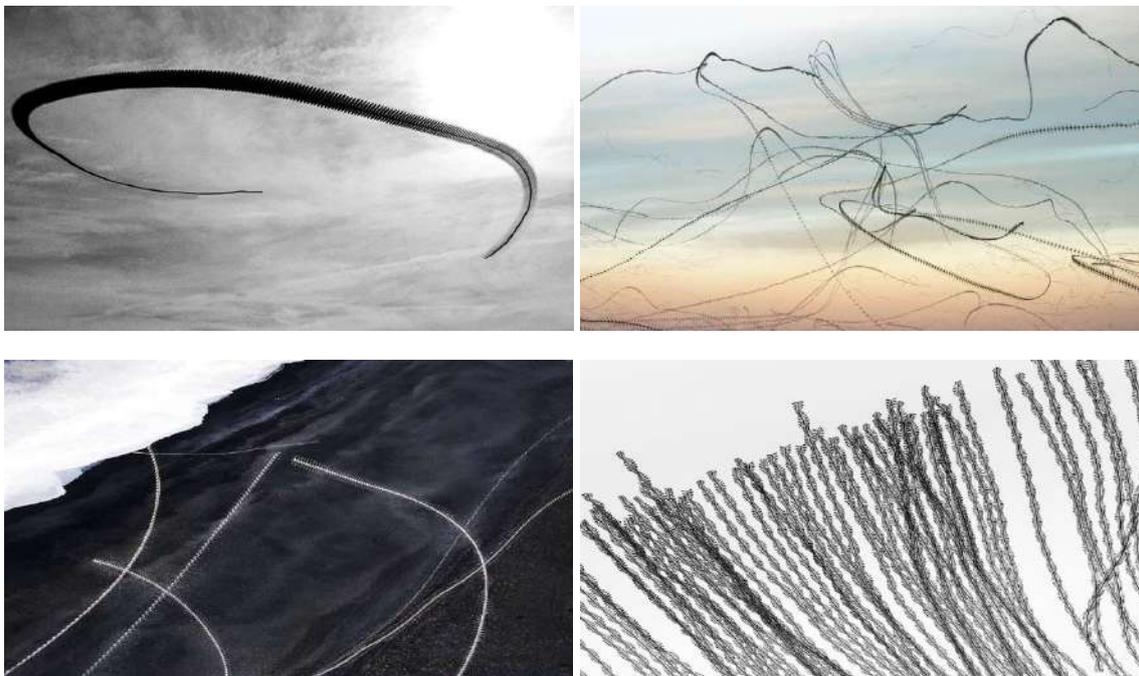
Para esse feito que torna visível e em quadros impressos, vestígios de pássaros voando, Xavi opera a secular técnica da Cronofotografia, mencionada aqui anteriormente, que propicia registro sequenciais e análises de movimento. Em

---

<sup>27</sup> Site oficial do fotógrafo e projeto 'Ornitografies': <http://www.xavibou.com/>

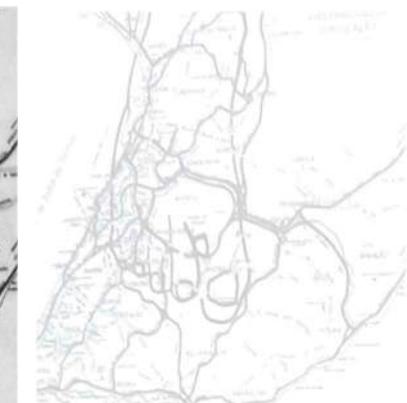
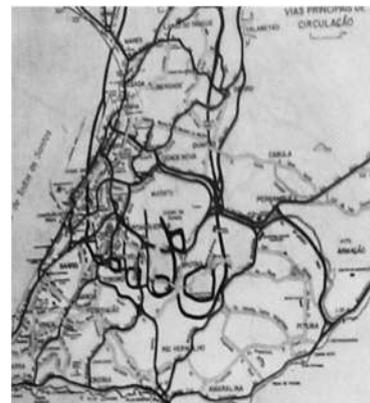
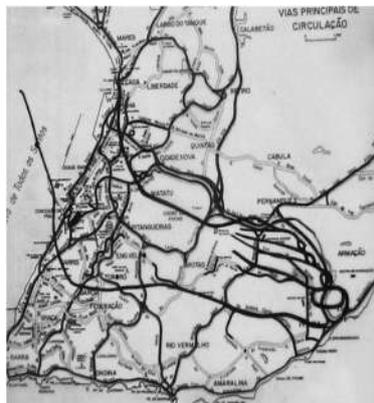
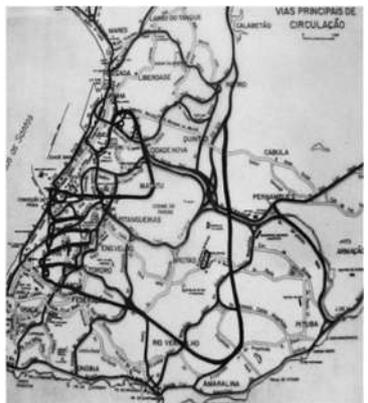
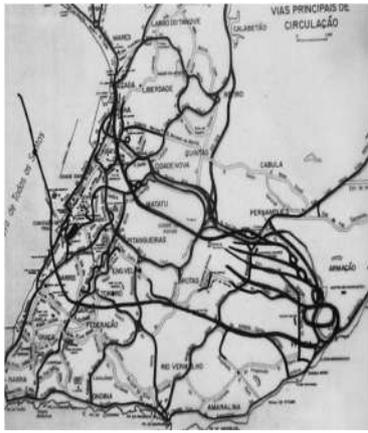
entrevistasobre a inspiração para o desenvolvimento do projeto Ornitografies, o fotógrafo expõe: “Como um naturalista amador, posso reconhecer os rastros de muitos animais. Um dia eu me perguntei: 'Qual trilha seria deixada pelos pássaros durante seus voos?' Então comecei a procurar uma técnica que me ajudasse a congelar alguns segundos de vôo em uma única foto”<sup>28</sup> (XAVI, 2016). A cronofotografia possibilita, deste modo, que Xavier registre e acumule muitos “instantes de voo” que, ao fundirem-se por colagem, constituem as imagens-fotos únicas que evocam desenhos, visualizações de rotas gráficas feitas por pássaros no céu, uma abordagem viso-poética do voo.

**Figuras 28 | 29 | 30 | 31 - Ornitografies**



Fonte: Xavi Bou, (<http://www.xavibou.com/index.php/project/ornitographies/>)

<sup>28</sup> Disponível em: <https://theculturetrip.com/europe/spain/articles/discover-artist-xavi-bous-evocative-ornitographies-series/>



## CO1.2| Humanos – Mapas

Pensando bem, um mapa é algo impossível, disse Mathew (um comandante de navio), porque transforma algo elevado em algo plano.

(Sten Naldony, 1990)

[...] de que é que se deve traçar um mapa?

(Michel Serres, 1997)

“O mapa, desde sempre, é uma produção humana complexa”<sup>29</sup>. A minha experiência relacional, ‘objetiva’ e funcional com mapas geográficos, se deu, sinto e vejo que de certa maneira ainda se dá, de forma adversa. No passado, durante uma temporada como funcionário da Embasa<sup>30</sup>, num contexto de atribuições operacionais precisei orientar-me e a terceiros por mapas de logradouros, experiência que na prática se revelou confusa, desastrosa, conseqüentemente mal-sucedida.

**Figura 32** - Traçado de ‘rotas-caminhos’ em mapa de Salvador-Ba



Fonte/Foto: Vladimir Oliveira, 1999

<sup>29</sup> FONSECA, Fernanda Padovesi, OLIVA, Jaime. **Cartografia**. São Paulo: Melhoramentos, 2013. p.27.

<sup>30</sup> Empresa Baiana de Águas e Saneamento S.A., responsável pela prestação dos serviços de abastecimento de água e esgotamento sanitário de Salvador e do interior do estado.

Meu trabalho consistia em traçar 'rotas' sobre mapas de Salvador e região metropolitana, 'desenhar' os melhores "caminhos", como usualmente nos referíamos ao processo no escritório, definir exequíveis entradas e saídas de ruas, bairros, e repassar diariamente esse conjunto de mapas devidamente 'desorientados' com setas direcionais aos operadores de campo, profissionais responsáveis pela emissão e entrega de contas de água aos consumidores soteropolitanos. Essa desorientação e incapacidade cognitiva com aqueles mapas, me fizeram recordar os conteúdos escolares de Geografia Físico-Espacial, em relevo, e que muito me interessavam, e reacendeu no corpo, na percepção, os traços de curiosidade e fascínio que eu tinha, creio que sempre tive, e tenho, por Mapas geográficos e a ciência de suas matérias. Dos campos de admiração atração, tensão e incompreensão dos Mapas em seus usos, funções, finalidades, seus 'limites técnico-científicos', escolhi e passei a caminhar e atuar com Mapas por lugares artísticos, de inventividades e criatividade visuais imaginativas, poéticas. Considerando as minhas inspirações e aspirações de encaminhar uma pesquisa artística com Cartografia, Mapas e seus componentes, preferencialmente do meio de feitura criativas, imagísticas e moventes, menos científicas, fez-se impreterível mover-me também por suas malhas formativas histórico-culturais, que contam, traduzem como Mapas geográficos são, na sua gênese, uma expressão da necessidade humana de, conjuntamente, conhecer-reconhecer e representar o seu espaço. Os Mapas, em definições clássicas, são objetos que se compõem de/como representações gráficas e métricas de espaços tridimensionais, territórios em superfícies planas e bidimensionais, podendo também terem formas esféricas, como os globos terrestres. Pertencente ao domínio da representação espacial, um Mapa, em objetiva definição é, conforme Doin (2014),

Uma representação da superfície da Terra, conservando com estas relações matematicamente definidas de redução, localização e de projeção no plano. (DOIN, 2014, p.13).

Por efetuar a conversão do espaço geográfico real numa representação que se esforça em ser a mais precisa e fiel reprodução de características dos espaços, bem como de fenômenos da sociedade (sociais, culturais, políticos, econômicos, demográficos), o Mapa é a forma privilegiada de representação geográfica e é

também, como demarcam Fonseca e Oliva (2003), “uma imagem visual complexa, carregada de signos não-verbais que estão estruturados como sistema. Logo, o mapa é uma peça comunicativa, ele é linguagem”<sup>31</sup>, portanto “jamais pode equivaler ao território que pretendem representar” (BROTTON, 2014, pág. 14) . Neste plano, mesmo com todos os saberes e recursos científicos, matemáticos, técnicas empregadas na elaboração dos Mapas, eles podem ser falhos, apresentar distorções, imprecisões, problemas em suas reduções. Estas deformações identificadas nos conjuntos gráficos dos Mapas, atestam que, segundo Fernand Joly (1990),

Um mapa dá uma imagem incompleta do terreno. Ele nunca é uma reprodução fiel quanto pode sê-lo, por exemplo, uma fotografia aérea. Mesmo o mais detalhado dos mapas é uma simplificação da realidade. (JOLY, 1990, p. 7)

Do mesmo modo, Onfray (2009) assinala que “um mapa enuncia a ideia que se tem do mundo, não a sua realidade” (ONFRAY, 2009, p.28) e Brotton (2014) estabelece que “qualquer mapa é um substituto do espaço físico que pretende mostrar, construindo o que ele representa e organizando a variedade infinita, sensorial da superfície da Terra conforme uma série de marcas abstratas [...]” (BROTTON, 2014, pág.13). Considerando o maior grau de similitude possível com os espaços que representam, as áreas que reproduzem, os Mapas ainda contem defeitos, inconsistências e até podem ser falíveis em relação a geografia real, uma vez que “a confecção de mapas pressupõe exatidão, estatuto que não se pode garantir e que se confirma ao longo dessa prática com seus polimórficos produtos, sempre esbarrando nos limites naturais de uma observação”<sup>32</sup>. Essas imprecisões, inexatidões, distorções, “todo mapa, como toda representação, traz deformações”<sup>33</sup>, esses lapsos dos Mapas, inclusive com a devida importância, e antecipando aqui uma matéria que será abordada e devidamente examinada ao longo do **CE2 | cArtEgrafias || Paralelos — Meridianos** desta Tese, são linhas que, com notabilidade, vem sendo apreciadas, redimensionadas e amplamente exploradas em processos e poéticas criativas de artistas que pesquisam e operam com Cartografia, Mapas geográficos e outros derivados.

---

<sup>31</sup> FONSECA e OLIVA, 2013. p.15

<sup>32</sup> FARIAS, Agnaldo. **A vastidão dos mapas: arte contemporânea em diálogo com mapas da Coleção Santander Brasil**. São Paulo: Perfil Cultural, 2018, p.18.

<sup>33</sup> Ibid., p.19.

A 'Arte' de traçar Mapas é antiga e está tão profundamente ligada a história e desenvolvimento da humanidade, "o anseio de mapear é um instinto humano básico e duradouro" (BROTTON, 2014, p.10), quanto à necessidade humana de expressão através da representação, de elaboração de imagens e, conforme assinala Oliveira (1988), "[...] o mapa é, de todas as modalidades da comunicação gráfica, uma das mais antigas da humanidade e todo povo, sem exceção, nos legou mapas" (OLIVEIRA, 1988, p.17). Sua criação, que são processos de registros, reproduções e informações visuais em formas de desenhos e escritos gráficos, vincula-se a necessidade e esforço humano de representar e localizar áreas a partir de reduções simbólicas da amplidão formal do planeta, bem como de fornecer, através de procedimentos matemáticos aliado a geometria, direções e orientações do homem no espaço, seja ele marítimo, terrestre.

As origens dos Mapas remetem há muito tempo antes das grandes navegações dos séculos XV e XVI, quando o homem, previamente ao desenvolvimento da escrita já fazia desenhos em diversos materiais como cerâmica, pedra, peles de animais, para representar o espaço que habitava. Inquirindo "o que é um Mapa", Jerry Brotton (2014) expõe um preciso panorama dos sentidos deste vocábulo para determinadas línguas, elucidando que:

A palavra portuguesa "mapa" (e seus derivados) é usada em várias línguas modernas europeias, como espanhol, inglês e polonês, e vem do termo latino *mappa*, que significa toalha de mesa ou guardanapo. A palavra francesa para mapa – *carte* – tem sua origem numa palavra latina diferente, *carta*, que também fornece a raiz para os termos italiano e russo *carta* e *karta*, e se refere a um documento formal. Por sua vez, é derivada da palavra grega para papiro. O termo em grego antigo para mapa – *pinax* – sugere um tipo diferente de objeto. Um *pinax* é uma placa feita de metal, madeira ou pedra em que palavras ou imagens eram desenhadas ou gravadas. O árabe toma o termo em sentido mais visual: usa duas palavras, *surah*, traduzida por "figura", e *naqshah*, ou "pintura", ao passo que o chinês adotou uma palavra semelhante, *tu*, que significa desenho ou diagrama. O termo *map* (ou *mappe*) só entra no idioma inglês no século XVI, e desde então até os anos 1990 dele foram propostas mais de trezentas definições concorrentes. (BROTTON, 2014, pág.11)

Essa dimensão matériaca e de constituição gráfica dos Mapas, atreladas diretamente aos sentidos e evoluções do termo, como visto entre as línguas apontadas, demarca a necessidade de assentamento do Mapa em um suporte material, tal como sua origem e derivação enquanto documento gráfico,

recordando também o exemplo dos antigos navegadores egípcios, no qual havia a prática de ao discutirem rotas, caminhos e localidades públicas, rabiscarem diretamente sobre toalhas e pedaços de tecidos.

Historicamente, é dos Babilônios a autoria do Mapa considerado o mais antigo, feito em um pedaço de cerâmica (argila cozida), de sete por oito centímetros, representando um espaço reconhecido como o vale de um rio, possivelmente o Eufrates e o território nas proximidades. O *Mapa de Ga-Sur*, recebeu essa nomenclatura porque foi descoberto nas escavações das ruínas da cidade de Ga-Sur, em território que hoje pertence ao Iraque e, consoante Castro (2012),

Tal mapa consiste em uma placa de barro cozido datada de 2500 a.C., na qual as montanhas são representadas por um símbolo semelhante a uma escama de peixe, o rio desemboca por um delta de três braços em um lago ou mar, e o Norte, o Leste, e o Oeste estão indicados por círculos com inscrições. (CASTRO 2012, p.19)

**Figura 33 – Mapa (s) de Ga-Sur**



Fonte: <http://iadrn.blogspot.com.br/2011/10/encontrado-um-mapa-do-mundo-com-2700.html>  
<http://www.ufrgs.br/igeo/m.topografia/index.php/topografia>

Intitulado também como “Mapa Babilônico do Mundo”<sup>34</sup>, o fragmento de tabuleta contém caracteres cuneiformes<sup>35</sup>, e “é o mais antigo objeto subsistente representando, em um plano, uma vista aérea do mundo inteiro”, revela Brotton (2014, pág. 7). Além disso, é notório que nesse momento já se utilizavam placas de barro como forma de suporte e registro de uma representação espacial, assim

<sup>34</sup> O mapa encontra-se em exibição pública no British Museum (Londres-Inglaterra).

<sup>35</sup> Escrita que é produzida com o auxílio de objetos em formato de cunha.

como é patente a potencialidade humana de retratar, descrever graficamente uma visão, elaborar um ‘plano-recorte’ de um espaço com a feitura de um “mapa escultórico”, através do manuseio e trato de uma substância modelável, uma matéria-prima encontrada e extraível diretamente na natureza.

Apresentado uma abstração da realidade terrestre, esse Mapa, objeto físico e documento gráfico,

Organiza a terra em círculos, triângulos, figuras oblongas e pontos, unificando escrita e imagem e um retrato do mundo no centro do qual está a Babilônia. Mais de 8 mil anos antes de o sonho de ver a Terra do espaço se tornar realidade, o mapa do mundo babilônico oferece aos seus observadores a chance de ver o mundo de cima e adotar uma perspectiva divina da criação terra. (BROTTON, 2014, pág. 9)

A pequena placa de barro, datada de aproximadamente 2400 a 2200 a.C., concebido como um diagrama de configuração e informação geográfica que contém uma visão dimensionada, planejada do mundo, é um exemplar de Cartografia humana.

Um outro Mapa que também exemplifica e expressa quão antiga é a prática de registrar passagens por lugares, delimitar territórios, criar Mapas, “uma aptidão inata da humanidade” (RAISZ, 1969, p. 7), antecedendo, inclusive, a forma de conhecimento e expressão escrita, é o Mapa da localidade de Bedolina, no Vale do Rio Pó, norte da Itália. O ‘Mapa de Bedolina’, uma gravação rupestre datada de 2400 a.C. e localizada nas rochas de Valcamonica, representa uma organização social campestre, mostra detalhes topográficos e de atividades agropastoris praticadas naquela região, além de áreas de cultivo, caminhos e fontes de água. Conforme Fonseca & Oliva (2013) destacam, esse Mapa, “dava visualidade à ordem espacial da aldeia. Provavelmente a função do Mapa de Bedolina foi a de cadastrar e inventariar a ordem espacial da localidade, algo que visava a vida prática [...]”<sup>36</sup>.

De tal forma, ‘Ga-Sur’ e ‘Bedolina’ atestam como os Mapas são uma das mais antigas formas de comunicação gráfica utilizada pelo homem, que, conforme expressa Martinelli (2014, p.8), “desde sempre registra o espaço onde vive”, sendo esse registro do cotidiano, de vida, uma finalidade entre outras especialidades de um Mapa geográfico.

---

<sup>36</sup> FONSECA e OLIVA, 2013, p.25.

**Figura 34** – Mapa de Bedolina



Fonte: <http://www.rcg.cat/articles.php?id=316>

**Figura 35** – Petróglifo de Bedolina

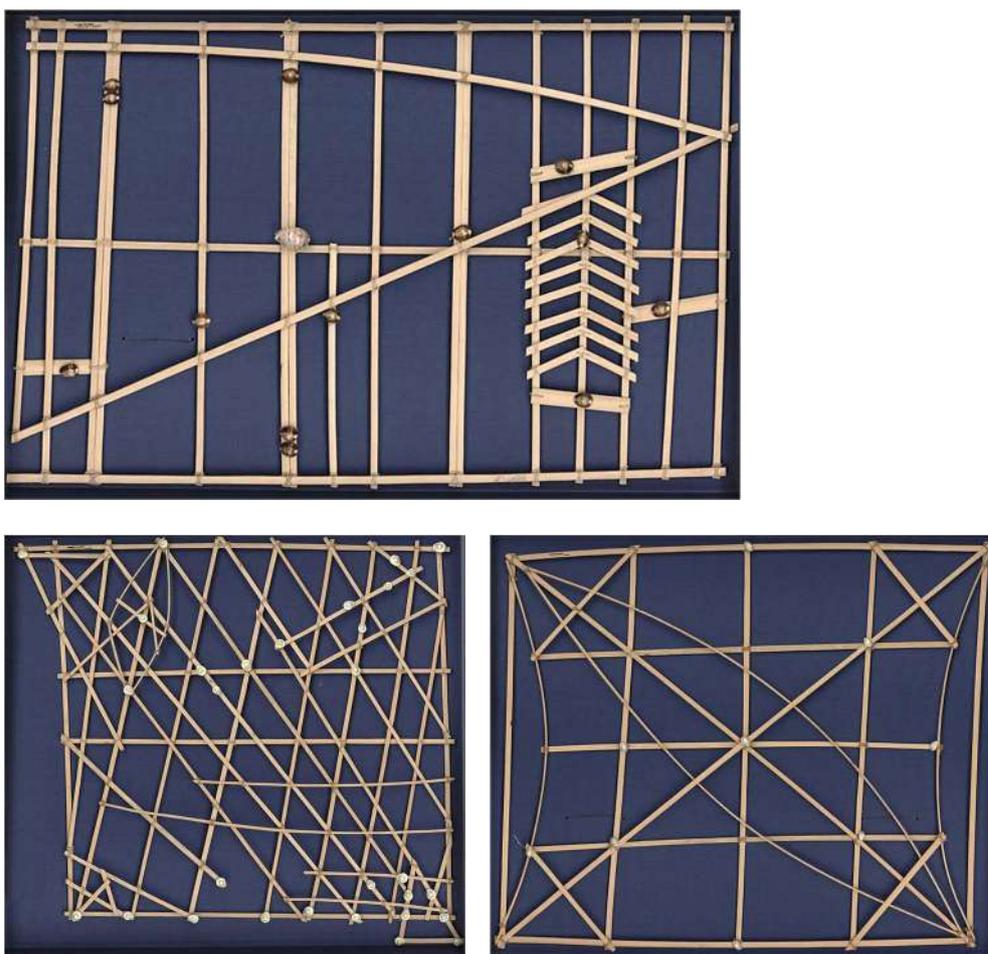


Fonte: Luca Giarelli  
[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Composizione\\_geometrica\\_chiamata\\_mappa\\_di\\_Bedolina\\_-\\_Bedolina\\_R\\_1\\_-\\_Capo\\_di\\_Ponte\\_\(Foto\\_Luca\\_Giarelli\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Composizione_geometrica_chiamata_mappa_di_Bedolina_-_Bedolina_R_1_-_Capo_di_Ponte_(Foto_Luca_Giarelli).jpg)

Entre registros de Mapas antigos e distintos, tanto em suas matérias-primas (argila, gravação em pedra), quanto no padrão gráfico, na perspectiva visual de

suas criações e em possíveis aplicações, são de expressividade e relevância os 'Mapas dos Nativos das Ilhas Marshall'. Elaborados com o intuito de fornecer coordenadas de direção, de orientação pelo mar, em percursos e viagens interinsulares, esses 'Mapas Marítimos', criações de autoria dos nativos das Ilhas Marshall, localizadas no Oceano Pacífico, contavam na sua curiosa elaboração com a manipulação de materiais tais como fibras de bambu, de palma e conchas. Da concepção visual e gráfica, como numa legenda, nestes Mapas as quadriculas ortogonais representam o mar, as direções das ondas e correntes de vento são indicadas pelas fibras, que formam linhas curvas, e as ilhas são indicadas pela distribuição das conchas e búzios. Essa maneira de representar o espaço físico evidencia a relação deste povo com esse meio e sua percepção dele, traduzido nas escolhas formais de construção dos Mapas, suas matérias-primas e no seu regime de uso.

**Figura 36** – Mapas das Ilhas Marshall

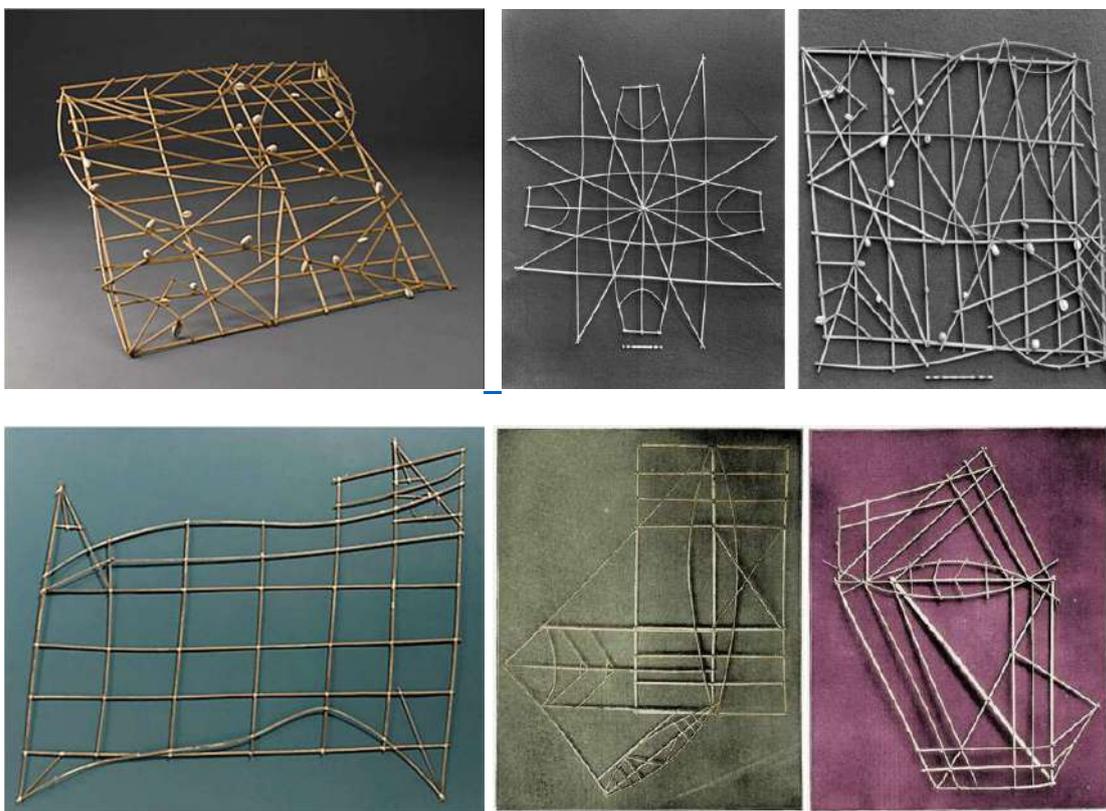


Fonte: <http://socks-studio.com/2014/01/16/sculptural-cartography-how-the-marshall-islands-inhabitants-used-stick-charts-to-map-the-waves/>

Sobre a feitura dos “Mapas de Bambus”, como foram também conhecidos, Aguilar (1967) comenta:

Estas cartas marinhas são muito originais e simples. Eram confeccionadas com bambus entrecruzados, aos quais se prendiam pedras de vários tamanhos. O simbolismo que encerram é muito peculiar: as varetas representam a direção das ondas nas vizinhanças do arquipélago, fenômeno de grande influência na navegação entre as diversas ilhas, cuja posição está, por sua vez, representada nas mencionadas pedras. (AGUILAR, 1967, p.4)

**Figura 37** – Mapas das Ilhas Marshall



Fonte: <http://socks-studio.com/2014/01/16/sculptural-cartography-how-the-marshall-islands-inhabitants-used-stick-charts-to-map-the-waves/>

Construídos como um artefato, um sistema de navegação, estes Mapas possuíam um definido objetivo funcional, diretivo. Também denotam um pensamento e patente estética, com esquemas gráfico-geométricos, composições minimalistas, que fazem com esses ‘Mapas Marinhos’ tenham feições escultóricas. Úteis até o desenvolvimento e aprimoramento das cartas náuticas, esses Mapas que podem ser categorizados como de ‘navegação’, são

considerados únicos, por causa do material com que eram construídos e o modo de os usar, visto que, consultados e memorizados em terra, antes dos embarques, eles não eram levados com os navegadores.

Os Mapas, desde os seus primórdios, são uma forma de saber-conhecimento que contem, entre as suas principais aplicações, a de orientação e localização de pontos na superfície terrestre, ‘dupla-função’ apreciada entre os Mapas antigos supracitados. Além disso, um Mapa, como já posto anteriormente, é sim uma representação, contudo seletiva, dado que apenas alguns elementos e recortes da realidade são selecionados na tradução gráfica, e que a sua elaboração “não é determinada apenas pela técnica; os mapas expressam ideias sobre o mundo, criadas por diversas culturas em épocas diferentes”<sup>37</sup>. Tanto é assim que, no amplo e detalhado conceito alinhado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE<sup>38</sup>, um Mapa,

É a representação no plano, normalmente em escala pequena, dos aspectos geográficos, naturais, culturais e artificiais de uma área tomada na superfície de uma figura planetária, delimitada por elementos físicos, político-administrativos, destinada aos mais variados usos, temáticos, culturais e ilustrativos. (IBGE, 1998)<sup>39</sup>

Já no ‘Glossário Cartográfico’<sup>40</sup>, também do IBGE, encontra-se uma definição de Mapa igualmente ampla, que o designa como,

Representação no plano, normalmente em escala pequena, dos aspectos geográficos, naturais, culturais e artificiais de toda a superfície (Planisfério ou Mapa Mundi), de uma parte (Mapas dos Continentes) ou de uma superfície definida por uma dada divisão político-administrativa (Mapa do Brasil, dos Estados, dos Municípios) ou por uma dada divisão operacional ou setorial (bacias hidrográficas, áreas de proteção ambiental, setores censitários).

E uma concisa e específica definição, com foco no ‘atributo espacial’ dos mapas, os categoriza como “representações gráficas que facilitam a compreensão espacial de coisas, conceitos, condições, processos ou eventos no mundo humano” (BROTTON, 2014, pág.11). Enunciando e refletindo diversos e dinâmicos contextos (físicos, históricos, culturais, políticos, econômicos) num

---

<sup>37</sup> DOIN, 2014, loc. cit.

<sup>38</sup> Site: <http://www.ibge.gov.br/home/>

<sup>39</sup> Disponível em < [http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual\\_nocoos/indice.htm](http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_nocoos/indice.htm)>.

<sup>40</sup> Disponível em < <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/docs.shtm?c=8>>.

plano gráfico coordenado, um Mapa é um desenho representativo e constituído por um sistema de códigos, convenções, símbolos, e por isso é também um instrumento e uma mensagem intelectual, inclusive de interpretação, que veicula e produz conhecimentos, portanto “uma mensagem de informação sobre os objetos, as formas, os fatos e as relações contidas no espaço estudado” (JOLY, 1990, p.10). Posto assim, os Mapas impõem-se como a mais utilizada forma de representação, estudo, conhecimento e utilização do espaço geográfico.

O papel do Mapa ao longo da história da humanidade é múltiplo, mas, com tanto tempo desde a sua criação, há uma identidade técnica e prática cristalizada nessa matéria, bem como um sentido consagrado para esse objeto, que é o fornecimento de informações espaciais precisas. Para a Geografia, “desde os gregos definida como o estudo gráfico (*graphein*) da Terra (*gé*), da qual o mapeamento representa uma parte vital” (BROTTON, 2014, p.11), o Mapa é tão somente um instrumento que deve, seguramente, representar, localizar e orientar caminhos a serem percorridos, assim como permitir, sem margens de dúvidas, reconhecimentos, identificações assertivas de espaços (terras, mares, macro e micro áreas). Neste propósito de correspondência ‘exata’ com o mundo real, o Mapa tem status de diagrama<sup>41</sup>, uma concepção visual estruturada, gráfica, esquemática, que contém determinados conceitos, ideias e ações criativas em sua construção.

O campo das Artes Visuais, transversal e simultaneamente teórico-prático, poético-criativo e experimental, vem interceptando, tencionando Mapas e outros artefatos comuns, reconhecíveis, “reais”, apreendidos da ciência geográfica, atuando ‘sobre-com’ suas representações e componentes formativos, visualizáveis (títulos, grades de coordenadas, escalas, legendas, ícones, símbolos, orientações, cores, variações tipográficas, texturas, tamanhos), compondo processos e obras artísticas nas quais características (eficiência locativa, orientadora, legibilidade espacial) potenciais, operacionais, próprias destes dispositivos geográficos, são fraturadas, desmontadas, embaralhadas, removidas, como também redimensionadas em vetores poéticos, sensivelmente

---

<sup>41</sup> Na esfera da teoria dos signos, Diego (2008, p. 30) explica: “Peirce divide las clases de iconos em las três subdivisiones de *imagen*, *diagrama* y *metáfora*: los mapas, em términos de este análisis, serían diagramas, pues no reproducen las “simples cualidades” de sus referentes, sino que representan “las relaciones de las partes de la cosa misma a través de las relaciones análogas em sus propias partes”. (DIEGO, Estrella. **Contra el mapa**. Spain: Siruela, 2008).

movidas, exploradas e ampliadas em lentes e ‘zooms’ subjetivos e crítico-reflexivos.

Propriamente, um Mapa, declara Brotton (2014),

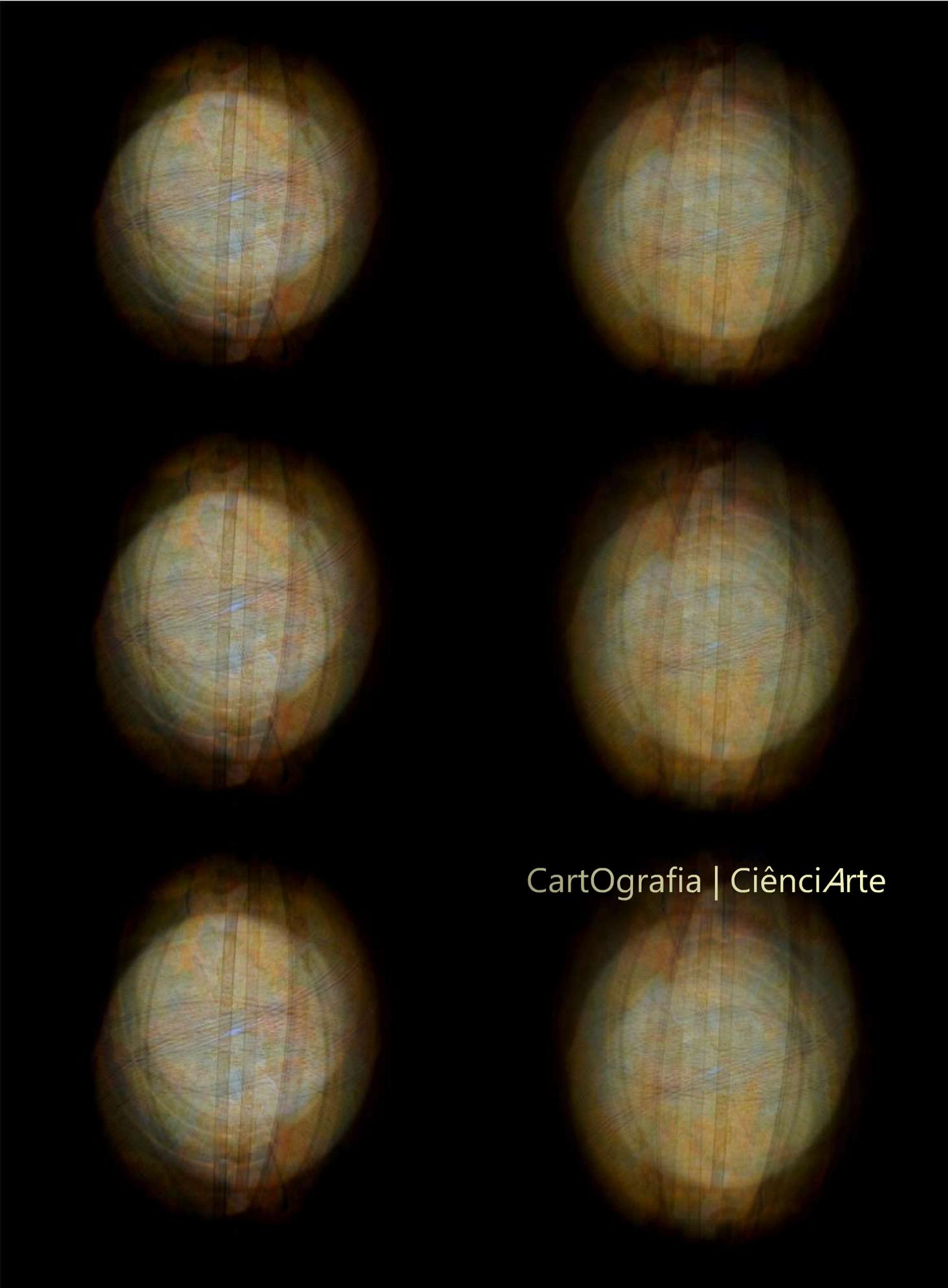
Se vale de **métodos artísticos** (grifo nosso) de execução para criar uma representação, em última análise, imaginativa de um objeto incognoscível (o mundo); mas também é moldado por princípios **científicos**, e abstrai a Terra de acordo com uma série de linhas e formas geométricas. (BROTTON, 2014, p. 12)

A trama científica e artística comum e própria a composição formal e conceitual deste objeto, seu patente atributo de representação<sup>42</sup>, é valioso e indispensável aos artistas que, na convergência entre as esferas da Arte, Geografia, Cartografia, vem investigando, explorando não apenas possibilidades de ‘uso-desuso’ como também de ‘criação-invenção-recriação’, ‘reapresentação’ de Mapas. Nesta trilha, nota-se como fonte e impulso criativo de muitos trabalhos, uma percepção e relevo do Mapa enquanto objeto estético, além de aparato e documento científico, assinalando que ele “não somente representa o mundo, mas o produz imaginativamente” (BROTTON, 2014, p. 14), e a abertura de espaços operativos de reconfiguração, rearranjo, inserção, supressão, adição aos elementos visuais, gráficos, sígnicos, simbólicos, e que são do âmbito da representação, linguagem e comunicação visual que constituem esta matéria cartográfica. Percebe-se que, em razão de uma acomodação convencional em como Mapas são pensados, vistos e utilizados, ‘oficialmente’ definidos, naturalizados, há um ‘estranhamento’ quando são matéria em produções-poéticas artísticas, e afluem com seus contornos alterados, interferidos, suas lógicas habituais e funcionais rasuradas. Outrossim, atuações-explorações estéticas, imaginário poético, invenção, ficção-realidade-fabulação, *subversão*, inter-relações ver-ler, memória, colecionismo, ressemantização de objetos, matérias e conteúdos, são exponencialmente assuntos, linhas e planos de ação, tal como questões fundantes, ativadoras e de interesse dos artistas visuais em seus processos criativos com Mapas e outros aparatos geográficos. À vista

---

<sup>42</sup> Acreditamos que o caráter de “representação” atribuído a maioria, senão a todas as definições de ‘Mapa’ dadas pelas disciplinas de Geografia e Cartografia, corresponde juntamente a noção do termo no campo filosófico, para o qual “representação” significa “o ato de tornar presente, “reapresentar” ao espírito alguma coisa. [...] Diz-se que a imagem ou ideia é uma representação que substitui simbolicamente o objeto que existe fora de nós”. (SCHÖPKE, 2010, p.211). Refletindo ainda pelo viés filosófico, é oportuno citar a designação de Jean-Marc Besse, que “O mapa é, com efeito, o ato de uma *mimesis*” (BESSE, 2014. pág.17).

disso, este é o conjunto conceitual e imagético cArtEgrafado e focalizado no percurso de Pesquisa, como também a matéria movente, focal e analítica desta Tese.



CartOgrafia | CiênciArte

## CO1.3| CartOgrafia (CiênciArte)

Para uma mente completa, estude a Arte da Ciência, estude a Ciência da Arte [...].

(LEONARDO DA VINCI)

.... Naquele império, a arte da Cartografia alcançou tal perfeição que o mapa de uma única província ocupava toda uma Cidade, o mapa do império, toda uma província. Com o tempo, esses mapas Desmesurados não foram satisfatórios e os Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império, que tinha o tamanho do Império e coincidia pontualmente com ele. Menos Afeitas ao Estudo da Cartografia, as gerações seguintes entenderam que esse dilatado Mapa era inútil e não sem Impiedade o entregaram às inclemências do sol e dos invernos. Nos desertos do Oeste perduram despedaçadas ruínas do Mapa, habitadas por animais e por mendigos; em todo o país não há outra relíquia das disciplinas geográficas. Suáres Miranda: Viajes de Varones Prudentes, livro quatro, cap. XLV, Lérida, 1658<sup>43</sup>.

(BORGES, 1982)

Em “Sobre o rigor na ciência”, um sagaz conto de Jorge Luis Borges (1889 – 1986)<sup>44</sup>, a medida em que o Mapa de um império progressivamente atinge status de maior semelhança com o real, a ponto de coincidir com a realidade, se confundir e ser ela mesma, esse Mapa, a sua ciência, se torna desútil. Neste pequeno exemplar literário, Borges enseja uma ‘re-visão’ crítica sobre a credibilidade quase irrefutável conferida a Cartografia, aos Mapas, firmada na sua objetividade científica e pela indiscutível ‘precisão’ com que modelam o real, retratam e mostram os espaços físicos, o mundo. O conto<sup>45</sup> espelha ainda que um Mapa enfraquece, se torna desinteressante, desimportante em sua “razão”

<sup>43</sup> Áudio deste texto na voz de Borges, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zwDA3GmcwJU>>

<sup>44</sup> Escritor, poeta, tradutor, crítico literário e ensaísta argentino

<sup>45</sup> “Borges compreendeu tanto o dilema atemporal como a arrogância desmedida potencial do cartógrafo: na tentativa de produzir um mapa abrangente de seu mundo, deve ocorrer um processo de redução e seleção. Mas se seu mapa de escala 1:1 é um sonho impossível, que escala um cartógrafo deve escolher para garantir que seu mapa mundial não tenha o destino que ele descreveu? ”. (BROTTON, Jerry. **Uma história do mundo em doze mapas**. RJ: Zahar, 2014, p.15). Também refletindo o tema do conto, Farias (2018) considera que “Jorge Luis Borges tratou com constância da mescla entre precisão e imaginação, termos em princípio admitidos como irredutíveis”. FARIAS, Agnaldo. **A vastidão dos mapas: arte contemporânea em diálogo com mapas da Coleção Santander Brasil**. São Paulo: Perfil Cultural, 2018.

de ser, no ponto em que se distancia de seu status próprio, primário e singular de representar, ou seja, quando se constitui menos próximo de uma versão, uma amostra, um modelo, uma representação, tornando-se não mais uma imagem representacional, convertendo-se, assim, no real. Essa indicação reflexiva nas linhas literárias de Borges, conversa com o sensato apontamento de Christopher Board (1975), quando coloca que “naturalmente, nenhum mapa pode representar perfeitamente a realidade, mas não fazendo isso ele é ainda mais útil” (BOARD, 1975, p.139), também com Jacques Levy (1999), quando assinala que “o mapa é um espaço, mas ele não é o espaço” (LÉVY, 1999, p.172), e ainda com Mark Monmonier e seu enunciado desafiador e crítico, para quem “os mapas mais decentes são coleções de pequenas mentiras” (MONMONIER, 1993). Entre o status de representação e de realidade, mesmo impreciso, incerto, falível, documento sujeito ao insucesso, retrato do espaço físico-terrestre, um modelo de compreensão da realidade, o Mapa, seu estudo, criação e produção, é especialidade, centralidade de investigação de uma *Ciência-Arte* intitulada de *Cartografia*. E a atividade principal deste campo do saber se manifesta como um conjunto de estudos e operações científicas, técnicas, artísticas, orientado a elaboração e utilização de Mapas e derivados.

O trajeto de inserção do termo ‘Arte’ na definição de Cartografia, conclama uma atenção na trajetória evolutiva deste vocábulo que num primeiro estágio significou a Arte do traçado de Mapas, para em seguida e de maneira mais completa, conter a *Ciência*, a técnica e a *Arte* de representar a superfície terrestre. É de aceitação e propagação da Associação Cartográfica Internacional – ACI<sup>46</sup>, uma abrangente definição<sup>47</sup> de Cartografia estabelecida em 1966 e acompanhada nos dias atuais, como sendo o:

Conjunto de estudos e das operações científicas, *artísticas* e técnicas que intervêm a partir dos resultados das observações diretas ou da exploração de uma documentação, tendo em vista a elaboração de mapas, cartas, plantas e outros modos de expressão, assim como sua utilização. (ACI, 1966).

A concepção de Cartografia tem suas origens intimamente ligadas às inquietações manifestadas no ser humano, no tocante a conhecer o mundo que

---

<sup>46</sup> Site: <http://icaci.org/>

<sup>47</sup> Disponível em: <[https://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual\\_nocoas/introducao.html](https://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_nocoas/introducao.html)>

ele habita e a necessidade de situar-se em relação a esse meio. Sobre o vocábulo “Cartografia”, relativamente recente, Guedes (2012) elucida que,

O termo definido nos dicionários como “arte ou ciência de compor cartas geográficas”, ou “tratado sobre mapas”, foi neologismo criado pelo ilustre segundo visconde de Santarém, Francisco de Barros e Souza de Mesquita de Macedo Leitão, (1791 - 1856), quando em carta ao nosso Francisco Adolfo de Varnhagen, de 8 de Dezembro de 1839, escreveu: “Do mesmo modo a questão concernente à cartographia (invento esta palavra já que ahi sem tem inventado tantas), a cartografia mesma do século XVI he muito importante e muito difficil. (GUEDES, 2012, p.13).

O desenvolvimento na acepção do termo Cartografia, incorpora efetivamente a Arte como saber colaborativo, qualitativo e operante, tanto na elaboração como na propagação dos conhecimentos concebidos por este campo que essencial e substancialmente lida com pesquisa, criação e divulgação de Mapas. No espaço epistemológico e cognitivo no qual a Cartografia existe, se estrutura e expressa, se entrecruzam vetores interdisciplinares de conhecimento, a História, Matemática-Geometria, a Geografia (Ciência Geográfica) e a Arte são exemplos, e é nesta e através desta interpenetração de campos que se pensa, concebe-se e compartilha-se o objeto Mapa, articulando-se potencialmente saberes científicos cartográficos e artísticos. Demarca-se ainda que a Cartografia é elaborada tanto como uma Ciência bem como uma expressão de Arte, dado que também concebe imagens e construções culturais sobre os espaços por ela representados.

O reconhecido trabalho da Cartografia, “arte de conceber, de levantar, de redigir e de divulgar mapas”<sup>48</sup>, constitui-se como linguagem, pois, “uma vez que uma linguagem exprime, através de um sistema de signos, um pensamento e um desejo de comunicação com outrem, a cartografia pode legitimamente, ser considerada como uma linguagem”<sup>49</sup>. Os produtos cartográficos (mapas, globos terrestres, maquetes, cartas topográficas, ocorrências espaciais), considerando as suas amplitudes artística, científica e técnica, possuem modos de transmitir mensagens e informações que englobam uma configuração visual, haja vista que a cartografia representa espaços, territórios como imagens – cartográficas –, e tem o status de ser uma linguagem, desta forma, um sistema de expressão

---

<sup>48</sup> JOLY, Fernand. **A Cartografia**. SP: Papirus, 1990. p.7

<sup>49</sup> Ibid., p.13.

e comunicação da Geografia. Ademais, aplicada e de tamanha importância a Cartografia, seu estudo e pesquisa, há uma ciência, a Semiologia Gráfica<sup>50</sup>, cujo objetivo é conhecer as propriedades da linguagem gráfica, desenvolvida pelo teórico e cartógrafo francês Jacques Bertin (1918-2010), escritor da fundamental obra 'Sémiologie Graphique. Les diagrammes, les réseaux, les cartes'<sup>51</sup>. Aplicada à Cartografia, a Semiologia permite, conforme esclarece Joly (1990), "avaliar as vantagens e os limites das variáveis visuais empregadas na simbologia cartográfica e, portanto, formular as regras de uma utilização racional da linguagem cartográfica"<sup>52</sup>. Em suma, a Semiologia detém-se no entendimento dos diferentes tipos de signos e suas representações, contribuindo, por sua vez, como um viés de estudo e compreensão dos signos contidos na linguagem cartográfica.

A Geografia possui na expressão cartográfica, uma das práticas de registro e representação gráfica de informações espaciais mais marcantes na história da humanidade. Essa representação intrínseca a cartografia e suas convenções, vale-se da linguagem gráfica "que procura uma comunicação efetiva de diferentes informações (dados, por exemplo) por meio de recursos visuais (símbolos, formas, cores, espessuras etc.)"<sup>53</sup>. Conjuntamente, essa tessitura gráfico-visual que forma Mapas, uma gramática 'carto-Gráfica' na qual figuram (pontos, linhas, áreas, polígonos, texturas, hachuras), inclusive e incluindo as ausências, erros e incompletudes desses elementos, é tópico e (matéria) propulsora de uma série de investigações poético-estéticas, imaginativas, de criações artísticas com Cartografia, conforme percorreremos e refletiremos adiante. Entretanto, antes de prosseguir, é pertinente e oportuno sublinhar que a dimensão das Artes Visuais, perspectiva de abordagem e foco da Pesquisa Artística empreendida e desta Tese, não diz respeito apenas a um interesse pela fisionomia da representação cartográfica, a paleta de cores utilizada nos Mapas, seus elementos gráficos, a dimensão de visualidade comum à representação do espaço geográfico neste formato, contudo importa potencialmente relatar, refletir

---

<sup>50</sup> Segundo Fonseca e Oliva (2013), "a semiologia gráfica foi codificada como uma linguagem gráfica como base no que Jacques Bertin enunciou como as leis da percepção visual e da percepção universal". FONSECA, Fernanda Padovesi, OLIVA, Jaime. **Cartografia**. São Paulo: Melhoramentos, 2013. p.71.

<sup>51</sup> "Semiologia Gráfica: os diagramas, as redes e os mapas" e em língua inglesa "Semiology of Graphics: Diagrams, Networks, Maps".

<sup>52</sup> JOLY, 1990, p.10

<sup>53</sup> Ibid., p.69.

processos de pensamento<sup>54</sup>, singularização e expressão artística, teórica, subjetiva, (meus, de pensadores e outros artistas visuais pesquisados), derivados de incursões pela Cartografia e sua tomada como agencia de investigação, campo movente de inspirações, contaminações, motivador e gerador de criações, experimentações, atos criativos. Além disso e especialmente, importa lucubrar, arriscar, esboçar, desdobrar outras possíveis formas, percepções, sentidos e significados da Cartografia (suas dimensões matéria, imagética, conceitual), quando cerne em processos artísticos.

Em retrospecto histórico sobre a Cartografia, seu desenvolvimento, destacam-se os antigos povos gregos como os primeiros a se dedicarem ao estudo de representações terrestres cartográficas, e entre eles, um conjunto robusto de conhecimentos que impulsionaram o desenvolvimento da cartografia (no mundo antigo), constituiu-se nos trabalhos em matemática, astrologia, astronomia, geografia e cartografia, realizados pelo grego-egípcio Cláudio Ptolomeu (90 – 168 d.C.), Ptolomeu de Alexandria ou apenas Ptolomeu<sup>55</sup>. Sua obra intitulada ‘Geografia’<sup>56</sup>, tida entre estudiosos como o seu principal legado e o primeiro grande guia sobre cartografia, é formada por oito volumes e uma coleção de vinte e sete mapas, e nela encontram-se as primeiras representações cartográficas, desde a construção de globos à técnica de projeção de mapas<sup>57</sup>, a descrição de mais de 8.000 lugares com coordenadas geográficas, além de instruções e a forma como desenhar uma variedade de mapas a partir de coordenadas e projeções de linhas de latitude e longitude (sistema de linhas de grade-Grid<sup>58</sup>), inclusive um mapa do mundo.

Mapas apoiados em concepções científicas começaram a ser criados na época de Eratóstenes de Cirene (276 a.C. — 194 a.C), mas apenas com a Geografia de Ptolomeu, projeções apropriadas para a representação de pontos geográficos no plano foram desenvolvidas. Observando a composição do ‘Mapa Múndi de

---

<sup>54</sup> Percepções, iluminações como “[...] mapas nascem da observação e da imaginação” (FARIAS, 2018, p.19), “[...] mapeamento como um poderoso ato imaginativo” (BROTTON, 2014, p.14), são preciosamente consideradas no trajeto da pesquisa/desta pesquisa.

<sup>55</sup> Defendeu também a teoria-sistema do ‘Geocentrismo’, no qual o planeta Terra encontrava-se inerte no centro do Universo, sendo que os planetas e a Lua giravam em torno dele, e a ‘forma esférica da Terra’, demonstrando ser impossível o formato plano.

<sup>56</sup> Disponível para visualização e download em < <https://www.wdl.org/pt/item/10664/view/1/1/>>

<sup>57</sup> A representação de superfícies curvas em um mapa plano ou ainda a representação cartográfica com planificação bidimensional da superfície esférica terrestre.

<sup>58</sup> Termo em língua inglesa que pode significar grelha, rede ou malha. Um padrão ou estrutura feita de linhas horizontais e verticais que se cruzam para formar quadrados.

Ptolomeu', um mapa do mundo à época, considerado o mais completo da Antiguidade, além do refinamento estético, da afirmação e representação do mundo em forma esférica, nota-se a sua divisão em apenas três continentes (Europa, Ásia e África), não constam a América e a Oceania, são visíveis a Linha do Equador e as coordenadas geográficas demarcadas no Mapa, e os ventos representados por cabeças, na indicação de Mendonça (2007), “figuras mitológicas como os doze ventos representados por anjos, denominados com o nome dos lugares onde sopram” (MENDONÇA, 2007, p. 172).

**Figura 38** – O mapa-múndi de Ptolomeu (c. 1780)



Fonte: <http://greciantiga.org/hades/fig.asp?num=0026>

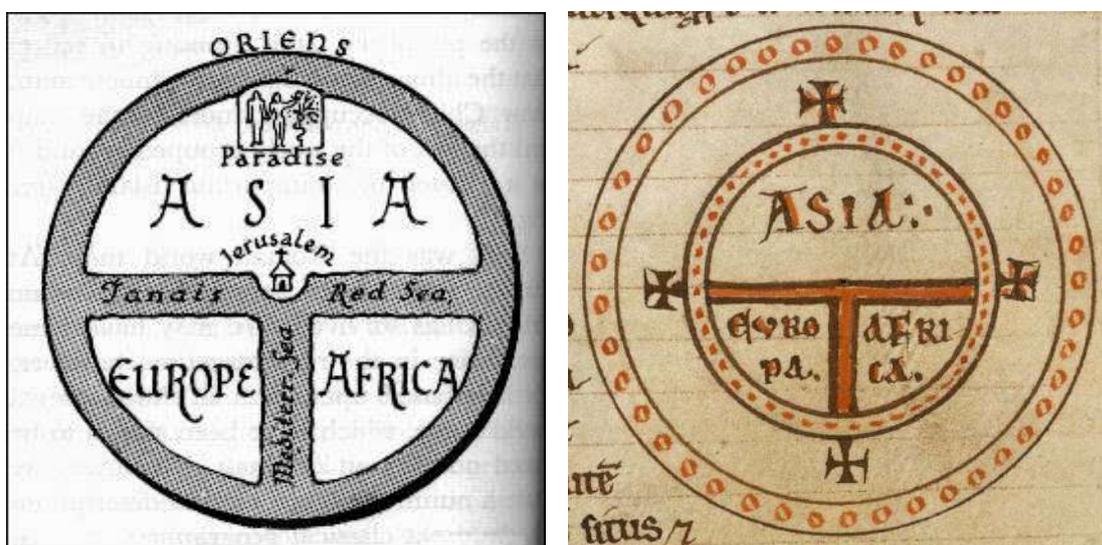
Também é atribuída a Ptolomeu a autoria do que foi considerado como o primeiro Atlas Geográfico Universal, a disseminação do uso das coordenadas em graus (sistema de referenciamento geográfico baseado em Paralelos-Latitude e Meridiano-Longitude), “foi ele o primeiro a popularizar, e é possível que talvez as

tenha inventado, as expressões usadas para latitude e longitude”<sup>59</sup>, e o desenvolvimento da projeção cartográfica em que a superfície esférica da Terra é representada sobre um cone imaginário, conhecida como ‘Projeção Cônica Equidistante de Ptolomeu’.

Um outro exemplar celebre de Mapa Mundí antigo, do século XIII, também dividido em três continentes (Ásia, África e Europa), é o “Mapa T-O”, um documento cartográfico medieval assinado por Isidoro de Sevilha (560 – 636 d.C.), conhecido também como “disco de Isidoro”. Considerado um “mapa teológico e medieval”, de caráter narrativo, os Mapas “T-O”<sup>60</sup> de acordo Doin (2014),

Eram dominados pelo imaginário sobrenatural religioso, e não tinham compromisso com a representação da realidade, mas sim com as ideias propagadas pela igreja. Ao contrário do mapa de Ptolomeu, esses mapas mostravam um mundo imutável, não possibilitando a busca de novos descobrimentos. (DOIN, 2014, p.15).

Figura 39 – Mapas T-O



Fonte: <http://imaginariomedieval.xpg.uol.com.br/paginas/mapas/primeirosmapas.html>  
<https://www.pinterest.pt/pin/299278337708987382/>

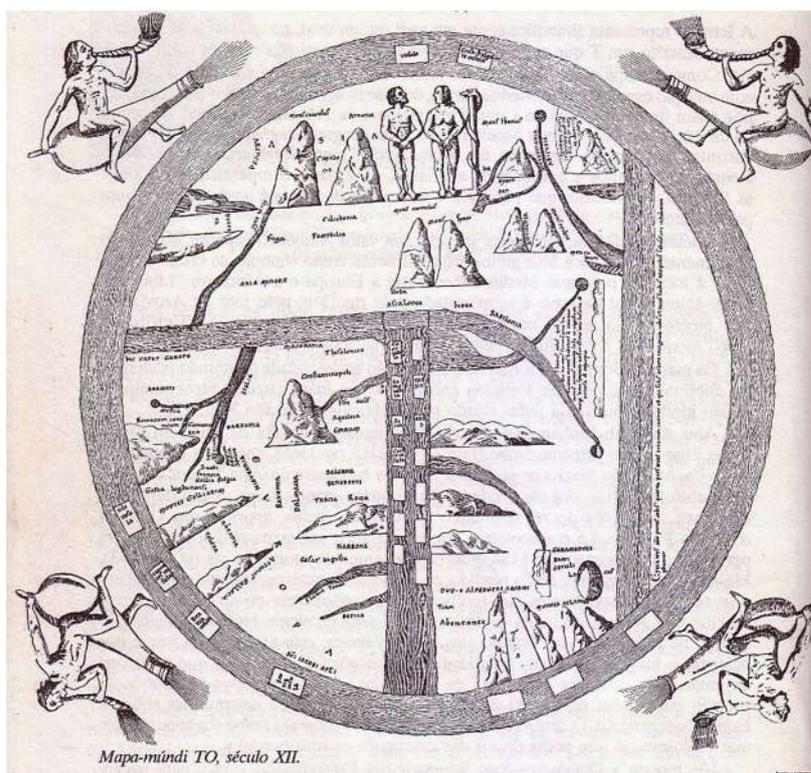
Num Mapa T-O, de formato básico e esquemático, o mundo aparece num círculo repartido por um T, sugerindo uma cruz que o divide nos três continentes citados

<sup>59</sup> BOORSTIN, D. J. **Os descobridores: de como o homem procurou conhecer-se a si mesmo e ao mundo**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1989, p.102.

<sup>60</sup> O Mapa T e O aparece na obra *Etymologiae*, uma importante enciclopédia da cultura ocidental composta de vinte livros e compilada por Isidoro de Sevilha.

e conhecidos na época, sendo o “O” equivalente ao Oceano. Essas letras também correspondem as iniciais das palavras *Terrarun* (terrestre) e *Orbis* (Globo, esfera). A “cidade santa de Jerusalém” e o “Paraíso”, lugares referenciados na Bíblia, são representados na parte superior do mapa, indicando a presença da religião e da fé cristã em vigor na época. Isidoro de Sevilha também considerava a terra redonda, globular.

**Figura 40** – Mapa T-O



Fonte: [geografiamb2.files.wordpress.com](http://geografiamb2.files.wordpress.com)

Desde os mapas de Ptolomeu e suas concepções cartográficas, as diversas técnicas de projeção foram se aperfeiçoando, singularmente após a renascença com o matemático e cartografo holandês Gerardus Mercator (1512-1594), responsável por uma técnica elementar de projeção que leva o seu nome. Mercator desenvolveu um método designado como “projeção cilíndrica do globo terrestre” ou “Projeção de Mercator”, um sistema de projeção matemática para representar num plano a superfície esférica terrestre<sup>61</sup>, um marco no processo

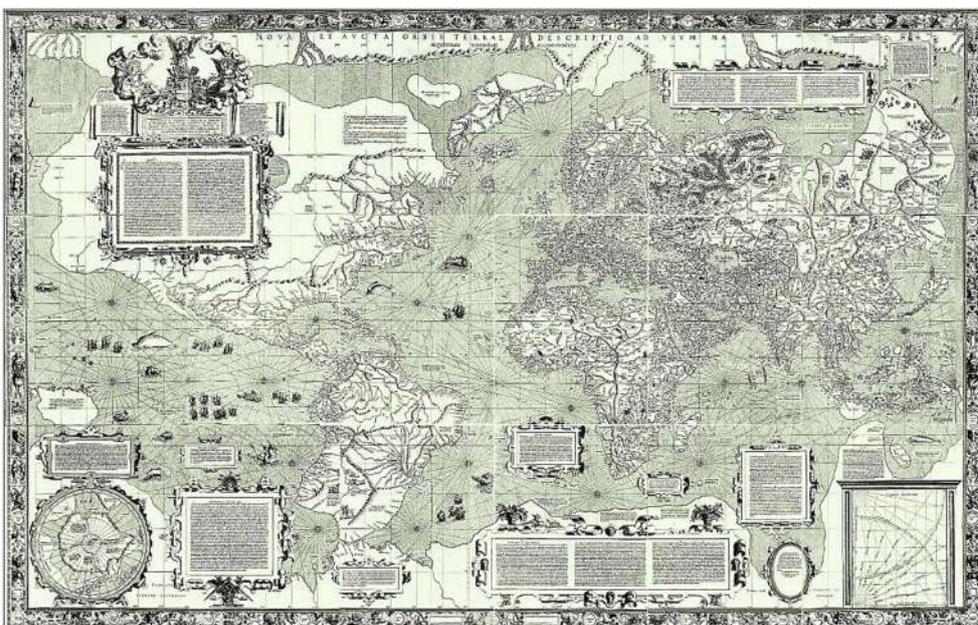
<sup>61</sup> “Os mapas esféricos, invenção genial de Gerard Mercator (1512-1594) – o mais importante geografo do mercantilismo, introdutor do mapa-múndi–, substituíram, por mais aperfeiçoados, os mapas forjados segundo os parâmetros de Ptolomeu”. (FARIAS, 2018, p.15)

de representação da terra, no qual foi possível realizar a quadratura do círculo, isto é, transformar a esfera terrestre em um plano retangular. Sobre essa projeção, Doin (2014) assinala:

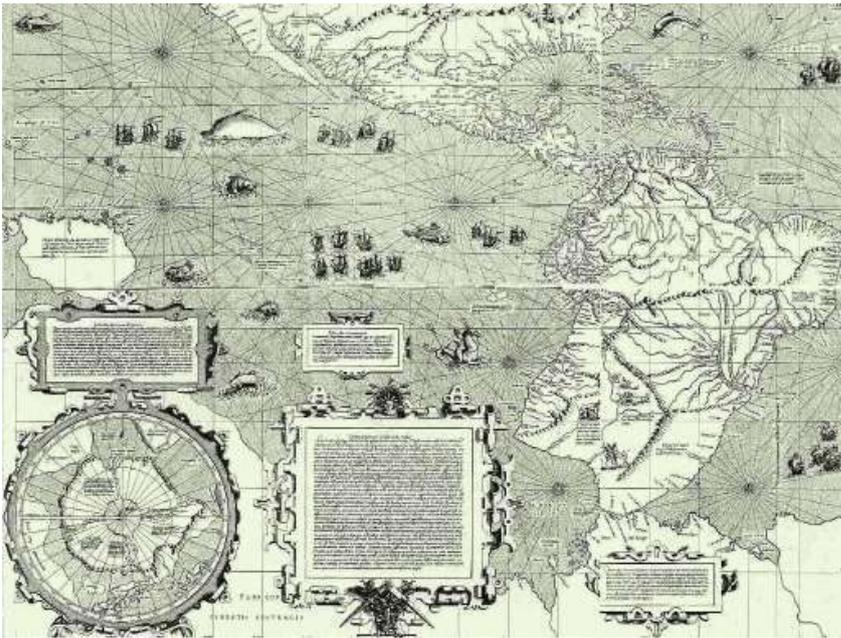
Em 1569, Mercator terminou seu famoso planisfério, uma superação da imagem bíblica do mundo. Retomando a ideia da Terra esférica, ele construiu uma projeção do globo terrestre sobre uma superfície plana, na qual paralelos e meridianos aparecem como linhas retas. O mapa de Mercator é também uma superação do mapa de Ptolomeu, pois as navegações do século XVI forneceram informações sobre áreas remotas mais desconhecidas, e também exigiram mapas mais precisos. (DOIN, 2014, p.16)

Nominado como *'Nova et aucta orbis terrae descriptio ad usum navigantium emendate acomodata'* – *'Nova aumentada descrição da Terra com correções para uso na navegação'*, esse mapa, composto de 21 folhas, foi o primeiro que abrangeu todo o globo terrestre, e não foi pensado e elaborado apenas para a representação do mundo, mas, como indica o seu nome, foi considerado o mais apropriado ao uso nas navegações marítimas, constituindo também um notável progresso na cartografia náutica da época. O "Planisfério de Mercator", como foi também intitulado, embora apresentasse distorções em sua projeção do mundo, na forma de representação gráfica terrestre, o tamanho das áreas dos continentes é visível, influenciaria a cartografia até nosso tempo, inclusive como padrão estético sobre como mostrar um mapa-múndi.

**Figura 41** – Planisfério de Mercator e detalhe (1569)



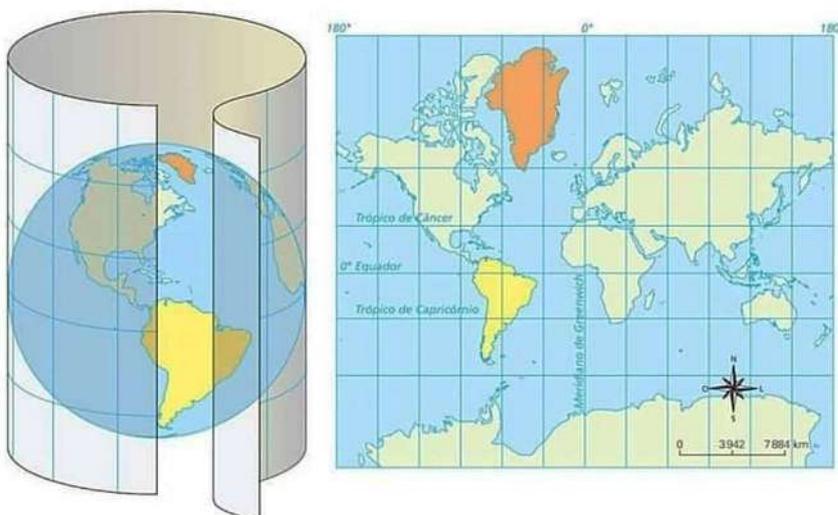
**Figura 42** – Planisfério de Mercator (detalhe)



Fonte: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b2/Mercator\\_1569.png](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b2/Mercator_1569.png)

Durante a vida no ofício de cartógrafo, Mercator destacou-se com vasta e expressiva produção cartográfica, elaborou inúmeros mapas, criou diversos globos terrestres, bem como introduziu o termo “Atlas” em referência a descrição de uma coleção-conjunto de mapas.

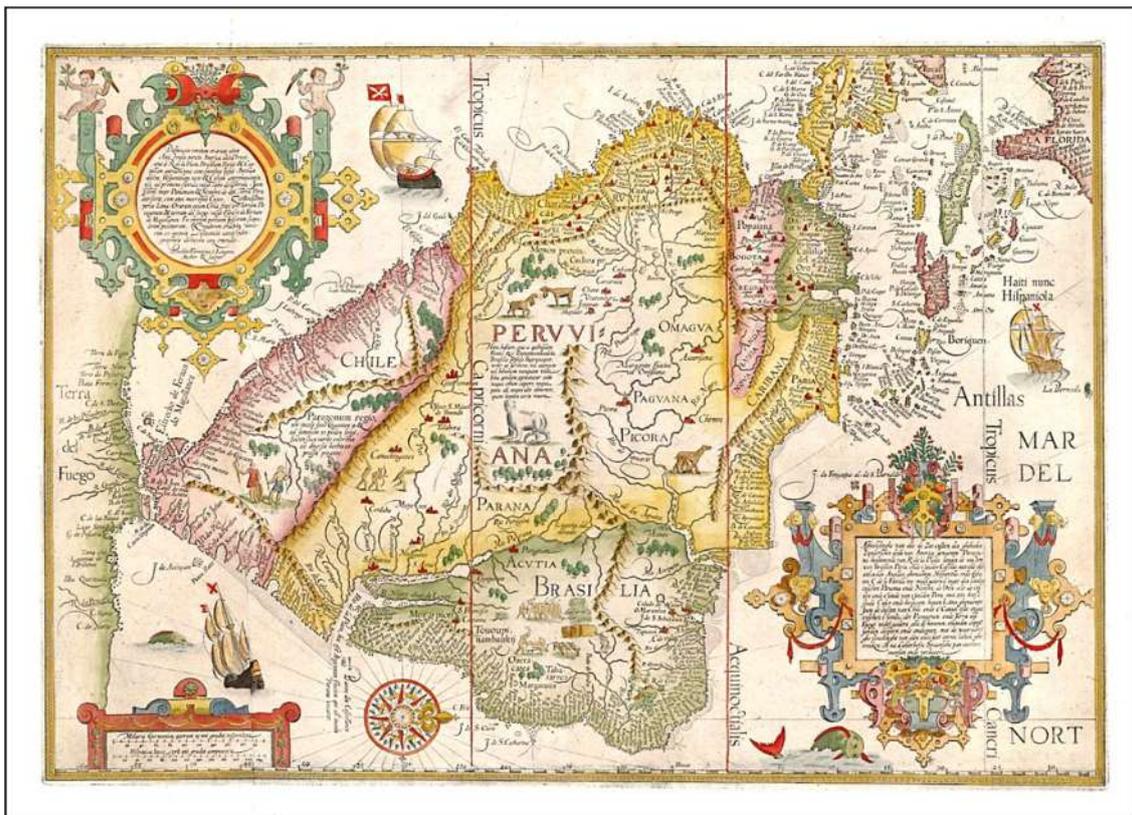
**Figura 43** – Projeção Cilíndrica de Mercator



Fonte: [http://picbear.online/media/1805534718486158861\\_7132120786](http://picbear.online/media/1805534718486158861_7132120786)

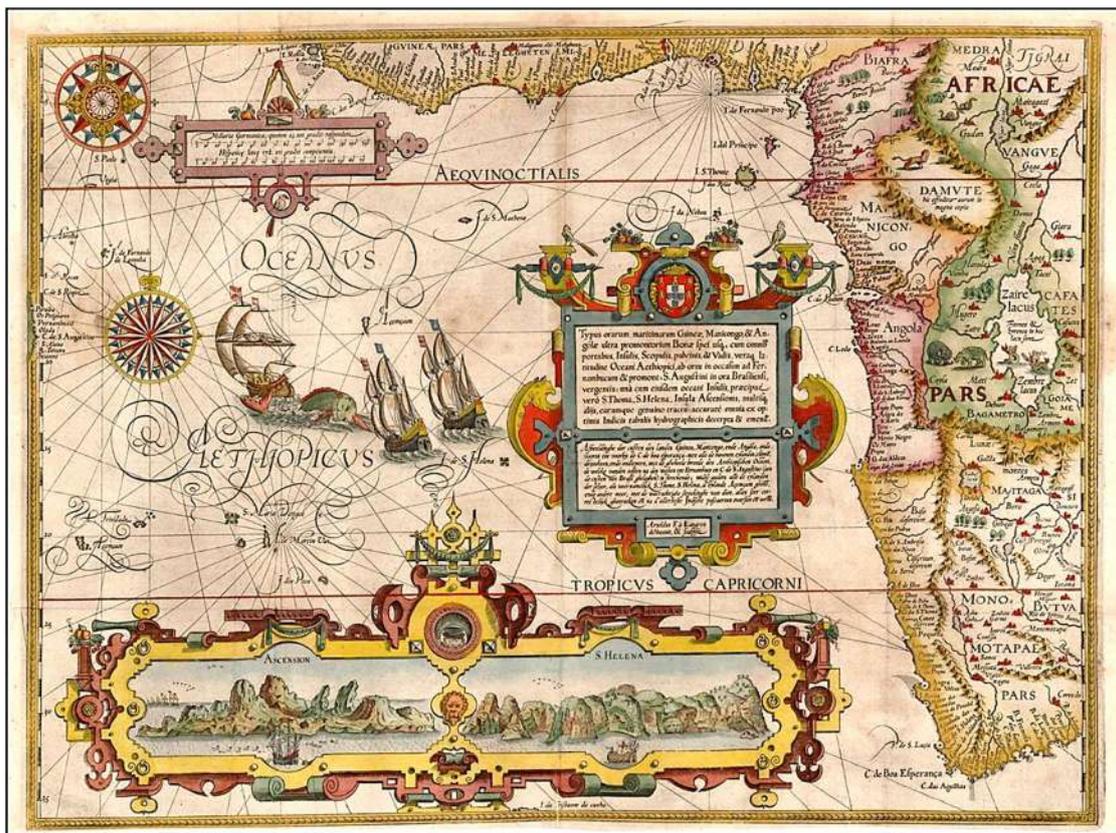
Em movência pelo século XVI, distingue-se na história da Cartografia, da produção cartográfica desse período, as obras do artista e cartógrafo holandês Arnold Florent “Van Langren” (1580-1644), um singular exemplo de articulação criadora entre Arte e Ciência, de “Cartografia Geográfica e Artística”, sucedendo na criação de uma série de Mapas que coligiam pensamento, *labor* cartográfico e Arte. No ofício de cartógrafo em atividade numa época na qual a Arte colaborou de maneira grandiosa com a Cartografia, Van Langren, que também era membro de uma família de cartógrafos, fez figurar, inserindo imagens paisagísticas em seus Mapas, raciocínio e olhar cartográfico, geográfico e artístico, além de ter contribuído substancialmente na construção de uma cartografia histórica da América Latina.

**Figura 44** – Delineatio omnium orarum totius australis partis Americae (...) – 1596



Fonte: Arnold Florent Van Langren (<https://www.raremaps.com/gallery/enlarge/22169>)

Figura 45 – Mapa do Oeste Africano – 1596



Fonte: - Arnold Florent Van Langren (<https://www.raremaps.com/gallery/enlarge/21946>)

A interface da Cartografia com a Arte se destaca e tem pertinência na ciência geográfica desse período, no qual a construção de imagens do mundo na forma de Mapas, miniaturas gráficas bidimensionais, reunia, de modo agregador e complementar, repertório e desempenho técnico-artístico. Este é o caso das ‘obras-Mapas’ construídas por Van Langren que, na constituição de uma cartografia histórica, inscreveu, pôs em atividade conceitos e elementos geográficos, estéticos, operando assim, é possível afirmar, como cartógrafo e artista (desenhista e pintor). E refletindo a conjunção destes ofícios, considerando possíveis estreitamentos visuais entre artistas e cartógrafos, cabe citar Besse (2000), quando assinala que,

Do mesmo modo, o pintor e o cartógrafo, ambos observadores de espaços e de fenômenos do mundo terrestre, desenvolvem uma arte da leitura visual dos signos que constituem a qualidade própria de uma paisagem.<sup>62</sup>

<sup>62</sup> BESSE, Jean-Marc. Ver a Terra: Seis EnsaioS Sobre a Paisagem e a Geografia. São Paulo: Perspectiva, 2000, p.19.

Ainda, o ‘raciocínio artístico’ materializado e observado no padrão de trabalho de Van Lagren, permite afirmar que suas obras não se limitavam apenas a serem documentos cartográficos, particularmente por seu mérito e modo ‘pictórico’ de produzir Mapas, muito praticado na cartografia dos séculos XVI e XVII<sup>63</sup>. E sobre esse fazer pictórico de Mapas, seu alcance artístico, Tuan apud Fialho (2008) demarca:

Mapas desenhados na areia, apenas para responder uma questão prática, tem muito pouco ou nenhum valor artístico. No entanto, tão logo são desenhados em um material mais durável – barro, madeira, papiro, ou papel – o impulso artístico encontra expressão. É como se os seres humanos fossem incapazes de inscrever linhas, ângulos, quadrados e círculos sem serem engolfados na estética de configuração e design. Este impulso é ainda mais poderoso quando a cor, a representação pictórica da topografia e os traços feitos pelo homem são adicionados. (p.13)

Em Van Langren e outras representações cartográficas daquele momento histórico, junto a concepção artística dos Mapas, à expressividade visual devido ao trabalho com a Pintura, a paleta de cores, incluíam-se outros elementos como desenhos, adornos e escritos por exemplo, que ultrapassavam interpretações territoriais, de realidade dos espaços mapeados, questões e relações exclusivamente topográficas e geográficas.

É também neste período que a História da Arte Holandesa revela um nítido ‘impulso cartográfico’ baseado no trabalho técnico-científico, artístico e que localiza e qualifica àquele que se dedica a prática cartográfica como ‘cartógrafo-artista’. O elo entre Cartografia e Arte nesse período, especialmente com a arte da Pintura, demonstra que, conforme Barachini (2011),

As disciplinas de cartografia e de pintura não eram claramente distintas entre si naquele período. Os produtos resultantes tornavam-se sofisticados e o número de especialistas, restritos. Os cartógrafos eram considerados como aqueles que descrevem e captam o mundo em uma forma plana, tal como os pintores. E, podemos observar que muitos pintores holandeses como Vermeer, Hals, Ter Borch, De Hooch, Steen, Ochtervelt, Maes, entre outros, costumavam pintar representações de mapas em suas obras, dispostos no interior dos ambientes como elemento compositivo e, por vezes, como símbolo e alegoria.<sup>64</sup>

<sup>63</sup> Besse (2000) verifica que “os historiadores, inúmeras vezes, chamaram a atenção para o fato de que o vocabulário utilizado no século XVI, para descrever as representações geográficas, era idêntico àquele utilizado para a pintura de paisagem. [...] E muitos foram os cartógrafos que, no século XVI, retomaram a analogia de origem ptolomeica entre a geografia e a pintura (p.17)

<sup>64</sup> BARACHINI, Teresinha. **Discursos construídos pela cartografia holandesa**. 2011, p. 4580. Disponível em: [http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/teresinha\\_barachini.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/teresinha_barachini.pdf)

Uma apropriada explicação para a ligação entre estas matérias, é que tanto o desenvolvimento da pintura holandesa do século XVII, como a Geografia<sup>65</sup>, a Cartografia, pretendiam descrever a realidade física, representar o real observável, visível. A Holanda dessa época atingiu notabilidade na realização de imagens sob a forma de Mapas, Pinturas e Mapas no interior de outras pinturas<sup>66</sup>, e é nesta direção que Alpers (1999) destaca que “[...] numa época em que os mapas eram considerados um tipo de pintura, e em que as pinturas desafiavam os textos como uma maneira fundamental de compreender o mundo, a distinção não era nítida.”<sup>67</sup>

Sendo assim, os cartógrafos eram considerados como aqueles que descreviam e captavam o mundo em uma forma plana, tal como os pintores, e “não partilhavam apenas um tipo de percepção e de representação da superfície da Terra. Eles se comunicavam também pelo seu objeto.”<sup>68</sup>

Em diversas das importantes pinturas de interiores produzidas pelo artista holandês Johannes Vermeer (1632-1675), há Mapas inseridos e em destaque na composição pictórica, observáveis em telas como a “Arte da Pintura” (1666) e “O geografo” (1669), sendo que, como demarca Barrachini,

Pinturas com representações de mapas, bem como os próprios mapas pendurados nas paredes, elevados à condição de objeto de arte, perpetuaria uma constante, a partir do século XVII, especialmente nos Países Baixos.<sup>69</sup>

E essas pinturas revelavam a crescente influência e proeminência da investigação científica na Europa da época em que foram criadas, evidenciavam a proximidade entre o pintor, a pintura e o cartógrafo, bem como a compreensão e a visualidade dos Mapas como um tipo de pintura. Sobre esta “Cartografia como Arte”, refletida na pintura, parte e prática comum a sociedade e cultura visual holandesa, Alpers (1999) expõe:

<sup>65</sup> Que “é como uma forma ou figura e imitação da pintura da terra”. (APIAN apud BESSE, 2000, p.18)

<sup>66</sup> Também “na Itália, na Alemanha ou nos Países Baixos dos séculos XVI e XVII, numerosos artistas, pintores ou gravadores, como Pieter Pourbus, Hieronymus Cock, Jacopo de’ Barbari, Joris Hoefnagel, Leonardo da Vinci, Cristoforo Sorte, Rafael, realizam mapas, em diferentes escalas, bem como vistas topográficas. [...] O olhar do pintor e o olhar do cartógrafo não são então separados, mesmo que eles não se confundam. Eles participam de uma mesma atitude cognitiva, e de uma mesma competência visual [...]. (BESSE, 2000, p. 18-19)

<sup>67</sup> ALPERS, Svetlana. **A Arte de Descrever. A Arte Holandesa no Século XVII**. São Paulo: Editora da USP, 1999, p.253.

<sup>68</sup> BESSE, loc.cit.

<sup>69</sup> BARRACHINI, loc. cit.

Usada restritamente, a cartografia se refere a uma combinação de formato pictórico e interesse descritivo que revela uma conexão entre certas paisagens e vistas de cidade e as formas da geografia que descrevem o mundo em mapas e vistas topográficas. Usada amplamente, a cartografia caracteriza um impulso para registrar ou descrever a terra em imagens que era compartilhado na época por agrimensores, artistas, impressores, e o público holandês em geral.<sup>70</sup>

Cartógrafos e artistas holandeses estreitamente estudaram e foram ‘autores de Mapas’, sendo ambos, à época, considerados ‘descritores do mundo’. Muitos pintores holandeses comumente pintavam Mapas em suas obras, como parte da composição no interior de ambientes, assim como símbolo e alegoria.

**Figura 46** – A Arte da Pintura ou A Alegoria da Pintura – 1666



Fonte: Johannes Vermeer (<http://estoriasdahistoria12.blogspot.com.br/2013/09/analise-da-obra-arte-da-pintura-de.html>)

A tela de Vermeer, ‘A Arte de Pintura (1666)’, é um exemplo de abordagem sobre a vinculação entre Cartografia (Mapas) e Arte (Pintura), considerando o foco no Mapa contido no quadro que figura pendurado, de frente, numa das paredes do atelier do pintor, e que “não deixou de ser notado pelos historiadores

<sup>70</sup> ALPERS, 1999, p. 284.

da arte"<sup>71</sup> (ALPERS, 1999, p.2). Na cena retratada, o Mapa histórico 'pintado' corresponde a Holanda, a terra natal de Vermeer, é de autoria do gravador, impressor e criador de mapas Claes Janszoon Visscher (Claes Jansz | 1587-1652), e contém as Dezesete Províncias unidas dos Países Baixos, rodeado por vistas dos predominantes centros de poder. Notório como 'o pintor da luz', devido a maestria técnica de luminosidade empregada em seus quadros, Vermeer também 'pinta' esse Mapa posicionando-o próximo a uma possível e 'invisível janela', uma entrada de luz exterior que aclara o Mapa e o interior do espaço. Ao mesmo tempo em que pinta uma cena, o momento de um pintor em seu ofício, certamente a projeção, a visão de sua própria atuação como artista-pintor, Vermeer pinta também um Mapa, com minúcia técnica e estética, focalizando a também 'Arte da Cartografia' e a relação de duas dimensões humanas de ordem da representação, da elaboração de imagens descritivas do mundo, sendo elas, pois, a Cartografia (o cartografar) e a Pintura (o pintar). Sobre Mapas e a presença destes nas pinturas de Vermeer, notadamente no quadro 'A Arte da Pintura', Barrachini (2011) ressalta:

[...] quando os mapas fazem parte da sua pintura, estes sempre têm a sua imagem cortada pela borda, mas nesta pintura estamos, como nos lembra Alpers (1987, p.58), destinados a vê-lo de forma diferente porque mesmo o mapa sendo coberto em parte pelo candelabro, pela figura feminina e pelo cavalete com o pintor, a extensão total do mesmo, que é enorme, é plenamente visível na parede do fundo. E, ainda ao colocar próximo à altura do pescoço da figura feminina, o seu nome- "I Ver-Mer", este assume o mapa como sendo uma de suas pinturas, conectando de forma direta pintura e cartografia. (BARRACHINI, 2011, p.4589-4590)

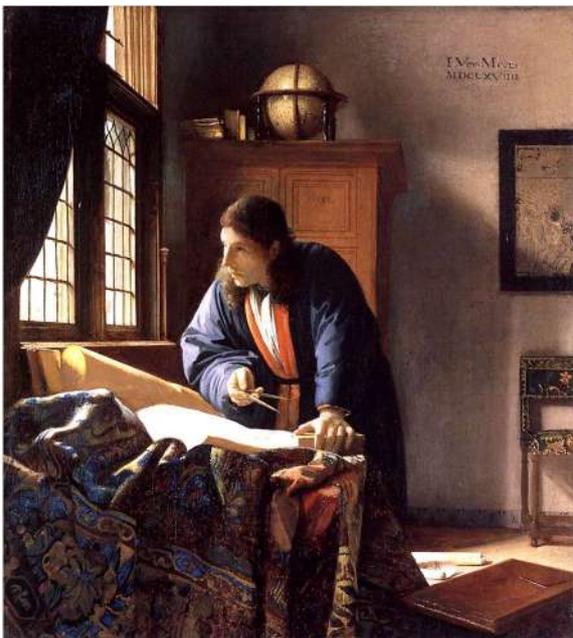
Noutro 'quadro Cartográfico', desdobrado sobre uma mesa, em dois rolos no chão do quarto, no lado direito de um armário, pintado e em moldura preta, encontram-se, também pintados, Mapas. Na parte alta do mobiliário nitidamente se localiza um 'Globo Terrestre'. Esses são os elementos cartográficos que se avistam em 'O Geógrafo', título da obra de Vermeer, que denomina também o profissional que estuda, se especializa em Geografia, bem como aquele que pode vir a ser um elaborador de Mapas, integrante da área nominada de Cartografia, um campo da Geografia. Da mesma forma, uma outra pintura de Vermeer, 'O Astrônomo' (1668), é nomeada com o título do profissional de uma

---

<sup>71</sup> Ibid., p.2.

área da Ciência, a Astronomia, como, pelo conjunto retratado, os derivados cartográficos presentes (globo celeste, astrolábio, gráficos), suas posições na cena, o protagonismo de figuras masculinas e no exercício de suas atividades, é considerada análoga a tela ‘O Geógrafo’.

**Figura 47 – O Geógrafo-1669**



**Figura 48 – O Astrônomo-1668**



Fonte: Johannes Vermeer,  
<http://www.ufrgs.br/napead/repositorio/objetos/historiaarte/idmod.php?p=vermeer>  
<https://i0.wp.com/virusdaarte.net/wp-content/uploads/2015/12/vermeer1.png>

Em relação a ambos os quadros, seus repertórios, Stone (2006, p.6 Apud Seemann, 2009, p.55) considera que eles “nos lembram de que ciência e arte, enquanto disciplinas separadas com objetivos distintos, fazem parte da cultura moderna”<sup>72</sup>. Apreendendo reflexivamente ‘O Geógrafo’, redobrando a atenção para os objetos cartográficos que se destacam na pintura, o globo terrestre no armário, o mapa emoldurado na parede, e a pulsante luminosidade que ocupa a cena, irrompendo pela janela, Stone (2006) reflete ainda que:

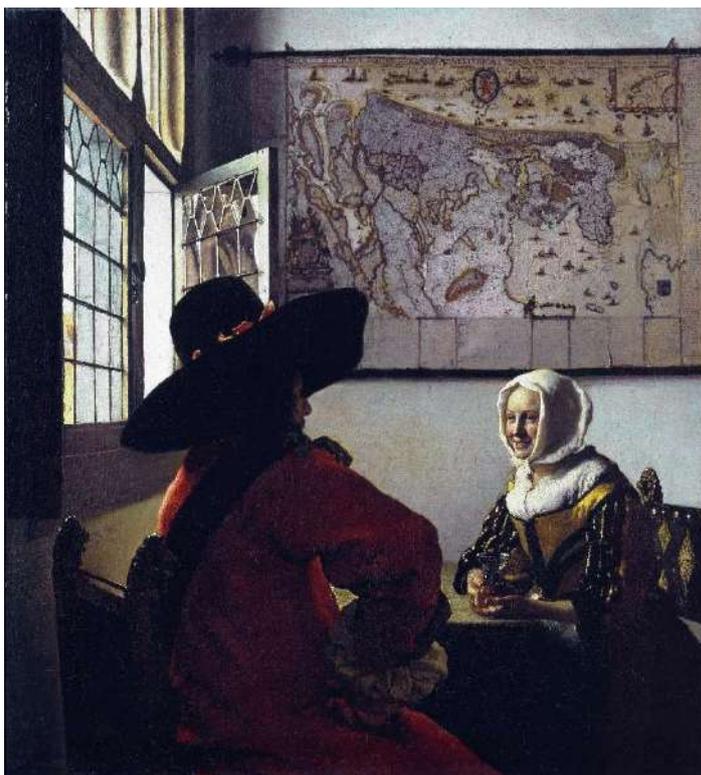
O desafio de Vermeer foi como trazer o mundo exterior para o interior do quarto através do uso da luz do sol, que é concebida como uma metáfora da “iluminação”, que torna o mundo visível para o geógrafo e penetra sua compreensão. Por essa razão, o cientista mantém-se nas proximidades da janela que “molda, literal e metaforicamente, os

<sup>72</sup> SEEMANN, Jörn. Arte, conhecimento geográficos e leitura de imagens: o geógrafo de Vermeer. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 43-60, set./dez. 2009.

processos através dos quais as coisas do mundo se tornam signos que o sujeito racional concebe, analisa e, eventualmente, domina.”<sup>73</sup>

Veermeer expressa noutras pinturas, precisamente em mais seis obras pictóricas (Oficial e Moça Sorridente – 1658, Mulher de azul lendo uma carta – 1662, Mulher Tocando Alaúde Junto de uma Janela – 1664, Jovem com uma jarra de água – 1662, A carta de amor – 1670, Alegoria da Fé – 1672), além de Mapas, outros objetos cartográficos, globos terrestres são usais, visibilizando a vinculação entre Cartografia e Pintura que existiu na Holanda setecentista, o estágio de uma cartografia notavelmente pictórica, fonte de memória, conhecimento, além de evidenciar a abrangência cartográfica junto com o papel da pintura naquele período.

**Figura 49** – Oficial e moça sorridente (1658)



Fonte: Johannes Vermeer,  
([https://pt.wikipedia.org/wiki/Johannes\\_Vermeer#/media/File:Jan\\_Vermeer\\_van\\_Delft\\_023.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Johannes_Vermeer#/media/File:Jan_Vermeer_van_Delft_023.jpg))

---

<sup>73</sup> Stone (2006, p.4 Apud Seemann, 2009, p.56)

Exemplares historiográficos artísticos<sup>74</sup> nos quais representações cartográficas se notabilizam, figuram também em criações de Hans Holbein, Albrecht Dürer, El Greco. No quadro renascentista intitulado 'Os Embaixadores' (1533), do pintor alemão Hans Holbein (1497-1543), dois objetos representados em tamanho natural são nitidamente visualizados entre os personagens Jean de Dinteville (à esquerda) e Georges de Selve (à direita), embaixadores retratados na pintura a óleo.

**Figura 50** – Os embaixadores (1533)



Fonte: Hans Holbein, o Jovem,  
([http://www.casthalia.com.br/a\\_mansao/obras/holbeinembaixadores.htm](http://www.casthalia.com.br/a_mansao/obras/holbeinembaixadores.htm))

Posicionados nas partes superior e inferior de uma prateleira, dois globos, um celeste e outro terrestre, figuram na cena junto a outros instrumentos científicos como um quadrante e um relógio de sol. Convencional e devidamente inseridos na pintura, os artefatos da esfera cartográfica dão a ver constelações e signos

---

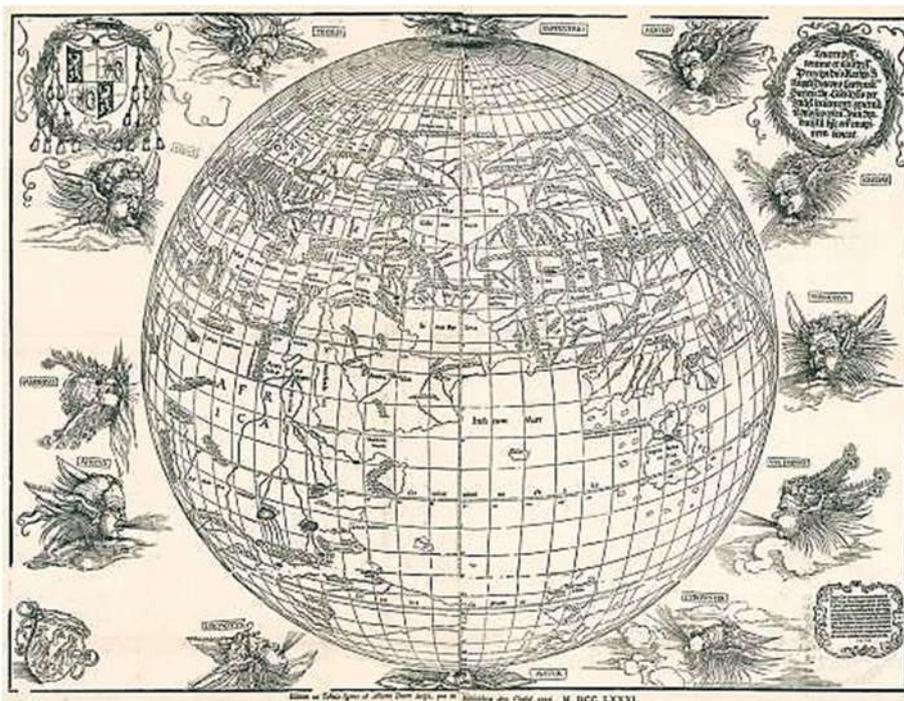
<sup>74</sup> Silberman (1999) atesta que “uma história da arte poderia ser escrita, ao se traçar a história da pintura em relação com a história dos mapas. No Ocidente, a história da arte da renascença até a ascensão do modernismo parece realmente correr paralela à história da cartografia”. (SILBERMAN, 1999, p.35)

do zodíaco, presenças no globo celeste, apontado também como possível referência ao Heliocentrismo (o Sol é o centro do universo), teoria atribuída a Copérnico, e no terrestre, simbolizando também as diversas viagens realizadas pelo embaixadores, vê-se o centro na França, país de origem dos retratados, o Norte invertido (para baixo), a África, a costa atlântica da América e a linha divisória do Tratado de Tordesilhas. Inseridos na pintura de retrato de Holbein, objetos de Arte-Ciência sublinham a cultura do Renascimento em voga, na qual, como destacam Neves e Silva (2011),

As técnicas de construção de instrumentos astronômicos e cartográficos atingiam notavelmente o nível de objetos artísticos e decorativos que serviam não somente para a orientação espaço-temporal, mas, sobretudo, para decorar as cortes ansiosas por novos conhecimentos. (NEVES & SILVA, 2011, p.2)

Também na pintura alemã renascentista, Albrecht Dürer (1471-1528), pintor, desenhista, gravador, sintonizado ao espírito humanista do Renascimento, vinculou-se a outros campos como a geografia, arquitetura, a matemática e a geometria.

**Figura 51** – Mapa do Mundo de Johannes Stabius (1515)



Fonte: Albrecht Dürer, (<http://www.buzemann.de/luther/geogr.htm>)

É criação de Dürer junto a Johannes Stabius (1450-1522), cartógrafo austríaco de Viena, uma xilogravura datada de 1515 conhecida como 'Mapa do Mundo Dürer-Stabius/ Dürer-Stabius World Map', e que se constitui numa representação cartográfica da terra como uma esfera, o globo, em referência a imagem do planeta no espaço. Trata-se de um Mapa do Mundo baseado no 'Mapa-múndi (1486)' segundo Ptolomeu (90 d.C. - 168 d.C.), com a utilização de paralelos (latitudes) e meridianos (longitudes) demarcando os hemisférios norte e sul terrestres. É atribuído ao 'Mapa do Mundo Dürer-Stabius' o status de primeiro desenho conhecido que apresenta uma perspectiva de toda a terra como uma esfera.

De El Greco (1541-1614), pintor, escultor e arquiteto renascentista que nasceu na Grécia, residiu na Itália e viveu na Espanha até o final da vida, a pintura intitulada 'Vista y Plano de Toledo' (1610-1614) expõe, protagonizando com devido realismo o plano de fundo da obra, a paisagem espanhola de Toledo.

**Figura 52** - Vista y plano de Toledo (1610-1614)



Fonte: El Greco, (<https://www.artehistoria.com/es/obra/vista-y-plano-de-toledo>)

Duas representações de paisagem se destacam na composição da pintura, já indicadas desde o título do trabalho, sendo elas, o traçado detalhado em 'Mapa' do 'Plano' da cidade de Toledo, posicionado na frente e no lado direito do quadro,

e a detalhada 'Vista' da cidade ao fundo. No conjunto da obra, argumenta Cervera (2012),

el “plano” es el contrapunto complementario de la “vista”. Dos maneras de representar las ciudades en el universo cartográfico. Estamos, pues, ante la presencia sintética, simultánea y superpuesta de una “vista” y una “planta” tal como ambas se entendían en la cartografía de la época. (CERVERA, 2012, p.76)

O quadro de El Greco, uma pintura em óleo sobre tela, focaliza um plano da cidade que é considerado um dos primeiros de cidades espanholas desenhados em planta, revelando uma composição pictórica que é conjuntamente um documento cartográfico.

O conhecimento histórico da Cartografia revela, portanto, como a consciência, a sensibilidade e a perspectiva artística, se fez-faz presente na atividade cartográfica de confecção de Mapas. Essa compreensão desperta a percepção de que a Arte figura no cotidiano da Geografia, ao mesmo tempo em que ilumina e anima o debate em torno de como, porque e de quais formas, as construções Cartográficas e os Mapas enquanto imagens iconográficas da Cartografia, têm lugar aclarado, proliferado na produção artístico-visual contemporânea. A Cartografia evoca a imagem de um território e oferece a possibilidade de pensar-experimentar a Arte como Ciência e Ciência como Arte, ambas como experiência do mundo, e neste caminho a Cartografia opera em íntima conexão com a Geografia, ligação que permite a construção e a representação gráfica do tipo Mapa. À vista disto, um quesito largamente esmiuçado entre poéticas artísticas visuais contemporâneas, e que será observado no CE 2.1| Você não está aqui: CartoCrítica | CartoSubversão | PoÉstéTiCas cArtegráficas nesta tese, é a utilização, a **subversão** e o enfrentamento da questão da “representação gráfica” na Geografia e a aplicação da linguagem gráfica na/pela Cartografia, tendo em vista que a mesma constitui-se como uma técnica indispensável ao trabalho de síntese espacial que, através de Mapas e congêneres, é capaz de representar o espaço, o mundo como imagem<sup>75</sup>. Os artistas visuais ao se ligarem a Cartografia, ao manejo de Mapas e outros artefatos cartográficos, afrontam a

---

<sup>75</sup> Sobre o 'papel dos mapas', de elaborar e dar a ver o mundo em representação visual, mapeado, consideramos como Farias (2018) que, “Dos antigos mapas gravados em argila, como o fragmento encontrado em Nippur, no sul do vale da Mesopotâmia, hoje Iraque, datado de 1400 a.C., aos mapas digitais de hoje [...], todos descendem do mesmo impulso de produção de linguagem, da necessidade de construção de signos, motor da dialética entre representar para compreender e modificar o mundo”. (p.14)

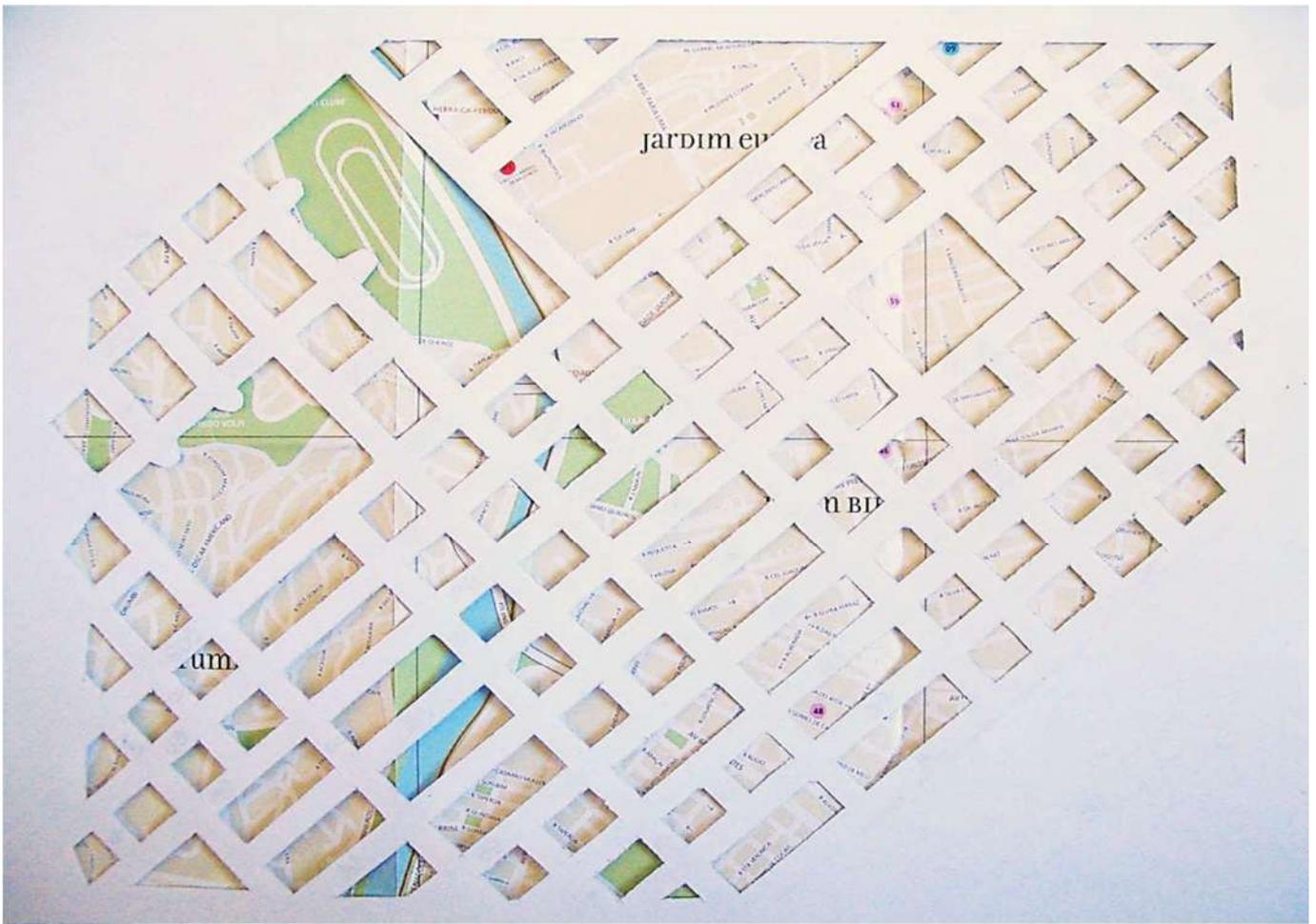
objetividade de espaços geográficos simbolizados graficamente e esquematizados como apreensões do “real”, e os transfiguram em outras e diversas amostras de espaço, mais propensos ao fantasioso, o fictício, a imaginação, sinalando tal qual Farias (2018) que,

São os mapas fantasiosos e artísticos que, por sua força, levantam suspeitas sobre a objetividade de todos [...] abrindo-lhes fissuras e pontos de vista inventores de novas perspectivas, operando na destituição de todo discurso que se pretenda portador da verdade, por mais funcional que ele seja<sup>76</sup>.

‘Re-cartografadas’ artisticamente, riscando limites entre a ciência e a imaginação, essas ‘Geo\_Grafias’ ultrapassam as convenções normativas comuns a composição dos produtos cartográficos, à ‘des-medida’ em que se redesenham, se redefinem e se revelam moventes e potencialmente plásticas, artísticas, inventivas. Considerando a abrangência artístico-científica que envolve as construções cartográficas, uma vez Mapas, Globos, Atlas, são desorientados em pensamentos, mãos, miras e escalas artísticas, ‘poéticas’ sobrelevam-se de prescrições e ‘técnicas’.

---

<sup>76</sup> Ibid., p.17



Desvia  
Recorte sobre Mapas  
Vladimir Oliveira

## CE 2.1| Você não está aqui: CartoSubversão | CartoCrítica | PoÉstéTiCas cArtEgráficaS

[...] o mapa é aberto, conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política, uma meditação.  
(Deleuze & Guatarri, 1995)

[...] apesar das normas e convenções vigentes, os mapas ficam abertos à imaginação e práticas subjetivas.  
(Jörn Seemann, 2014)

As práticas artístico-visuais aliadas a Cartografia, apontam para uma afeição e relação sensível-crítica da Arte com os espaços através de expressões gráficas, diferente da ideia de funcionalidade e praticidade atrelada a 'Ciência' Cartográfica. Os artistas visuais, acrescentando diferenciações, promovendo intervenções, refazendo Mapas já cartografados, pré-existentes, mas não acabados pelo 'cartografo-cientista', levantam com seus retratos outras camadas, continuidades e possibilidades de 'espaços-lugares' oriundos da inspiração e imaginação criadora. Conjuntamente, amparados nas 'representações cartográficas científicas' e com suas criações, movem-se com a/na feitura de uma geografia morfológicamente informal, derivada de impulsões criadoras e sensível-estéticas. Ao sondarmos os lugares criados e fundidos em Mapas de artistas, descobrimos, por exemplo, que eles figuram um mundo interior, regiões da imaginação, locais alheios a instruções, sítios de psicologia e expressividade criativa, como de revisões e críticas a 'geografia e cartografia real', racional e admissível pela ciência.

O modus operandi de uma série de artistas visuais, considerando a produção artística desenvolvida a partir da segunda metade do século XX e em meados da década de 60, até a geração mais recente, exprime a presença e o uso da Cartografia, o desenvolvimento de trabalhos artísticos com Mapas e outros

artefatos cartográficos, como movimento de investigação, objeto de Arte, um campo aberto, explorável e diverso de experimentação, criação e reflexão. Conforme focaliza Nicolas Bourriaud (2008), “mapas, planos, imagens de satélites, vistas, amostras, estudos sociais, diagramas e quadros: a noção de geografia nunca teve tanta importância na arte como hoje em dia” (BOURRIAUD, 2008, p.17). Outros Mapas, de Cartografias Artísticas Contemporâneas – as ‘cArtEgrafiaS’, desenham-se e afluem de pesquisas em Arte e poéticas criativas conjugadas a Cartografia e abordagens experimentais de aspectos e parâmetros estéticos, formais, conceituais que sustentam esta seção da Ciência Geográfica. Neste itinerário investigativo, Carneiro (2010) elucida e amplia que;

[...] artistas contemporâneos, “vêm explorando a cartografia como espaço de criação relacionando ao processo criativo, ao deslocamento corporal e temático, a cidade, sua estrutura e imagem, as coleções de objetos, imagens e palavras que retratam o campo de conhecimento, de repertório e de memória de seu trajeto na arte. (CARNEIRO, 2010, p.25)

Nas conexões entre Arte-Cartografia, nota-se que o artista-criador contemporâneo que trabalha com Mapas, busca também introduzir e atuar a partir de suas vivências, percepções e traduções do mundo em que vive, desenvolvendo processos artísticos que exprimem afetos, tensões e observações críticas sobre a Cartografia e suas funções convencionais, como também sinalizam registros de espacialidade, percursos, relações sensíveis destes artistas com as cidades que habitam e transitam. O entusiasmo contemporâneo por Mapas e outras representações geográficas, deve-se também ao reconhecimento que, diferente de outros suportes de investigação e experimentação artística, os Mapas dispõem-se como uma matéria-prima saturada de conteúdo visual, gráfico, textual, e tessitura histórico-cultural, simbólica, geopolítica. A apreciação destas qualidades prefigura uma inquietude, ao mesmo tempo em que encoraja e ativa a convivência e o trabalho de artistas visuais com esse material e seus conteúdos.

Embaralhar, desnortear, infringir, desconstruir, jogar, usufruir dos códigos e padrões da linguagem Cartográfica a fim de se discutir e avaliar os princípios de formação e função dessa mesma linguagem, operando muitas vezes e conforme bulhões (2002), na “construção de novas cartografias (e mesmo novas formas

de cartografar)”<sup>77</sup>, são estratégias de associação e usufruto estético, conceitual, tanto da forma como das significações dos Mapas. Coexistentemente, observam-se trabalhos artísticos *construídos sobre* imagens de Mapas e baseados nas/em estratégias de *se construir* Mapas, e esses “Meridianos Arte-Cartográficos/cArtEgráficoS’ alinhavam, assim, duas importantes linhas de percepção e argumentação que agregam Arte-Cartografia à pauta da criatividade artística contemporânea. A primeira linha aparece contigua as mudanças na relação entre definição e finalidade da Arte, a evolução dos conceitos artísticos, a abertura e liberdade experimental engendrada pela Arte Contemporânea, o abandono dos suportes e materiais tradicionais, a noção vigente de sistema das artes como rede de informações, de comunicação, os aspectos multi-inter-disciplinares das práticas artísticas contemporâneas, além do reconhecimento de que a Arte Contemporânea se relaciona de forma crítica com o seu tempo e com as maneiras de produção e difusão-circulação dos objetos artísticos. Já a segunda, coaduna com a constatação de Bulhões (2002), quando expõe que,

O uso de elementos da cartografia nas artes visuais está ligado ao fato de que ocorreram, ao longo do século XX, grandes mudanças na apreensão cartográfica do globo, afetando assim a noção de territorialidade no espaço contemporâneo<sup>78</sup>.

Essas alterações ligadas a percepção, a compreensão e a experiência do espaço atual e em constante transformação, recaem também sobre as formas de Cartografar, elaborar e se relacionar com Mapas, “tanto do que se pode mapear quanto de como mapear”<sup>79</sup>, e neste lugar de mudanças instauram-se poéticas visuais ligadas a Cartografia e seus elementos, nas quais é concebível ainda localizar, inter-relacionadas, duas esferas de ação e contato/contato e criação: a dos artistas visuais e práticas criativas contemporâneas que lidam eventualmente, de maneira não constante com Cartografia, e a outra essencial, operativa e continuamente cartográfica.

A Cartografia enquanto interação entre o discurso científico da Geografia e a prática artística, binômio Arte-Ciência, move a ideia não apenas dos Mapas na

<sup>77</sup> BULHÕES, Maria Amélia. **Territorialidades na Arte Contemporânea: Cartografia de Subjetividades.** Anais do XXII Colóquio do CBHA - Colóquio Brasileiro de História da Arte, Porto Alegre/RS, 2002, p.11.

<sup>78</sup> Ibid., p.10-11

<sup>79</sup> FARIAS, 2018, p. 20

qualidade de objeto artístico, mas a situação da Cartografia, o que ela produz e como se produz na percepção e expressão/prática artística. Partindo desse pressuposto/reconhecimento o(s) Mapa(s) passa(m) a assumir múltiplas funções/posições na Arte Contemporânea, frente a intervenção da imaginação artística, daí ser mister alçar e explorar uma potencial epistemologia do Mapa/desta matéria nas Artes Visuais<sup>80</sup>, refletindo, contudo, como novos contornos que Mapas adquirem por meio de criações artísticas, provocam inusitados modos de existir da Cartografia, de sua presença gráfica e visual, bem como criam novas imagens e discursos do-para-sobre o espaço geográfico, humano. Experimentando e refletindo a intercepção entre Cartografia e Artes Visuais, assinalam-se potenciais questionamentos e elucidações do interior desses planos criativos, que se desenham, se atravessam e interligam, se exprimem nas linhas moventes criadoras e argumentativas<sup>81</sup> adjacentes:

\_\_\_\_\_Desconfiança sobre a precisa capacidade da Cartografia de representar o mundo\_ \_ \_ \_ \_

\_\_\_\_\_Provisoriedade das representações Cartográficas – limites da Cartografia e sua pretensa objetividade científica\_ \_ \_ \_ \_

\_\_\_\_\_Cartografias imaginadas, pessoais, poéticas – A imaginação e a ação artística como **Subversão**\_ \_ \_ \_ \_

\_\_\_\_\_Cartografias por meio da Subjetividade\_ \_ \_ \_ \_

\_\_\_\_\_Artistas visuais como Cartógrafos-críticos\_ \_ \_ \_ \_

\_\_\_\_\_Mapas refletidos em sua forma expressiva, imaginativa, inventiva, como Arte\_ \_ \_ \_ \_

\_\_\_\_\_Mapas em/de Derivas\_ \_ \_ \_ \_

---

<sup>80</sup> Um dos intentos da pesquisa realizada da Tese aqui desenvolvida.

<sup>81</sup> Notabilizadas em processos de criação de uma série de artistas que operam com Cartografia, conforme percorremos exemplares no tópico PoÉstéTiCas cArtEgráficaS e no Apêndice A – cArtEgrafiaS.

\_\_\_\_\_ Invenção, descoberta, superposição de novas Geografias e Cartografias nos Mapas que nos chegam formados, “acabados” \_ \_ \_ \_

\_\_\_\_\_ Geografias Subjetivas – PsicoGeoGrafias \_ \_ \_ \_

\_\_\_\_\_ GeoPoéticas – PoÉstéTiCas cArtEgráficaS \_ \_ \_ \_

\_\_\_\_\_ Mapas como instrumentos que permitem reflexões, críticas aos fundamentos da representação \_ \_ \_ \_

\_\_\_\_\_ CartOgrafias-cArtEgrafiaS Móbeis – mapas fluídos, transitórios, instáveis, imprecisos, instantâneos quanto a própria contemporaneidade, pensado e criados por diferentes pessoas, grupos, coletivos, e em incessante formação-deformação, atualização, reconstrução \_ \_ \_ \_

A pauta de interesses, perspectivas, quesitos veiculados e discutidos nos trabalhos artísticos agrupados aos Mapas, estende-se a documentos cartográficos que tratam da organização e percepção do espaço geográfico, antigos e contemporâneos, seus padrões estéticos, científicos, culturais. Sobre as ‘asserções-linhas’ supracitadas, que cobrem tanto as laborações quanto as significações relativas ao uso/proveito da Cartografia nas Artes Visuais, Bulhões (2004), considerando também a “importância da representação codificada de um espaço na constituição atual da territorialidade na arte”<sup>82</sup>, argumenta e analisa:

O uso da cartografia remete às questões conceituais da ilustração na História da Arte, na medida em que o artista trabalha a partir de um texto pronto, no caso a imagem cartográfica e seu significado. Desse texto original, ele busca apreender o significado, manipulando-o para fins de sua própria expressão, sem, no entanto, poder se afastar totalmente desse ponto de partida pré-estabelecido.

Uma questão, entretanto, se apresenta de forma original no uso da cartografia na arte contemporânea; o artista não ilustra um texto literário, realizando uma espécie de tradução de um código verbal para outro visual, ele trabalha a partir de um discurso gráfico – o mapa com todas as suas significações codificadas – para elaborar um novo

---

<sup>82</sup> BULHÕES, Amélia. Cruzando Territórios: História da Arte e Arte Contemporânea. Anais do XXIV Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte – CBHA, Belo Horizonte, 2004, p.5. Disponível em <<http://www.cbha.art.br/coloquios/2004/anais/anais2004.html>>.

discurso visual, não mais científico e voltado à objetividade, mas artístico, com ênfase na subjetividade.<sup>83</sup>

A disposição de Cartografias, de Mapas geográficos em processos criativos contemporâneos, revela-se não unicamente como mais um exercício de triagem e seleção de uma matéria-prima, um suporte para produção de trabalhos e obras artísticas unicamente por seus componentes formais, estéticos, plásticos, mas, num sentido transversal, experimental, quando artistas decidem trabalhar com Mapas, infringi-los, esvazia-los de seus sentidos clássicos, mesmo produzir novos Mapas, outras posições além das estéticas e das escolhas formais concernentes ao campo visual e artístico são perpetradas. Não se trata de uma percepção ou tomada de consciência inédita diante das implicações dos processos artísticos, seus alargamentos e impactos, mas do clareamento e fortalecimento das esferas de produção sensível e suas potências de participação, transformação, transfiguração dos sentimentos e racionalizações da vida, suas coisas, seus objetos, funções e dinâmicas. Ao mesmo tempo em que ao lidar com Mapas a Arte emite um parecer crítico diante do pensamento e da educação pela lente geográfica e científica de compreensão do mundo, desdobram-se e amplificam-se também o domínio discursivo e campo de ação da Arte, tópico patente e praticável na Arte Contemporânea.

Em trabalhos de artistas contemporâneos que empregam meios da Cartografia, Bulhões (2004) verifica formas distintas de relação e utilização desse material, assim caracterizando-as:

Num primeiro caso, eles realizam através de sua obra uma espécie de crítica da representação cartográfica, das ideologias e das manipulações de poder que nela enseja. [...] A partir de mapas reais, os artistas também criam seus mapas imaginários, colocando neles uma espécie de cartografia de seus pensamentos e desejos. [...] Um terceiro modelo de utilização dessa representação na arte contemporânea se evidencia no uso das novas possibilidades abertas pela moderna cartografia, através de instrumentos de precisão e técnicas de voos espaciais para repensar o mundo, ou para reconstruí-lo simbolicamente.<sup>84</sup>

Práticas artístico-criativas que lidam com o uso e formação de Mapas, podem ser pensadas como dispositivos de desnaturalização da experiência comum aos

---

<sup>83</sup> Idem.

<sup>84</sup> Ibid., p.6.

modos de conceber, conhecer e viver os espaços que os Mapas cristalizam numa representação gráfica. Trata-se também de considerar a experiência estética como o desdobramento de um conhecimento que afeta as formas de percepção e cognição do espaço geográfico, das cidades, das condições de organização espacial. Além de se desenhar como um caminho de produção artística capaz de revelar outras formas de construção e expressão do saber Cartográfico, tendo em vista que o modo de conhecer e experienciar da Arte na atualidade, responde às mudanças nas maneiras de conhecer em outros campos do saber. Caminhando nesta rota, é factível reconhecer nos contextos de atravessamentos entre Arte e Cartografia, linhas ativantes e capazes de riscar ‘Cartografias Subversivas’, tal como formas, planos, resoluções que engenham uma ‘Arte Cartográfica – cArtEgrafiaS’, desdobrada em atos criativos e por latitudes e longitudes moventes.

Percorrendo Mapas de artistas visuais contemporâneos, locomovemo-nos por ‘Cartografias Críticas, Subversivas’, portanto, cArtEgrafiaS, que se opõem ou interrogam-se a si próprias nos quesitos de sua fabricação, apresentação, aplicabilidade, aproximação do real e de seus objetos de representação. Todas essas premissas e convenções intrínsecas a própria “razão” de ser e operar da/pela Cartografia, aparecem superdimensionadas, dadas à vista, expostas, praticadas, provocadas e reviradas nos planos artísticos envolvendo Mapas, que evocam ainda como “a cartografia invariavelmente tem múltiplas dimensões culturais, sociais e políticas”<sup>85</sup> a serem expostas, desveladas. Deste modo, não é somente o preciso gesto de tomada da Cartografia pelos Artistas visuais que pode ser encarado como um componente de subversão, mas os princípios, as normas, os códigos que essas práticas artísticas exploram, enfrentam, insurgem, e que movem, ainda, uma encruzilhada entre Cartografia e Humanidades. Refletindo estas afluentes intersecções entre Arte e Cartografia, Ribeiro e Caquard (2018) indicam e caracterizam concisamente três categorias dinâmicas de relações:

1-cartografia influenciada por práticas artísticas – Os cartógrafos sempre navegaram entre arte e ciência; 2-mapear arte ou mapas embutidos em práticas artísticas – A arte tem uma longa tradição de

---

<sup>85</sup> Ribeiro, D. M e Caquard, S. (2018). **Cartografia e Arte. O Corpo de Conhecimento em Ciência e Tecnologia da Informação Geográfica.** John P. Wilson (ed), 2018. Disponível em <<http://gistbok.ucgis.org/bok-topics/cartography-and-art>>

influenciar práticas cartográficas; e 3-cartografia na interface entre arte e lugares – uso da cartografia como uma maneira de investigar nossa relação com o lugar, com e dentro de diferentes formas de expressão artística.<sup>86</sup>

Reconhecemos a primeira categoria<sup>87</sup> quando nos reportamos a história da Cartografia, e verificamos, por exemplo, como cartógrafos da antiga Grécia demonstram a influência de procedimentos científicos em suas execuções, apoiados em geometria, astronomia, os Mapas Medievais, o ‘T em O’ é uma amostra da utilização de procedimentos artísticos e abordagens estéticas, com o intuito de comunicar visões e crenças mítico-religiosas sobre o mundo, e ainda a considerada “Era Aurea da Cartografia” nos séculos XVII e XVIII, que reúnem com os holandeses uma substancial produção cartográfica, incluindo Globos Terrestres, Mapas, Cartas, Atlas, espelhada também na Arte Holandesa, como já mencionado, na produção de artistas como Johannes Vermeer. Os vínculos entre Cartografia e Arte, mostram assim, que estes dois conhecimentos se interligaram e transcorreram múltiplos níveis ao longo da história.

Os ‘textos visuais’ que constituem os Mapas geográficos, correspondem também a um processo de “comunicação cartográfica” que envolve o cartógrafo, o Mapa e seus usuários. Esse valor comunicativo inerente aos Mapas se apoia e acompanha as estruturas de padronização Cartográfica que coadunam no acesso, visualização, leitura e compreensão dos conteúdos operados e apresentados nos Mapas. Há um vasto e significativo repertório gráfico-simbólico que é tratado e articulado na produção Cartográfica, convenientemente elaborado e de maneira a fornecer uma decodificação rápida, segura e eficaz das informações transmitidas através dos Mapas. Por entre esse esquema de comunicação associado a Cartografia e pensado desde a elaboração até o uso e circulação dos Mapas, também se inscrevem atuações artísticas que promovem ‘**subversões**’ e alterações na linguagem do Mapa, nas convenções Cartográficas e suas virtudes de comunicação e informação espacial. Essa noção de “subversão cartográfica”, conjuntamente crítica, é proeminente no interior dos processos e poéticas artísticas envolvendo Mapas, e conforme Seemann (2012),

---

<sup>86</sup> Ribeiro, D. M e Caquard, S., 2018, p.1 et seq.

<sup>87</sup> As outras categorias serão processualmente examinadas adiante.

No contexto da cartografia, **subversão** implica uma ideia crítica sobre o modelo normativo da disciplina que é geralmente considerada como uma ciência exata baseada em fatos objetivos, cálculos, medições e convenções (Harley, 1989). A produção de mapas se realiza de acordo com essas regras que definem procedimentos, métodos e práticas. Neste sentido, subverter a cartografia significa questionar e desafiar a visão (pre)dominante (e às vezes excludente) sobre o fazer cartografia e procurar formas alternativas de representar espaços, lugares e territórios.<sup>88</sup>

A vinculação entre Artes e Mapas leva-nos a refletir sobre os caminhos da disciplina cartográfica, suas *revisões*, transformações e aí inclui-se com a devida relevância não somente o ‘fazer-ver’, mas o ‘fazer-pensar’ Mapas. A atuação dos artistas visuais na produção de Cartografias Artísticas, se processa em gestos expressivos de intervenção nos Mapas, seus valores descritivos, como os Mapas usuais das cidades, alterando seus didatismos, incorporando vetores de desorientação nas *imprecisas* coordenadas cartográficas ou contrariando as maneiras tradicionais de fazer, ver e ler Mapas, fomentando e promovendo, inclusive, uma ‘crítica da ‘razão’ cartográfica’, afinal, uma ‘**CartoCrítica**’. Lidando com fenômenos geográficos e suas representações gráficas, os artistas *confrontam* os Mapas sem desconsiderar que eles também esboçam, referenciam e refletem contextos sociais, culturais e políticos de seu tempo e que, deveras importante, “tangível, virtual ou mental evocam, sempre, a imagem de um território”<sup>89</sup>. Esse enfrentamento entre Arte (processos-poéticas artísticas) e Mapas (Cartografias), vincula-se ao pensamento do geógrafo britânico David Pinder (1996), sobre a possibilidade de uma postura, um agir de encontro à Cartografia oficial, promovendo e praticando, segundo o autor, “a utilização dos próprios métodos, recursos e práticas empregados na cartografia para pensar como mapas existentes poderiam ser re-usados, refeitos, re-virados ou rompidos para abrir novas possibilidades sociais e políticas”. (PINDER, 1996, p.406). Trabalhos de Arte envolvendo Cartografia, Mapas e outros objetos que compõem esse *corpus*, inscrevem-se, pois, como exemplares de ‘Subversão’ e potencialmente relevantes “como maneiras alternativas e complementares de repensar representações cartográficas”.

---

<sup>88</sup> SEEMANN, 2012, p.140.

<sup>89</sup> GIRARDI, Gisele. **Mapas Desejantes: Uma Agenda para a Cartografia Geográfica**. Pro-posições, V.20 (no 3), 2009, p. 147.

Na crítica artística conduzida a racionalidade Cartográfica, as Artes Visuais através de “artistas-cartógrafos” ou daqueles que adotam e lidam com elementos de cartografia em seus processos artísticos, tem investido na problematização da noção clássica e utilitária do mapa, vinculada a cobertura e transmissão de conhecimento geográfico. De acordo com Marquez (2006), “os artistas atuais transformam a análise sintática da cartografia existente em novas possibilidades semânticas” (MARQUEZ, 2006. p.23). Manchando as fronteiras entre Arte e Geografia, diversos artistas estão promovendo uma ampla discussão acerca da validade dos mapas geográficos enquanto instrumento de localização, delimitação, produção de espaços e fronteiras simbólicas. Contudo, é cardeal ressaltar que não se trata de extinguir ou mesmo impelir, incitar a desaparecimento dos Mapas, mas que “subverter a cartografia [...] implica não apenas tentativas de subverter mapas e convenções cartográficas existentes, mas também de produzir outros mapas e formas subversivas da cartografia”<sup>90</sup>, sustentando em relevo que a Arte, nesse processo:

É um campo de subversão cartográfica aplicada por excelência porque não se baseia em convenções nem obedece a um rigor de formas e conteúdos. Os artistas não precisam seguir regras para produzir suas obras e expressar suas ideias. Fazer arte com mapas é um ato criativo mais descontraído, subjetivo e ousado de representar o mundo sem muita preocupação com os aspectos formais. É um ato de subversão, porque os artistas intencionalmente ignoram os limites que os cartógrafos estabeleceram para distinguir os seus modos de comunicação visual de outras formas gráficas.<sup>91</sup>

Pelo prisma da imaginação e prática poético-artística, os artistas efetivamente re-interrogam os procedimentos próprios a cartografia, à medida que atuam com esses dispositivos em suas qualidades e complexidades formal, semântica, pictórica, e “com licenças poéticas, lida com mapas, ora como representações a serem questionadas, ora como imagens simbólicas que trazem inúmeros significados em termos de relação com o mundo físico geográfico.”<sup>92</sup> E o regime de uma **CartoCrítica** (Cartografia Geográfica Crítica), que se faz e se move por uma prática crítica em relação as bases teóricas de construção e sustentação da

<sup>90</sup> PINDER apud SEEMANN, 2012, p.141.

<sup>91</sup> SEEMAN, 2012, p.147-148.

<sup>92</sup> BULHÕES, Amélia. **Geopoéticas, práticas artísticas que exploram territórios**. Sul21, 2011.

Disponível em <<https://www.ufrgs.br/artereflexoes/site/2011/10/08/sul21-geopoeticas-praticas-artisticas-que-exploram-territorios/>>

disciplina, bem como do ‘fazer’ cartografia correspondente a produção cartográfica, é crível similarmente através de manifestações artísticas concentradas em Mapas e elementos Cartográficos. Perceptivelmente, uma crítica a Cartografia engloba um processo impulsionado pelas seguintes noções:

Primeiro, é preciso questionar as bases dos conhecimentos e saberes cartográficos que determinam a produção e o uso de mapas e que frequentemente são dados como fatos consumados que não precisam ser analisados. Segundo, qualquer conhecimento sobre a cartografia deve ser situado no contexto da sociedade e do tempo em que foi concebido e aplicado. Por exemplo, mapas medievais só podem ser completamente compreendidos quando são inseridos no pensamento místico-religioso daquela época [...] Como terceiro princípio, as relações entre poder e conhecimento precisam ser reveladas. Isso inclui perguntas sobre a autoria e a produção dos mapas e os motivos para a inclusão ou exclusão de informações. O quarto e último aspecto diz respeito ao questionamento das concepções da disciplina e dos mapas<sup>93</sup>.

O processo de uma CartoCrítica, no-do qual a Arte, as proposições artísticas, são agentes substanciais e dinâmicas, requer micro e macro ações que envolvam releituras das bases, concepções, tradições cartográficas, o traçado e revisão de uma genealogia da Cartografia, dos Mapas, o reconhecimento do campo enquanto uma ‘CiênciArte’, embora para a cultura visual comum, predominantemente considere-se a Cartografia como um setor essencialmente científico, o pensamento e a experimentação de possibilidades, planos<sup>94</sup> alternativos de criação e expressão cartográfica, por exemplo, concebendo Mapas como processos, “algo em movimento, dinâmico, quase vivo [...] livre da sua imagem como produto estático e imutável.”<sup>95</sup> De tal maneira, a Subversão e a CartoCrítica compreendem reavaliações epistemológicas da Cartografia, do Mapeamento enquanto atividade inerente a este campo, sua finalidade, e dos Espaços como-que são representados e concebidos como imagem-discurso-conteúdo geográfico por estas esferas. Levando em conta este minucioso exame epistemológico da Cartografia como uma das “táticas” subversivas e cartocríticas para criações, “os artistas não procuram rejeitar os mapas, mas a sua autoridade

<sup>93</sup> CRAMPTON, 2009, p.16 apud SEEMANN, 2012, p.142.

<sup>94</sup> Consideramos que o conjunto ‘Pesquisa\_Processo Criativo\_Tese’ desenvolvido e aqui examinado, inscreve-se como um destes planos.

<sup>95</sup> SEEMAN, 2012, p.147.

como maneira verdadeira, exata e única de representar a realidade [...] A arte cartográfica aponta para mundos que são diferentes daqueles mapeados pela cartografia oficial.”<sup>96</sup>

Abordagens artísticas, trabalhos de Arte como críticas apontadas a Cartografia, que é constituída de artefatos culturais, levantam e problematizam o caráter, a natureza discursiva, retórica, metafórica e de subjetividade dos Mapas, Globos, Atlas, artefatos tidos como científicos, que efetivamente “não são somente produtos das ‘regras da geometria e da razão’”<sup>97</sup>, um sistema de signos infalível e inquestionável, mas por serem-existirem por um ato de construção que envolve escolhas, expressa intenções, convenções, usos pré-direcionados, demandam confrontações, desvios, contestações de sua “intocável objetividade”. Uma outra percepção proeminente dos experimentos com a Arte e que também pode se inscrever como traço crítico, subversivo, é a do Mapa como imagem múltipla e polissêmica, infringindo, portanto, o plano de elaboração e leitura da imagem Cartográfica a partir de uma lógica monossêmica. Nessa trajetória imaginativa, as ações ‘poestéticas’ efetuadas pelos Artistas e suas cArtEgrafiaS, movidos até mais pelos regimes de formação dos Mapas que por sua forma final e funcionalidade, suscitam e ativam multiplicidades dos Mapas nas quais Cartografias são percorridas e recriadas como espaços móveis, construtivos e vibrantes de experimentação e pesquisa artística. Desenhando e realçando ressignificações do(s) Mapa(s), as linhas imaginárias e incertas como paralelos, meridianos, fronteiras, coordenadas de localização e orientação traçadas pela Geografia, são andarilhadas, reviradas e exploradas pela imaginação artística e criadora que se manifesta também como força Subversiva, prática Movente e contemporânea de Cartografia Crítica, na qual os conhecimentos e saberes cartográficos que orientam a produção e o uso de Mapas, são *desnorteados* e reflexionados em amplitude inteligível, sensível, e *realocados* no ‘mundi’ como criações cArtEgráficaS. Nestas rotas, a ‘leitura’ dos Mapas, para os artistas, é uma tarefa de ‘releitura’, de re-invenção.

---

<sup>96</sup> WOOD, 2006, p.10 apud SEEMAN, 2012, p.148. (Grifo nosso).

<sup>97</sup> HARLEY, 1989, p.2, tradução nossa.

## PoÉstéTiCas cArtEgráficaS

Começamos a entender como os mapas, assim como a arte, longe de serem uma abertura transparente para o mundo, são, no entanto, uma maneira particular do homem....olhar o mundo.

(Brian Harley, 1989)

Práticas artísticas motivadas pelas premissas ressaltadas pela Subversão Cartográfica e a Cartografia Crítica, sobrealçam a potencialidade dos trabalhos de Arte para construir, manifestar, perpetrar distintos sentidos em relação a\_e sobre como vivenciamos os espaços, e também como pensamos, construímos, experimentamos relações espaciais. Nesta perspectiva, a Arte empreende e atua também como propositora de outras categorias de pensamento sobre a Cartografia, à medida que indaga, explora, subverte conceitos, normas e princípios cartográficos tradicionais, científicos. No caso dos Mapas, considerando vastamente que são eles (criações humanas, imagens, ‘um’ espaço não ‘o’ espaço, narrativas, mensagens, ideologias, discursos, construções socioculturais, forma de comunicação, meio para aprender a realidade...), os artistas projetam, escrevem, buscam realizar uma CartOgrafia processada, inspirada na-pela múltipla imaginação (inventiva, sensível, poéstética como também crítica e subversiva), logo, germinando cArtEgrafiaS. Desta maneira, o impulso cartográfico, a incorporação da Cartografia ao campo da visão, prática e criação artística, constitui, na percepção de D’Ignácio (2009), com cerne em Mapas, três diferentes atos:

Os “sabotadores de símbolos” que usam os aspectos visuais dos mapas para estabelecer conexões com lugares pessoais, fictícios ou metafóricos, os “agentes e atores” que produzem mapas e participam de atividades para desafiar as condições vigentes ou para mudar o mundo e os “mapeadores de dados invisíveis” que utilizam metáforas cartográficas para visualizar “territórios informacionais” como a bolsa de valores, a internet ou o genoma humano.<sup>98</sup>

São diversos, moventes, transversos, os caminhos artísticos adotados nos projetos com Cartografia, envolvendo alterações, rasuras, inserções e outras

---

<sup>98</sup> D’IGNÁCIO, 2009, p.190-191 apud SEEMANN, 2012, p.148-149.

intervenções em parâmetros e dados codificados dos Mapas (escala, projeção, simbologia, orientação), infrações as noções elementares e prescritivas da Cartografia, desvelamento e aproveitamento das ‘falhas’ cartográficas, reconfigurações na visualidade usual dos mapas, tal como “o artista trabalha a partir de um discurso gráfico – o mapa com todas as suas significações codificadas – para elaborar um novo discurso visual, não mais científico e voltado à objetividade, mas artístico, com ênfase na subjetividade”<sup>99</sup>. Os artistas, sabedores que a atividade cartográfica tem por medidas e estruturas o pensamento científico cartesiano, abrem, arriscam, sobrepõem outros sentidos (teóricos e práticos), imprecisos, criativos, poéticos, no rigorismo (raciocínio e técnica) desta Ciência.

No horizonte da Arte, a questão de criar, inventar (uma) Cartografia(s), modos de pensa-la e faze-la, traduzi-la, implica em examinar, interrogar a preeminência da racionalidade na concepção de imagens cartográficas, o-do Mapa como imagem precipuamente objetiva e eficiente na transmissão de informações, considerando e firmando entre estes questionamentos, uma ‘pluralidade de produções cartográficas’, perspectivas de novas cartografias concebidas em orientações diversas, possibilidades, apropriações e abordagens artísticas, pois, ‘cartografias alternativas’, movidas pela compreensão que

A abordagem alternativa para a cartografia, então, não é prescritiva, não diz que há uma maneira única de realizar a cartografia, mas que há muitas maneiras, algumas adaptadas a algumas ocasiões e algumas adaptadas a outras. Isso, por si só, é uma crítica ao impulso científico de grande parte da cartografia atual, que em suas formas extremas não reconhece a validade da cartografia não-científica. Cartografias alternativas desejam evitar o erro de prescrever qualquer abordagem única, como a abordagem científica tem feito, e argumenta que a cartografia deve ser sensível ao contexto.<sup>100</sup>

As cArtEgrafiaS (Poestéticas cArtEgráficaS), um conjunto vasto e denso de ações, projetos, pesquisas e trabalhos artísticos com Cartografia, podem formar, inscrever-se como uma ‘cartografia alternativa’, na qual se assumem e qualificam-se ideias menos polarizadas sobre Arte e Ciência, evitando mesmo

---

<sup>99</sup> BULHÕES, 2004, p.5

<sup>100</sup> CRAMPTON, 1992, p. 147 apud GIRARDI, Gisele. **Ruptura e reencontros entre cartografia e arte e seus desdobramentos na educação geográfica contemporânea**. Geografia, Literatura e Arte, v.1, n.1, 2018, p.177. (Grifo nosso).

este dualismo, compondo um regime de pensar-fazer-falar (sobre) Mapas, criticamente inclusive, e rotas onde a Cartografia se conceba como um **processo**, tal como posicionado por Krigier (1995)

Métodos visuais tais como a cartografia, ajudam no processo de entendimento e construção do conhecimento, na formação e clarificação de ideias, e nas diferentes formas em que passamos a conhecer e re-conhecer o nosso mundo. Tal processo é culturalmente, historicamente, socialmente e politicamente contingente e sempre em evolução, produzindo novas questões, ideias e desafios que continuamente nos confrontam.<sup>101</sup>

Expressamente dinâmica, processual, a Cartografia em sentido lato – mapas, cartas, guias, portulanos, atlas, globos terrestres –, move-se potencial e vigorosamente com em diversas formas de Artes Visuais na contemporaneidade, acompanhando e contribuindo ao pensamento crítico em Cartografia que se perfaz desde a década de 80, destacando Girardi (2018) que:

Vive-se na atualidade um vigoroso movimento de aproximação e fertilização cruzada entre arte e cartografia e começam a se ampliar não só as produções híbridas [...], mas também escritos de pesquisadores da cartografia crítica e da geografia cultural que chamam a atenção para os trabalhos nestes campos e sua contribuição para repensar a normatividade da cartografia bem como as possibilidades outras de pensamento e ação no mundo e na ciência, em especial na geografia.<sup>102</sup>

Os devidos modelos prescritivos da Cartografia são agentes que impulsionam e potencializam conexões com a Arte, dado que os artistas com suas proposições não rejeitam ou desprezam o robusto repertório (ideias, técnicas, produtos) que compreende a História, Cultura, desenvolvimento e realização da Cartografia, mas ‘mensuram’, desviando uma tendência lógica de normatização, rjeza, e perscrutam, *mobilizam* convenções, aplicabilidades, implicações, dimensões técnico-científicas da disciplina cartográfica. Nesta perspectiva, é possível reconhecer e declarar que atitudes, gestualidades artísticas ante a Cartografia, são indisciplinadas, reconhecendo, inclusive, como substancial e fecunda a situação fronteira, o ‘entre’ Arte ‘e’ Ciência da área (cartográfica).

As atenções, os interesses das Artes Visuais pela temática Cartográfica, os Mapas como fato material, metafórico, entre outros sentidos, têm se alargado e

---

<sup>101</sup> Ibidem, p.9.

<sup>102</sup> GIRARDI, 2008, p.180.



movimento artístico Surrealista, publica um ‘fantástico mapa do mundo’ desenhado e nominado pelos surrealistas franceses de ‘*Le monde au temps des surréalistes - O mapa do mundo na época dos surrealistas*’, sobre o qual Estrella de Diego discorre:

[...] Lo demuestra el dibujo trazido por los surrealistas en 1929 y en el que cada parte del globo, capturada y mejorada por los sucesivos navegantes, cartógrafos, geógrafos, en su obstinados intentos de <<escribir>> la tierra, aparecía en este <<Mapa del mundo>> trastocada y removida; borrada como em el caso de España y Portugal; encogida en el de China; alargada com ênfasis em el de México. Uma caprichosa línea del Ecuador, ondulante y algo distorsionada, dividía el <<nuevo orden mundial >> em una de cuyas orillas, el limite mismo del continente europeo mutilado y reescrito, aparecía París, la única ciudad del mapa junto com Constatinopla [...] <sup>104</sup>

Este ‘mapa do mundo’ intencionalmente *redesenhado* com distorções geográficas, põe em centralidade o oceano pacífico, e apresenta ondulada, irregular e serpenteante, a padronizada linha reta e imaginária responsável pela divisão do globo terrestre em dois hemisférios (Norte e Sul), a reconhecida linha (Latitude-Paralelo) do Equador. De autoria atribuída ao francês Paul Éluard (1895-1952), um dos fundadores do Surrealismo, trata-se ainda “de un mapa impreciso, ileno de errores: un mal mapa en el que nada estaba donde se supone que debía estar, ní tenía el tamaño que debía ter”.<sup>105</sup> Sobre as Américas, inclusive, nota-se que no ‘subvertido’ mapa dos surrealistas, a do Norte é desenhada maior que a do Sul, e os Estados Unidos e Brasil estão ausentes do mapa.

Num deslocamento temporal e artístico para o século XXI, um trabalho de Estefania Peñafiel Loaiza<sup>106</sup>, intitulado ‘de la rigueur de la science’ (mesmo nome do conto de Borges já abordado no CO1.3 desta Tese), retoma o ‘Mapa do mundo na época dos Surrealistas’. Noutro gesto inventivo sobre um objeto cartográfico, a artista que trabalha com diferentes meios, linguagens, e tem interesses temáticos por história, memória, deslocamentos, relações entre imagens e linguagem, secciona ‘precisamente’ em duas partes um Atlas

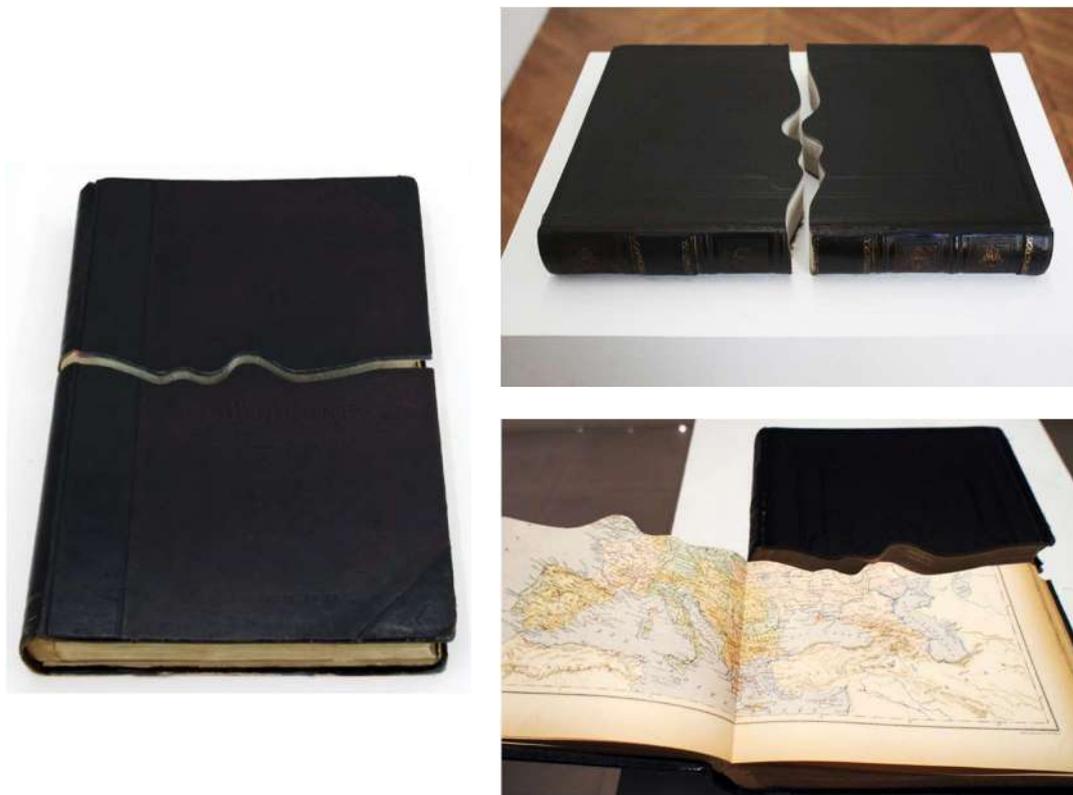
<sup>104</sup> OTERO, Estrella Diego. **Contra el mapa: Disturbios en la geografía colonial de occidente**. Spain: Siruela, 2008. p. 12.

<sup>105</sup> Ibidem., p.13.

<sup>106</sup> Nasceu em Quito-Ecuador, atualmente vive e trabalha em Paris-França. Site oficial da artista: <http://fragmentsliminaires.net/>

geográfico do século XX, formando com o corte a sinuosa linha do Equador desenhada e proposta pelos Surrealistas.

**Figura 54** – de la rigueur de la Science - 2011



Fonte: Site oficial da artista (<http://fragmentsliminaires.net/>)

Mapas e outras imagens cartográficas irrompem nas Artes Visuais do século XX, dado as aparições e expressões dos movimentos artísticos de vanguarda, e a Cartografia, seus elementos, orientações, figuram de forma poética, com intuítos políticos, inclusive aflorando e refletindo as dimensões políticas dos Mapas em criações por meio de diversas técnicas como a pintura, escultura, gravura, fotografia, colagem, desenho, performance e instalação.

Influenciados pelo movimento Dadá e também pelo Surrealismo, o Situacionismo e a Internacional Situacionista – IS<sup>107</sup>, um revolucionário grupo moderno de contornos políticos e artísticos, com atuação iniciada em meados do século XX, também contribuiu para o saber\_fazer Cartográfico ‘derivar’ em outras direções, incluindo artísticas, críticas e processuais. Intendido pelo francês Guy Debord (1931-1994) junto a outros participantes como os artistas Asger Jorn (1914-

<sup>107</sup> Fundada em 1957 e dissolvida em 1972.

1973), Pinot Gallizio (1902-1964), a romancista e crítica francesa Michèle Bernstein (1932\_), os Situacionistas, definido como uma ‘vanguarda artística e política’, procuravam abordar a vida cotidiana em geral, o elo arte e vida, e especialmente a arquitetura e o urbanismo, com foco crítico ao funcionalismo moderno, utilizando a **Psicogeografia**, **Deriva** e criação-construção de **Situações**, formulações investigadas e experimentadas como base para uma proposta de cidade situacionista, e assim explanadas:

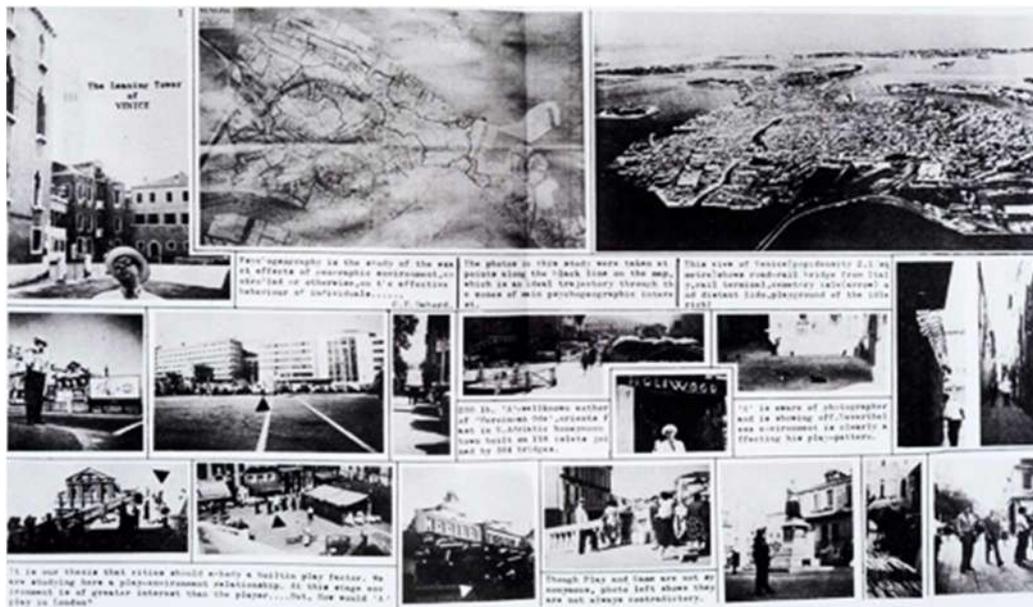
[...] os situacionistas criaram um procedimento ou método, a psicogeografia, e uma prática ou técnica, à deriva, que estavam diretamente relacionados. A psicogeografia foi definida como um “estudo dos efeitos exatos do meio geográfico, conscientemente planejado ou não, que age diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos”. E a deriva era vista como um “modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica da passagem rápida por ambiências variadas. Diz-se também, mais particularmente, para designar a duração de um exercício contínuo dessa experiência. Ficava claro que a deriva era o exercício prático da psicogeografia e, além de ser também uma nova forma de apreensão do espaço urbano, ela seguia uma tradição artística desse tipo de experiência. A deriva situacionista não pretendia ser vista como uma atividade propriamente artística, mas sim como uma técnica urbana situacionista para tentar desenvolver na prática a ideia de construção de situações através da psicogeografia. A deriva seria uma apropriação do espaço urbano pelo pedestre através da ação do andar sem rumo. A psicogeografia estudava o ambiente urbano, sobretudo os espaços públicos, através das derivas, e tentava mapear os diversos comportamentos afetivos diante dessa ação, basicamente do caminhar na cidade. Aquele “que pesquisa e transmite as realidades psicogeográficas” era considerado um psicogeógrafo. E psicogeográfico seria “o que manifesta a ação direta do meio geográfico sobre a afetividade.”<sup>108</sup>

A psicogeografia comporia uma geografia subjetiva, afetiva, que planejava ‘cartografar’, mapear as múltiplas ambiências psíquicas motivadas fundamentalmente pelas deambulações urbanas, reciprocamente as derivas situacionistas pelas ruas da cidade. Parte destas derivas constituíram fotografias, filmes, fotocolagens compostas como Mapas, a do artista inglês Ralph Rumney (1934-2002) intitulado ‘Map of Venice’, sobre suas derivas em Veneza, é um exemplar, e Cartografias pessoais, sensíveis, como o ‘The Naked City: illustration de l’hypothèse des plaques tournantes en psychogéographie’,

<sup>108</sup> BERENSTEIN, Paola Jacques. **Breve histórico da Internacional Situacionista – IS**. Vitruvius, Arqtextos, 035.05 - ano 03, abr. 2003. Disponível em: < <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/03.035/696> >, (Grifo nosso).

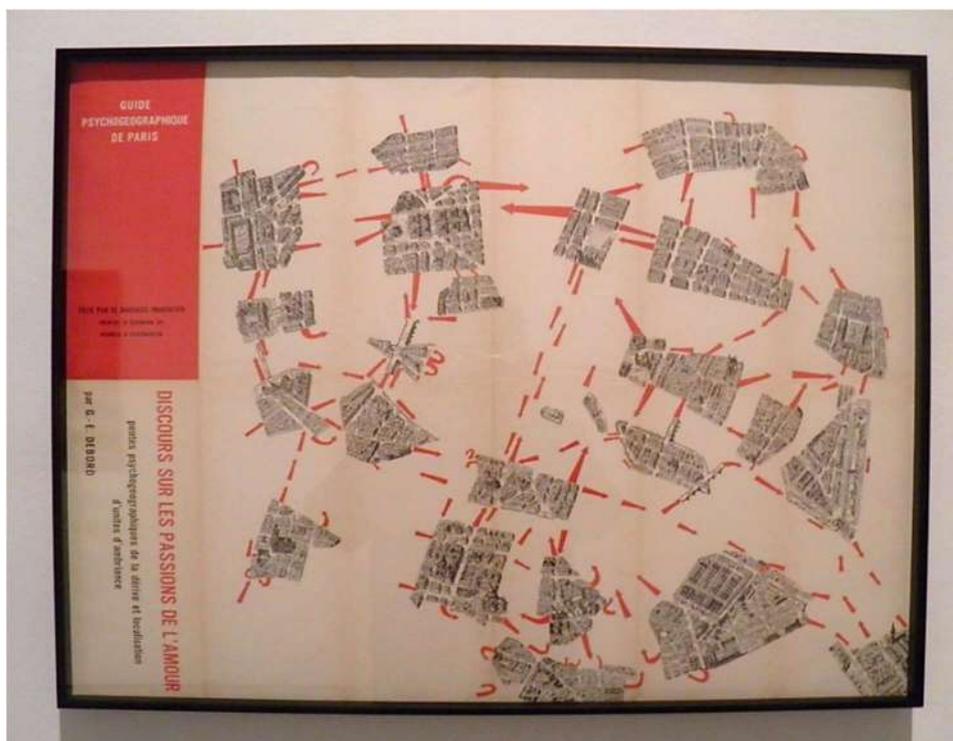
criação de Guy Debord e Asger Jorn, lembrado praticamente como um símbolo situacionista.

**Figura 55** – Map of Venice – 1957



Fonte: <https://www.journalventilo.fr/ralph-rumney-la-carte-nest-pas-le-territoire-au-cipm/>

**Figura 56** – The Naked City: illustration de l'hypothèse des plaques tournantes en psychogéographie – 1957

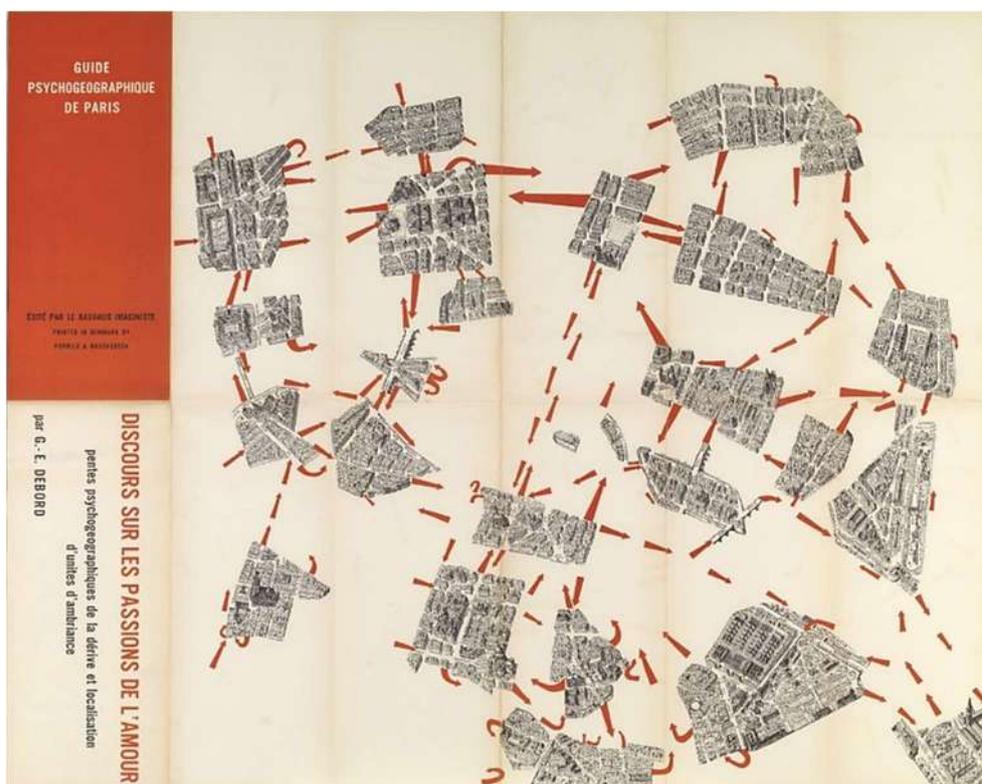


Fotografia: Vladimir Oliveira (2013). Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia

Formado por variados recortes, 19 fragmentos do mapa de Paris em preto e branco, que são diferentes unidades de ambiência, e setas vermelhas que indicam ligações possíveis entre essas unidades, *The Naked City* “traduz” visualmente um estudo Psicogeográfico, resultante de Derivas praticadas por Debord e outros integrantes situacionistas. Não há uma ordem geograficamente correta na distribuição e colagem das peças de ambiência, mas sim uma composição ‘cartoafetiva’ desses espaços, encaminhados pela experiência da Deriva.

As setas representam essas possibilidades de deriva e como estava indicado no verso do mapa: “the spontaneous turns of direction taken by a subject moving through these surroundings in disregard of the useful connections that ordinary govern his conduct”. O título do mapa, *The Naked City*, também escrito em letras vermelhas, foi tirado de um film noir americano homônimo. O seu subtítulo, *illustration de l'hypothèse des plaques tournantes*, fazia alusão às placas giratórias (plaques tournantes) e manivelas ferroviárias responsáveis pela mudança de direção dos trens, que sem dúvida representavam as diferentes opções de caminhos a serem tomados nas derivas.<sup>109</sup>

**Figura 57** – *The Naked City*: illustration de l'hypothèse des plaques tournantes en psychogéographie – 19

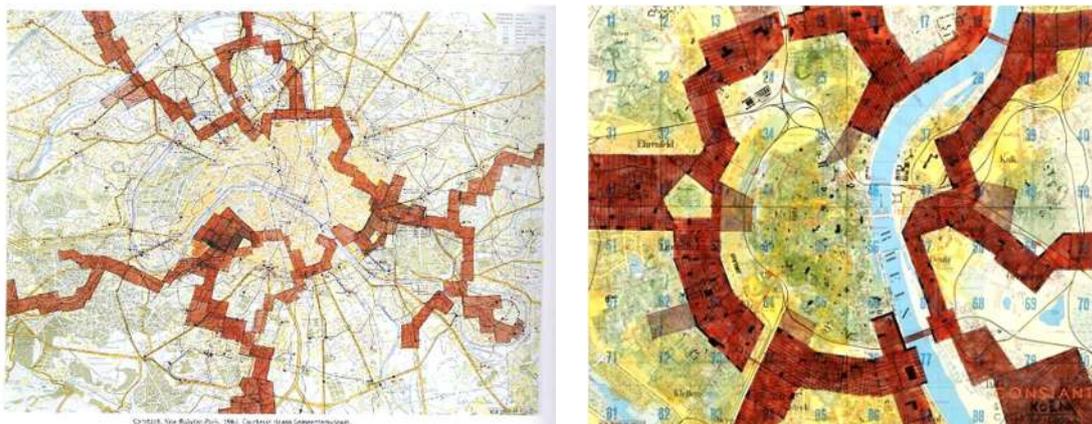


Fonte: <https://www.macba.cat/>

<sup>109</sup> Ibidem.

O mapeamento inabitual representado em *The Naked City*<sup>110</sup>, aponta como diferentes bairros e blocos em Paris são sentidos pelos situacionistas, mediante as suas caminhadas aleatórias pela cidade. Conjuntamente, trata-se de uma dupla crítica e ‘subversão’: do uso funcionalista dominante da cidade e da forma de estruturação clássica, oficial e funcional da Cartografia<sup>111</sup>.

**Figura 58 e 59** – New Babylon-Paris – 1963 | New Babylon-Köln – 1963



Fonte: <https://pensamentoarte.wordpress.com/2010/11/15/situacionismo/>  
<https://stichtingconstant.nl/work/new-babylon-koln>

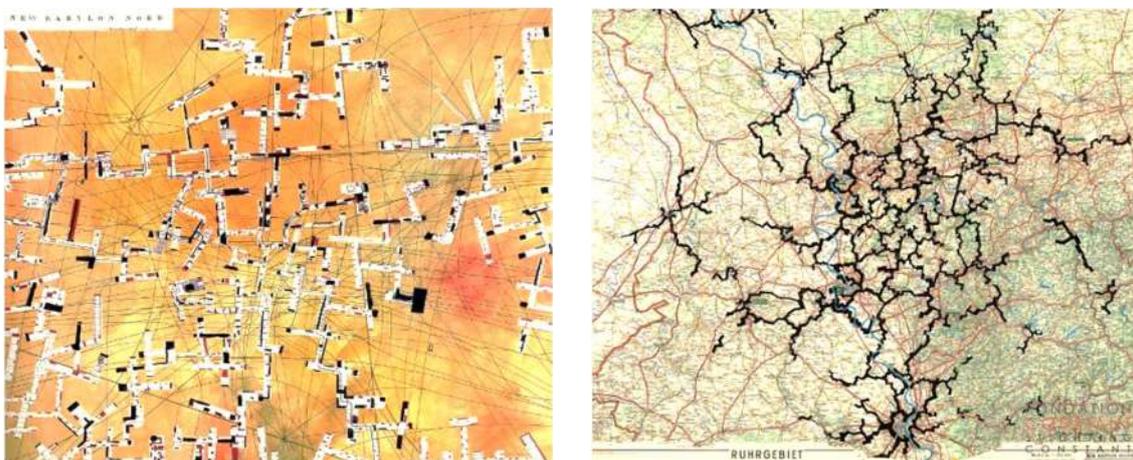
Na direção dos ‘Mapas Situacionistas’, há os exemplares que constituem a ‘New Babylon-Nova Babilônia’ (1956-1974), proposta de uma cidade utópica projetada por **Constant Nieuwenhuis** (1929-2005), pintor, escultor, artista gráfico, autor e músico holandês, também membro por um período da Internacional Situacionista (IS). Considerando sua aspiração urbano-experimental, inspirada e motivada pela Psicogeografia e Deriva, Constant idealizou uma ‘cidade situacionista’, declarando o fim da cidade moderna com uma rigorosa crítica a racionalidade e automatização advindas das concepções modernas de vida, trabalho, habitação, arquitetura e urbanismo. Descritos e desenhados, resultantes de consequente

<sup>110</sup> Concordamos com Miyada (2013), ao considerar que “Naked City, por sua distribuição conexões arbitrárias, submete o princípio cartesiano da cartografia moderna às impressões subjetivas e transitórias que são recombinadas durante a deriva situacionista, sintetizando uma experiência fundada no princípio da não-objetividade. MIYADA, Paulo. **Supersuperfícies: New Babylon (Constant Nieuwenhuis e Internacional Situacionista 1958-74) e Gli Atti Fondamentali (Superstudio, 1972-73). O pensamento utópico como parte da cultura arquitetônica no pós-guerra europeu.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). FAUSP, São Paulo, 2013. p.139.

<sup>111</sup> Conforme Debord, “A confecção de mapas psicogeográficos e até simulações, como a equação – mal fundada ou completamente arbitrária – estabelecida entre duas representações topográficas, podem ajudar a esclarecer certos deslocamentos de aspecto não gratuito, mas totalmente insubmisso às solicitações habituais”. SIQUEIRA, Vinicius. **Internacional Situacionista: uma pequena grandiosa história.** Colunas Tortas, 2014. Disponível em <<https://colunastortas.com.br/internacional-situacionista-uma-pequena-grandiosa-historia/>>

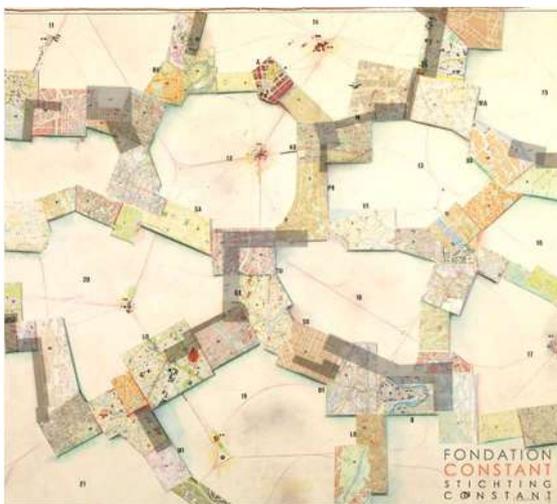
investigação artística e pesquisa de Constant por quase vinte anos, os princípios e planos da ‘Cidade-Projeto’ formam um vasto empreendimento gráfico e pictórico, composto por colagens, desenhos, Mapas, maquetes, fotografias, fotomontagens, plantas, gráficos e textos<sup>112</sup>.

**Figura 60 e 61** – New Babylon Nord – 1958 | New Babylon-Ruhrgebiet – 1963



Fonte: <https://pensamientoarte.wordpress.com/2010/11/15/situacionismo/>  
<https://stichtingconstant.nl/work/new-babylon-koln>

**Figura 62** – Symbolic Map New Babylon – 1969



Fonte: <https://stichtingconstant.nl/work/symbolische-kaart-new-babylon>

Dos Mapas Situacionistas focados numa Cartografia de ‘experiência(s)’, como o exemplar ‘psicogeográfico’ observado, uma gama variada de imagens

<sup>112</sup> No período de 21/10/2015 a 29/02/2016, o ‘Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia’ apresentou a exposição ‘**Constant-New Babylon**’, reunindo cerca de 150 obras e outros materiais sobre o projeto Nova Babilônia. Catalogo disponível em: <<https://issuu.com/museoreinasofia/docs/constant.ingls>>

cartográficas, Mapas artísticos, imaginosos, aparecerão como criações e múltiplas inscrições no trajeto histórico-cultural e artístico do século XX. Contudo, antes de prosseguirmos, retomemos de um tempo longínquo outro expressivo Mapa de reflexo experimental e emotivo, datado do século XVII. O ‘Carte du pays de Tendre’ (La Carte de Tendre – The map of the land of tenderness - Map of Tendre), é um Mapa francês de uma terra imaginária nomeada de ‘Tendre’, que aparece como uma gravura<sup>113</sup> projetada pela escritora-novelistas francesa Madeleine de Scudéry (1607-1701), em sua narrativa romântica “*Clélie, História Romana*” (1654-1660).

**Figura 63** – Carte du pays de Tendre – 1654



Fonte: <https://digital.library.cornell.edu/catalog/ss:3293716>

Concebido como uma ‘Psicogeografia’, a ‘Carte de Tendre’ enfatiza o “Mapa” como um processo de criação sensível no desenho de uma planta cartográfica pessoal e artística que:

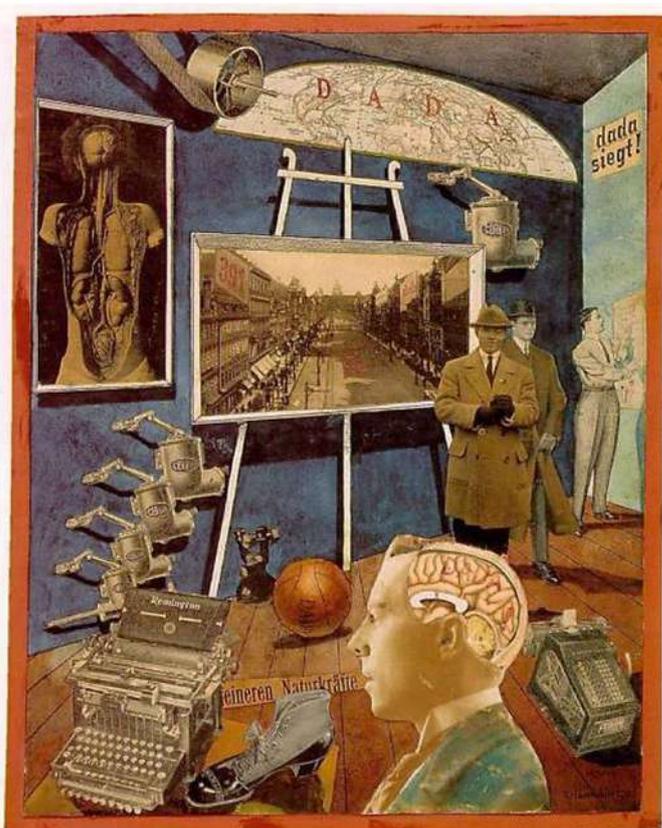
Configura-se como “território da sensibilidade”, ou seja, uma variedade de terrenos de emoções dispostas como uma região, com seus mares,

<sup>113</sup> A gravação do Mapa é atribuída a François Chauveau (1613-1676), gravador, desenhista e pintor francês, responsável por ilustrações de obras de Mademoiselle de Scudéry.

rios, lagos[...]. Neste desenho, germina uma amorosa jornada, o mundo externo convertido numa paisagem interior. Emoções materializadas como um movimento topográfico.<sup>114</sup>

O 'Mapa do País da Ternura' constitui-se como uma cartografia afetiva e inventiva, um mapeamento poético-emocional e interior, traduzindo em 'topografia' as diferentes peripécias do amor. Trata-se da impressão gráfica de uma Cartografia singular, fabulosa, "os meandros da aventura amorosa em um mapa por terras perigosas, atravessadas pelo Rio da Inclinação, a Terra do Desconhecido, a Terra da Ternura [...]"<sup>115</sup>, o traçado de uma 'geografia' emocional, sentimental.

**Figura 64** - Dada Siegt/Dada Conquers – 1920



Fonte: <https://jacket2.org/commentary/avant-garde-i-dada-conquers>

Transcorrendo a Arte a partir de 1900 (séc.XX), cruzamos por composições artísticas envolvendo pinturas, desenhos, fotografias, colagens, fotomontagens,

<sup>114</sup> BRUM, Rosemary Fritsch. **Uma cartografia sensível: Giuliana Bruno**. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/document/245833904/ATLAS-of-EMOTION-Uma-Cartografia-Sensivel> >. p.2.

<sup>115</sup> MIYADA, 2013, p.139.

objetos, instalações, amalgamadas em relevo e sutileza a matéria(s) da Cartografia, Mapas, processos de Mapeamentos, Geografia(s). Retomando o movimento de vanguarda Dadaísta (1916), encontramos um trabalho de Raoul Hausmann<sup>116</sup> (1886-1971), uma de suas notórias colagens, intitulada ‘Dada Siegt-Dada Conquers’ (1920), na qual se encontra visível na área superior da composição, um Mapa do hemisfério norte com a inscrição DADA. Além desta, outras colagens de Hausmann, como ‘ABCD’ (1923–24) e ‘Tatlin at home’ (1920), também contém Mapas em suas criações.

**Figura 65** - The Melancholy of Departure – 1916



Fonte: <https://www.tate.org.uk/art/artworks/de-chirico-the-melancholy-of-departure-t02309>

Em ‘The Melancholy of Departure’ (1916), pintura de Giorgio de Chirico<sup>117</sup> (1888-1978), vê-se um Mapa em formato triangular, posicionado na área central-inferior da tela, próximo a um grupamento de objetos e instrumentos auxiliares

<sup>116</sup> Artista plástico, poeta e romancista austríaco, exerceu um importante papel como dadaísta, participando dos grupos de Zurique e posteriormente de Berlim. Também teve destaque por seu processo de criação artística com fotomontagem.

<sup>117</sup> Pintor Greco-Italiano, expoente da chamada ‘Arte-Pintura Metafísica’ (1911-1920), estilo que teve forte influência sobre os Surrealistas.

na produção de pinturas. Composto por duas massas de terras e água, possivelmente um canal, o Mapa não inclui referências de localização, não identifica o espaço que representa, no entanto traz contornos e marcações de diferentes rotas.

Dois trabalhos de Max Ernst<sup>118</sup> (1891-1976) refletem imagens cartográficas. O primeiro, uma colagem e pintura intitulada 'Europe after the Rain I' (1933), criada no ano em que Hitler assumiu o poder político alemão, retrata um imaginário Mapa de relevo, estéril, que corresponderia a uma visão remodelada da Europa destruída pela guerra, ainda uma forma alegórica do fim do mundo.

**Figura 66** – Europe after the Rain – 1933



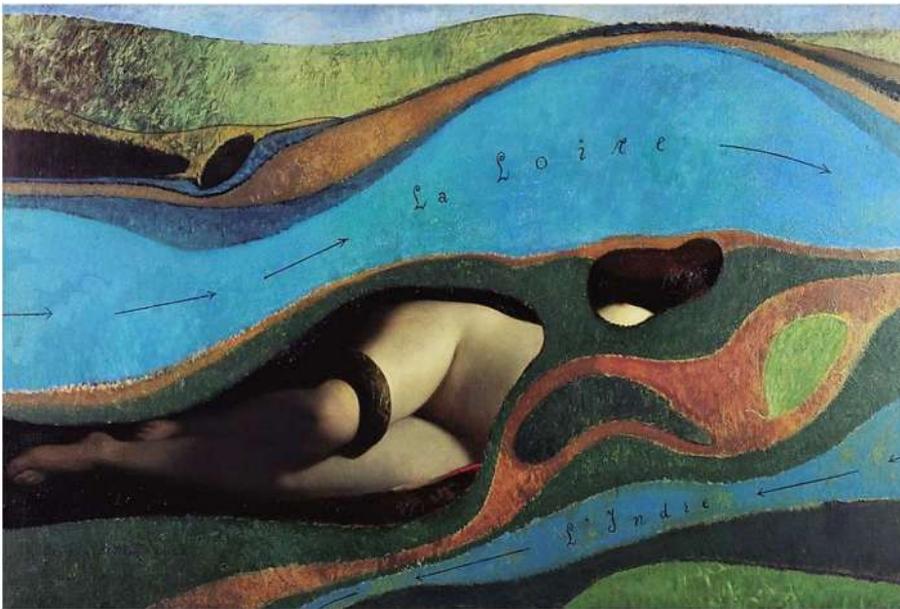
Fonte: <https://www.wikiart.org/en/max-ernst/europe-after-the-rain-i-1933>

O segundo trabalho com referência de Mapa, é a pintura 'Le Jardin de La France' (1962), na qual se fundem figurações humana e cartográfica. Vivendo em Touraine, uma antiga província da França, Ernest cria um quadro na qual se avista um corpo feminino nu, inscrito numa paisagem\_Mapa, um perfil hidrográfico com a confluência dos Rios Indre e Loire, seu afluente, ambos situados em Touraine. Quanto a direção da corrente, indicada por meio de setas na pintura, tem-se que o Rio Loire flui no sentido oposto ao real, assim contrariando a "assertiva" cartográfica.

---

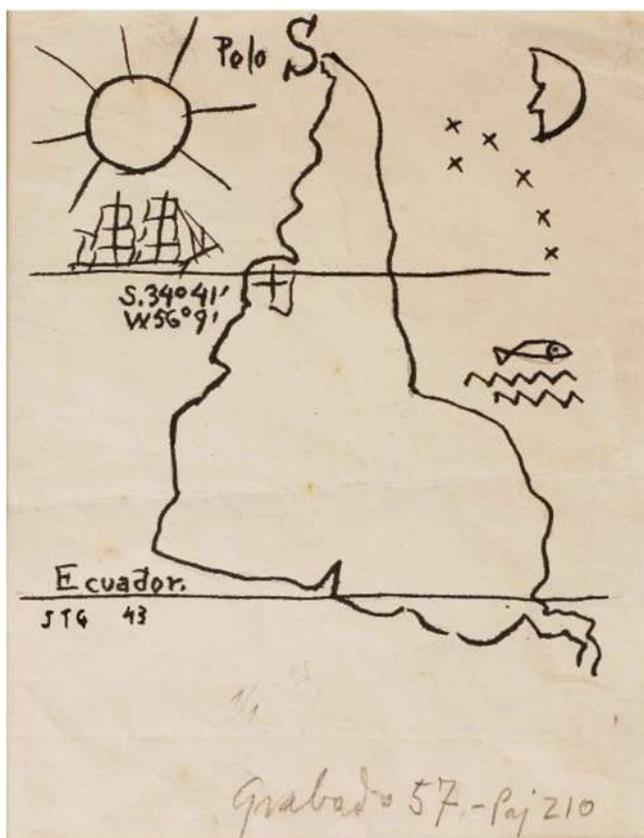
<sup>118</sup> Pintor, escultor e poeta alemão, pertencente ao movimento artístico Surrealismo.

**Figura 67** – Le Jardin de la France – 1962



Fonte: <https://curiator.com/art/max-ernst/le-jardin-de-la-france>

**Figura 68** – América Invertida – 1943



Fonte: <https://hyperallergic.com/266817/joaquin-torres-garcia-a-global-modernist-before-his-time/>

O icônico ‘América Invertida’ (1943), conhecido também como ‘O Mapa Invertido da América do Sul’, trabalho de Joaquín Torres García<sup>119</sup> (1874-1949), promoveu, com um desenho a caneta, uma mudança cartográfica imaginária, situando a “América do ‘Sul ao Norte’”. O gesto do artista, crítico-subversivo, propondo um ‘mapa de cabeça para baixo’, implica numa infração a representação cartográfica oficial, a razão científica, que instituiu a convenção do Norte estar sempre na parte superior de todos os Mapas. Refletido como uma metáfora, “mais do que girar o mapa sobre o seu eixo, o artista propôs, que também na arte, o hemisfério sul se invertesse.”<sup>120</sup>

Desse trabalho também deriva uma clara e direta manifestação político-artística, dado que, ao inscrever um Mapa em que o Sul está no “topo”, visualiza-se, mesmo que simbolicamente, outra América, contrariando ainda o clássico legado dos cartógrafos, o padrão normativo cartográfico planetário, e por sua vez, o poderoso e regulatório sistema geopolítico.

**Figura 69** – Map – 1961



Fonte: <https://www.moma.org/collection/works/79372?locale=fr>

Colorido(s) e pincelado(s), definido(s) por pingos, manchas e marcações com tinta, é-são o(s) ‘quadro(s) cartográfico(s)’ de Jasper Johns<sup>121</sup> (1930\_),

<sup>119</sup> Pintor, desenhista, escritor, escultor e professor uruguaio, fundador do movimento artístico que ficou conhecido como “Universalismo Construtivo”.

<sup>120</sup> MARMELO, Maria Miguel Silva. “América Invertida” (1943) de Joaquín Torres García. Uma análise e reflexão. FLUP: Porto, 2014. p.4. Disponível em: <[http://mariamarmelo.weebly.com/uploads/2/5/9/8/25988485/america\\_invertida.pdf](http://mariamarmelo.weebly.com/uploads/2/5/9/8/25988485/america_invertida.pdf)>

<sup>121</sup> Pintor norte-americano, pioneiro e integrante do movimento artístico Pop Art. Site oficial do artista: <http://www.jasper-johns.org/index.jsp>

propriamente intitulado(s) como “Map” (1961) e “Map” (1963). Nestes trabalhos, o artista define em tela e de forma inteiramente pictórica, o Mapa dos Estados Unidos da América. Interessado em trabalhar com imagens reconhecíveis, diretas e familiares, bem conhecida dos espectadores, também uma das premissas da ‘Pop Art’, Jasper ao pintar-reinventar o Mapa de um país, reaviva o componente artístico da Cartografia, usufrui, experimenta, subverte a estética cartográfica tradicional, ao mesmo tempo que cria uma peça imaginativa e metafórica sobre a condição abstrata do próprio mapeamento.

**Figura 70** – Map – 1963



Fonte: [https://www.moma.org/interactives/exhibitions/1996/johns/pages/johns\\_map.html](https://www.moma.org/interactives/exhibitions/1996/johns/pages/johns_map.html)

Desconsiderando regras, uma possível legenda de cores para os diferentes estados representado no Mapa, o artista dá tratamento incomum e imaginário a uma forma comum e de conteúdo habitual, solicitando uma visão mais focada e desperta ao que é visto e utilizado muitas vezes, um Mapa, mas sobre o qual geralmente não se realiza uma “inspeção” mais atenta, sensível, crítica. Refletindo estes quadros, fica patente também que Pinturas e Mapas estão correlacionados a criação-formação de imagens.

A partir dos anos 60, é exponencial os interesses e pesquisas com Cartografia no campo das Artes Visuais, e a proposição de *subversão* artística, atrelada aos padrões e os modos de produção, configuração e funcionamento da Cartografia,

se fazem, se movem implícita e explicitamente nas proposições artísticas envolvendo Mapas e matérias Cartográficas. “*Map no to indicate - Mapa não para indicar*”, um trabalho dos artistas britânicos Terry Atkinson (1939\_) e Michael Baldwin (1945\_), integrantes do grupo Art & Language<sup>122</sup>, mostra uma área retangular contendo Mapas de Iowa e Kentucky (desenhados e nomeados), estados norte-americanos, junto com um ‘título-lista’ de todos os outros estados, províncias e áreas marítimas circunjacentes, que na composição tiveram seus mapas removidos pelos artistas.

**Figura 71** – Map to Not Indicate, 1967

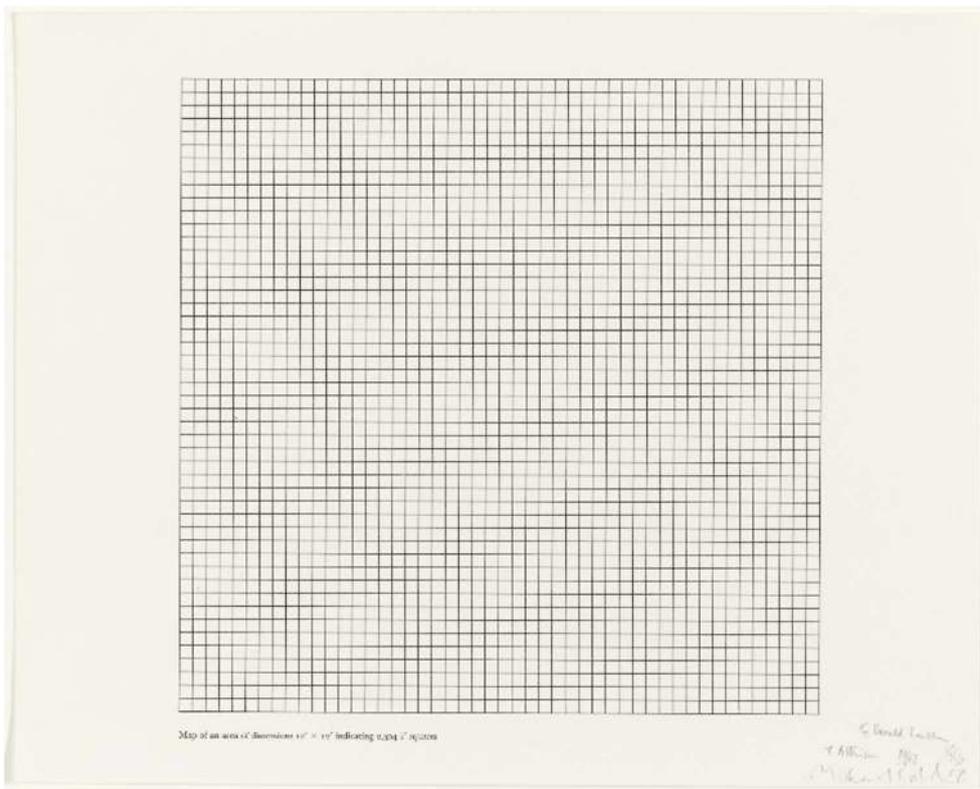


Fonte: <http://www.tate.org.uk/art/artworks/art-language-map-to-not-indicate-p01357>

No trabalho, a relação entre imagem (desenho) e texto (legenda), elementos, convenções que constituem os Mapas Cartográficos (textos visuais) e auxiliam na sua leitura, compreensão e utilidade, é objeto de discussão e subversão. Outras obras do grupo prosseguem com uma investigação ‘poética’, crítica, de desconstrução do sistema cartográfico convencional.

<sup>122</sup> Pioneiro grupo inglês de Arte Conceitual, fundado em 1968.

**Figura 72**– Map of an Area of Dimensions 12" x 12" Indicating 2,304 1/4" Squares 1967

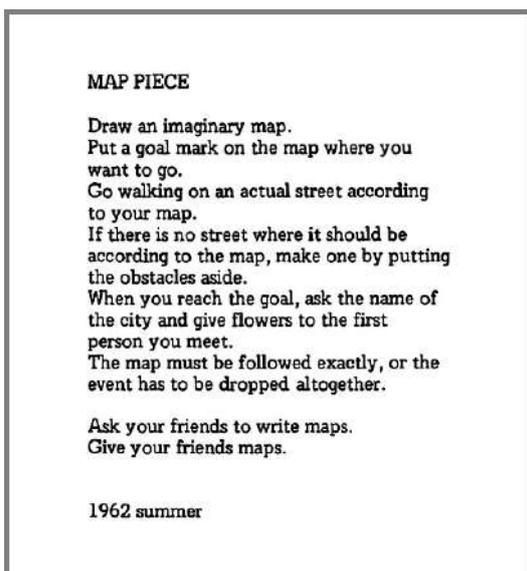
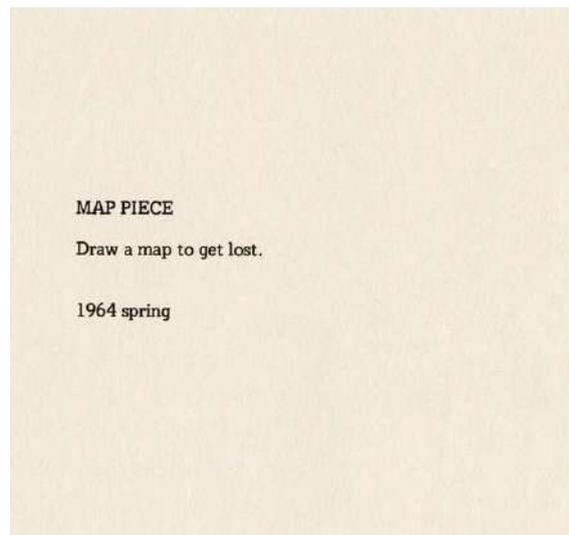


Fonte: <https://www.moma.org/collection/works/75331>

Em ‘Map Piece’ (1962 Summer), a artista Yoko Ono<sup>123</sup> (1933) incentivando liberdade e inventividade existencial, criativa, cartográfica, inicia uma de suas “instruções”, publicada em seu livro intitulado ‘Grapefruit’<sup>124</sup> (1964), com a frase “Draw an imaginary map” (Desenhe um Mapa Imaginário). Noutro tempo e estação, Yoko se põe mais livre, experimental, ‘subversiva’, e em ‘Map Piece’ (1964 Spring) instrui, recomenda: “Draw a map to get lost” (Desenhe um Mapa para se Perder). Nos dois quadros, a artista como que vislumbra, projeta ‘situações’, estimulando e sugerindo exercícios de imaginação cartográfica, na qual Mapas são pensados como invenções abertas, moventes, onde o que menos importa são as suas funções e utilidades atribuídas convencionalmente. Em ambas instruções, desenhar Mapas é um ato-gesto poético, sensível, artístico.

<sup>123</sup> Artista plástica vanguardista, cantora e compositora japonesa.

<sup>124</sup> Disponível para download em: <[https://monoskop.org/images/9/95/Ono\\_Yoko\\_Grapefruit\\_O\\_Livro\\_de\\_Instrucoes\\_e\\_Desenhos\\_de\\_Yoko\\_Ono.pdf](https://monoskop.org/images/9/95/Ono_Yoko_Grapefruit_O_Livro_de_Instrucoes_e_Desenhos_de_Yoko_Ono.pdf)>

**Figura 73 – Map Piece – 1962****Figura 74 – Map Piece – 1964**

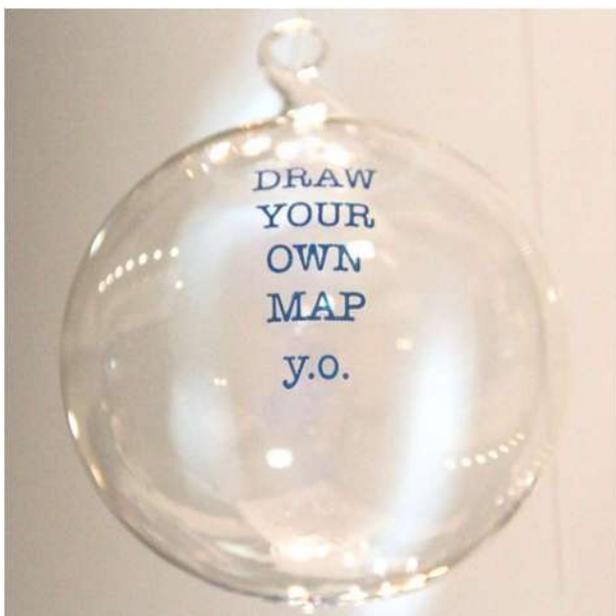
Fontes: <http://www.roamgetlost.com/map-to-get-lost.html>  
<https://www.improvisedlife.com/2013/09/09/grapefruit-yoko-onos-book-of-instructions/>

O tema da Cartografia subversiva, alternativa, se processa na trajetória criativa da artista em diversos períodos e escalas, com implicações políticas, humanistas, poéticas, como vê-se expresso nos trabalhos ‘Colours of the Globe’ (2009), ‘Draw your own Map’ (2011) e ‘Imagine Peace Maps’ (2003\_).

**Figura 75 – Colours of the Globe– 2009**

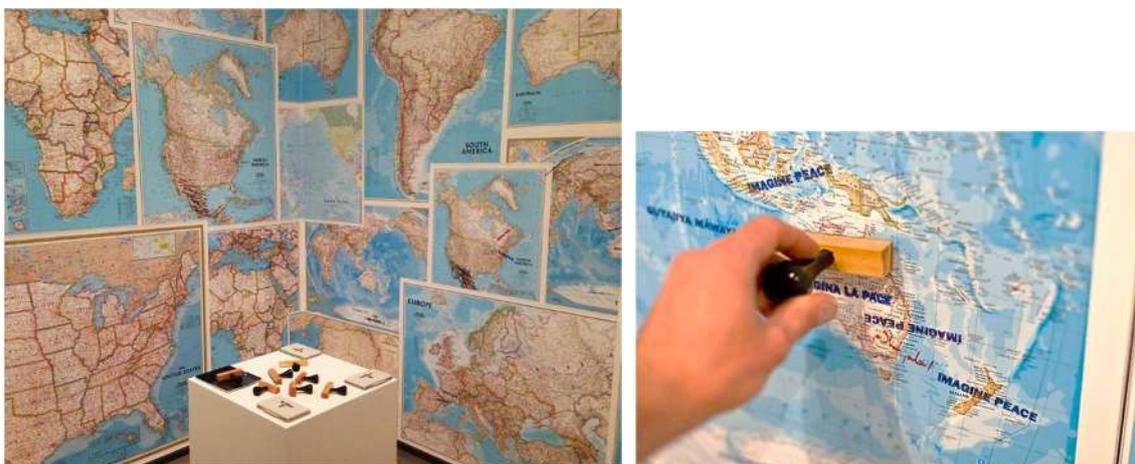
Fonte: <https://paddle8.com/work/yoko-ono/11126-Colours-of-the-Globe/>

**Figura 76** – Draw your own Map – 2011



Fonte: <https://alabnyc.files.wordpress.com/2013/02/dyom.jpg>

**Figura 77** – Imagine Peace Map – 2003...



Fontes: <http://www.10magazine.com.au/blog/yoko-ono-war-is-over-if-you-want-it-at-the-mca/>  
<https://www.mca.com.au/stories-and-ideas/blog/yoko-ono-rachel-kent/>

Movendo-se em trajetos pelas Artes Visuais Contemporâneas, em escalas nacional e internacional, sublinham-se diversos artistas visuais que de forma múltipla, desenvolveram e desenvolvem projetos e pesquisas artísticas operando e em convívio com Cartografias Geográficas. Conjuntamente há artistas que concentram sua produção artística essencialmente na invenção e feitura de Mapas, bem como em processos criativos com outros derivados

cartográficos. Neste dinâmico Mapa de criação, é primordial indicar a produção 'cArtEgráfica' dos criadores visuais catalogados<sup>125</sup> a seguir:

## AMÉRICA DO SUL

### **Brasil**

- | Anna Bella Geiger (RJ/1933)
- | Alex Flemming (SP/1954)
- | Nelson Leirner (SP/1932)
- | Mayana Redin (SP/1984)
- | Marcius Galan (EUA-SP/1972)
- | Marina Camargo (AL/1980)
- | Daniel Scobar (RS/1982)
- | Fábio Morais (SP/1975)
- | Fábio Carvalho (RJ/1965)
- | Detanico e Lain (RS/1974-1973)
- | Ilma Guiderolli (SP/1981)
- | Lucas Simões (SP/1980)
- | Rivane Neuenschwander (BH/1967)
- | Guga Szabzon (SP/1987)
- | Suzana Queiroga (RJ/1961)
- | Rosana Ricalde (RJ/1971)
- | Vladimir Oliveira (BA/1981)
- | Talles Lopes (GO)
- | Clara Ianni (SP/1987)
- | Felipe Cama (POA/1970)
- | Jaime Lauriano (SP/1985)
- | Maya Weishof (CTBA/1993)
- | Lais Myrrha (BH/1974)
- | Arjan Martins (RJ/1960)

---

<sup>125</sup> Tendo em vista a amplitude quantitativa e qualitativa dos percursos artísticos destes artistas visuais, consideramos significativo incluir na Tese um 'Apêndice cArtEgráfico', como um catálogo, uma 'amostragem visual' contendo trabalhos artísticos de alguns destes criadores.

- | Antônio Dias (CG/1944-2018)
- | Ivens Machado (FL/1942-2015)
- | Cildo Meireles (RJ/1945)
- | Beto Shwafaty (SP/1977)
- | Nazareno (SP/1967)
- | Montez Magno (PE/1934)
- | Coletivo de artistas E/Ou (CTBA/2005)

### **Argentina**

- | Guillermo Kuitca (Buenos Aires/1961)
- | Jorge Macchi (Buenos Aires/1963)
- | Horacio Zabala (Buenos Aires/1975)
- | León Ferrari (Buenos Aires/1920-2013)
- | Coletivo DOMA (Buenos Aires/1998)

### **Colômbia**

- | Lina Espinosa (1964/Bogotá)

### **AMÉRICA DO NORTE**

- | Marnie Karger (EUA)
- | Rachel Ann Austin (EUA)
- | Shannon Rankin (EUA/1971)
- | Paula Scher (EUA/1948)
- | Maya Lin (EUA/1959)
- | Matthew Cusick (EUA/1970)
- | Elin O'Hara Slavick (EUA/1965)
- | Eduardo Abaroa (Cidade do México/1968)
- | Karey Kessler (EUA)
- | John Mann (EUA)

### **EUROPA**

- | Yves Klein (França)

- | Jennifer Collier (Reino Unido)
- | Matthew Picton (Reino Unido/1960)
- | Ed Fairburn (Reino Unido /1989)
- | Stephen Walter (Reino Unido /1975)
- | Sabine Réthoré (França)
- | Emma Johnson (Reino Unido/1967)
- | Mateo Maté (Madrid)
- | Julio Plaza (Madrid/SP)
- | Kathi Prendergast (Irlanda)
- | Elisabetta di maggio (Itália)
- | Armelle Caron (França)
- | Louis Reith (Holanda)
- | Mona Hatoum (Londres)
- | Jennifer Brial (Paris/1979)
- | Chris Kenny (Reino Unido)

### ÁSIA

- | Lordy Rodriguez (Filipinas/1976)

### OCEANIA

- | Ruth Watson (Nova Zelândia)

As poestéticas construídas por esses artistas, mobilizam deslocamentos, *subversões*, reinvenções dos Mapas, promovendo *extravios Cartográficos*, despregando a linguagem Cartográfica de seus empenhos de localização, desnorteando os sentidos e sentidos clássicos, convencionais, de visualização, compreensão, interpretação dos Mapas, gerando e apresentando ainda linhas praticáveis, móveis, de ressignificação da Cartografia. Intensamente em investigação, prática e expansão na contemporaneidade, a conjunção criativa entre Arte e Cartografia abre um panorama visual e reflexivo de como objetos cartográficos a exemplo de Mapas, vem sendo apropriados, trabalhados, criados por artistas nos últimos cinquenta anos, prosseguindo em ascendência na atualidade. Pensando neste horizonte criativo e seus desdobramentos evolutivos no curso deste tempo, D'Ignazio registra:

Os artistas fizeram mapas, subverteram mapas, performaram itinerários, imaginaram territórios, contestaram fronteiras, mapearam o invisível, e hackearam espaços físicos, virtuais e híbridos a título de cartografia. Vários nomes foram sugeridos para várias cepas desta intersecção: “psicogeografia”, “mídias locativas”, “geografia experimental”, “arte site-specific”, “novo gênero de arte pública”, “cartografia crítica” (um pouco diferente das versões acadêmicas), e “práticas espaciais críticas”.<sup>126</sup>

Abordados com fins artísticos, Mapas, Cartografias, desdobram-se usadas como forma, fonte expressiva de Arte e reinvenção na contemporaneidade, na qual diversificados projetos artísticos, com suas aplicações ligadas também a propósitos culturais, sociais, políticos, posicionam e entestam a Cartografia na interface entre o discurso científico da geografia e a prática artística, o que implica, de princípio, rever e refletir o seu viés enquanto ferramenta unicamente objetiva, técnica, funcional. Trata-se também para os artistas, do reconhecimento e exploração da relação nuclear do Mapa com o binômio Ciência-Arte, e daí traçar, expandir, mobilizar ‘perspectivas alternativas de Cartografia’ que enfatizem Mapas e Mapeamentos como processos de produção humana, construções de natureza dinâmica e mutável, subjetiva, retórica.

No mapeamento de ‘exposições artísticas’ focalizadas em processos criativos com Cartografia, uma linha de abordagem recorrente é a de desmistificação e subversão da dicotomia Cartográfica “Ciência ‘ou’ técnica-Arte”. Mostras artísticas substanciais e realizadas nos últimos anos, de variados portes, revelam um crescimento expansivo de práticas híbridas entre Mapas e diferentes formas de Arte, expondo conhecimentos, criações, invenções, estratégias artísticas diversas, críticas, moduladas em conexões, flexibilidades, transcendências de fronteiras entre Cartografia e Arte. À vista disso, catalogamos e destacamos as exposições a seguir:

**| Cartes et figures de la terre**  
Centre Georges Pompidou – Paris –  
1980

**| World Views: Maps & Art**  
Weisman Art Museum – Minneapolis  
– 1999/2000

**| Mapping**  
Museum of Modern Art-MoMA – NY  
– 1994

**| The Map Is Not the Territory I e  
The Map Is Not the Territory II**  
England & Co Gallery – Londres –  
2001/2002

---

<sup>126</sup> D’INAZIO, 2009, p. 190 apud GIRARDI, 2018, p.180.

**| The Map Is Not the Territory III**  
James Hockey Gallery & Foyer  
Gallery – Farham – 2003

**| Topographies**  
San Francisco Art institute – São  
Francisco – 2004

**| Le dessus des cartes: art  
contemporain et cartographie**  
Institut supérieur pour l'étude du  
langage plastique ISELP – Bruxelles  
– 2004

**| Cardinal points: the relationship  
between art + maps**  
The Park School Gallery – Baltimore  
– 2008

**| Mapping the Imagination**  
Victoria and Albert Museum –  
Londres – 2007/2008

**| Mapping, Memory and Motion in  
Contemporary Art**  
The Katonah Museum of Art –  
Katonah – 2010

**| Who's Map is It? New Mapping by  
Artists, Group Exhibition**  
The Institute of International Visual  
Art – Londres – 2010

**| The Art for Mapping**  
Air Gallery – Londres – 2011

**| Mostra Geopoéticas – 8ª Bienal  
do Mercosul: ensaios de geopoética**  
Armazéns A4, A5 e A6 do Cais do  
Porto – Porto Alegre – 2011

**| Le peuple qui manque: Atlas  
critique**  
Parc Saint Léger – Centre d'art  
contemporain – Nièvre – 2012

**| Atlas Critique**  
Parc Saint Léger-Centre d'art  
contemporain – Nièvre – 2012

**| Topos**  
La Fondation d'entreprise pour l'art  
contemporain – Toulouse –  
2012/2013

**| MAPnificent! Artists Use Maps**  
Bronx River Art Center - NY e AIGA  
Philadelphia Space – 2013  
**| Expanded Map**  
RM Gallery, Auckland – Nova  
Zelândia – 2013

**| Contemporary Cartographies**  
Lehman College Art Gallery – NY –  
2013

**| Cartografías Contemporáneas.  
Dibujando el pensamiento**  
Caixaforum – Madrid – 2013

**| MappaMundi: Art et  
Cartographie**  
L'Hôtel des Arts de Toulon – Toulon  
– 2013

**| A Geodésia Museológica –  
mostra do acervo**  
Museu de Arte Contemporânea do  
Paraná – Curitiba – 2013/2014

**| Mind the Map**  
Gallery F15 – Moss – 2014

**| cARTography: personal  
metaphors and mindful maps**  
Ryan James Gallery – Washington –  
2015

**| GEOGRAPHIES ou Geografie.  
Poldi Pezzoli Museum**  
Poldi Pezzoli Museum – Milão –  
2015

**| Mapping Brooklyn**  
Gallery at BRIC House – Brooklyn –  
2015

**| cARTes et territoires: La carte  
dans l'art contemporain**

Espace Georges Sadoul – França –  
2017

**| Seeking Civilization: Art and  
Cartography**

Gallery Wendi Norris – San  
Francisco – 2017

**| Irrupção Geográfica –  
Transbordamentos Possíveis**

Espaço Fernando Beck –  
Florianópolis – 2018

**| A vastidão dos Mapas – Arte  
Contemporânea em diálogo com  
mapas da Coleção Santander Brasil.  
Palacete das Artes – Salvador – 2018**

Examinando materiais disponibilizados eletronicamente, galerias virtuais, catálogos e outras publicações oriundas das exposições assinaladas, verifica-se que essas mostras foram compostas por um conjunto expressivo de artistas visuais, pesquisas artísticas, processos criativos abordando horizontes Cartográficos ampliados, nos quais as capacidades expressivas e os arcabouços conceituais (estética, história, sociologia, cultura, política, economia), as formas e os conteúdos dos Mapas e outros objetos provindos de Cartografia, foram alçados a transversalidades, revisões, reflexões, ressignificações e convivências artísticas, imaginárias e poéticas.

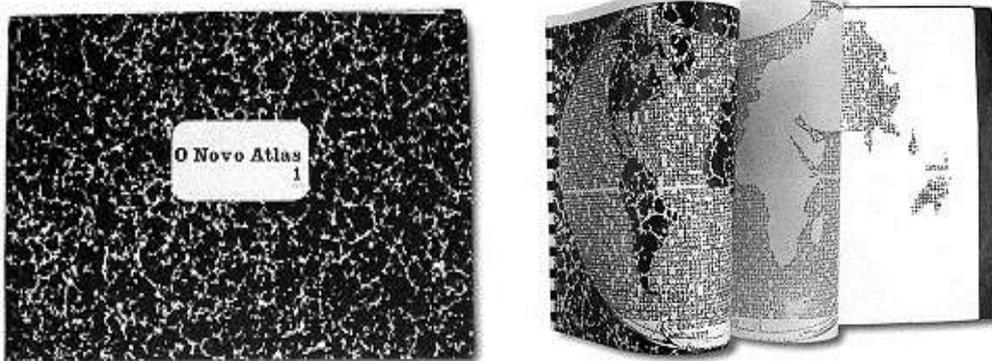
Em terras brasileiras, percepções do espaço geográfico através de Geocartografias, concepções e relações de territórios nas esferas sócio-históricas e políticas contextualizadas nelas, moveram as obras apresentadas por um grupo de artistas integrantes da Mostra Geopoéticas – 8ª Bienal do Mercosul, e sobre a qual Jose Roca, curador geral da exposição, expõe:

Muitos dos artistas recorrem a formas alternativas de representação territorial. A cartografia torna-se inevitável neste contexto, pois nela convergem geografia, ideologia e política. Como nos lembra Baudrillard: “O território já não precede o mapa, nem o sobrevive [...]. É o mapa que engendra o território”. Desde o mapa invertido de Torres García, a arte tem visitado a disciplina cartográfica para produzir mapas ativistas que não estão a serviço da dominação. A exposição reúne diversas formas de medir e representar o mundo, incluindo artistas que usam mapas para promover a mudança social.<sup>127</sup>

<sup>127</sup> ROCA, José. **8ª Bienal do Mercosul: ensaios de geopoética**: catálogo. Fundação Bienal do Mercosul, 2011, p.44.

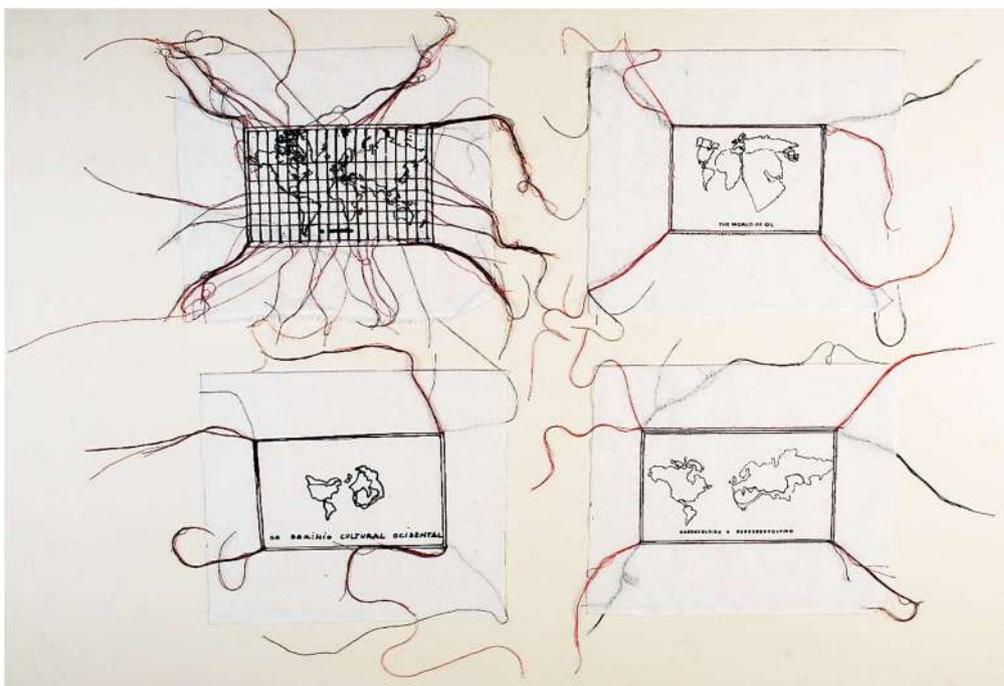
Disponível em: <[https://cadernodevoyage3.files.wordpress.com/2012/09/catalogo\\_8\\_bienal\\_mercosul.pdf](https://cadernodevoyage3.files.wordpress.com/2012/09/catalogo_8_bienal_mercosul.pdf)>

**Figura 78** – O novo atlas 1 – 1977



Fonte: <http://gramatologia.blogspot.com.br/2009/12/anna-bella-geiger.html>

**Figura 79** – Variáveis – 1977/2010



Fonte:

[http://murilocastro.com.br/2016-arte-rio-feira-internacional-de-arte-do-rio-de-janeiro-2909-a-02102016/1978\\_2009\\_variaveis\\_serigrafia\\_e\\_bordado\\_a\\_maquina\\_sobre\\_linho\\_80x80cm-3/](http://murilocastro.com.br/2016-arte-rio-feira-internacional-de-arte-do-rio-de-janeiro-2909-a-02102016/1978_2009_variaveis_serigrafia_e_bordado_a_maquina_sobre_linho_80x80cm-3/)

Nas obras da artista Anna Bella Geiger (RJ-1933) como O novo atlas 1 (1977) e a série de mapas *Variáveis* (1977/2010), presentes na mostra Geopoéticas, a Cartografia é empregada como meio para questionar a suposta conformidade entre fronteiras geográficas e territórios culturais, ou ainda, para problematizar, “três dimensões do sentido da cartografia, ou seja, o aspecto político da arte, a

questão dos sistemas de representação e a problemática do tempo.”<sup>128</sup> (COSTA, 2011, p.2054).

Na Europa, a grandiosa exposição nomeada ‘Cartografias contemporâneas. Dibujando el pensamiento’<sup>129</sup>, uma das mais significativas dos últimos anos em cobertura e abrangência do tema Cartografia e Arte, apresentou mais de 140 obras criadas por artistas dos séculos XX a XXI, que interrogavam e interrogam como os Mapas, baseados em representações gráficas, podem ser um meio de conhecimento, codificação e representação do ser humano e do espaço que o rodeia, além de serem aplicáveis como demarcadores de fronteiras e contextos sociais, políticos e culturais.

**Figura 80** – Cartografias contemporâneas. Dibujando el pensamiento – 2013



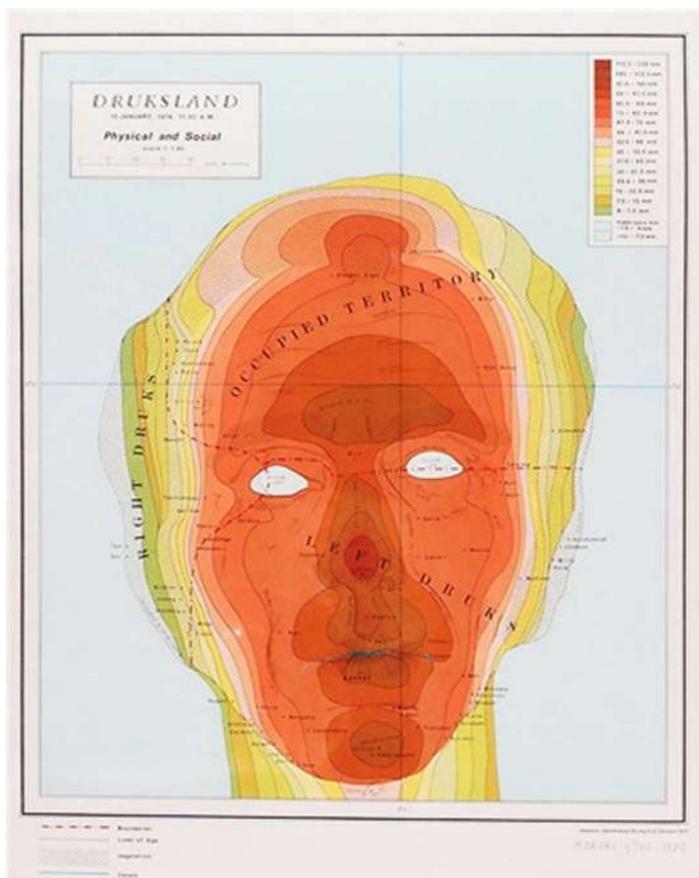
Fotos: Vladimir Oliveira e Marcus Drummond

<sup>128</sup> COSTA, Luiz Cláudio da. **A Arte da Cartografia na obra de Anna Bella Geiger**. Anais do 20º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Rio de Janeiro, ANPAP, 2011, p.2053-2054. Disponível em: < <http://anpap.org.br/anais/2011/html/ficha.html> >

<sup>129</sup> Realizada na CaixaForum Madrid-Espanha, de 21/11/2012 a 24/02/2013, com curadoria de Helena Tatay (Historiadora de Arte pela Universidad Autónoma de Barcelona – UAB, curadora independente e crítica de Arte). Pude fruir pessoalmente esta mostra, devido a viagem por Madrid em 2013, e o encontro com essa exposição foi primordial na decisão sobre o tema de pesquisa do doutorado.

Constituída por sete eixos temáticos comunicantes e definidos como “A linguagem cartográfica, Tipos de espaço, Cartografias sociais e políticas, Cartografias do corpo, Cartografias de experiência e vida, Cartografias do Intangível e Cartografias Conceituais”, ao percorre-los, encontravam-se “obras-Mapas” arbitrárias, subjetivas, incompletas, des-construções, subversões Cartográficas, cArtEgrafiaS que notabilizavam territórios físicos, mentais, emocionais.

**Figura 81** – Druksland – 1975

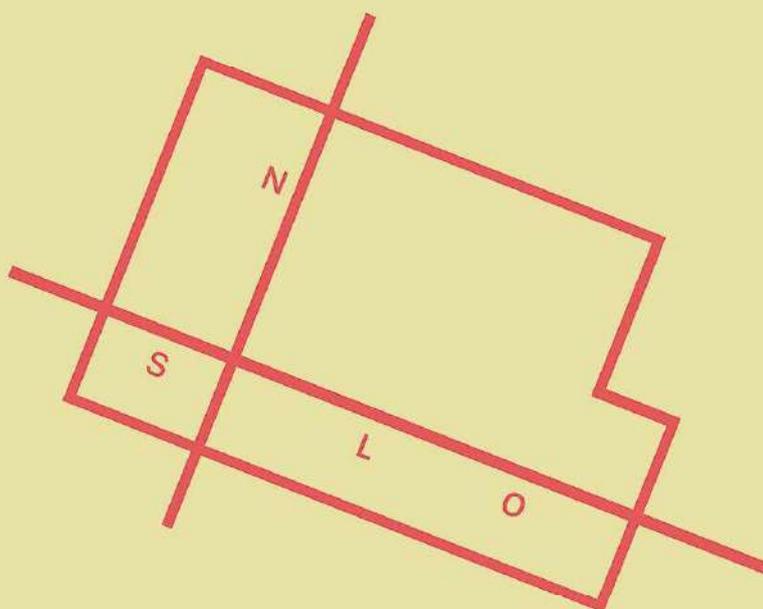


Fonte: Michael Druks, <http://www.artnet.com/artists/michael-druks/druksland-U6BUUY1HfWtnAlm6lcqXQg2>

Esses trabalhos artísticos situavam através de provocativos exercícios de imaginação, o encontro entre Arte, Pensamento e Cartografia, experimentada em sentido mais amplo, extrapolando o comum sentido geográfico norteador dos Mapas e de sua disciplina científica.

cArtegrafias — latitudes || longitudes *móbeis*

cArtegrafias — latitudes || longitudes *móbeis*



Vladimir Oliveira



Vladimir Oliveira



## CE 2.2| **cArtegrafias** — *latitudes* || *longitudes móbeis*

A arte é também invenção. [...] um fazer em que o aspecto realizativo é particularmente intensificado, unido a um aspecto inventivo. [...] pode-se dizer que a atividade artística consiste propriamente no “formar”, isto é, exatamente num executar, produzir e realizar, que é ao mesmo tempo, inventar, figurar, descobrir.

(Luigi Pareyson, 1982)

**cArtegrafias – latitudes || longitudes móbeis**, titula a exposição individual formada pelo conjunto de trabalhos artísticos processualmente pensados e criados no trajeto dos quatro anos do curso de Doutorado. O nome atribuído a Mostra Artística é o mesmo dado a presente Tese, porem com variação de grafia. Desta forma, os títulos foram definidos da seguinte forma:

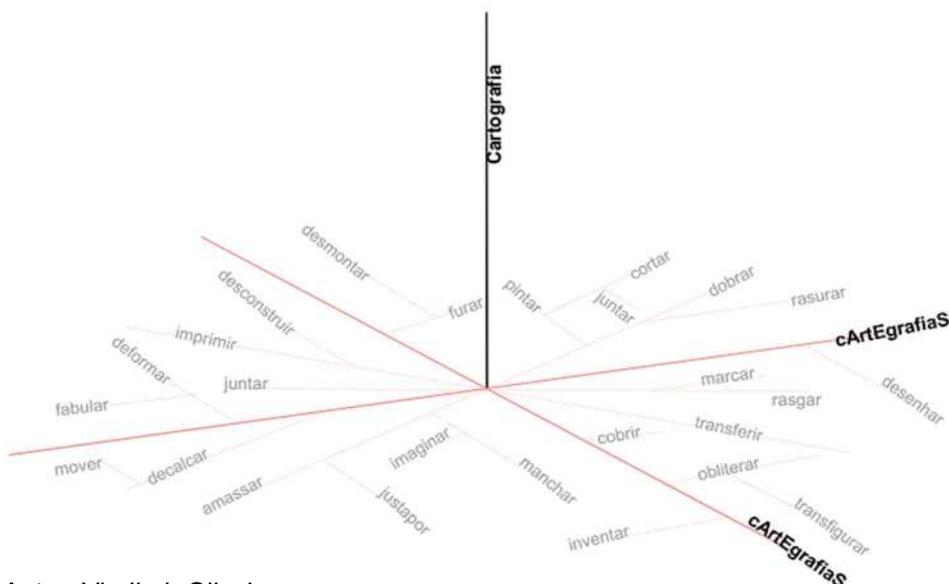
**cArtEgrafiaS – Latitudes || Longitudes Móbeis – Da Tese**

**cArtegrafias – *latitudes* || *longitudes móbeis* – Da Exposição Artística**

A concepção e realização desta exposição constitui, portanto, a área focal e reflexiva deste capítulo.

Antecedendo a etapa conclusiva da pesquisa, a investigação e criação dos trabalhos componentes da exposição artística, as ideias, os desejos de manejar, operar com Cartografia, suas matérias, me levaram a projetar um ‘diagrama de poética e processo criativo’, visualizável a seguir:

**Figura 82** – Diagrama de Poética e Processo Criativo – 2014|2018

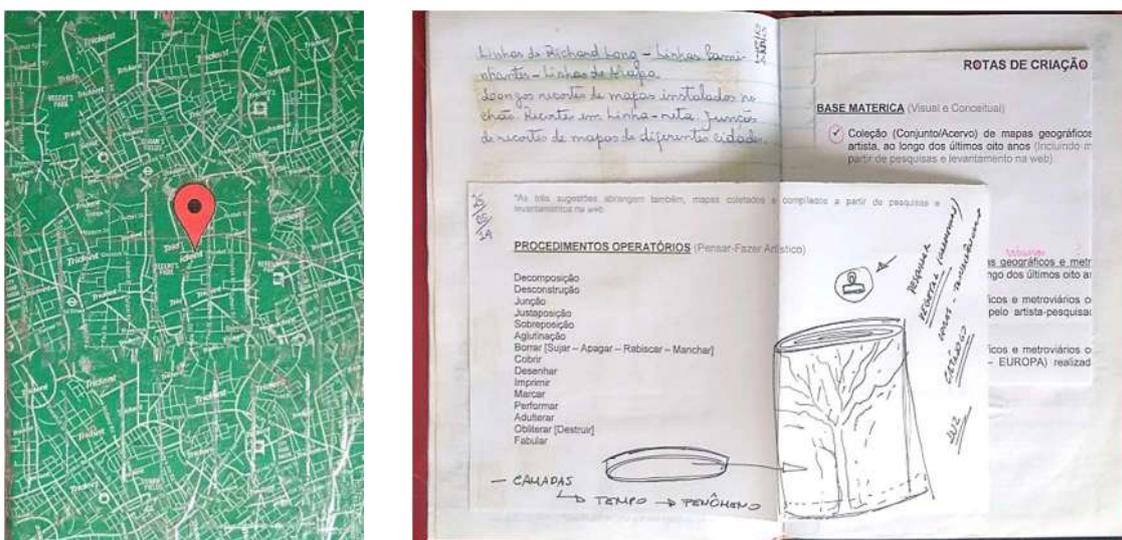


Autor: Vladimir Oliveira

Inspirado nos pontos cardeais, de localização e orientação no espaço terrestre, para o diagrama tracei linhas que derivam-abrem outras linhas, uma espécie de subversão dos pontos colaterais, indicando ideias-ações a serem experimentadas, praticadas com elementos de Cartografia, Mapas por exemplo. Na linearidade compositiva deste diagrama, reflito a Cartografia como uma linha vertical, de atributos como hierarquia, retidão, rigidez, racionalismo, precisão-exatidão, estaticidade. As cArtEgrafiaS, imagino como linhas horizontais-diagonais-obliquas, de traços e propriedades rasteiras, abertas, desdobráveis, plurais, dinâmicas, fluidas, criadoras, moventes. O ‘pensar-fazer’ do projeto e trabalhos da exposição, foi mobilizado pelo diagrama de poética-processo criativo e suas linhas ativas.

No decorrer do tempo criativo dimensionado na rota de pesquisa, ocorreram uma série de planos, possibilidades múltiplas de trabalhos artísticos, sendo uma parte concretizada, e outras que ficaram como apontamentos, registros, esquemas, um arquivo de ideias, pensamentos e projetos diretamente relacionados ao tema focalizado no doutorado, mas a serem considerados, realizados adiante. Este processo\_percurso criativo em sua mobilidade, inscrições, experimentações, foram documentados num ‘diário de processo’, que expõe e reflete “a criação acompanhando a mobilidade do pensamento.”<sup>130</sup>

**Figura 83** – Diário de Processo Criativo – 2014|2018\_ \_ \_



<sup>130</sup> SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Incabado: processo de criação artística**. São Paulo: Fapesp: Annablumme, 2004. p. 30.



Autor|Fotografia: Vladimir Oliveira

Precedendo a efetivação da mostra artística, um projeto expositivo precisou ser construído, a fim de se pleitear um espaço físico para executar a exposição. Em consideração desde a fase inicial de pesquisa, o local focalizado e que acreditávamos ser apropriado para acolhimento e compartilhamento da Mostra, foi a Galeria Cañizares<sup>131</sup>, integrante da Escola de Belas Artes-EBA/UFBA. Realizando anualmente um edital público, prevendo seleção e concessão de pautas de ocupação da galeria, o projeto **cArtegrafias – latitudes || longitudes**

<sup>131</sup> Fundada em 1970, atualmente é coordenada pelos professores doutores Ricardo Bezerra e Renata Voss, ambos da EBA/UFBA. A galeria está localizada na Avenida Araújo Pinho, 16-202, Canela, Salvador-Ba. Página oficial: <http://galeriacanizares.blogspot.com/>

**móbeis** foi selecionado no edital para apresentação de exposição artística no ano de 2018.

O pensamento e a criação do projeto de exposição submetido a galeria, foram potencialmente importantes como exercícios retrospectivos e reflexivos sobre o conjunto artístico cArtegráfico aspirado e elaborado na trajetória da pesquisa, e os conteúdos teóricos levantados, descobertos, incorporados aos trabalhos artísticos apresentados na mostra. Também a familiaridade, o conhecimento de longo tempo da Galeria Cañizares, sua forma, dinâmica espacial, a experiência artística anterior, por já haver realizado uma mostra individual<sup>132</sup> naquele espaço, inspirou e possibilitou que o projeto de exposição, a curadoria dos trabalhos, se articulassem em sentidos de correspondência, complementaridade, conjuntamente uso, apropriação, exploração movente, maleável da área expositiva, como um Mapa aberto processual, inconclusivo, tal qual os trabalhos artísticos-cArtegrafias que habitariam transitoriamente aquele lugar. Em tempo prolongado, desenhamos um plano de exposição traçado como um recorte, exprimível de um processo poético-criador inacabado, “[...] que fica sempre por se completar”<sup>133</sup>, articulado e experimentado na pesquisa de doutorado. Deste modo, a composição do projeto de exposição processou-se em linhas tramáveis de ação e operações sensíveis, expressas a seguir:

\_\_\_\_\_ Pesquisa e elaboração de um ícone, uma forma de logotipo representativo da exposição e sugerível da poética artística formada, a ser exposta. A linha de pensamento adotada foi a criação de um desenho simples, esquemático, uma imagem gráfica, elementar, que espelhasse como que uma tomada, um registro de sobrevoo, uma visão-vista aérea e total do conjunto espacial e expositivo da Galeria Cañizares. Partindo desta dinâmica, a partir de incursões no Google Maps e Google Earth<sup>134</sup>, alçamos uma primeira figura, vista a seguir.

---

<sup>132</sup> Em 2010, realizei na Galeria Cañizares uma mostra individual nomeada ‘Você está aqui’. Nela apresentei um grupo de trabalhos que expunham meus primeiros processos de pesquisa e criação com o tema da Cartografia.

<sup>133</sup> SALLES, 2004, p.31.

<sup>134</sup> Serviço(s) de pesquisa e visualização de mapas e imagens de satélite da Terra gratuito na web fornecido e desenvolvido pela empresa estadunidense Google.

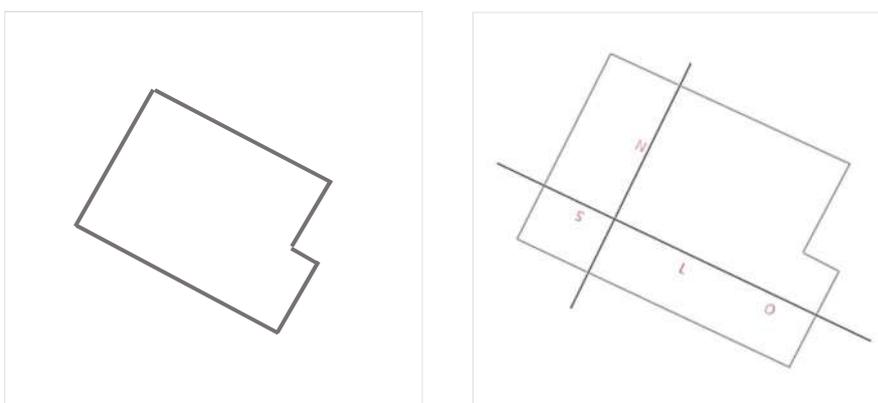
**Figura 84** – Estudo esquemático para ícone da exposição – 2018



Autor: Vladimir Oliveira

\_\_\_\_\_ A visualização integral do espaço fornecida pelo primeiro desenho-ícone representante da exposição, inspirou a possibilidade de posicionamento dos trabalhos artísticos na área expositiva, retomando por referência, porém não exata, diretiva, localizadora, coordenadas à forma dos pontos cardeais, já considerados na criação do diagrama de processo criativo abordado aqui. Deste modo, chegamos a versão conclusiva da imagem distintiva da exposição, que congruentemente veio a ser assimilada em todas as peças gráficas de divulgação da mostra, conforme veremos adiante.

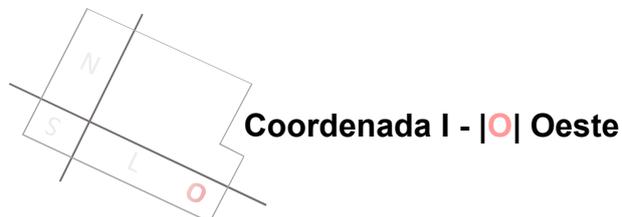
**Figura 85** – Ícone da exposição – 2018



Autor: Vladimir Oliveira

\_\_\_\_\_ Examinando a série de trabalhos concebidos no trajeto da pesquisa, considerando suas materialidades, conteúdos, articulações com a tese tratada,

viabilidades de apresentação, preliminarmente indicamos no projeto de exposição a mostra de um grupo de dez trabalhos, subdivididos pelas **coordenadas** nominadas a seguir, junto a descrições técnicas:



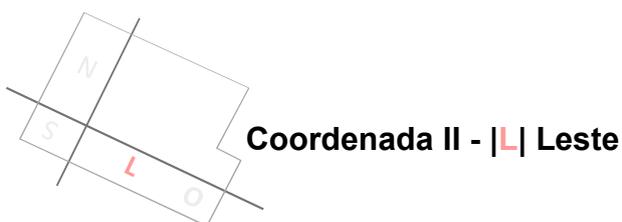
Trabalhos:

**1. Grid** – Instalação de Parede

[Linhas de algodão para costura/Pregos de Metal/Alfinetes para Mapa]

**2. Topotesia** – Instalação de Parede

[Fotografia/Manipulação e Impressão Digital em Papel Vegetal]



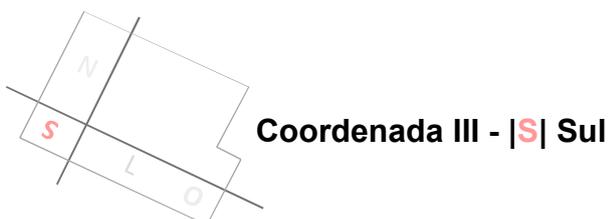
Trabalhos:

**3. Grid** – Instalação de Parede

[Linhas de algodão para costura/Pregos de Metal/Alfinetes para Mapa]

**4. De locais e localizações imaginárias (Para que Latitudes ou Longitudes será que estou indo?)**

[Superposição fotográfica/Manipulação Digital/Impressão em Papel sobre Foamboard]



Trabalhos:

### 5. **Grid** – Instalação de Parede

[Linhas de algodão para costura/Pregos de Metal/Alfinetes para Mapa]

### 6. ...o conhecedor do mundo em que vivemos (Recordação Cartográfica)

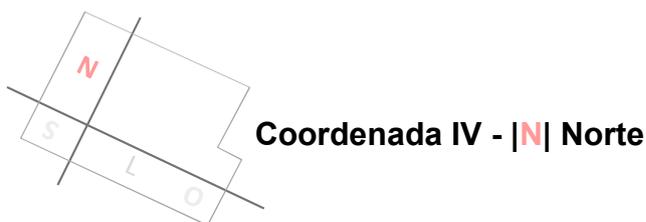
[Fotografia/Manipulação e Impressão Digital sobre Papel Canson]

### 7. **POI (Pontos de Interesse)** – Instalação de Parede

[Alfinetes marcadores para mapa (padrões distintos)/Fragmentos de Mapa sobre Parede]

### 8. **GeoPlanos**

[Desmontagens/Recortes/Colagens de Atlas Geográficos sobre Papel Canson]



Trabalhos:

### 9. **GeoArquivo (MemoraCartoBilia)**

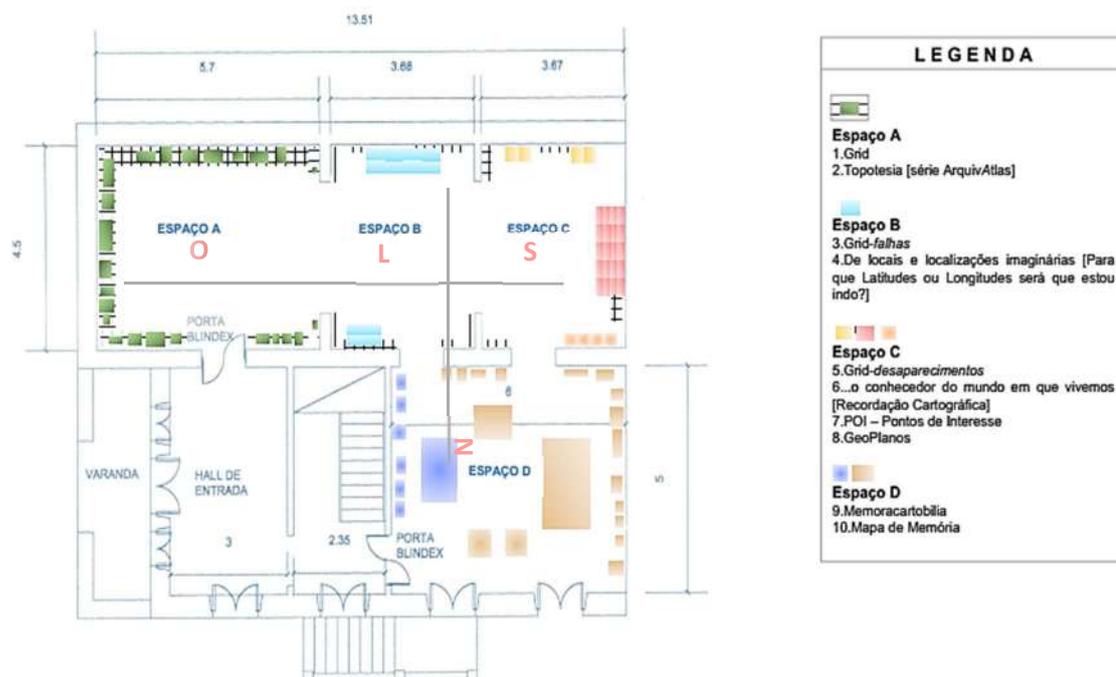
[Fotografias, desenhos, livros, panfletos, cArtegrafias (2014-2018), globos, atlas, bussolas, quebra-cabeça, alfinetes para mapas, cArteDiárioCriativo, anotações, esquemas, lápis, canetas, fragmentadora manual de papel etc]

### 10. **Mapa de Memória (Trabalho Participativo)**

[Papel lembrete, porta papel lembrete (acrílico), lápis grafite, borracha e alfinetes para mapas]

\_\_\_\_\_ A disposição dos trabalhos artísticos pré-indicados para a mostra, conforme a des/orientação, o embaralhamento aplicado as coordenadas cardeais demonstrado acima, guiou o traçado de projeção e legenda indicativa de posicionamento dos trabalhos por espaço e sobre a planta baixa da Galeria Cañizares.

**Figura 86** – Disposição dos Trabalhos no Espaço Expositivo (Vista em Planta Baixa) — 2018



Autor: Vladimir Oliveira

\_\_\_\_\_ Para o projeto, produzimos e incluímos um ‘texto-descrição conceitual’ relativo a Mostra, o qual consideramos pertinente transcrever integralmente a seguir.

Se a realidade é movente, porque assim é a experiência humana do espaço, também seria assim uma outra cartografia, trazendo à superfície novas linhas. Existe um permanente devir cartográfico.

(JÖRN SEEMAN, 2014)

As ‘cArtegrafias Móbeis’, os trabalhos que formam a exposição, resultam do cruzamento de coordenadas (latitudes-longitudes) criativas junto a uma operatividade criadora atuável por desconstruções, desmontagens, decomposições, desarticulações do repertório cartográfico clássico, suas convenções, padronizações e funções. A noção de ‘subversão cartográfica’, tomada como uma “ideia crítica sobre o modelo normativo da disciplina que é geralmente considerada como uma ciência exata baseada em fatos objetivos, cálculos, medições e convenções” (Harley, 1989), é a linha cardeal inspiradora,

matriz e construtiva, assumida na pesquisa e produção dos trabalhos artísticos integrantes da Mostra. Da obra ‘Grid’, desenho e desmonte da estrutura linear, formal, convencionalmente traçada para receber mapas, a séries como “O conhecedor do mundo em que vivemos [recordação cartográfica]” e “De locais e localizações imaginárias [Para que Latitudes ou Longitudes será que estou indo?]”, jogos abertos de gestos expressivos, estéticos, poéticos, *subversivos*, muitos adotando as próprias noções elementares de cartografia oficial, utilitária, a ‘razão cartográfica’, são tramados e praticados a fim de confrontar, desregular, dar a ver deformações, inexatidões, ‘imprecisões’ da ‘precisa’ Cartografia oficial. O trabalho “Topotesia [série ArquivAtlas]” é outro exemplar que instaura uma cArtegrafia – forma subversiva de Cartografia – elaborada na escala da imaginação poética, na qual uma espécie de “metacartografia” é formada, considerando uma ‘razão sensível’ que desenha, fotografa, inventa mapas-lugares irreais. Desse modo, a exposição é pensada e articulada considerando uma abertura e liberdade experimental e imaginária no pensar\_criar dos trabalhos, tendo em vista os modos de conhecer e experienciar da Arte na atualidade, arranjando outras finalidades e formas de percepção da Cartografia tradicional. Elementos de composição, convenções, derivados cartográficos tais como Mapas, que “ficam abertos à imaginação e práticas subjetivas”<sup>135</sup> (SEEMANN, 2014, p.9), Atlas, Globos Terrestres, Sistemas de Coordenadas, objetos de arcabouço cartográfico científico, são dinamizados num trajeto criativo móbil e que se aventura em invenções de ‘outras-novas’ Cartografias e ‘formas’ de Cartografar.

\_\_\_\_\_ Preparamos e incorporamos um ‘Portfólio cArtegráfico’ ao projeto de exposição inscrito no Edital de Pauta, com núcleo nas minhas pesquisas, criações artísticas com Cartografia, anteriores ao curso de Doutorado. A composição deste material foi essencial para rever e refletir amplamente meu trajeto e desenvolvimento artístico, incluindo a descoberta, o reconhecimento de um repertório criativo comum em/a processos de criação artística, meu e de

<sup>135</sup> CAZETTA, Valéria; PREVE, Ana Maria Hoepers; SEEMAN, Jorn. **DOSSIÊ: Mapas Rizomáticos e Novas Cartografias**. Revista RA’E GA (online) – O espaço geográfico em análise, N° 30/2014. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.5380/raega.v30i0> >.

outros artistas contemporâneos, por mim designado como 'PoÉstéTiCa cArtEgráfica'. Para mais, o trabalho com a elaboração, o exame do meu portfólio, favoravelmente moveu uma redefinição seletiva dos trabalhos componentes da exposição a caminho, como veremos a seguir.

\_\_\_\_\_ Com o projeto de exposição aprovado no Edital de Pautas, uma nova curadoria foi implementada, e assim indicamos os seguintes trabalhos para compor a Mostra:

### **Espaço A - |O| Oeste**

1. Grid

2. Topotesia

\* 3. Topotesia [Série ArquivAtlas]

Fotografia, desenho, impressão sobre ficha de arquivo e mdf - 2017

[Fotografia/Manipulação e Impressão Digital em Papel Vegetal]

### **Espaço B - |L| Leste**

4. Grid

5. De locais e localizações imaginárias (Para que Latitudes ou Longitudes será que estou indo?)

### **Espaço C - |S| Sul**

6. Grid

7. ...o conhecedor do mundo em que vivemos (Recordação Cartográfica)

\* 8. De uma ponte a pé navegar - 2016

Desenho, recortes de mapas, colagens sobre papel e mdf

9. GeoPlanos

10. Garanhuns sobre Salvador

### **Espaço D - |N| Norte**

10. GeoArquivo (MemoraCartoBilia)

\* 11. Escr/ta – 2015

Desenho, impressão e trituração de meu projeto de doutorado, papel vegetal perfurado sobre papel

[ \* ] – **trabalhos incluídos na exposição a partir da redefinição curatorial.**

Processadas as linhas de ação sobreditas, consecutivamente percorreremos, exploraremos, espelharemos as vias, passagens, os caminhos abertos poéstéticos, matéricos, conceituais, pensados e praticados nas experiências criadoras de cada trabalho formante da Exposição **cArtegrafias — /atitudes || /longitudes móbeis**, aberta à visitação no período de 30/04/2018 a 15/05/2018, na Galeria Cañizares da Escola de Belas Artes – EBA/UFBA.

## Cartografias - Latitudes | Longitudes

### Uma poética movediça

Vladimir Oliveira cruza coordenadas criativas no seu "geoarquivo". Repertório cartográfico. Mostra final do seu doutorado. Desarticula. Subverte padrões clássicos.

Instaura "outra" linha cardinal inspiradora - uma poética movediça - questão de Lewis Carroll:

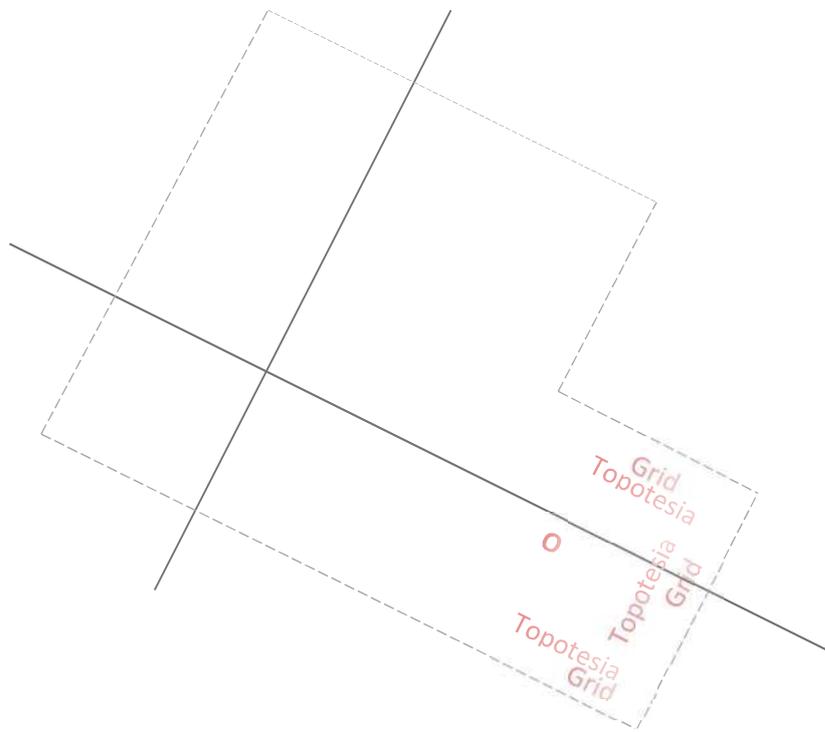
"[...] mas então, qual seria a latitude ou longitude em que estou?"

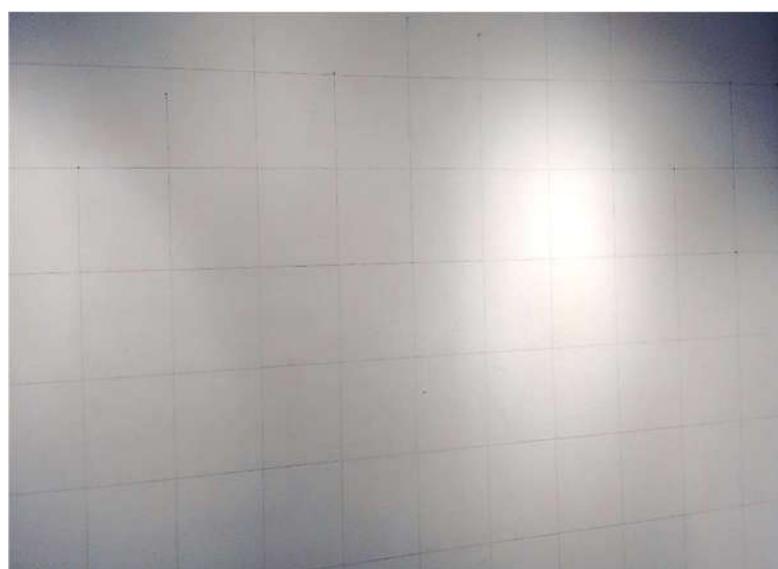
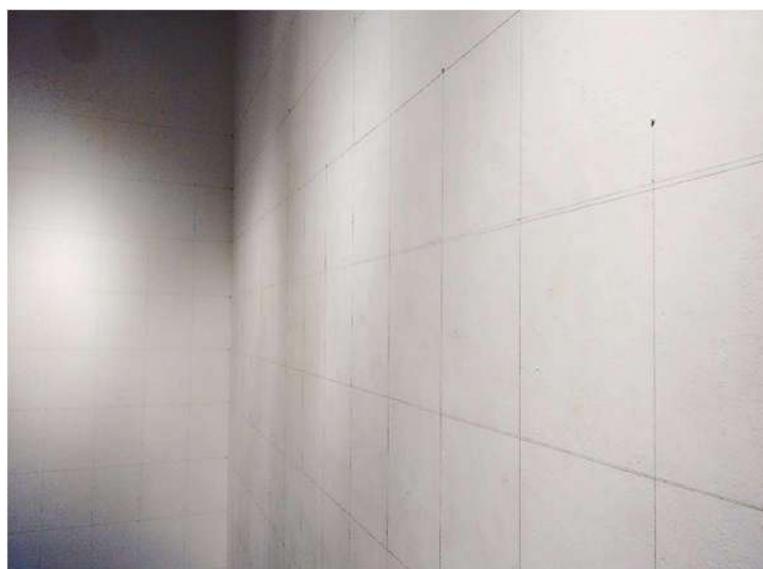
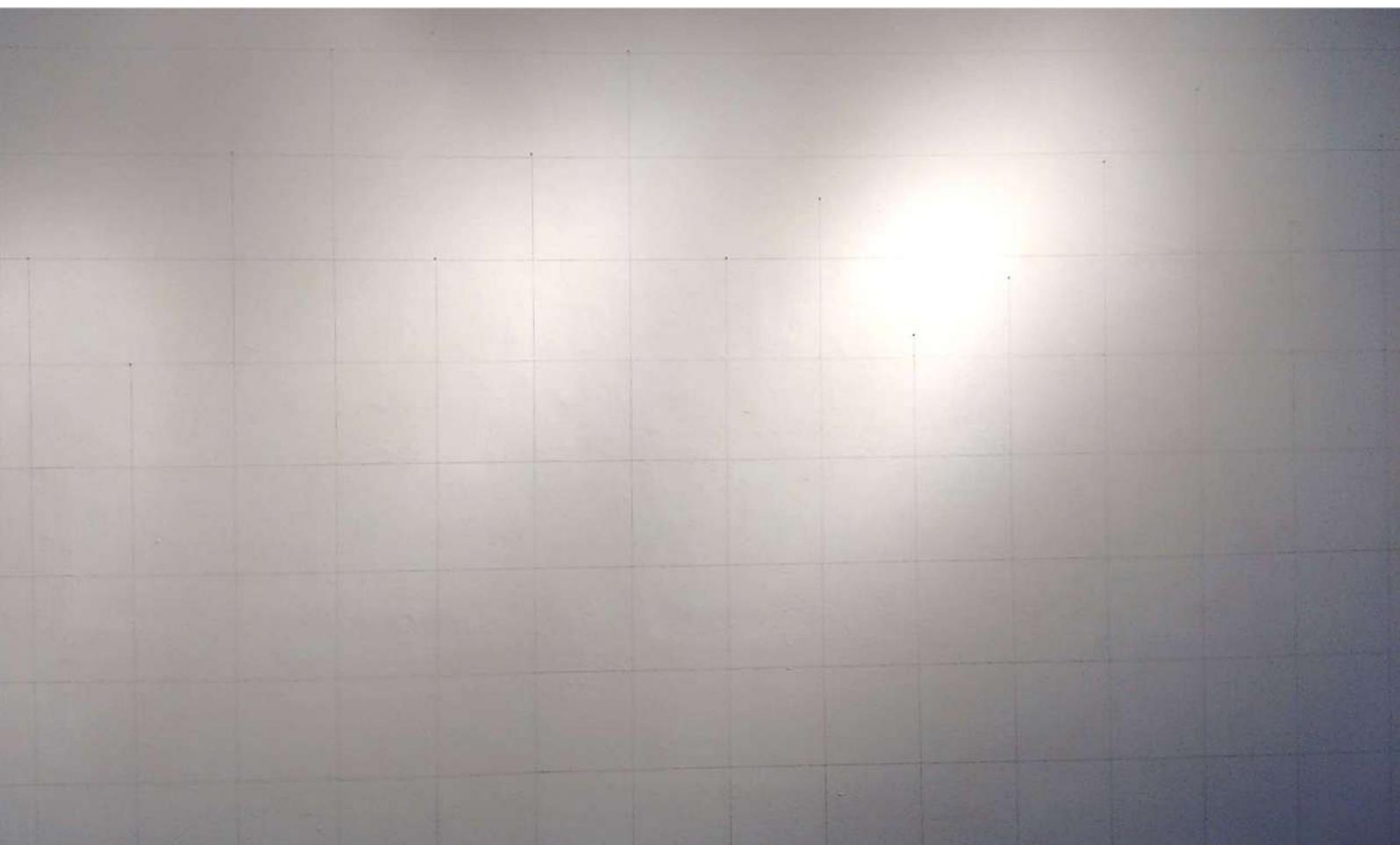
Entre, os mapas estão abertos à sua imaginação...

Vígia Gordilho  
Orientadora / curadora  
Outono 2018

Texto Curatorial da Exposição  
Autoria: Vígia Gordilho  
Design: Andreza Pires

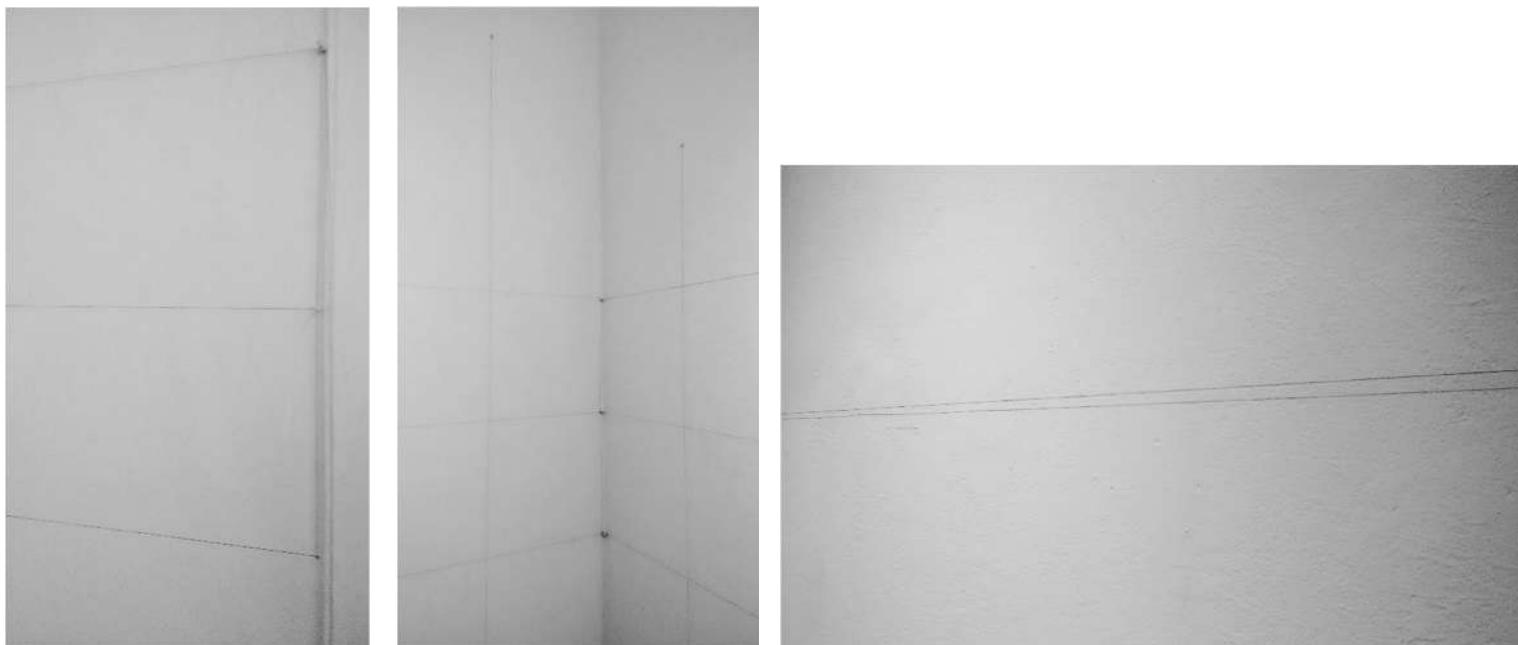
**Espaço A - |○| Oeste**



**Figura 87** – Grid – 2018

Fotografia: Vladimir Oliveira

**Figura 88** – Grid (traçados e processos) – 2018



Fotografia: Vladimir Oliveira

# G rid

O grid lentamente se desenvolveu de um dispositivo usado para ajudar a criar uma ilusão espacial para um sistema que se impôs sobre o espaço propriamente dito.

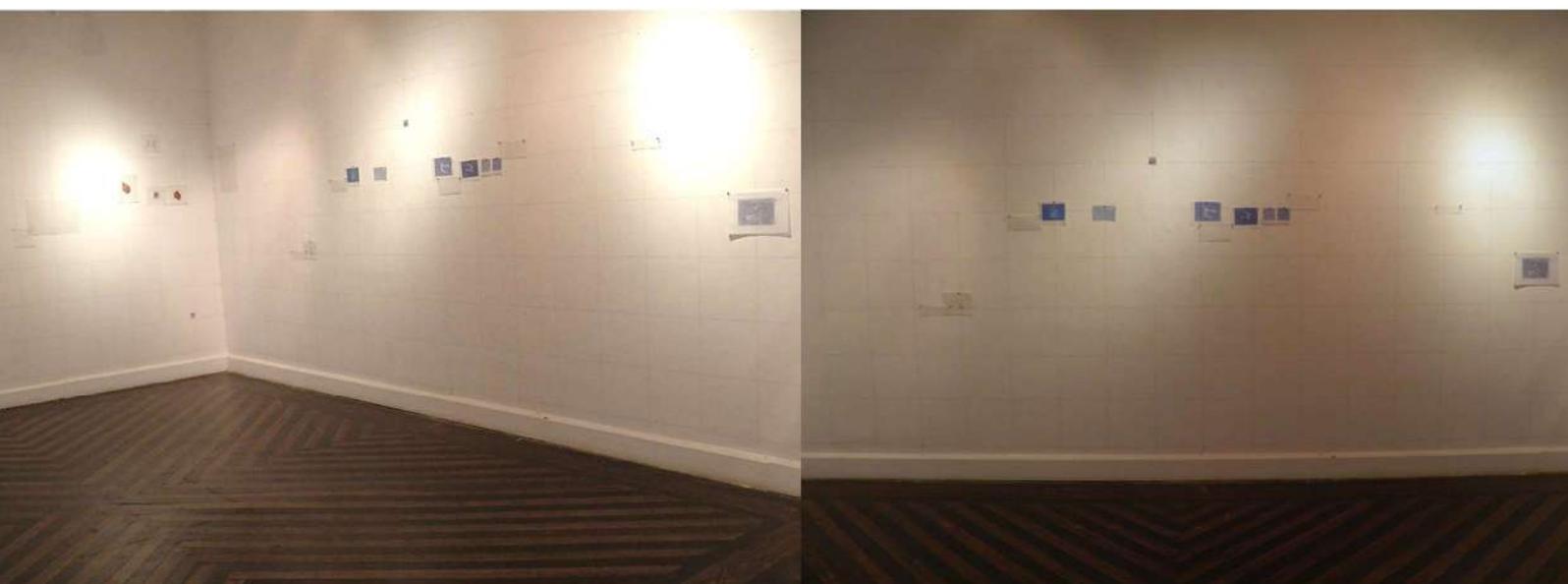
Dan Cameron

Um Grid<sup>136</sup> pode significar ‘grelha’, ‘rede’, ‘malha’ ou ainda ‘grade’, e corresponde a um método e estrutura geométrica, um sistema planimétrico de coordenadas geográficas, formado por linhas horizontais (latitudes) e verticais (longitudes), que comumente é utilizado em Cartografia e criação de Mapas. Na exposição, Grid se apresentou como um desenho\_ instalação tramado para ocupar os espaços A-B-C da galeria, intencionalmente pensado e articulado para receber todos os trabalhos que compuseram os três dos quatro ambientes expositivos. Distintamente a sua estrutura convencional, na qual se organiza o Grid como uma estrutura fechada, ‘gradeada’, no trabalho ele se desenvolve aberto, alongado, sugerindo, apontando convenientes imprecisões no seu traçado, visibilizando incompletude e mobilizando continuidades. Projetado no espaço e concebido manualmente, esse trabalho obteve um posicionamento fundamentalmente poético e conceitual na totalidade da Mostra, porque assumiu uma configuração tridimensional, a partir da sua construção-estruturação material de linhas que se destacavam dos planos das paredes, desdobrando-se em outras linhas, imateriais, considerando o par luz-sombra. Além disso, ‘Grid’ foi arquitetado não apenas para acolher, mas notadamente sinalar, atravessar, se superpor e potencialmente expandir a cArtegrafia (seus sentidos) composta pelos inventados Mapas em papel vegetal do trabalho Topotesia (e vice-versa).

---

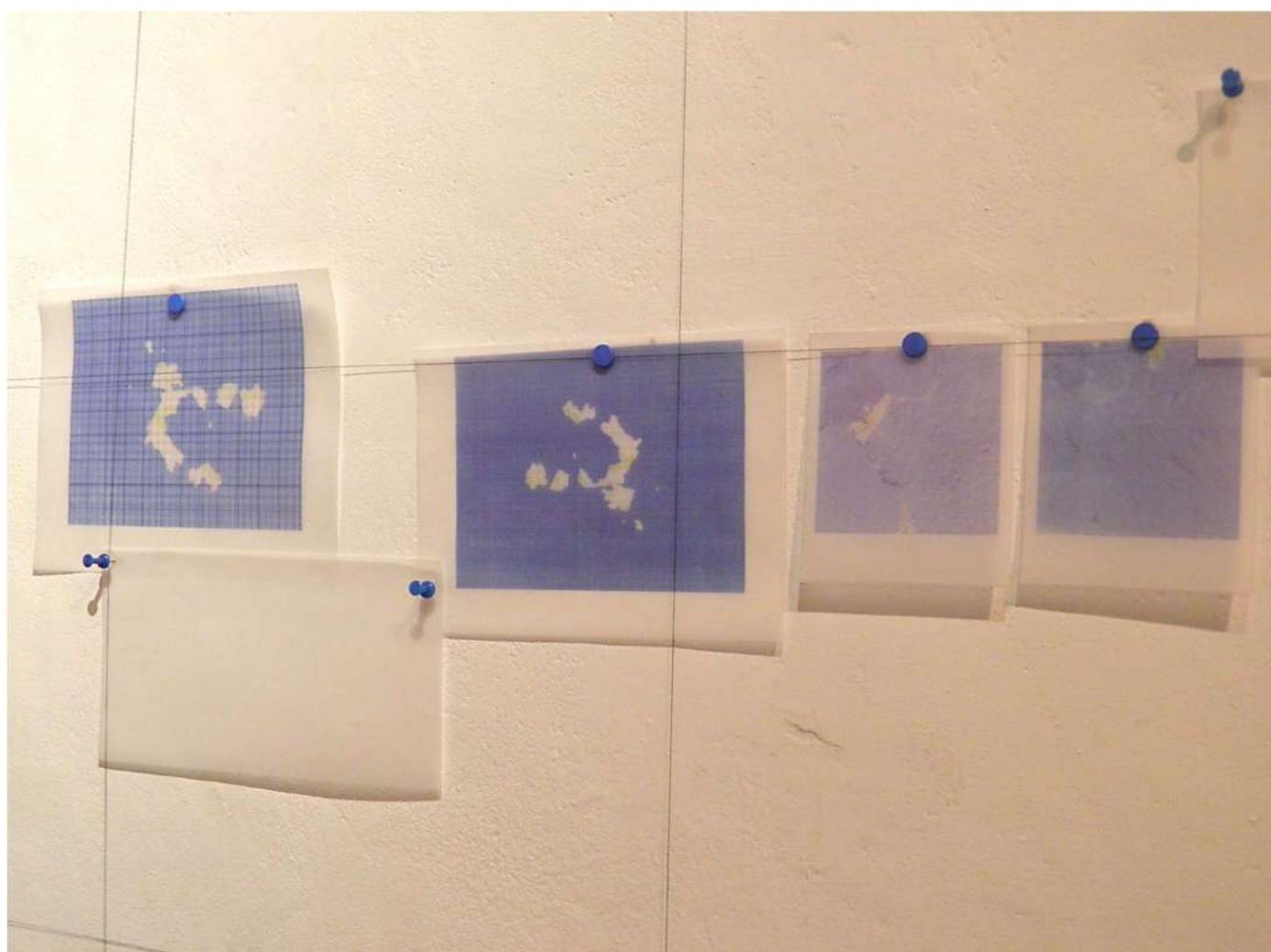
<sup>136</sup> Título e tema de uma exposição coletiva realizada no Espaço Jacarandá – Villa Aymoré/RJ em 2017, com participação dos artistas Amália Giacomini, Ana Holck, André Komatsu, Brígida Baltar, Carlos Vergara, Daniel Senise, Fabio Cardoso, Geraldo de Barros, Jose Bechara, Lucia Koch, Luiz Zerbini, Nicolás Robbio, Paulo Climachauska, Rafael Alonso e Raul Mourão e curadoria de Felipe Scovino.

**Figura 89** – Topotesia e Grid – 2018



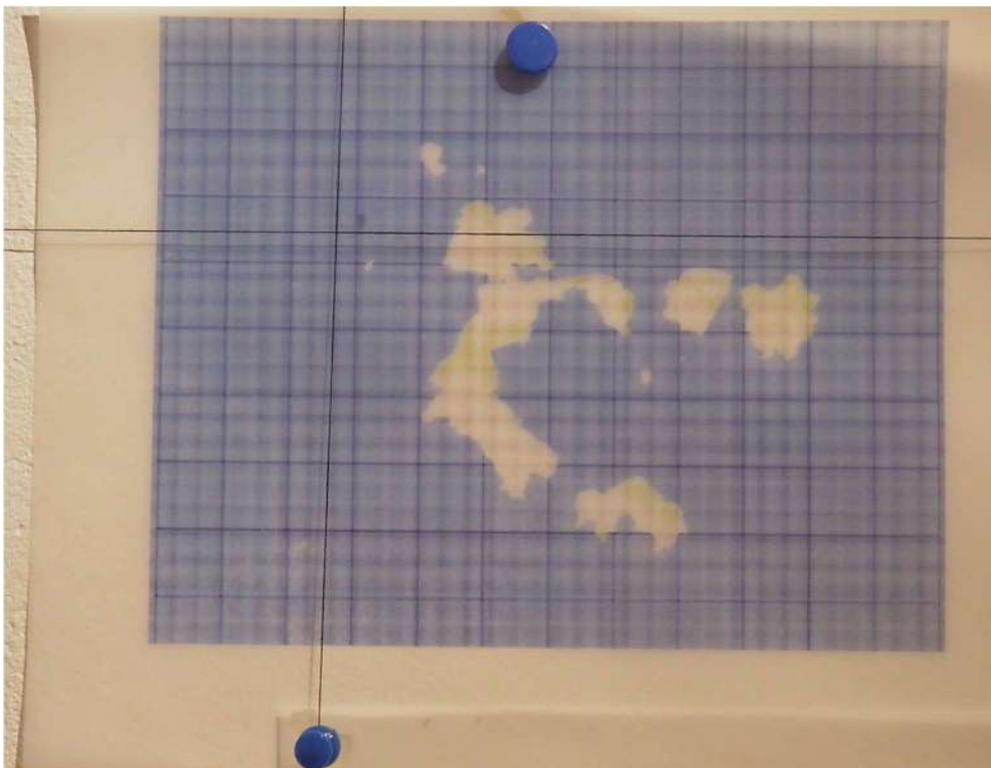
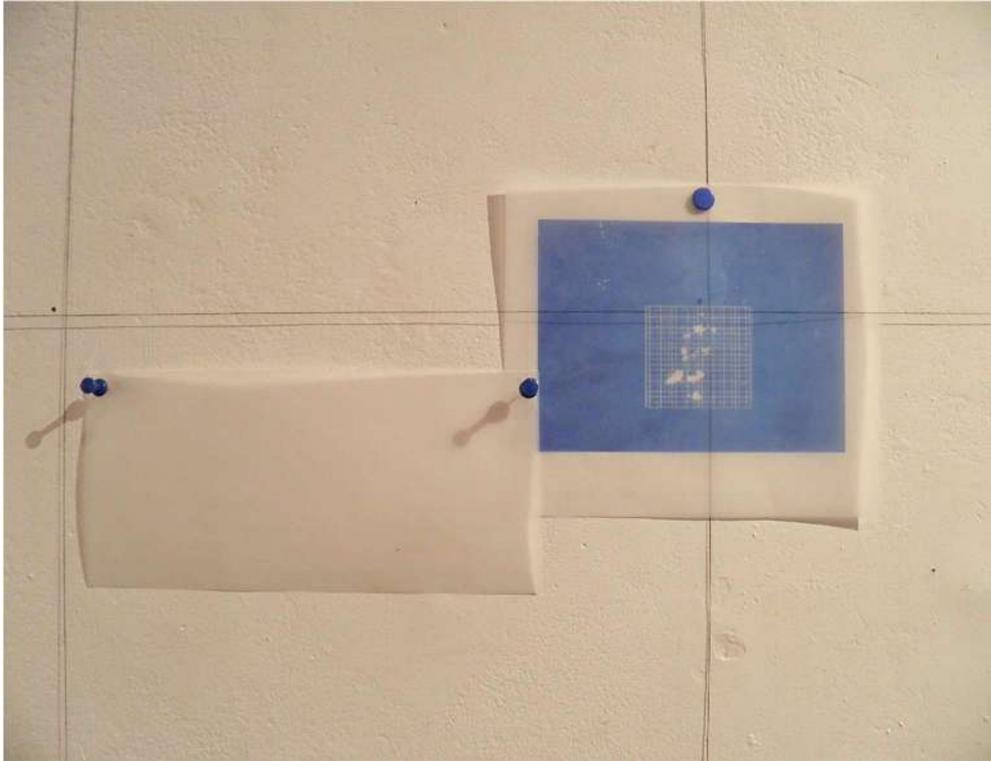
Fotografia: Vladimir Oliveira

**Figura 90** – Topotesia e Grid – 2018



Fotografia: Vladimir Oliveira

**Figura 91** – Topotesia (detalhes) – 2018



Fotografia: Vladimir Oliveira

## Topotesia

Não se mapeia apenas o que se vê, mapeia-se para ver melhor, mapeia-se o que se pensa ver, mapeia-se o que se imagina.

Agnaldo Farias

O mundo figurado através do mapeamento [...] pode ser material ou imaterial, existente ou desejado, inteiro ou em partes, experimentado, lembrado ou projetado em várias maneiras.

Denis Cosgrove

**Topotesia**, que quer dizer a descrição de um lugar imaginário, é um trabalho longo, que venho pensando e criando antes mesmo da pesquisa do doutorado, e que segue acontecendo, se desenvolvendo... Ele responde a meu desejo de inventar Mapas, a minha 'cArtegrafia Móbil', de regiões, espaços-lugares que não existem, que ainda não foram encontrados. É também uma criação que se relaciona com a noção de Mapa, Cartografia, como um experimento artístico, no sentido de desvinculação científica, racionalista e funcional com o trato deste tema, em favor de uma observação, apropriação, uma atuação subversiva-artística do assunto. No entanto, o processo criativo deste trabalho considera, inclui, explora a força da dimensão representativa da cartografia oficial, da ciência, sua dimensão e fisionomia profusamente gráfica e visual, na constituição-invenção de uma/do que considero ser uma 'MetaCartografia' irreal, fictícia, imaginosa.

Para laborar o trabalho, encaminhamentos móveis são praticados, porque preciso me locomover por ambiências diversas na busca e encontro de imagens que, na minha percepção (e ilusão), formal e plasticamente pareçam, lembrem Mapas. Por isso ajo em deslocamentos fotográficos, e 'cartografo-catalogo' manchas, texturas, descascamentos, desmanches, de pisos, paredes, objetos, camadas superpostas e expostas de matérias que dão a ver intervenções-alterações gráficas do tempo (ver imagens 89-90). No andamento da pesquisa, encontrei um dado, uma possível explicação 'científica', até então desconhecida para mim, para o fato de enxergar (como) Mapas as imagens que fotografava.

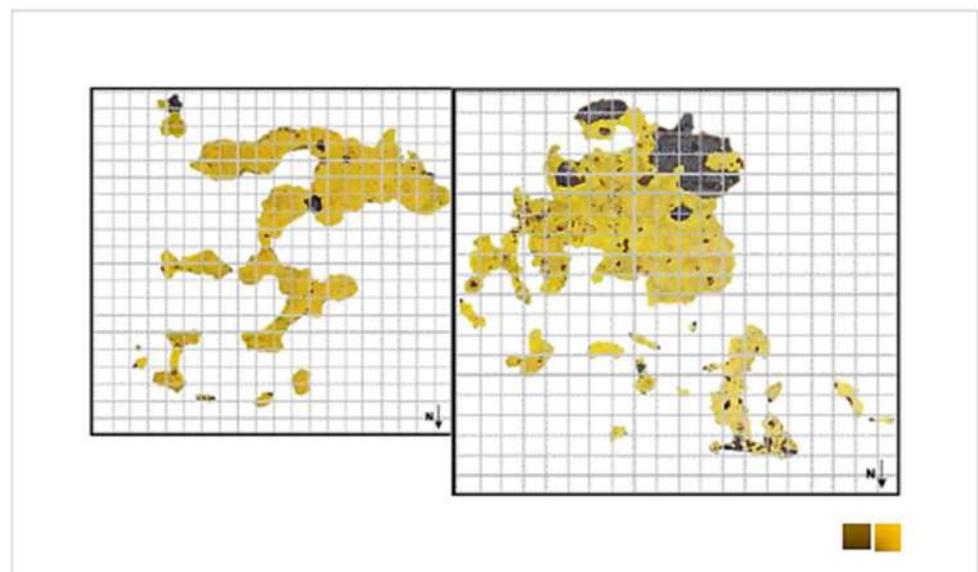
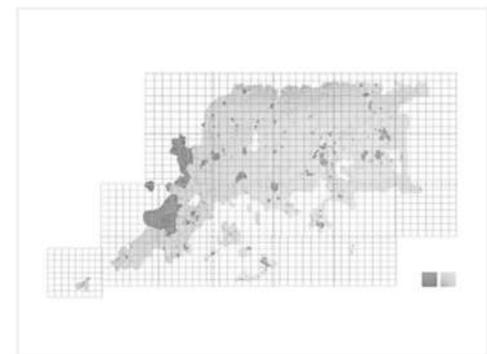
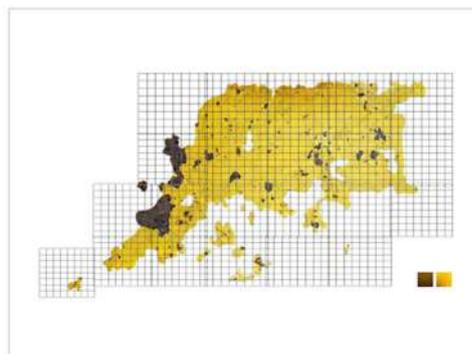
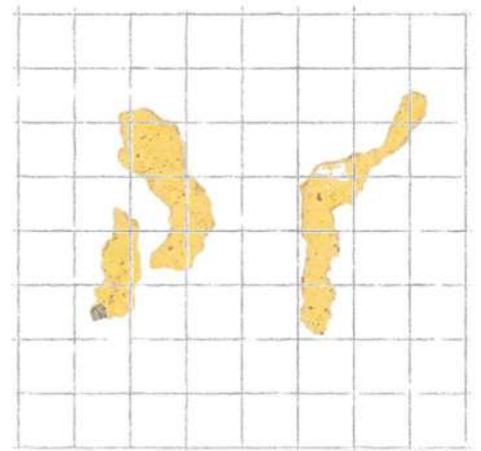
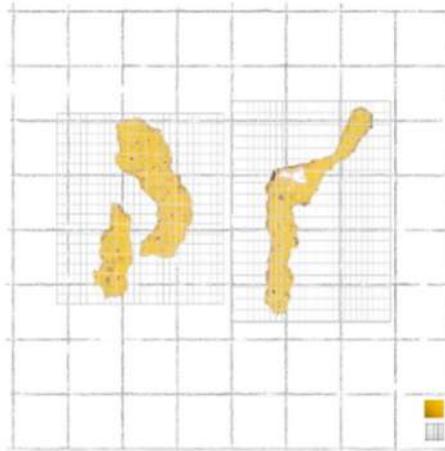
Descobri a *Pareidolia*<sup>137</sup>, um fenômeno psicológico comum a todos os seres humanos, envolvendo um estímulo vago, aleatório, imagem ou som por exemplo, que é percebido como algo distinto e com significado. Com isso, em situações simples, corriqueiras, é comum vermos imagens que parecem ter significado em nuvens, montanhas, solos rochosos, florestas, líquidos, janelas embaçadas e outros objetos e lugares.

Para conferir as imagens fotografadas uma fisionomia, expressão ainda maior de Mapas, as operações seguintes foram transferi-las para um processador de texto (Word) e operar cartograficamente sobre elas, aplicando, colando, combinando elementos de visualização e linguagem cartográfica como grids, legendas, orientação, escala gráfica, coordenadas, sinais básicos, convencionais de Mapas geográficos. A escolha por imprimi-las em papel vegetal e trabalha-las em recortes de pequeno e médio formato, veio em complementação e intensificação, visual, conceitual, na materialização, na transfiguração das imagens em Mapas Moventes, configuração que intencionava provocar abertura, maleabilidade, fragilidade, deformação destes Mapas, bem como inspirar possibilidades de intervenção, adulteração, complementação, mobilidade e continuidade desta cArtegrafia. Proceder com o papel vegetal, sua transparência e qualidade gráfica, foi também uma forma pensada de relacionar e ligar 'Topotesia' ao trabalho 'Grid', potencializando e ampliando suas ideias e expressões, evidenciando, por exemplo, as linhas-coordenadas traçadas no espaço de instalação destes dois trabalhos, ora movendo, atravessando, ora se sobrepondo, se incorporando aos Mapas.

---

<sup>137</sup> Do grego *para*, que é junto de ou ao lado de, e *eidolon*, imagem, figura ou forma.

Figura 92 – série Topotesia (Processo de Criação) – 2018



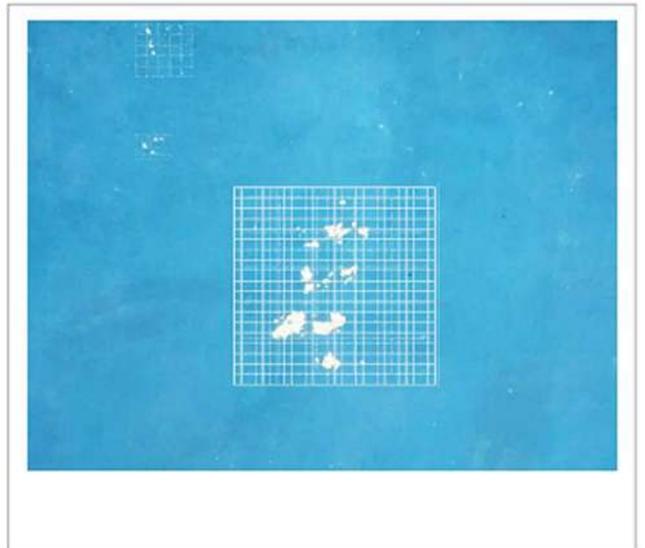
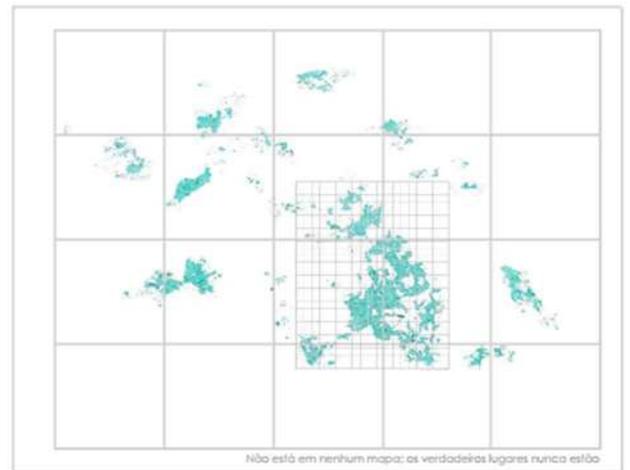
Autor: Vladimir Oliveira

**Figura 93** – série Topotesia (Processo de Criação) – 2017/2018

Antes

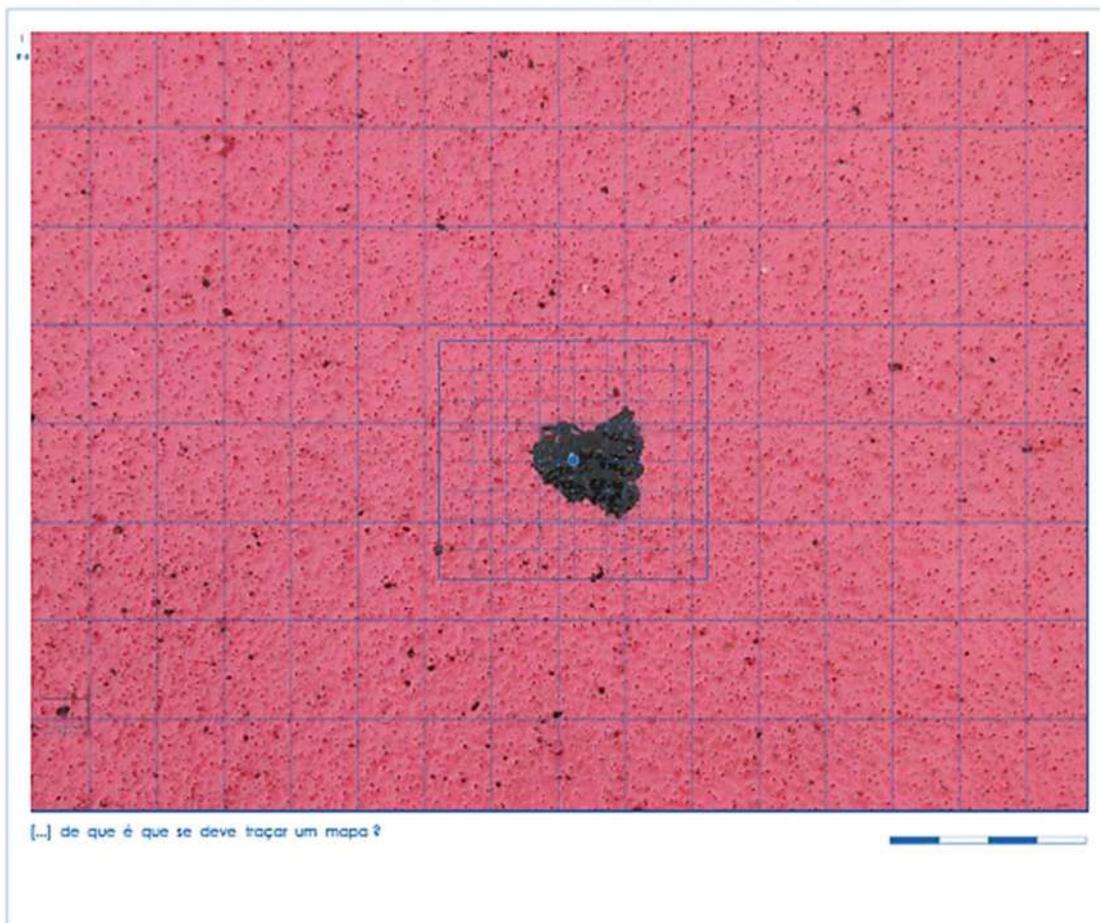


Depois



Autor: Vladimir Oliveira

**Figura 94** – série Topotesia (Processo de Criação) – 2017/2018



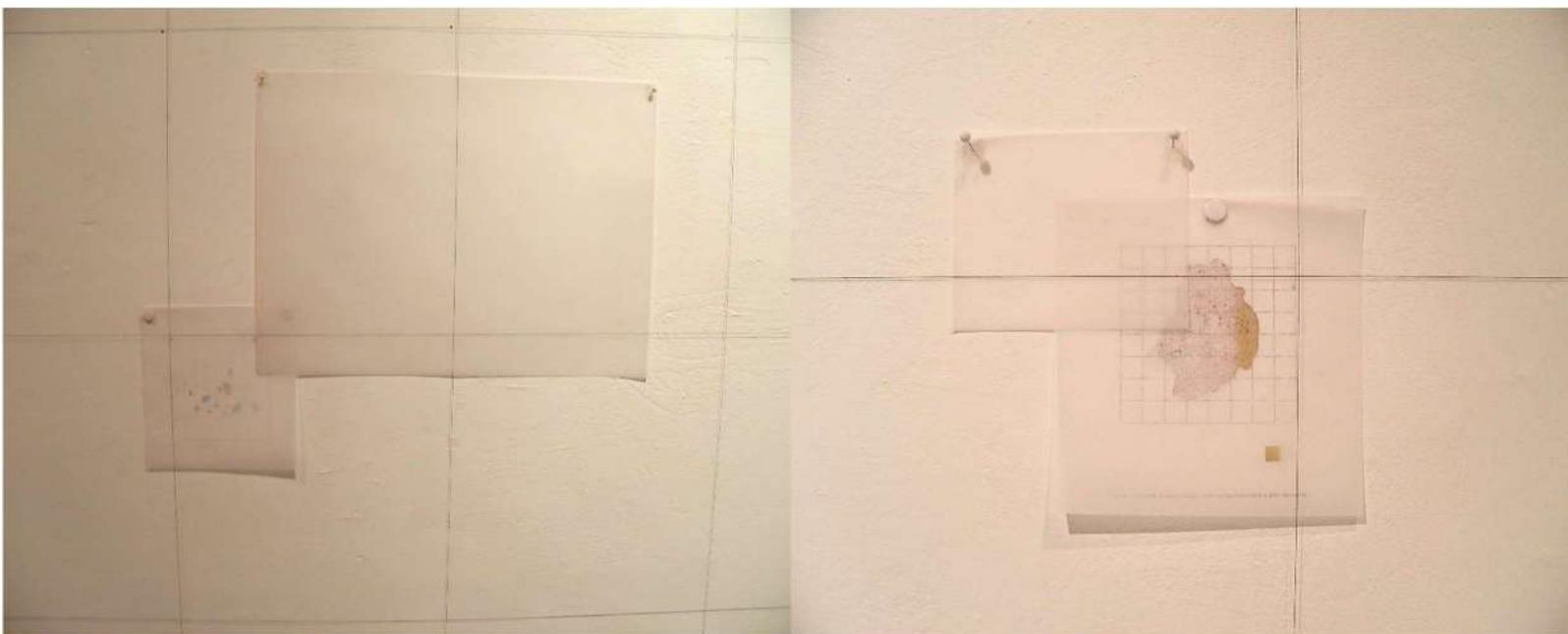
Autor: Vladimir Oliveira

**Figura 95** – Topotesia (detalhes) – 2018



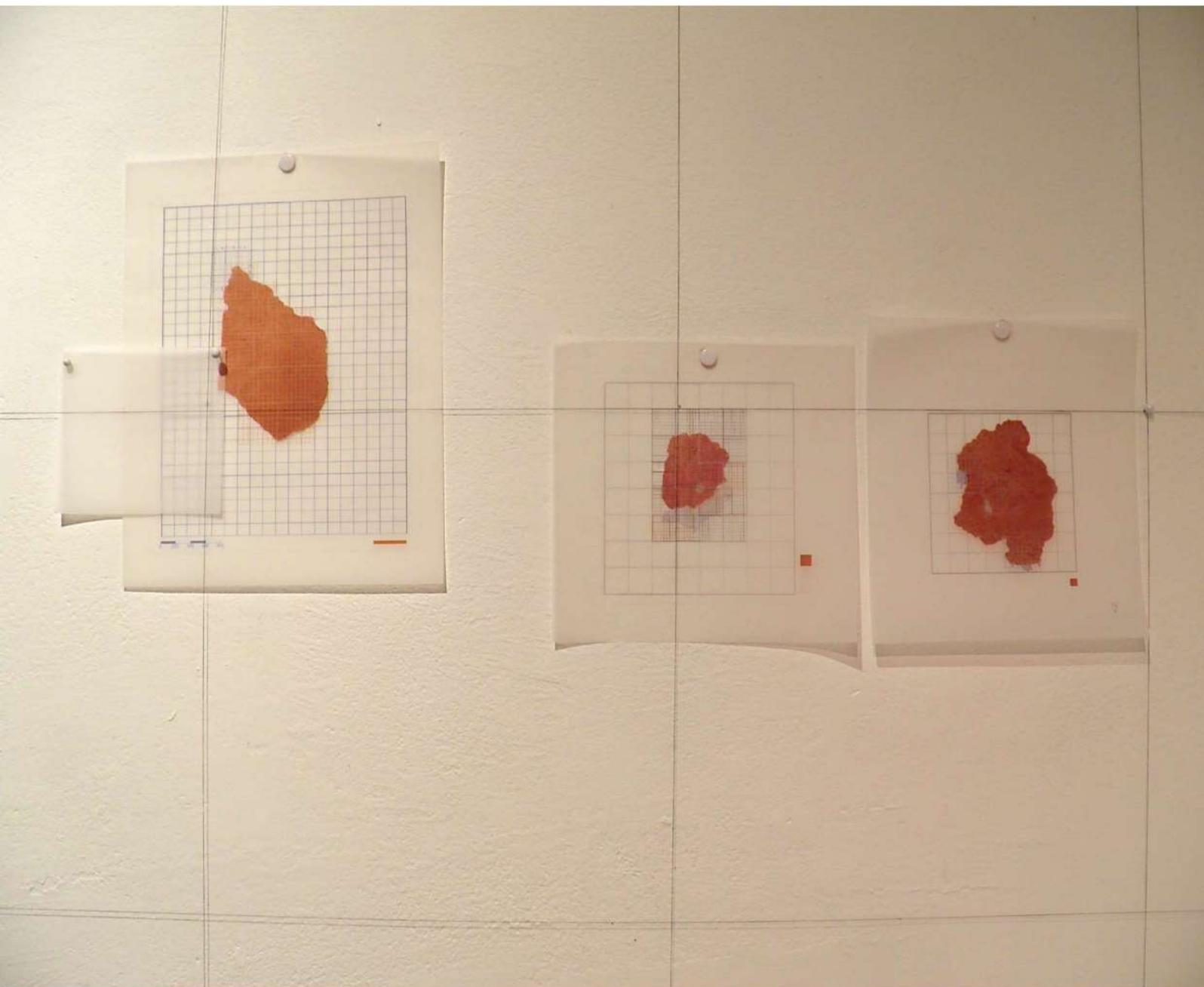
Fotografia: Vladimir Oliveira

**Figura 96** – Topotesia (detalhes) – 2018



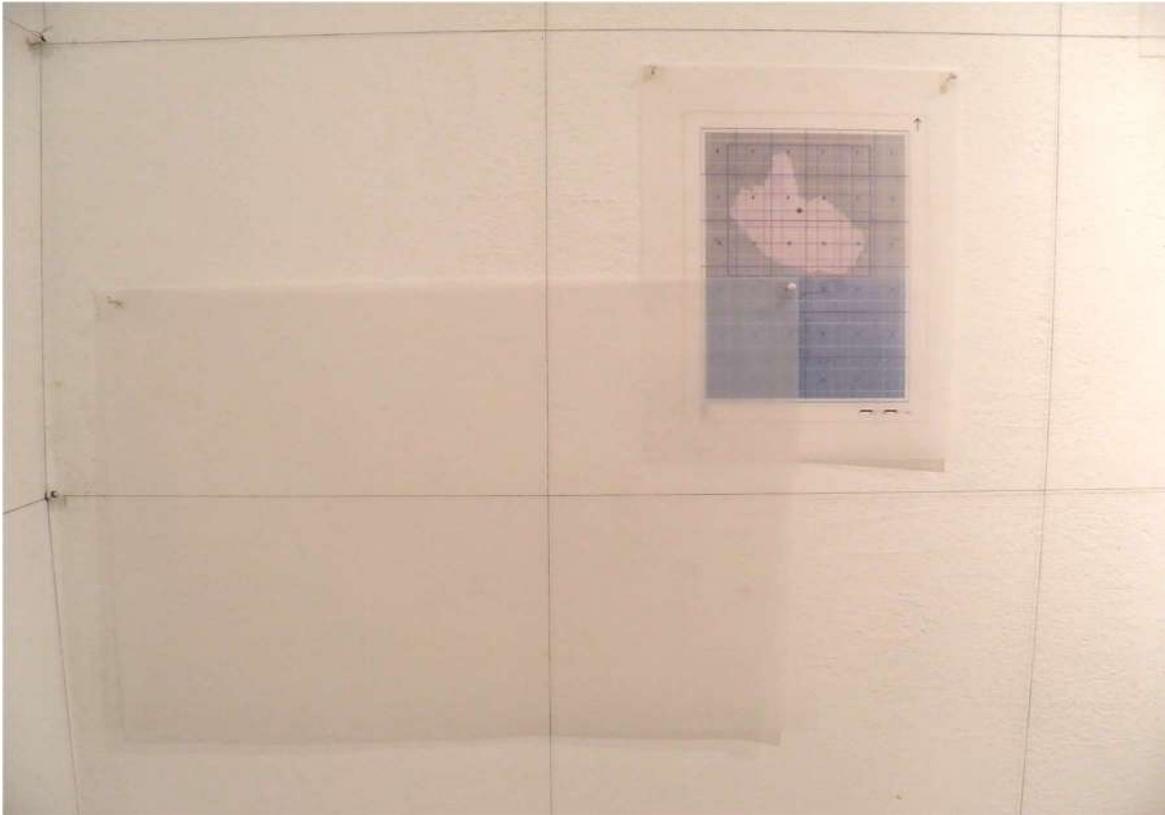
Fotografia: Vladimir Oliveira

**Figura 97** – Topotesia (detalhes) – 2018



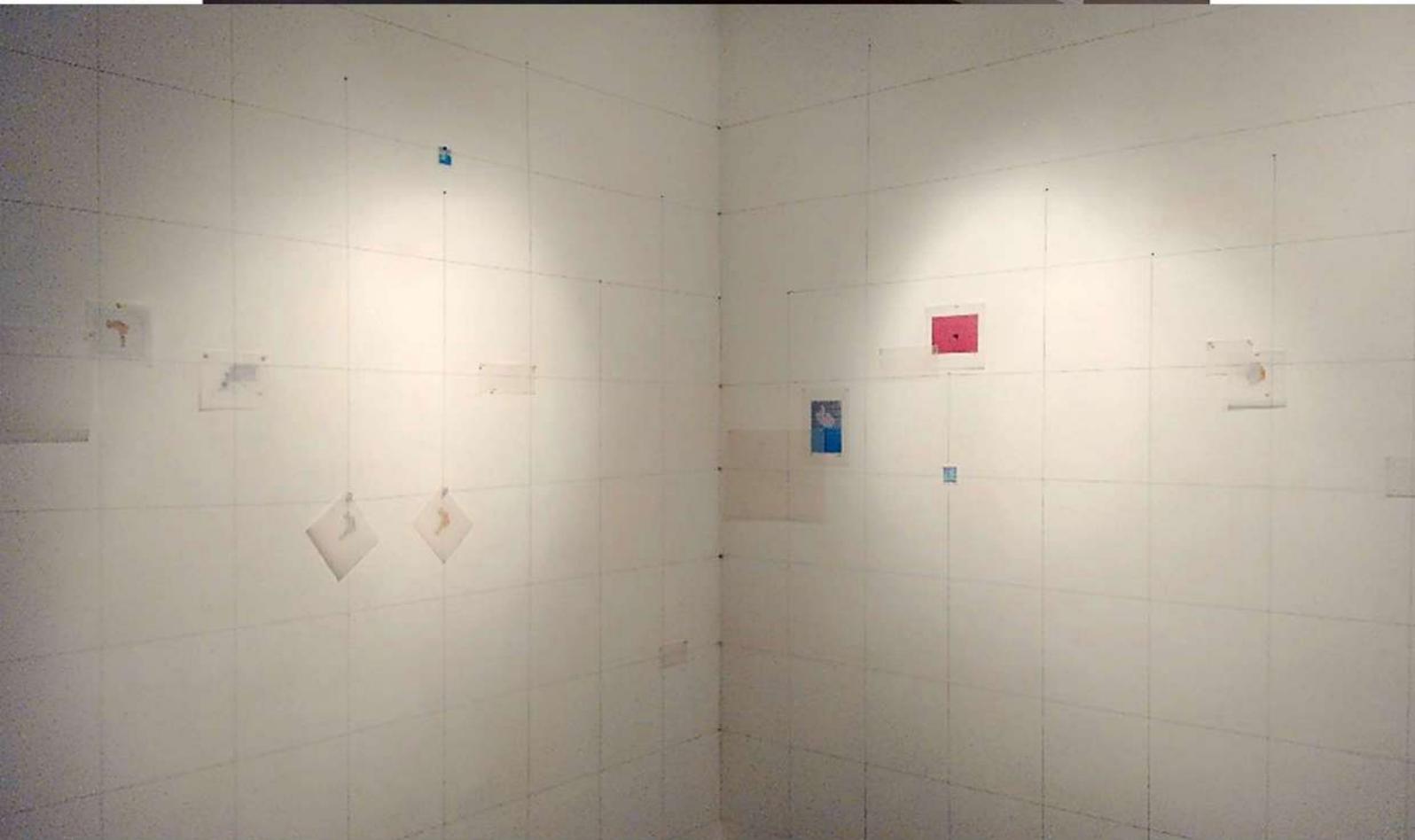
Fotografia: Vladimir Oliveira

**Figura 98** – Topotesia (detalhes) – 2018



Fotografia: Vladimir Oliveira

**Figura 99** – Topotesia (detalhes) – 2018



Fotografia: Vladimir Oliveira

**Figura 100** – Topotesia (série ArquivAtlas) – 2017\_\_



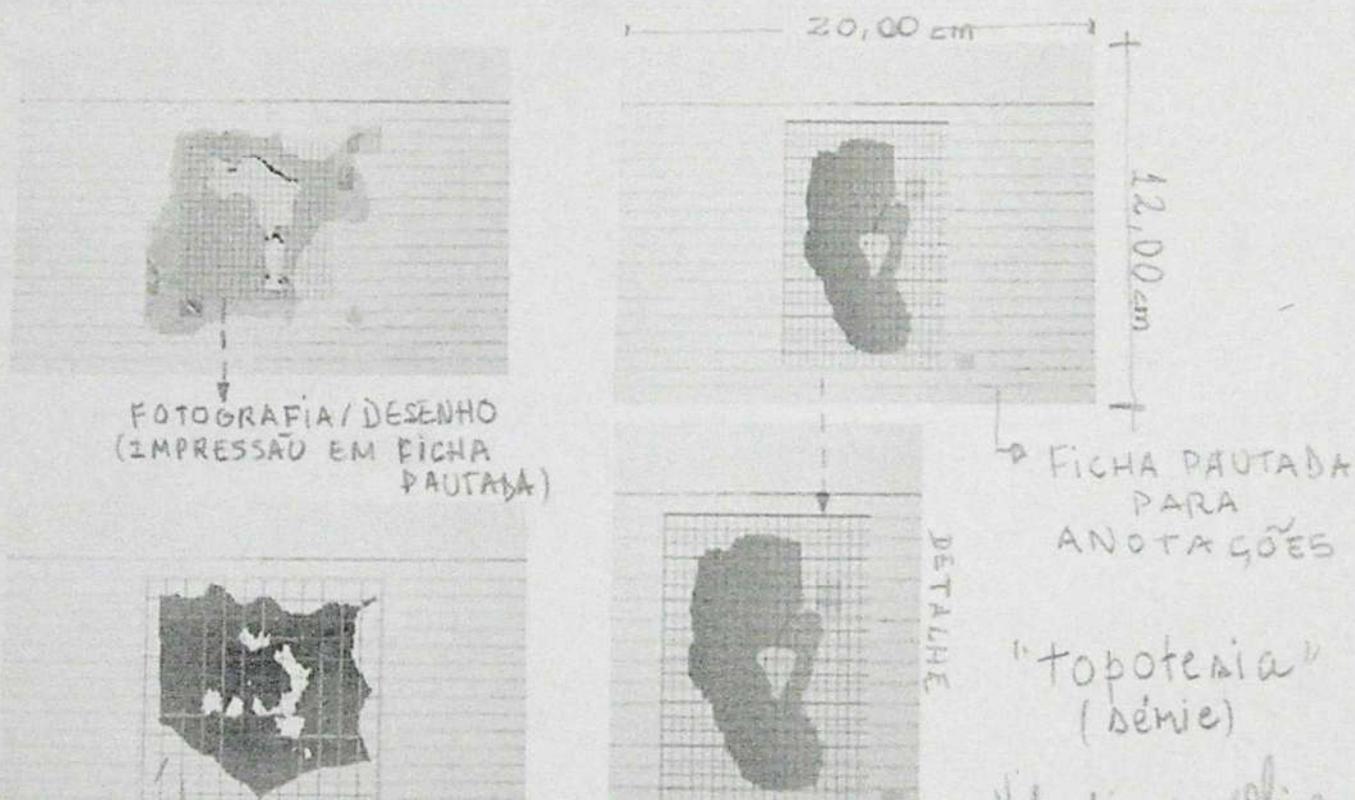
Fotografia: Vladimir Oliveira

# Topotesia (série ArquivAtlas)

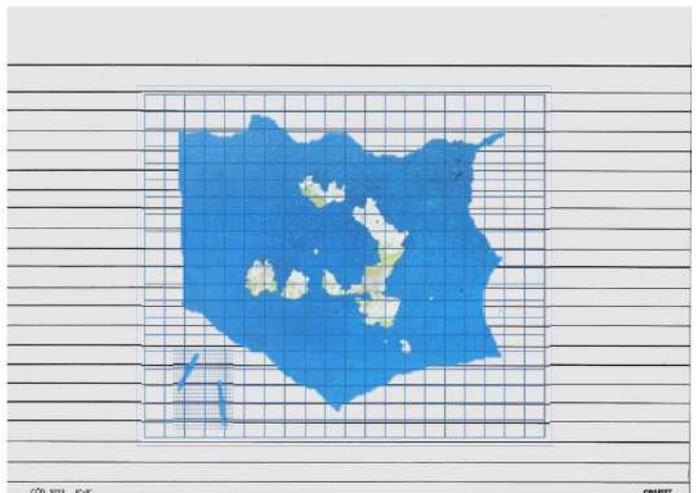
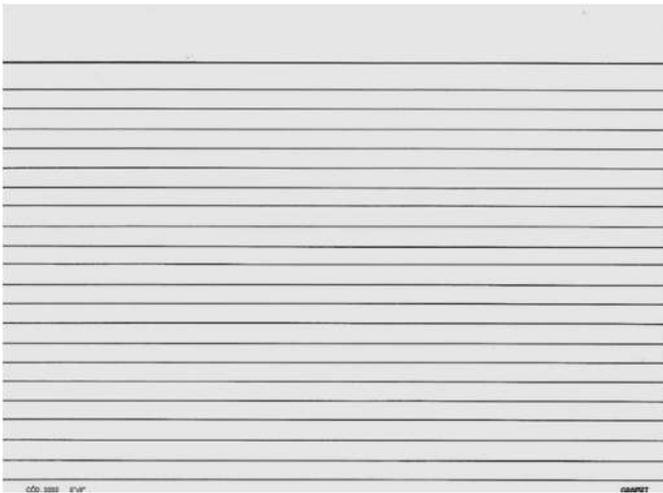
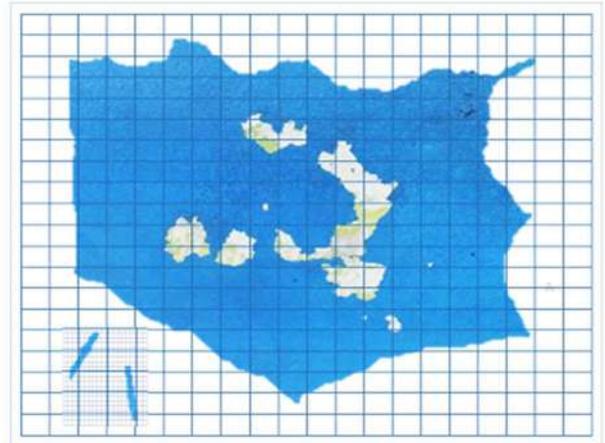
Não está em nenhum mapa. Os verdadeiros lugares nunca estão.

Herman Melville

Os Mapas documentam graficamente geografias reais, superfícies terrestres, servem de norte, de guia para o ir, o estar e o deslocar humano, conferindo a precisão de se saber que se está onde se queria chegar. Mapas não devem errar, desorientar, dar margem ao perder-se....Todo lugar é cartografável e há mapas exatos de todos os lugares, sem atalhos e com todos os seus possíveis, oficiais e objetivamente indicados trajetos e trajetórias. Já o meu caminho com a criação desta série, desta cArtEgrafia, não se faz seguindo as coordenadas de nenhum mapa, mas opera em levantar, catalogar, por que não dizer, *mapear* imagens que vejo, procuro, que quero ver, como que em uma voluntaria pareidolia, e fazer vir a ser como mapas geográficos. Uma ação e estética cartográfica é experimentada na invenção dessa obra, compondo fichas, um *ArquivAtlas* inventado de potenciais mapas, mas abertos, vagos, imaginativos, adimensionais, indeterminados e que esboçam em traços, planos, manchas, irregulares linearidades, *terras-lugares* que não importa saber se existem, onde são-estão, por onde ir para se chegar lá (onde?).



**Figura 101** – Topotesia (série ArquivAtlas-Processo de Criação) – 2017\_ \_ \_

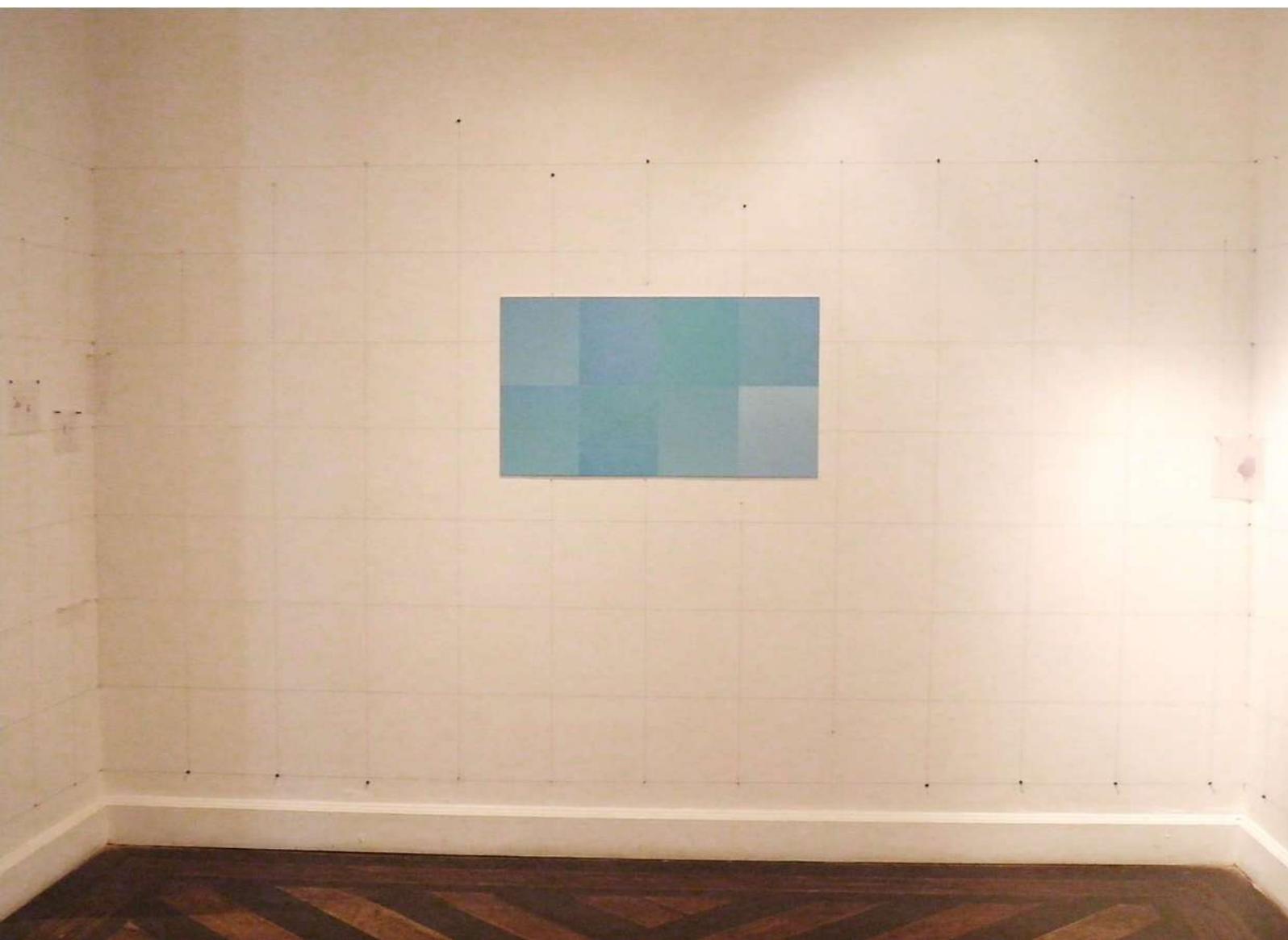
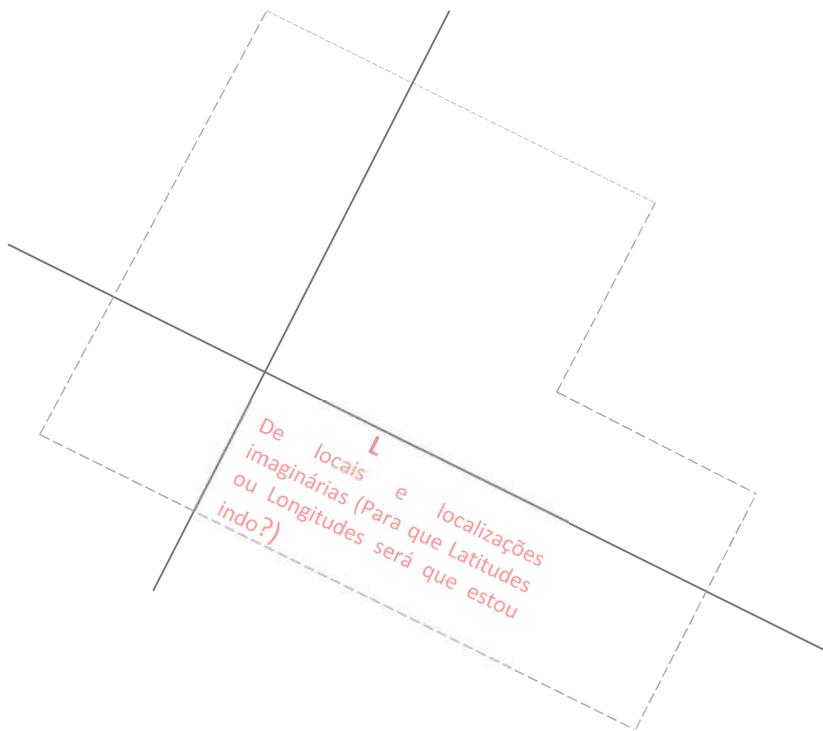


Autor: Vladimir Oliveira

Figura 102 – Topotesia (série ArquivAtlas) – 2017\_ \_ \_



## Espaço B - |L| Leste

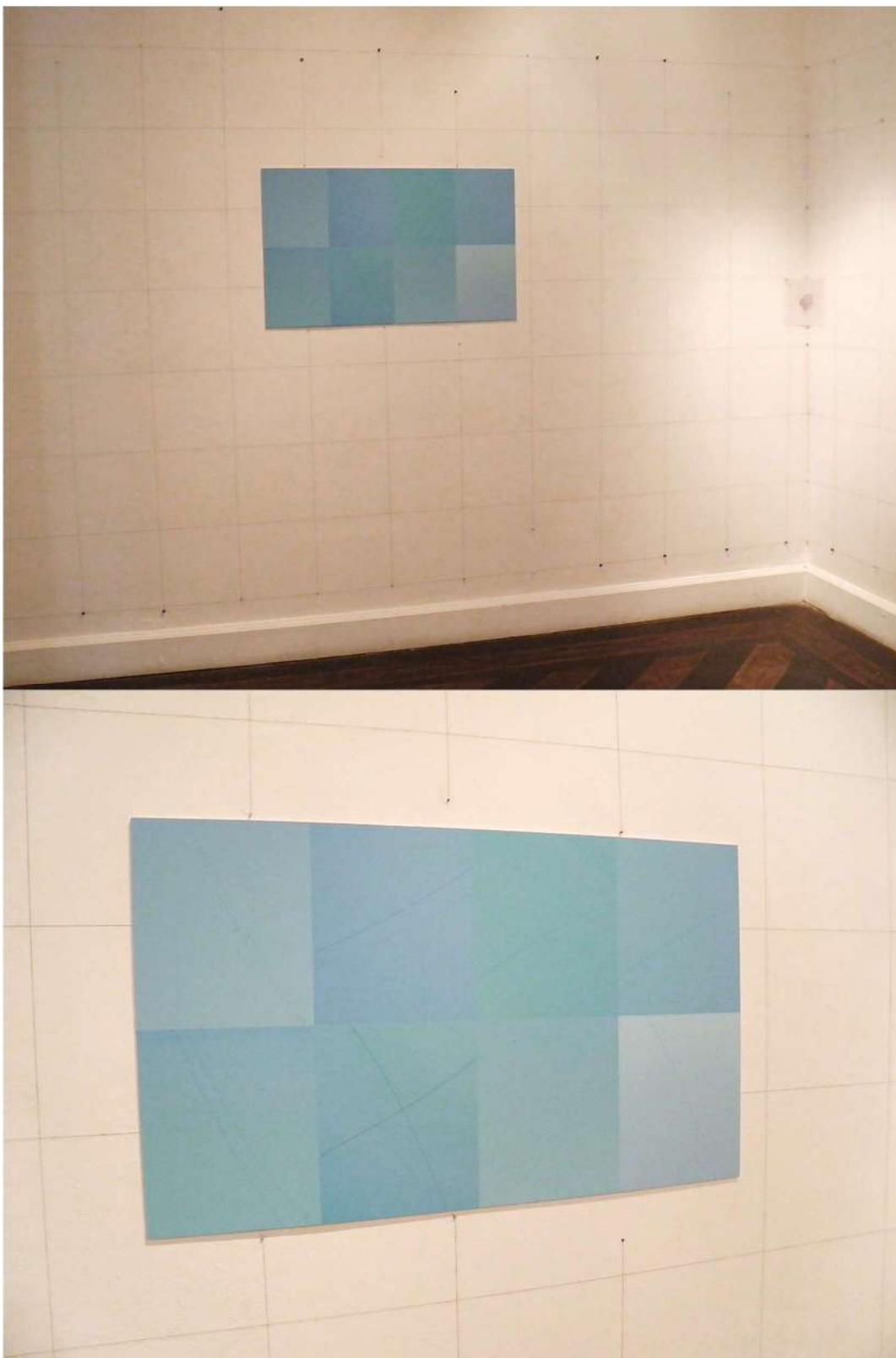


**Figura 103** – De locais e localizações imaginárias (Para que Latitudes ou Longitudes será que estou indo?) – 2018



Fotografia: Vladimir Oliveira

**Figura 104** – De locais e localizações imaginárias (Para que Latitudes ou Longitudes será que estou indo?) – 2018



Fotografia: Vladimir Oliveira

**D**e locais e localizações imaginárias (Para que Latitudes ou Longitudes será que estou indo?)

Eis a carta dos céus:  
as distâncias vivas  
indicam apenas  
roteiros  
os astros não se interligam  
e a distância maior  
é olhar apenas.

A estrela  
vão e luz somente  
sempre nasce agora:  
desconhece as irmãs  
e é sem espelho.

Eis a carta dos céus: tudo  
indeterminado e imprevisto  
cria um amor fluente  
e sempre vivo.

Eis a carta dos céus: tudo se move.

Orides Fontela

Um trabalho que joga com o sistema de coordenadas geográficas terrestres projetando-o aleatoriamente no céu. Num mapa, convencionalmente um espaço da terra é visto do céu, neste/no trabalho, imaginosamente traço, movo coordenadas de possíveis locais e localizações que são próprias ao regime de orientação cartográfica na Terra, assinalando-as numa sequência de superposições de imagens fotográficas do céu. Se pensarmos num globo terrestre visto do espaço (a Terra-o planeta visto do céu), esses registros podem sugerir e se assemelhar também a feição dos oceanos, na forma como são cartograficamente representados no globo, bem como na sua planificação nos mapas.

O procedimento de feitura do trabalho dá-se inicialmente por tomadas fotográficas digitais do céu, realizadas ao ar livre e em dias variados, considerando e aproveitando a diferença de luz natural a cada hora do dia. Seguidamente, as coordenadas geográficas e superposições das fotografias são realizadas no *Picasa*, um editor eletrônico de imagens. Duas citações literárias foram incorporadas as imagens superpostas; o poema Mapa de Orides Fontela, inscrito nas fotografias, e o trecho de Alice no país das Maravilhas de Lewis Carroll, segundo título e também questão movente do trabalho. Num voo, num

panorama poético e imaginário de locomobilidade, penso no 'olhar para a terra-olhar para o céu', e descobrir, encontrar, visualizar latitudes (paralelos) e longitudes (meridianos), linhas imaginárias de quais pontos\_lugares da terra? De onde no 'espaço do céu'?



**Figura 105** – De locais e localizações imaginárias (Para que Latitudes ou Longitudes será que estou indo?) – Processo de Criação – 2017/2018

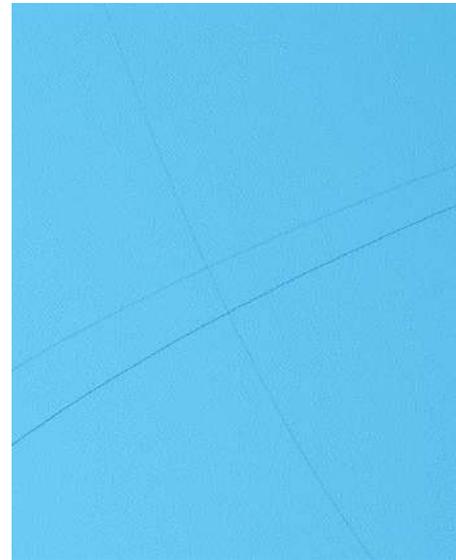
a



b

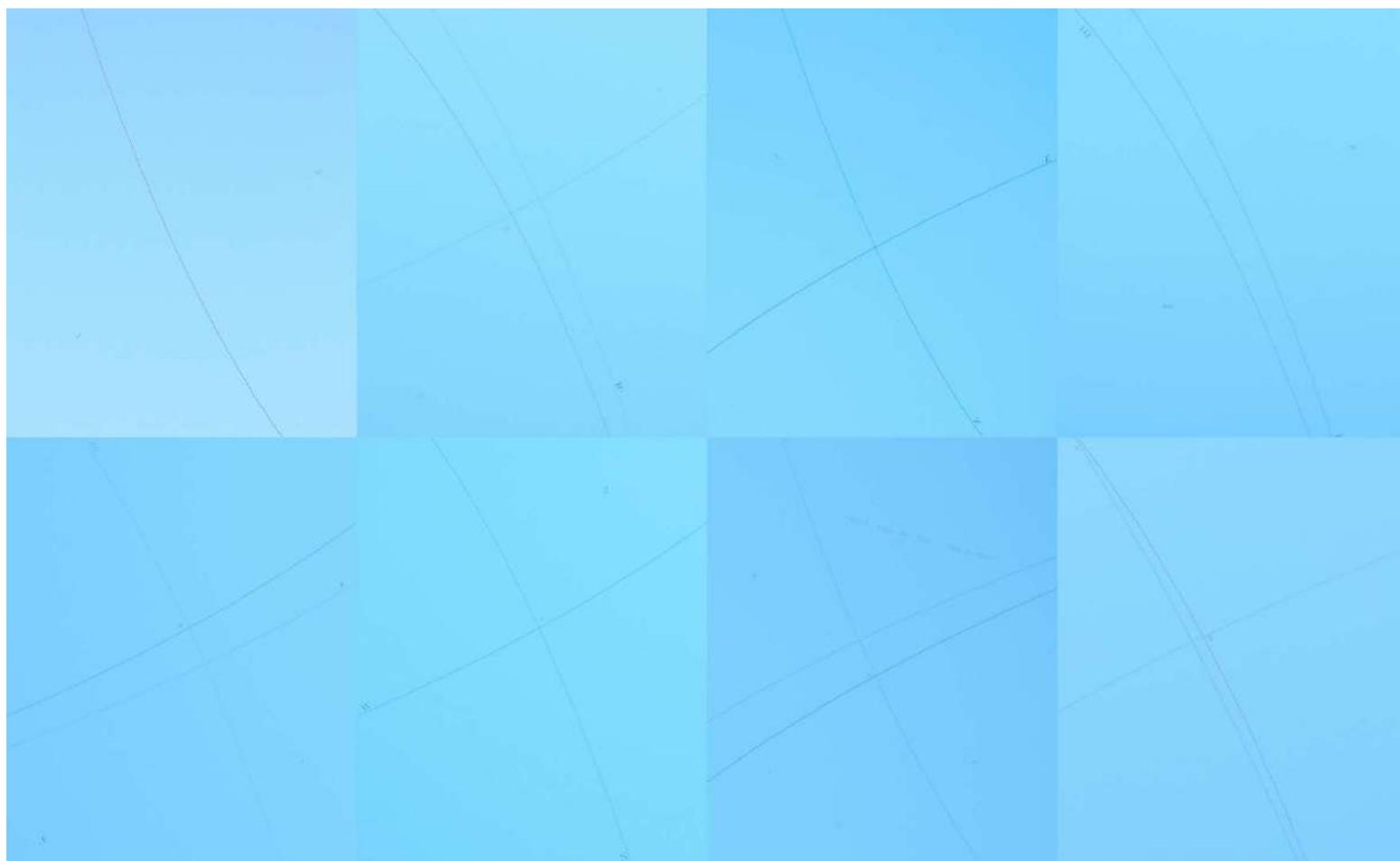


a + b (superposição)



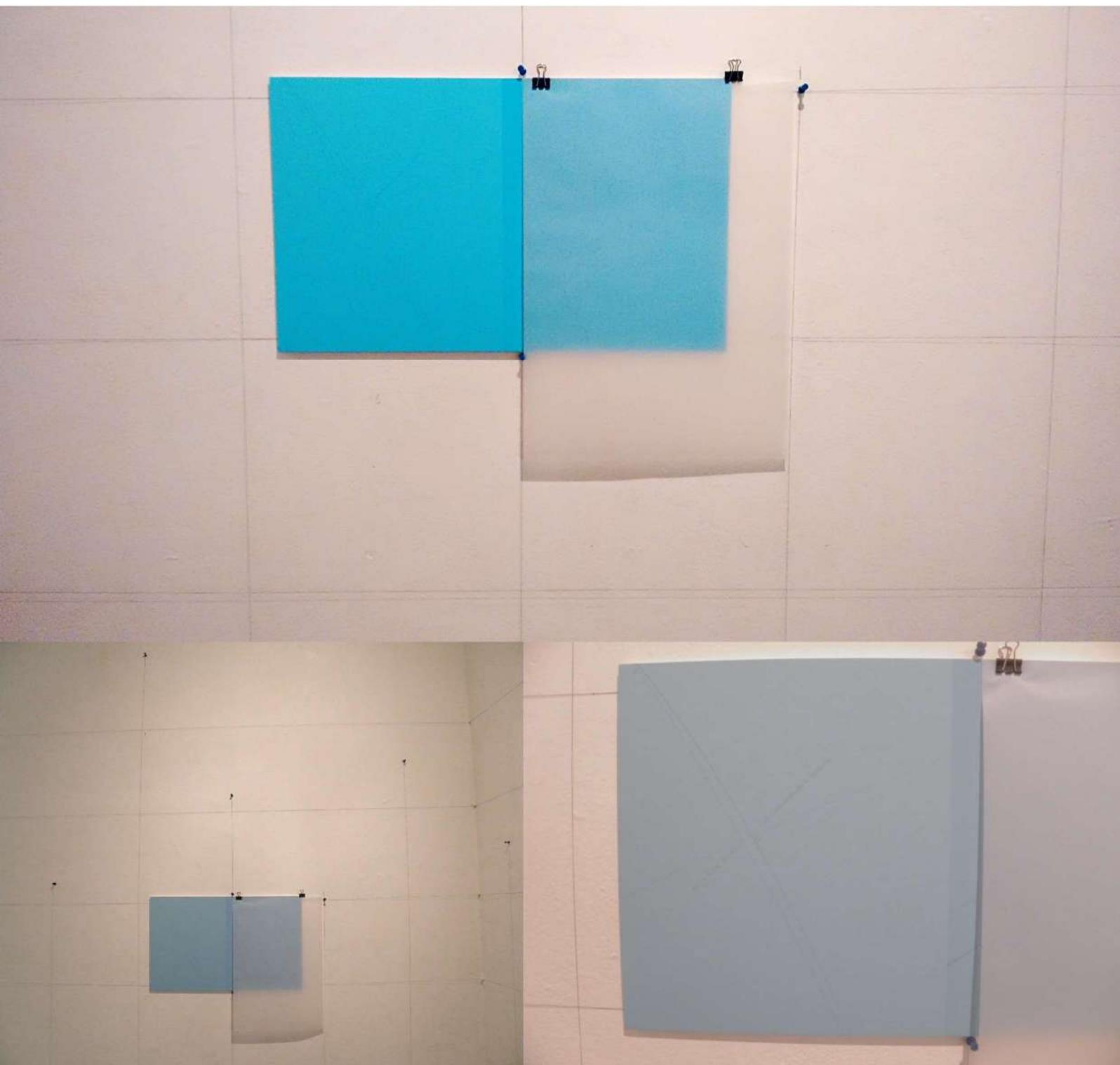
Autor: Vladimir Oliveira

**Figura 106** – De locais e localizações imaginárias (Para que Latitudes ou Longitudes será que estou indo?) – Composição Fotográfica – 2017/2018



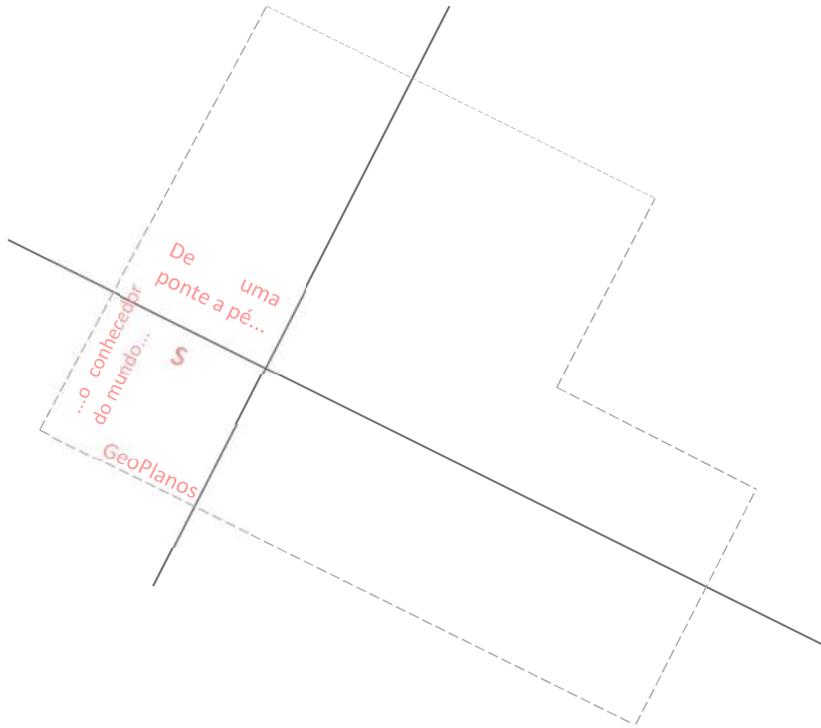
Autor: Vladimir Oliveira

**Figura 107** – De locais e localizações imaginárias (Para que Latitudes ou Longitudes será que estou indo?) – 2018



Fotografia: Vladimir Oliveira

**Espaço C - |S| Sul**



**Figura 108** – ...e conhecedor do mundo em que vivemos (Recordação Cartográfica) – 2018



Fotografia: Vladimir Oliveira

**Figura 109** – ...e conhecedor do mundo em que vivemos (Recordação Cartográfica) – 2018



Fotografia: Vladimir Oliveira

**Figura 110** – ...e conhecedor do mundo em que vivemos (Recordação Cartográfica) – 2018



Fotografia: Vladimir Oliveira



## conhecedor do mundo em que vivemos (Recordação Cartográfica)

Não é por acaso que, nas tradicionais fotos que registram nossa passagem pela escola, o globo aparece ao nosso lado. Também, não raro, algum mapa e/ou uma bandeira do Brasil. Podemos ter símbolos mais geográficos e cívicos do que bandeiras, mapas e globos?

Neiva Otero Schäffer | Nestor André Kaercher |  
Ligia Beatriz Goulart | Antonio Carlos  
CastroGiovanni

Tempo, memória, ciência (conhecimento formal), cartografia, representação, inspiram e movimentam este trabalho. O material, simbólico, escolhido para operar, atualizar artisticamente, foi um conjunto de recordações escolares que compilei eletronicamente, incluindo a minha própria, a única impressa e que reencontrei numa pasta de documentos antigos.

Há muito tempo me sentia provocado a trabalhar com esse material, que inclusive descobri, com a pesquisa de doutorado, quase já não é produzido atualmente. Realizada como uma tradição, a recordação ou foto-lembrança escolar se perpetuou como um marcante e afetivo registro histórico da carreira estudantil. A partir da composição de um cenário solene, formal, a inclusão de objetos, elementos icônicos identificados com a cultura escolar, essas fotografias, retratos de enquadramento horizontal, trazem os estudantes em pose cerimoniosa, numa ambiência de feição cultural erudita, na qual sobressaem livros, enciclopédias, bandeiras, brasões, e frequentemente, com destaque e centralidade no conjunto visualizado, globos terrestres e mapas.

Essa identificada presença recorrente de elementos clássicos de Cartografia, uma Ciência e Arte, mas muito mais difundida e aceita como Ciência, me impulsionou a atuar sobre estas recordações, realizando colagens digitais utilizando os objetos cartográficos contidos nas próprias fotos-lembranças e outros elementos cartográficos convencionais, apropriados de outras fontes. Criando intervenções mínimas, discretas, silenciosas, quase imperceptíveis nas recordações (ver imagens 106-107), busquei intencionalmente gerar dúvidas sobre a produção da imagem, no sentido de, ao mira-la, ocorrer o

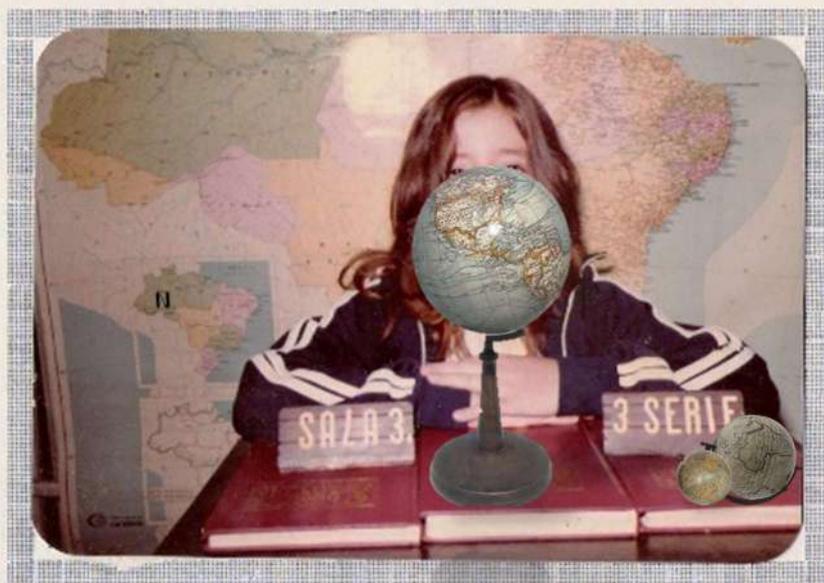
questionamento se as recordações seriam mesmo convencionalmente produzidas daquela maneira, ou se teriam sido realizadas alterações, montagens, manipulações em suas composições. Também significativamente busquei multiplicar, desdobrar, ampliar a presença de artefatos cartográficos nas recordações, incluindo ainda ao trabalho o exemplar de um livro sobre ensino-aprendizagem escolar de Cartografia, realçando como esses objetos convencionalmente simbolizam um universo cultural formal, indícios de civismo e escolarização que espelham, entre outras linhas, a pujança do conhecimento cartográfico sobre o mundo, e o que/como é dado a conhecer do mundo pela esfera da Cartografia.

# RECORDAÇÃO



# ESCOLAR

*"A criança é a  
Lembrança do  
Passado, a Alegria  
do Presente e a  
Esperança do  
Futuro"*



SÃO PAULO



ANO 1977

Prof. JOYA SUZANA

Nome FATIMA APARECIDA MACHADO

**Figura 111** – ...e conhecedor do mundo em que vivemos (Recordação Cartográfica) – Processo de Criação – 2018

Antes



Depois



Elementos cartográficos inseridos na recordação

Autor: Vladimir Oliveira

**Figura 112** – ...e conhecedor do mundo em que vivemos (Recordação Cartográfica) – Processo de Criação – 2018

Antes



Elementos Cartográficos inseridos na Recordação



Depois

Autor: Vladimir Oliveira

**Figura 113** – ...e conhecedor do mundo em que vivemos (Recordação Cartográfica) – 2018



Fotografia: Vladimir Oliveira

Figura 114 – ...e conhecedor do mundo em que vivemos (Recordação Cartográfica) – 2018



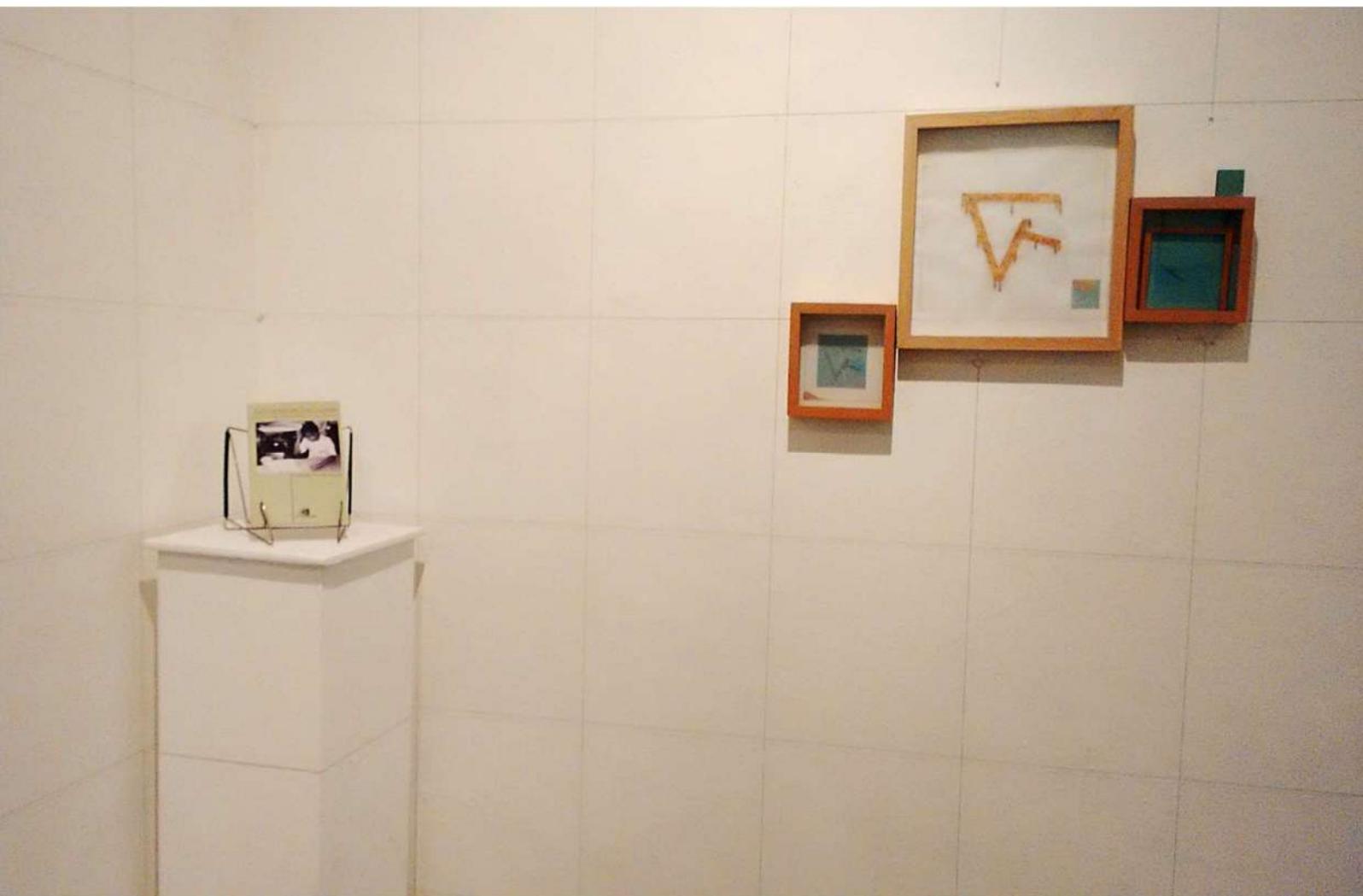
Fotografia: Vladimir Oliveira

**Figura 115** – De uma ponte a pé navegar – 2016/2018



Fotografia: Vladimir Oliveira

**Figura 116** – De uma ponte a pé navegar – 2016/2018



Fotografia: Vladimir Oliveira

**Figura 117** – De uma ponte a pé navegar – 2016/2018



Fotografia: Vladimir Oliveira

## D e uma ponte a pé navegar



### A ponte

[...]  
 Fica-se a ponte no espaço  
 À espera de quem lá passe  
 Que o motivo de ser ponte  
 Se não pára a construção  
 Vai muito mais à vontade  
 De estarem onde não estão  
 [...]  
 Um outro pilar da ponte  
 Cravado no fundo do mar  
 Torna mais breve a distância  
 Do que falta caminhar  
 [...]  
 Sobre o vazio do mar  
 Desfere o traço da ponte  
 Vá na frente a construção  
 Não perguntem de que serve  
 Esta humana teimosia  
 Que sobre a ponte se atreve.

José Saramago

### 5 *Pontos-Portos*, uma *Ponte* entre Ilhas

BTS em Retalhos<sup>138</sup> conta e espelha navegações artístico-científicas e transbordamentos poéticos de pesquisadores do grupo MAMETO<sup>139</sup>, advindas do convívio sensível com as águas oceânicas da Baía de Todos os Santos e seus habitantes nas costas dos portos de Baiacu, Itaparica, Matarandiba, Coqueiros e Ilha de Maré. Ao longo dos meses de Maio e Junho deste ano, me pus em convivência imaginativa e inspiradora com esse livro, paginado de encontros entre Arte e Natureza, levando-o comigo em meus caminhos a pé em Salvador-Ba, *cidade-água* de onde, por pontas de terras, bairros, ruas, se avista do outro lado do mar, no horizonte a perder de vista, o arquipélago da BTS e

<sup>138</sup> GORDILHO, Viga (Org.). **BTS em retalhos ações poéticas em cinco portos da Baía de Todos os Santos: Baiacu, Itaparica, Matarandiba, Coqueiros e Ilha de Maré**. Salvador: EDUFBA, 2013. Disponível em: < <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/16813> >

<sup>139</sup> Grupo de Pesquisa MAMETO CNPq, MATéria, MEMória e conceiTO em poéticas visuais contemporâneas, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Virginia Gordilho Martins (VigaGordilho) da Escola de Belas Artes - Universidade Federal da Bahia – EBA/UFBA.

suas porções de areia, barcos e marés. Em rotas de navegações diárias por suas ondas-linhas, amiúde encontrei, ora em texto, ora em imagens, a palavra-ideia-expressão poética “*ponte*”. Inteira, em “retalhos”, visível, enunciada, uma *ponte* (sobre o mar) é a imagem de capa do livro, foi metáfora dos desejos e atuações interdisciplinares do MAMETO e os mergulhos do projeto BTS, refletiu os afetos criativos ondulados nos labores do Porto II, nomeados como “A ponte que se sonha para atravessar o Mar”. Referenciada também no livro, engenhosamente projetada e aguardando ser construída, está uma ponte que em 12 Km e sobre o mar da BTS, fará a ligação Salvador-Ilha de Itaparica, travessia marítima inúmeras vezes feita por mim, a bordo de embarcações do tipo ferry-boat. Dessa forma, animado com o velejamento do livro, passei a cismar pontes, mover embarques, disparar as seguintes sondas:

Qual a ponte que desejo, que posso inventar, exteriorizar?!

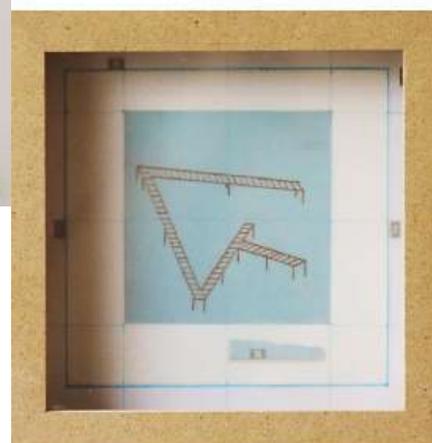
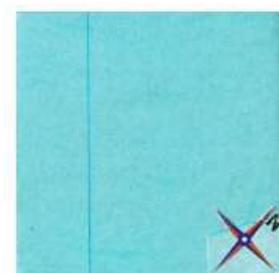
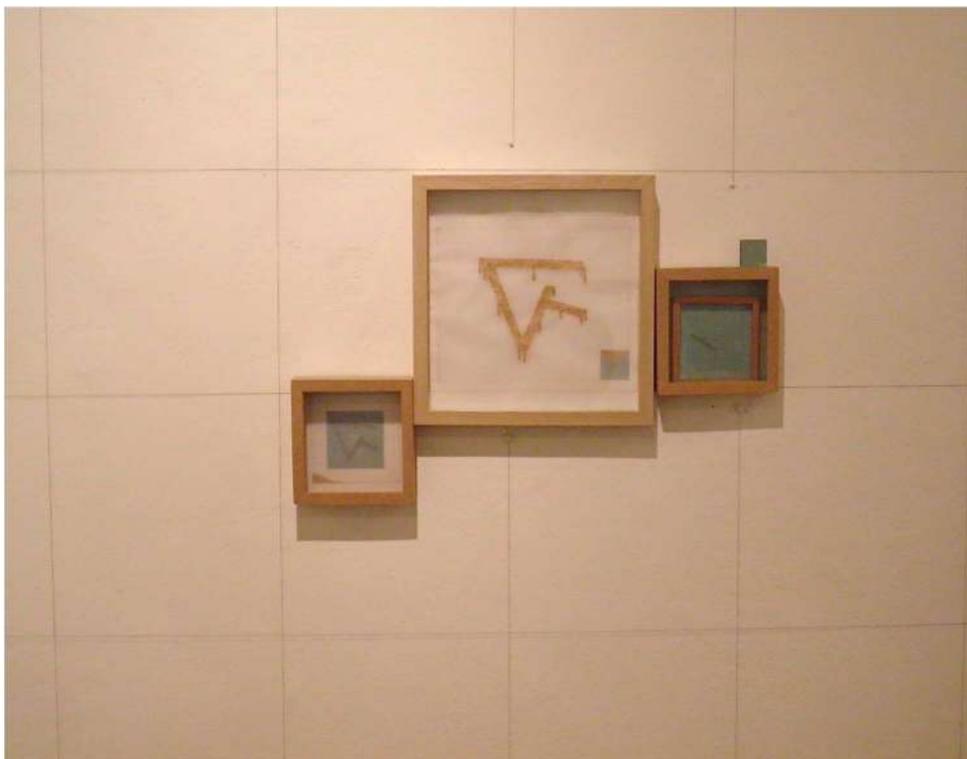
Quais impulsos e fluxos criativos podem criar uma (a minha) ponte?!

Que ponte ela quer ser, o que pode, quer-não quer cruzar?!

O que essa ponte quer apontar?!

Em meio a essas “águas-ondas do pensamento”, de cinco *pontos-portos* tramei uma *ponte-desenho-colagem*, com perfil de *Arte-Estética-Ciência Cartográfica*, contudo e deliberadamente imprecisa, descoordenada, desorientada, à deriva técnica e de marulho poético. “De uma ponte a pé navegar” emergiu de fragmentos de mapas, miniaturas gráficas de espaços-lugares, sem querer com isso localizar, demarcar, tornar conhecível o seu caminho e lugar. Orientada por mim, porque sabia o seu local, como encontra-la, aonde queria passa-la, para outros *navegantes* quis invisibilizar sua possível e imediata referência de localização geográfica. No devaneio poético-artístico, preciso e claro apenas o desejo de compor uma só ponte, para *navegar a pé* de São Salvador da Bahia, cidade de terra, “ita” e águas, entre *retalhos insulares da BTS*. Das linhas do *livro-porto-horizonte*, inventei uma ponte de *ir-vir* andando daqui e vagar para lá, pelo mar, caminhando entre ilhas ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~

**Figura 118** – De uma ponte a pé navegar (detalhes) – 2016/2018



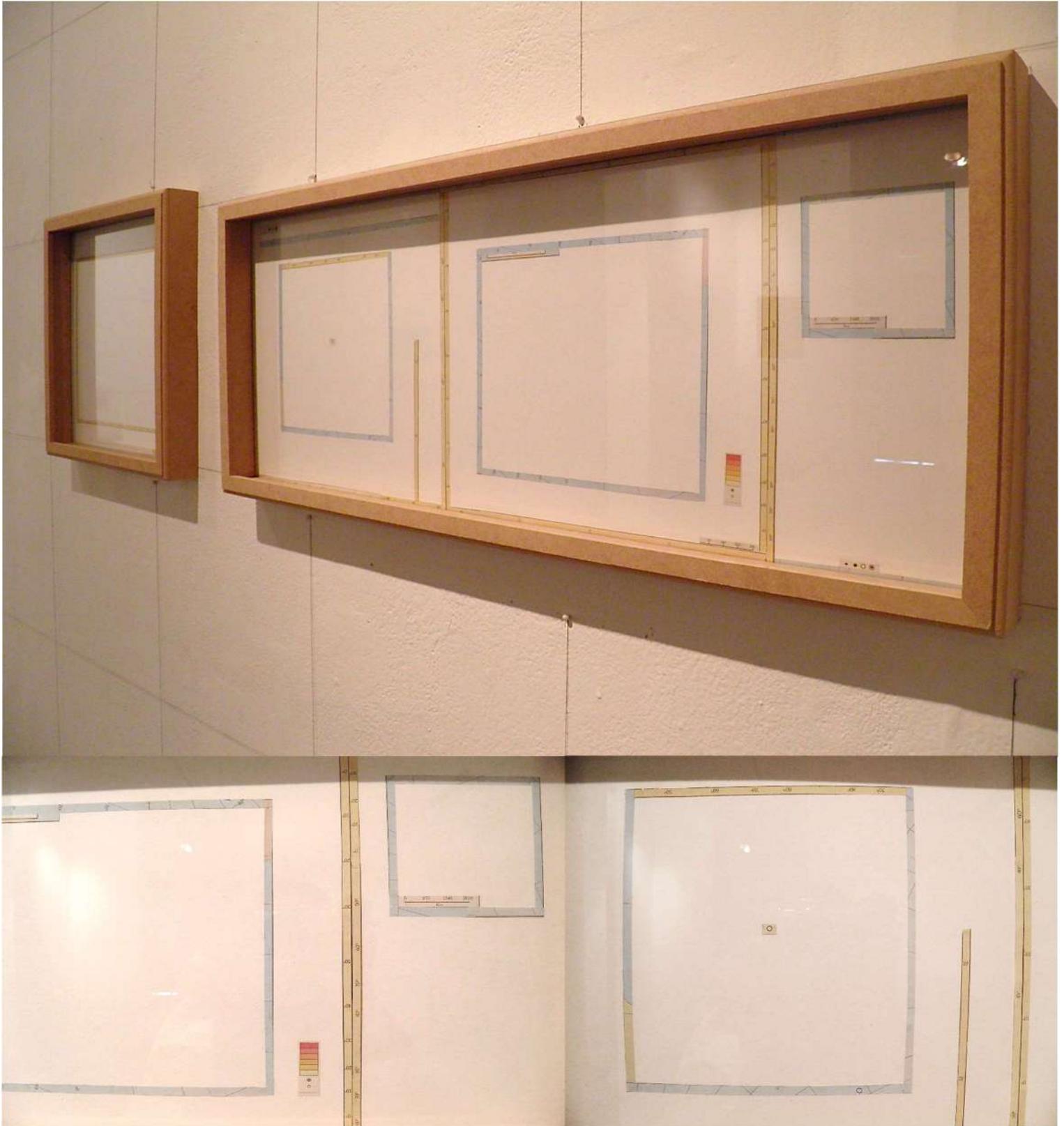
Fotografia: Vladimir Oliveira

Figura 119 – GeoPlanos – 2018



Fotografia: Vladimir Oliveira

Figura 120 – GeoPlanos – 2018

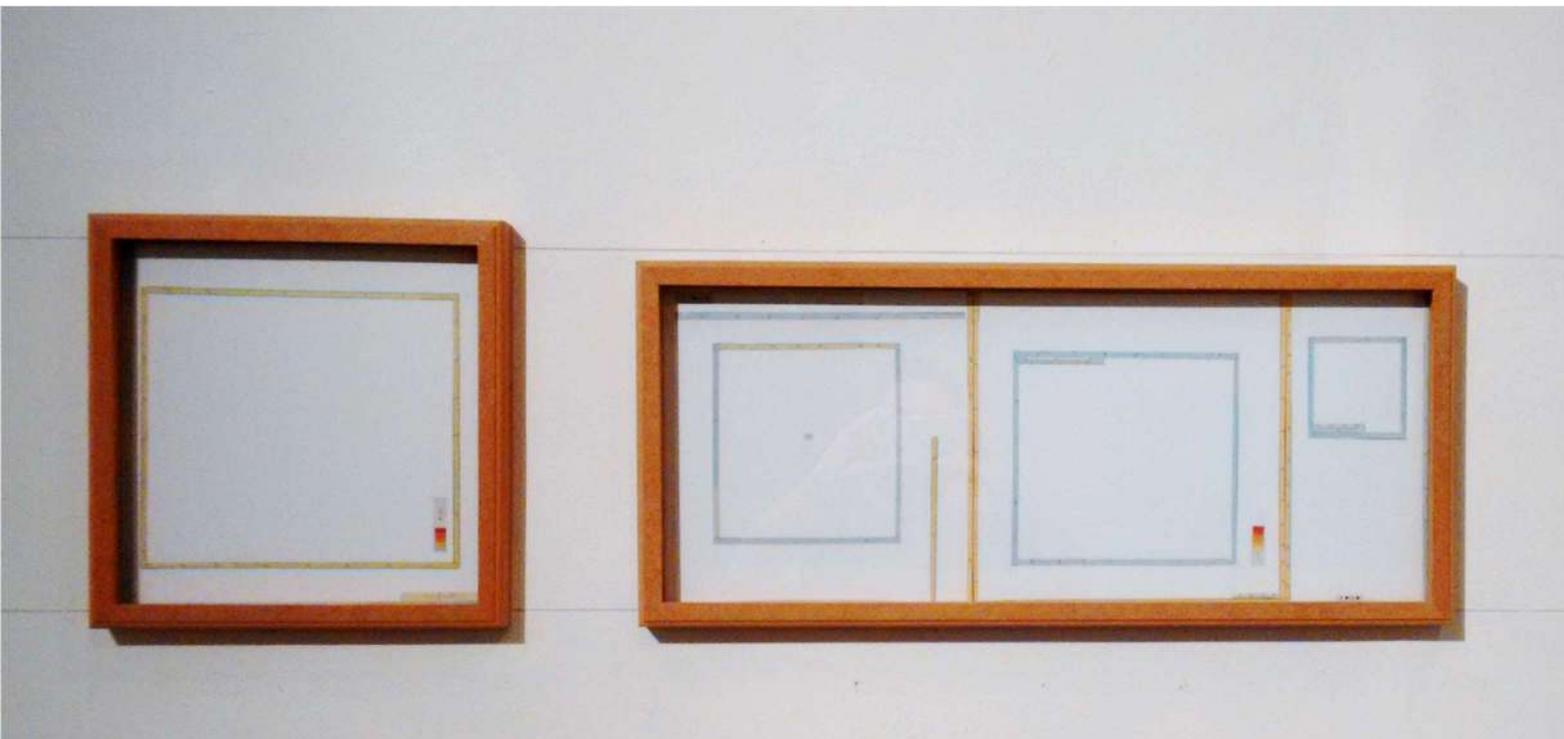
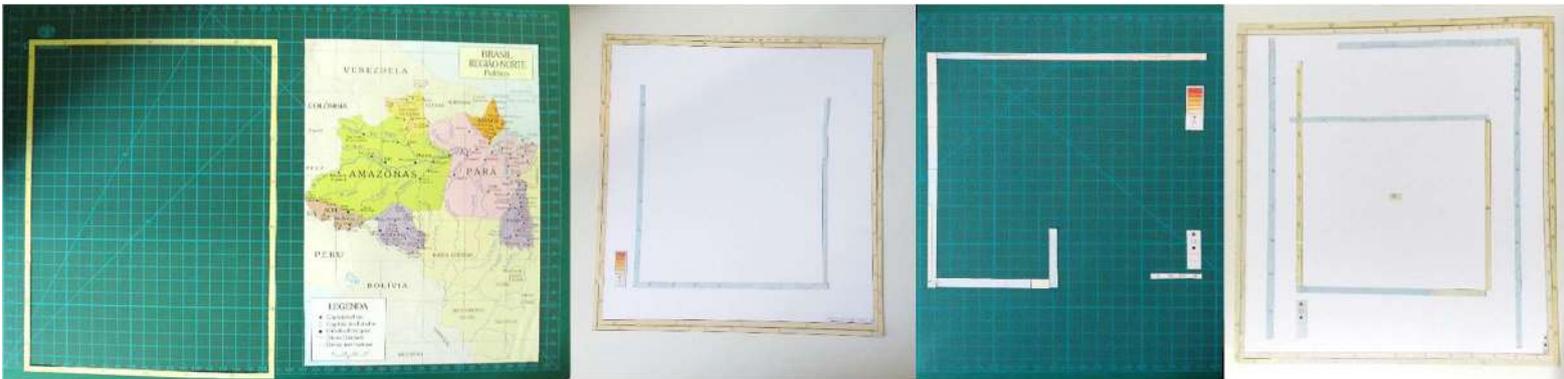


Fotografia: Vladimir Oliveira

Um trabalho que reduz Mapas extraídos de páginas de Atlas, a sua moldura, sua grade, seus grids, e a seus elementos de composição, como legendas e escalas. GeoPlanos opera com uma 'presença-ausência' de Mapas, na medida em que enquadra e contém seu vazio. Dimensiona terras, águas, espaços, regiões, coordenadas de orientação, conteúdos geo-gráficos que são suprimidos, recortados, mas que ainda assim tem suas marcas representativas presentes em dimensões e formas da Terra, lembradas pelos enquadramentos da moldura-Grid e os vestígios das convenções cartográficas movidas e remontadas nos recortes-colagens. Esses elementos, que assumem protagonismo visual e conceitual no trabalho, inspiram a questão: um Mapa existe, é, pode ser Mapa, apenas com a manutenção desses componentes? A visualidade, a modelização gráfica projetada pela Cartografia é tão marcante, que mesmo eliminando os Mapas da-na composição, eles permanecem, são percebíveis, sabe-se que eles estão ali....

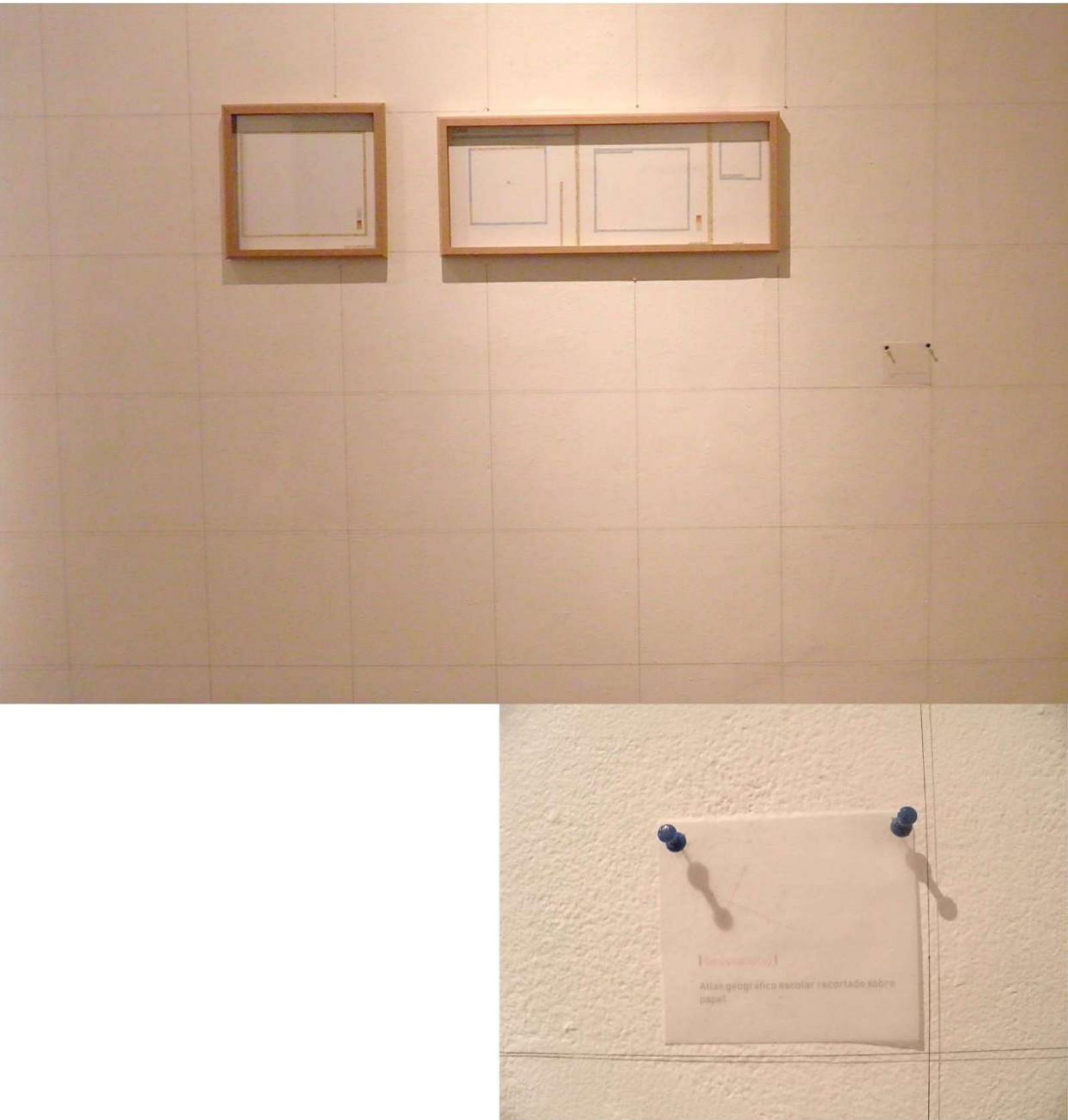


**Figura 121** – GeoPlanos (Processo de Criação) – 2018



Autor: Vladimir Oliveira

Figura 122 – GeoPlanos – 2018



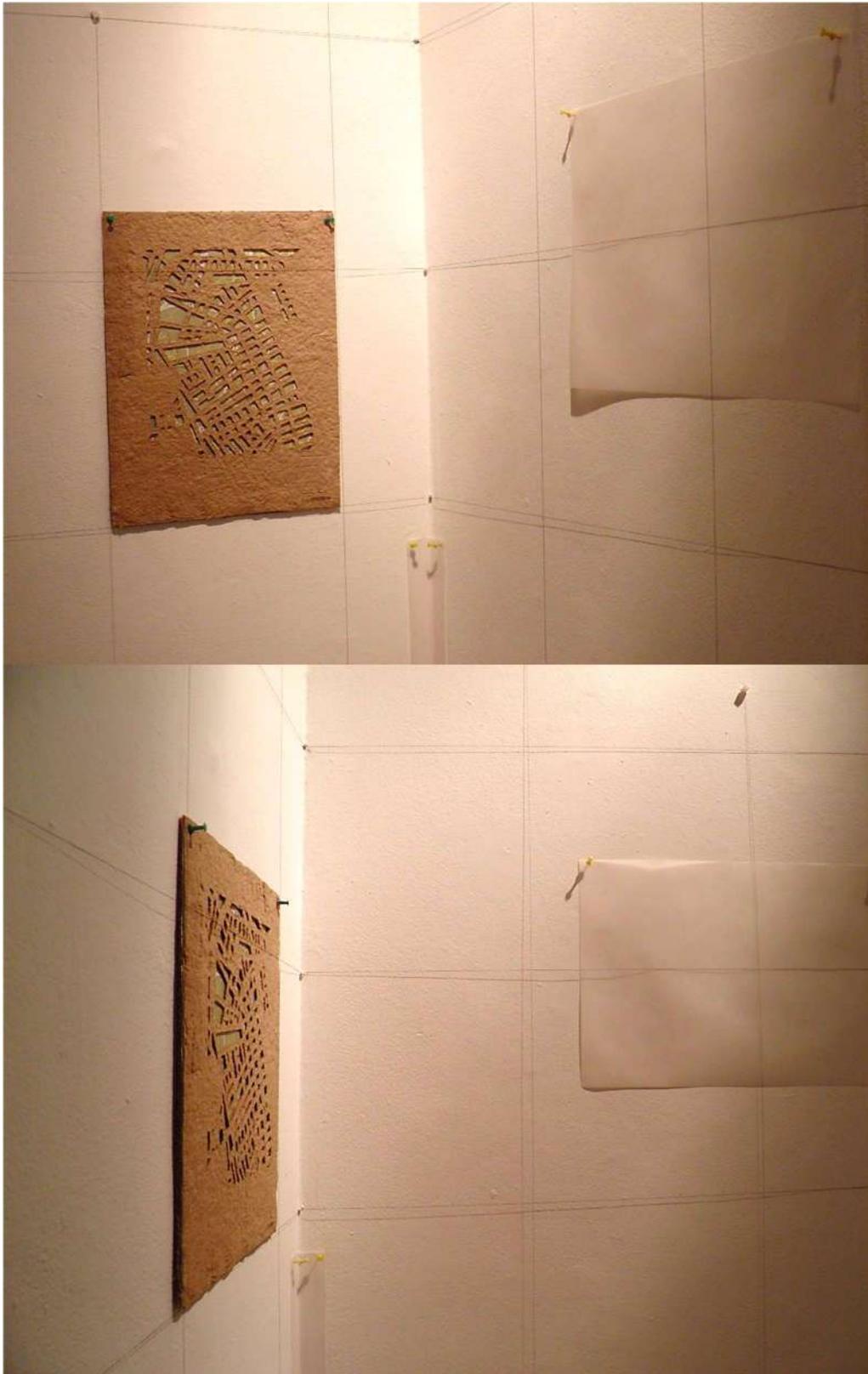
Fotografia: Vladimir Oliveira

**Figura 123** – Garanhuns sobre Salvador – 2009



Fotografia: Vladimir Oliveira

**Figura 124** – Garanhuns sobre Salvador – 2009



Fotografia: Vladimir Oliveira

## Garanhuns sobre Salvador

...ao redefinir o que o mapa é, os eruditos partiram da definição da Encyclopédia Britannica do início do século XX, que o define como 'uma representação gráfica de parte da superfície terrestre'. Acabamos nos dando conta de que um mapa não necessita ser gráfico, nem representar a superfície terrestre. (...). O que de fato faz com que um mapa seja um mapa parece ser a sua qualidade de representar uma localidade; talvez devêssemos chamá-lo de 'imagem locacional' ou, mesmo, de um 'substituto locacional.

David Buisseret

Muitos lugares chegam ao meu conhecimento através de documentos, fontes visuais, papéis e testemunhos (relatos orais). Cartões postais, mapas, bilhetes de ônibus, de avião, catálogos, fotografias, e-mails, "documentos de viagem" advindos de deslocamentos pessoais, vínculos afetivos e profissionais, constituem um repertório de mundos alheios, paralelos, paisagens de papel. Por acidente ou desdobramento, o conhecimento de um lugar me leva a outros. Trata-se de uma caminhada por mapas. Sem sair do lugar, cidades distantes se aproximam, ainda que por meio de representações sucintas e abstratas advindas da cartografia. Assim, percorro outros mundos, lugares longínquos através dos mapas.

A morfologia urbana em sua dimensão territorial (escala de cidade), suas formas de representação gráfica, dimensionadas em superfícies planas, vistas aéreas que constituem plantas baixas de cor, formas, linhas, manchas, símbolos, legendas, pontuam meu interesse pela representação das cidades por meio de mapas. Além do mais, não se pode perder de vista que mapas podem e são considerados como objetos estéticos. Antes de tudo, eles são desenhos, uma 'forma-síntese' de apresentação visual, uma 'imagem' primeira do local. Partindo deste potencial visual e conceitual dos mapas, venho desenvolvendo diversas proposições artísticas.

Garanhuns, município brasileiro do estado de Pernambuco, me apareceu na forma de uma folha de papel artesanal. Antes disso, não tinha conhecimento da existência desse lugar. Junto ao papel, uma etiqueta descrevia seu processo de produção e referenciava sua procedência geográfica. A partir deste último dado, do local onde o papel fora fabricado, me ocorreram ideias e direcionamentos para a feitura da obra que recebera o título de "Garanhuns sobre Salvador". Portanto, um referencial geográfico, o 'nome' de um lugar, um enunciado, apontou o que poderia ser feito com a matéria; transformar o papel em um mapa, precisamente do seu lugar de origem, Garanhuns, cidade onde

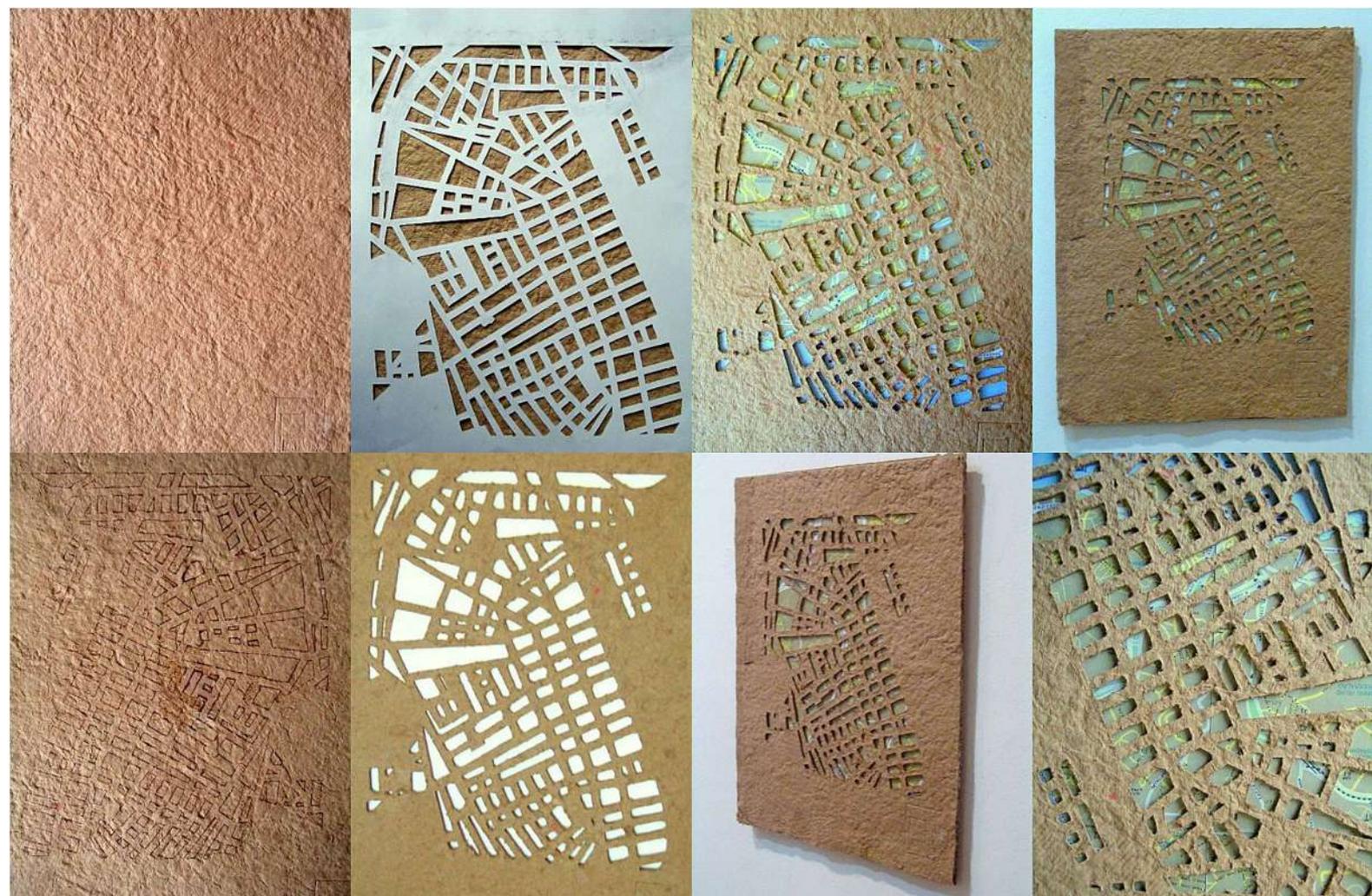
nunca estive, mas que se tornou familiar, ainda que a distância e de maneira abstrata, resultado do encontro com o mapa.

Os procedimentos de criação da obra combinaram pesquisa em meio virtual (Google Maps), impressões, fotocópias, desenhos e o mais importante, o 'recorte'. A ação lenta e delicada de desenhar-recortando transformava o papel num mapa-molde, trazendo à tona um conjunto de formas geométricas que gradativamente assumiam a superfície do papel-mapa. O vazio-forma delineado pelo recorte definia o mapa. Tendo em mãos a cidade-papel-mapa de Garanhuns, a resolução da obra deu-se a partir de um gesto; a junção, a colagem das cartografias de Salvador, cidade onde vivo, e daquela que me era próxima simbolicamente através do mapa produzido.

Duas cidades, duas cartografias heterogêneas, se tocavam pela sobreposição de suas configurações espaciais, suas 'aparentes' geografias. Pelo zoom dado na malha urbana de Garanhuns, por entre recortes, aberturas e fragmentos de geometria urbana, formados no ainda papel, mas também agora mapa, avista-se Salvador.

Um duplo movimento operatório em relação ao manuseio da matéria é atuante e resultante tanto no conceito, como na visualidade da obra: primeiro pelo papel que chega a Salvador, vindo de Garanhuns, em seguida, por este, que ao transformar-se num mapa do seu lugar de origem, permite ainda assim, a visualização da cidade aonde ele se encontra, na qual foi criado, tratando-se da cidade de Salvador. Neste sentido, penso que o contato dessas cartografias culmina num outro mapa, possivelmente de um lugar que não existe, ou ainda, um lugar qualquer, abstrato, onírico, imaginário, como são de certa forma, os lugares vistos nos mapas.

**Figura 125** – Garanhuns sobre Salvador (Processo de Criação) – 2009



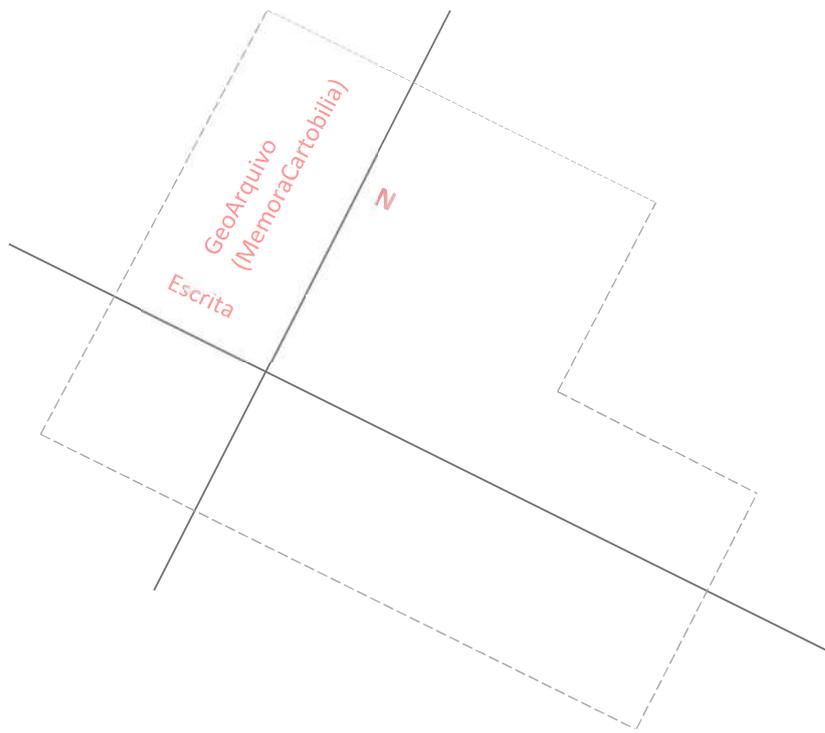
Autor: Vladimir Oliveira

**Figura 126** – Garanhuns sobre Salvador – 2009



Fotografia: Vladimir Oliveira

**Espaço D - |N| Norte**



**Figura 127** – Escrita – 2015



Fotografia: Vladimir Oliveira

E<sup>scrta</sup><sup>140</sup>

## Pensamento

Considerando o *objeto* de investigação do Doutorado:

Pensar -----Vislumbrar-----Criar-----uma **Narrativa Poética**

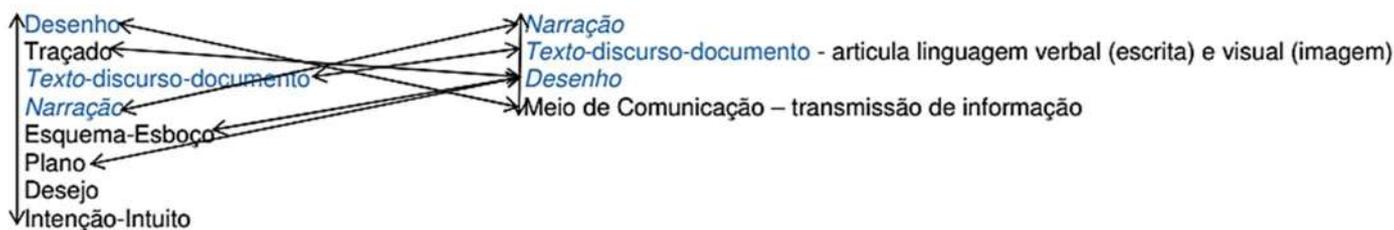
**Pensamento** – Matéria – Ação

**Des(c)onst(r)uir**-----uma Narrativa (Acadêmico-Científica/Projeto de Doutorado)  
**Construir**-----uma **Narrativa Poética** (Artística)

Elementos des(Norte)adores da **Idéia-Ação**

**(Projeto) de Pesquisa do Doutorado**

**Mapa**

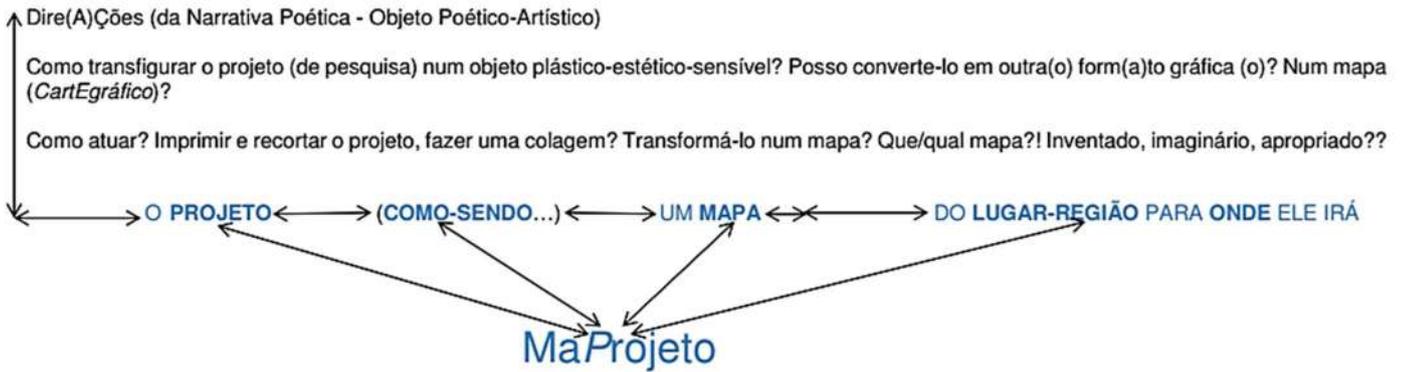


## Ação Poética

Considerando o objeto de investigação do Doutorado:

- **Projeto** e **Mapa** incitam **Ação**
- Meu **objeto** de pesquisa (mapas) e **projeto** de pesquisa (sobre **mapas**) referem-se a uma **prática espacial**
- Um **mapa** é documento **científico e artístico**
- Um **projeto** de pesquisa-acadêmico é também um documento **científico**

<sup>140</sup> Trabalho projetado e criado no curso de Doutorado, durante o percurso da matéria EBA-A22 Seminário sobre Temas Selecionados III, ministrado pela Profa. Dra. Maria Virginia Gordilho Martins (Viga Gordilho).



### Ações Criadoras

| Fragmentação (com fragmentadora manual) em tiras do meu Projeto de Pesquisa de Doutorado.

| Perfuração manual do Mapa em vegetal

| Perfurações e atravessamentos em vegetal de tiras (uma a uma) de projeto de doutorado fragmentado.

| Desenho do Mapa de Itaparica



**Figura 129** – Escrita (Processo de Criação) – 2015



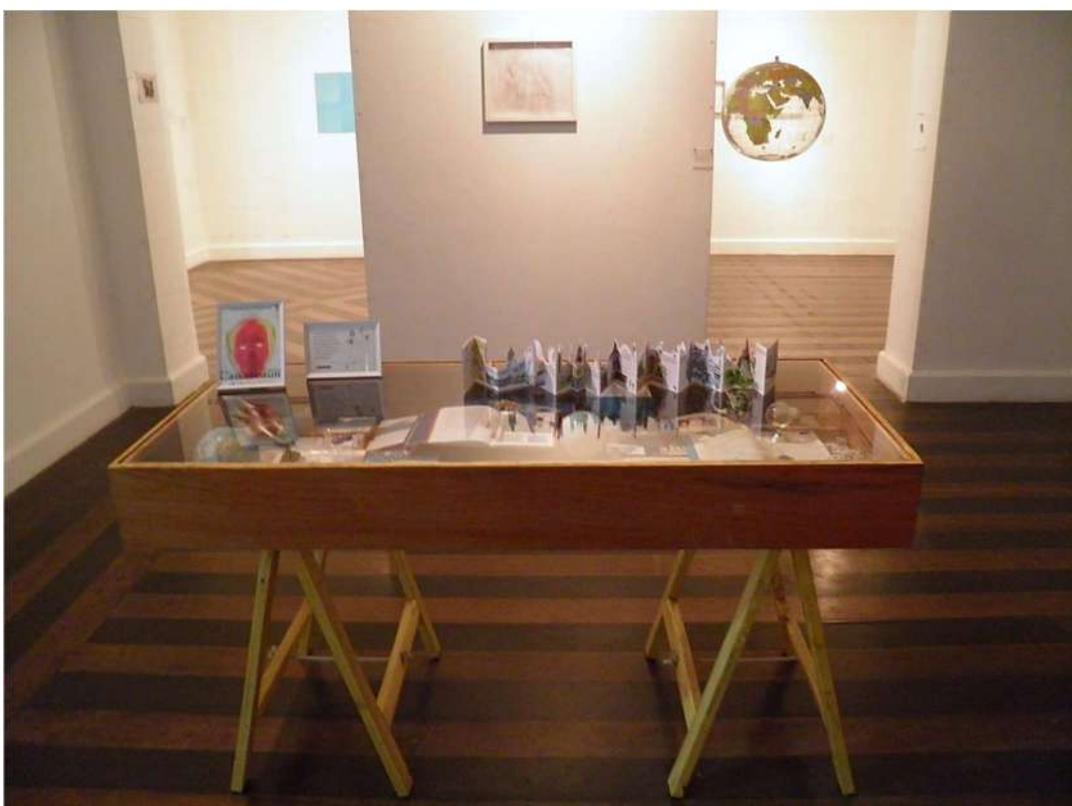
Fotografia: Vladimir Oliveira

Figura 130 – GeoArquivo (MemoraCartobilia) – 2006/2018\_ \_ \_



Fotografia: Vladimir Oliveira

Figura 131 – GeoArquivo (MemoraCartobilia) – 2006/2018\_ \_ \_



Fotografia: Vladimir Oliveira

Figura 132 – GeoArquivo (MemoraCartobilia) – 2006/2018\_ \_ \_



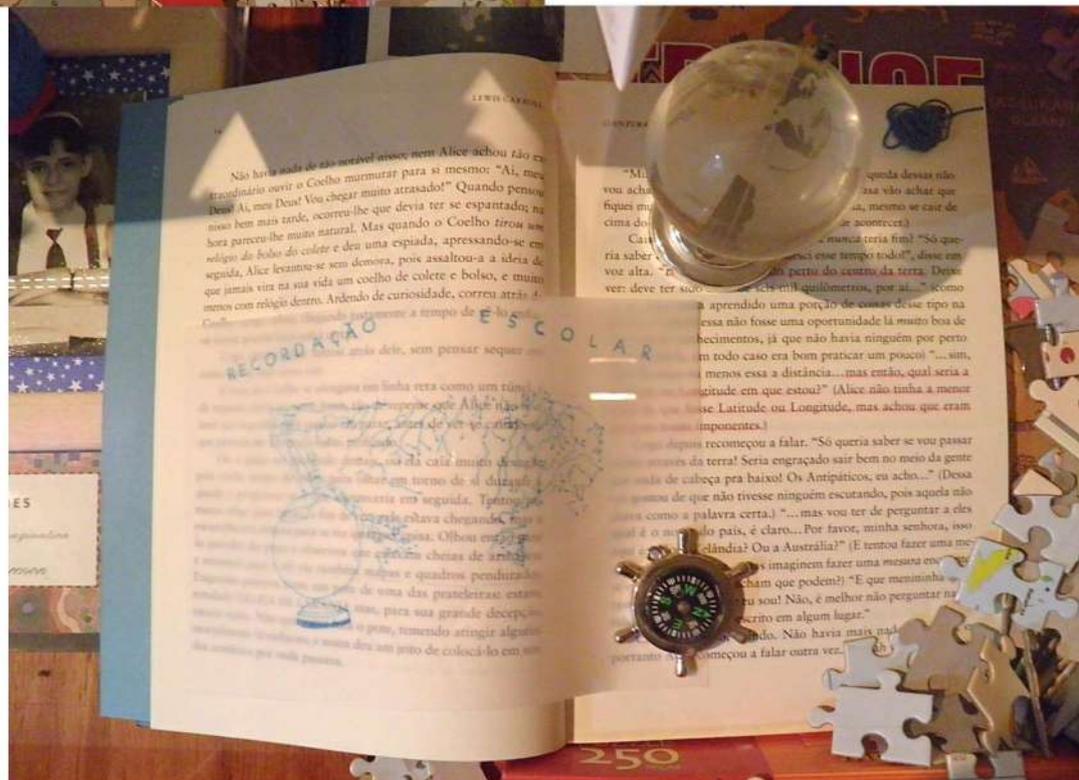
Fotografia: Vladimir Oliveira

## **G**eoArquivo (MemoraCartobilia)

O que a memória ama fica eterno.  
Adélia Prado

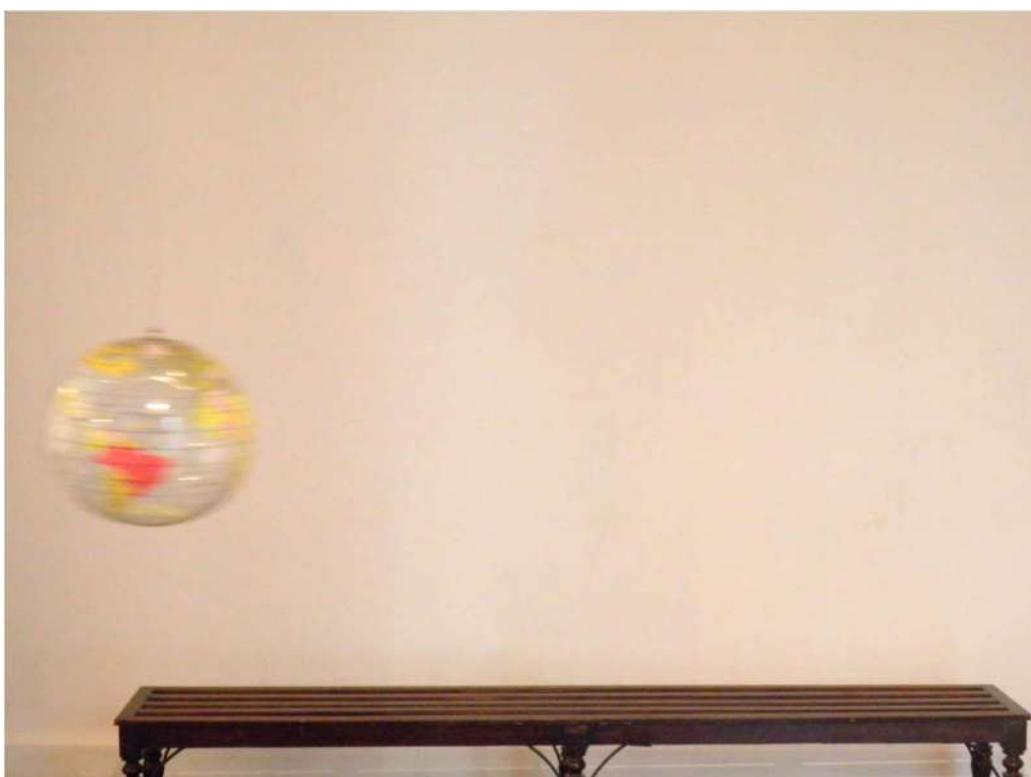
GeoArquivo é tanto a memória viva do percurso de doutorado, como a compilação, inspiradora, motivadora, de meus moventes afetos cartográficos, reunidos há mais de uma década. Expõe um Mapa Aberto da Memória, das linhas imaginárias e motrizes da Pesquisa. A concepção construtiva, criadora do GeoArquivo, foi juntamente formar e abrir um panorama refletor do universo visual, conceitual, artístico e científico criado pela Cartografia, e assim mover, mobilizar pensamentos, sentidos e sensações nos transientes visitantes da Mostra Artística. Para isto, pensamos e compomos um arquivo-mostruário, uma 'MobiliaMemória' apropriada de minhas literaturas cartobibliográficas, poéticas, artefatos de cartografia, mapas colecionados, globos, atlas, lembranças de viagens (as que realizei, as não realizadas, as mentais, oníricas...), recordações de deslocamentos, memórias geográficas planialtimétricas, escritas, divagações, inspirações, diário de criações, devires criadores, planos, rotações, vistas de cArtegrafias por vir...O que me moveu e vem me movendo a pensar-criar Arte está ali, em mobilidade, tal como o globo-terra pendente no espaço.

Figura 133 – GeoArquivo (MemoraCartobilia) – 2006/2018\_ \_ \_



Fotografia: Vladimir Oliveira

Figura 134 – GeoArquivo (MemoraCartobilia) – 2006/2018\_ \_ \_



Fotografia: Vladimir Oliveira

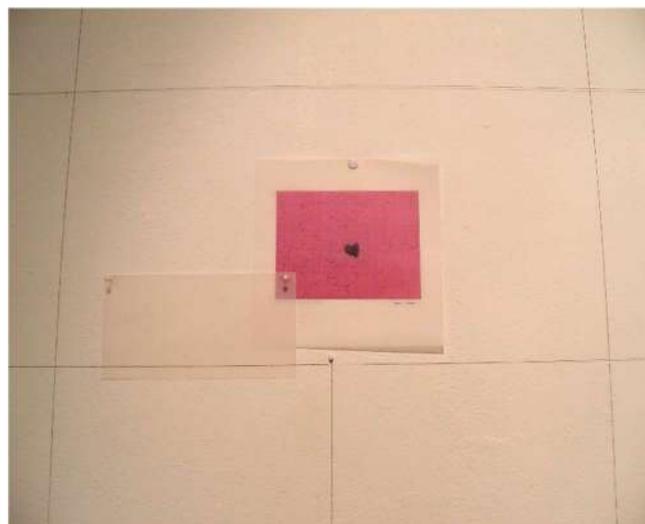
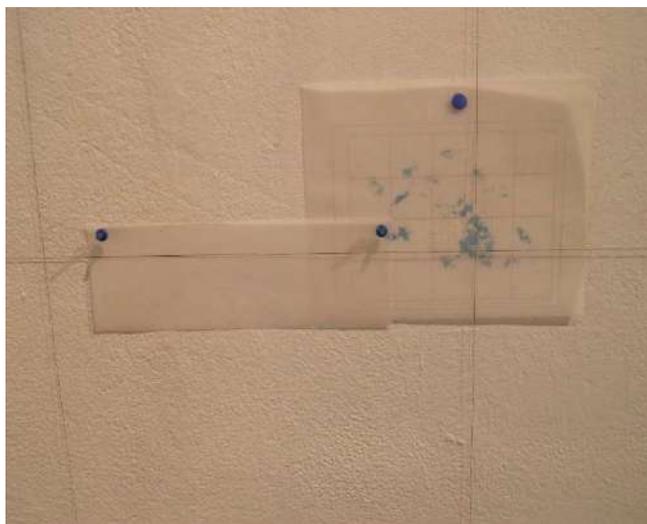
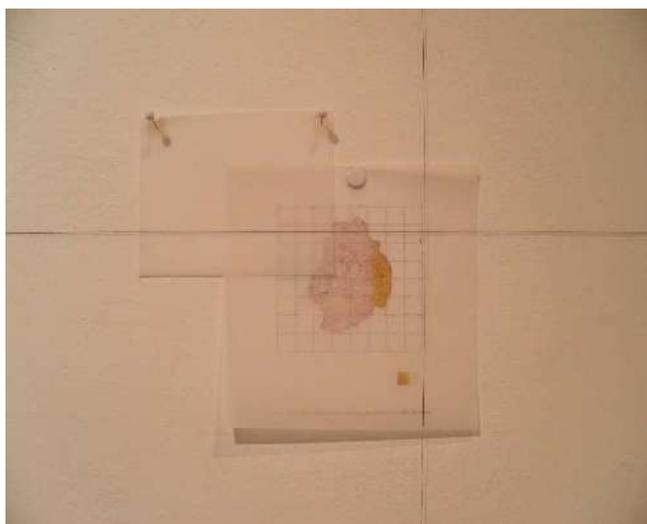
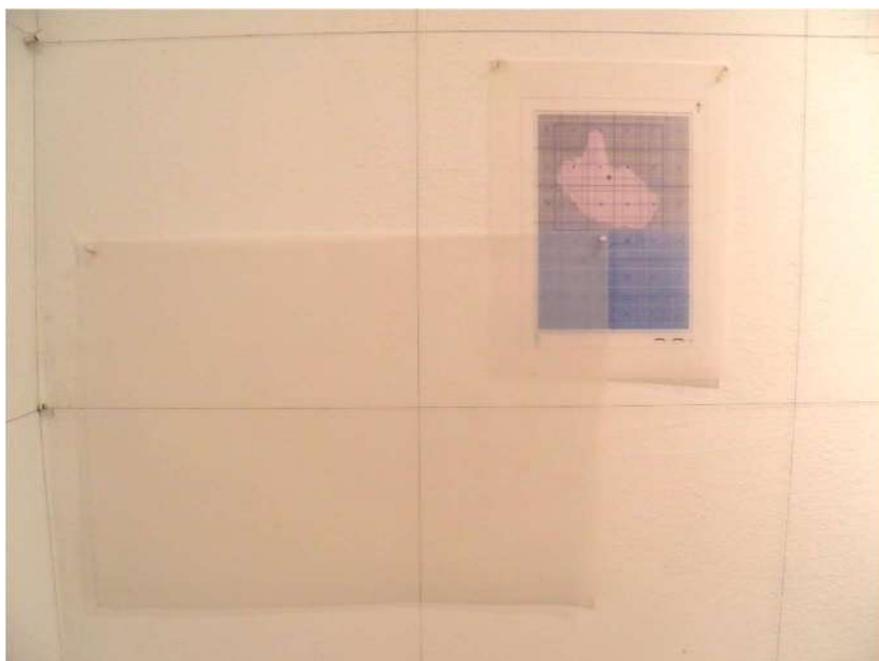
## Conversas — — Paralelas e Meridianas || com o Artista

[...] quantos quilômetros será que eu caí? – disse ela em voz alta. – Devo estar próxima do centro da terra. Devem ser mais ou menos seis mil quilômetros (pois, como você vê, ela aprendeu uma porção de coisas desse tipo nas aulas e estava ansiosa para demonstrar seus conhecimentos, embora a situação não fosse muito oportuna). Sim, a distância deve ser mais ou menos essa. Mas então, qual deve ser a latitude ou a longitude em que eu vim parar | em que estou? (Alice não tinha a menor ideia do que fosse latitude ou longitude, mas achou que eram palavras muito bonitas para se dizer). E continuou falando: -Eu fico imaginando se vou atravessar a terra!

Lewis Carrol

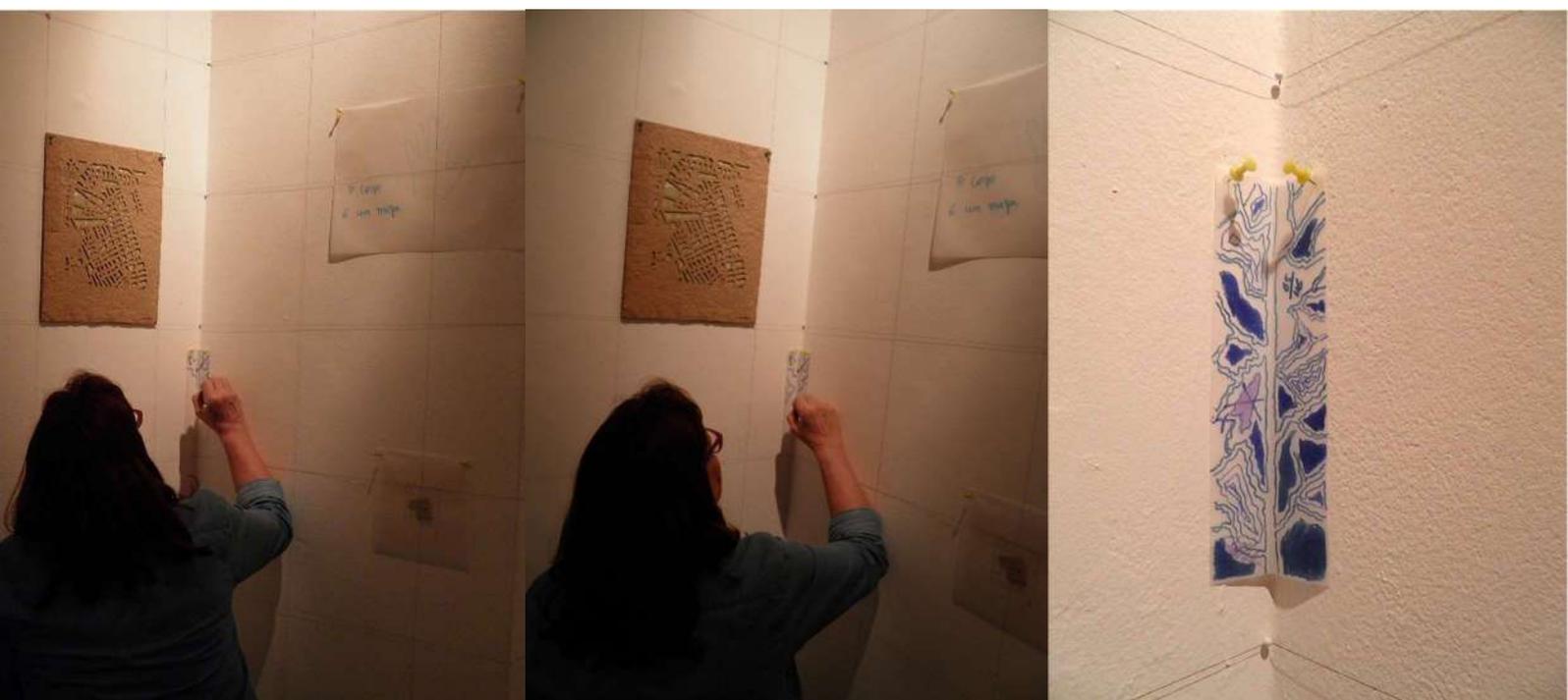
‘Conversa com o Artista’, foi um encontro criativo realizado no curso e interior da exposição, aberto ao público em geral, no qual pudemos abrir, explanar, refletir planos e coordenadas operativas e formadoras da mostra apresentada, os percursos teóricos, poéticos, da pesquisa e criação dos trabalhos artísticos expostos. Potencializando o sentido de processo aberto, contínuo, movente, inacabado, atribuído e explorado na totalidade da pesquisa, realizamos com os participantes da conversa uma ação criadora e reflexiva, a qual nomeamos de ‘Experimento cArtEgráfico Participativo’, considerando a ‘Questão Movente’: [...] mas então, qual seria a Latitude ou Longitude em que estou? Partindo desta indagação, propomos a seguinte coordenada\_ ação poético-artística: Desenhar (expressar-se e mover-se cArtEgraficamente) sobre recortes de papel vegetal em branco, previamente alocados nas paredes do espaço expositivo, utilizando canetas hidrográficas coloridas, nanquim, lápis de cor e grafite, numa atuação criadora de continuidade, incorporação aos trabalhos Grid e Topotesia componentes da Mostra.

**Figura 135** – Recortes de papel vegetal em branco – 2018



Fotografia: Vladimir Oliveira

**Figura 136** – Experimento cArtegráfico Participativo (Galeria Cañizares) – 2018



Fotografia: Vladimir Oliveira

Figura 137 – Criações (Experimento cArtegráfico Participativo) – 2018



Fotografia: Vladimir Oliveira

A atividade 'Experimento cArtegráfico Participativo', processou-se num encontro sensível e dinâmico de pensamentos, revisões, traçados cArtegráficos criativos, grafias de mapas imaginativos, inscrições e rastros geopoéticos, desorientações e sinalizações expansivas da concepção e percepção convencional de Cartografia. Dessa forma, com a gestualidade de artistas, não artistas e nenhum cartografo, mobilizamos, inscrevemos, alargamos, desdobramos a cArtEgrafia instaurada na exposição, móbil, aberta, inconclusa...

**Figura 138** – Criação (Experimento cArtegráfico Participativo) – 2018



Fotografia: Vladimir Oliveira



**Des**  
~~Norte~~  


## DN1. Mapas Abertos

Assim como a vida de um pássaro, o fluxo de consciência tem o aspecto de uma interminável alternância de voar e empoleirar-se. Voos e pousos diferem quanto à velocidade da mudança que trazem consigo. O pouso não deve ser entendido como uma parada do movimento, mas como uma parada no movimento. Voos e pousos conferem um ritmo ao pensamento.

(William James, 1899)

Os processos são os devires, e estes não se julgam pelo resultado que os findaria, mas pela qualidade de seus cursos e pela potência de sua continuação [...]

(Gilles Deleuze, 1992)

O percurso exploratório, de investigação e desenvolvimento desta pesquisa de doutorado, foi propiciado especialmente por um impulso e perspectiva de aprofundamento do meu pensar-fazer artístico, que nos últimos dez anos vem se configurando como um projeto poético decorrente de relações sensíveis, criativas e críticas estabelecidas com o campo da Cartografia, suas produções, representações, implicações e complicações no mundo e na vida humana. Desta forma, o desejo de projetar e operar este estudo, deu-se no tempo-espaço no qual, reflexionado meu percurso de criação, ainda no curso de Mestrado, constatei a presença da Cartografia não apenas como a tônica das minhas criações, mas a mola propulsora e movente do desejo de criar e me expressar de maneira artística. Essa matéria extensa, complexa, uma CiênciArte, assumiu, portanto, a posição de assunto, bem como a fonte do movimento de meus atos criativos.

Afirmo como objetivo neste/deste trajeto, entre outros, proceder uma pesquisa em Artes Visuais, tendo como elo de inspiração, meditação teórica e criação artística, uma interconexão móvel entre Cartografia e Arte. Com isso considere e examinei, por exemplo, uma dinâmica de criação e pensamento possível de se designar como um 'pensar-fazer artístico-cartográfico', factível em Artes Visuais,

tendo como exemplo e exercício, outras possibilidades de criações, usos, aplicações de Mapas geográficos, não estritamente destinados a orientação e localização espacial, pressuposto cartográfico elementar, ou ainda adotando Mapas preexistentes, Cartografias que já existem e seus elementos formativos, a partir de perspectivas e atuações artísticas. Esta forma de operatividade é reconhecível e se aplicou ao processo de criação que implementei na pesquisa, uma abordagem alternativa de estudo da Cartografia, e fundamentado também pelos levantamentos e estudos teóricos processados, se notabilizaram as seguintes apreciações:

/O vínculo entre as Artes Visuais e a Cartografia Geográfica, a esfera dos Mapas, deve-se a noção de que a Geografia e a Arte, mesmo sendo campos de saber distintos, possuem afinidades por representarem o espaço como-em imagens.

/Os lugares dos Mapas de Artistas estão mais conectados com o mundo interior, poético, da imaginação, que o exterior, e por isso Mapas Artísticos destinam-se a serem sensível e psicologicamente mais expressivos, geopoéticos, que geograficamente exatos.

/O entusiasmo das Artes Visuais pela Cartografia, interliga-se a ideia que, distintos de outras matérias de investigação, de experimentação artística, Mapas e outros artefatos cartográficos apresentam uma multiplicidade de elementos visuais, gráficos, textuais, aliados a contexturas simbólicas, históricas, geopolíticas. O encontro, o reconhecimento destas qualidades e potencialidades formais, conceituais, inquieta ao mesmo tempo em que encoraja e ativa convivências, investigações e trabalhos de artistas visuais com esses objetos.

/A proposição de processos criativos nas Artes Visuais, aliados a fazeres cartográficos, implica em possibilidades de imaginações espaciais outras, como cartografias alternativas, imaginárias, dissidentes, *subversivas*, críticas, e multiplicidades espaciais.

/A pesquisa, o uso de elementos de Cartografia em processos artísticos, é um modo de 'subversão cartográfica'.

Meu desejo com a execução desta pesquisa, foi também esboçar de forma sistematizada, derivado de uma pesquisa acadêmica, um conhecimento contemplando o elo temático Arte (Criação Artística) – Cartografia. No curso da investigação detectei limitações e escassez de estudos, publicações brasileiras, traduções e fontes específicas contemplando esta abordagem, assinalando um enfraquecido e quase ausente ‘estado do conhecimento’ em relação ao tema pesquisado. Ainda, grande parte das fontes encontradas foram dos campos da História e Geografia. Neste sentido, com esta pesquisa, a Tese, o panorama teórico produzido, penso contribuir ao incentivo, aprofundamento, disseminação de pesquisas sobre Cartografia pelo viés das Artes Visuais e Processos Criativos.

Prosseguindo, inscrevo aqui, propriamente da forma que ocorreram durante pensamentos e atos da pesquisa, algumas outras lucubrações sobre Mapas-Cartografia:

//// Um mapa pensa, representa e produz um espaço? O que um mapa pensa que é?

/// O “você está aqui” quer fixar a viagem, parar o deslocamento, fazer você parar e dizer: me (achei)! Ele fixa onde você esteve-está, passou, mas você continua indo....e (você) leva o lugar consigo.

/// Um mapa (quer), principia (propõe), incita movimento antes mesmo de se sair do lugar, de um ponto a outro, de começar a “ir” com ele, de “seguir-lo”. Um Mapa pede em silêncio para se deslocar, andar, sair...

/// Jogo-confronto-trama de ações-decisões: seguir o mapa – o mapa seguir você (daí negar, enfrentar, discordar, desfazer, refazer, redesenhar, reconceber os Mapas). O Mapa preconcebe o deslocamento, o caminhar, coordena o “antes de ir”, o “vá” e o “indo”  
....

/// Os Mapas propõem (ordenam); sigam-me! Pressupõe exatidão, certeza, confiança, acerto, não errância e deriva. O Mapa é imperativo, é uma ordem, um desenho-imagem-ordem.

/// O contato com Mapas oferece, propõe ação, dinamismo, impulsão, nunca estaticidade. Estático é o Mapa (o desenho, a imagem, a representação), não a sua função, as ações, as atitudes que se espera ter a partir da vivência, do encontro com ele.

/// O Mapa “quase” diz: olhe isso aqui, veja aquilo, vá por ali, vá lá, ande, encontre, reconheça, não pare, siga, não se perca...

/// Antes de ir há um único Mapa. Depois que se vai, que se anda, outros mapas começam a surgir, se fazer, se misturar.... “Mapas” no-entre o “Mapa”.

/// Os Mapas são Moventes – E pedem que as relações com eles sejam também Moventes.

/// Os Mapas convidam inicialmente a vagar para em seguida fixar, fazer parar, localizar, afirmar, concretizar: “é aqui/você está aqui”.

/// Penso no Mapa como um (‘é possível que – é possível ser) – não um Mapa (que é).

/// Cartografia - Eterno movimento de produção

///Atenção voltada ao processo em curso e no curso deste...

/// Inventar com Cartografia em vez de torna-la reconhecível (lidar-trabalhar com mapas, por exemplo...)

/// Valorizar mais a Grafia (mapeamento de uso de uma linguagem) do que o Carto (oficial e técnica) na Cartografia (carto-grafia? cartoGRAFIA?)

E em movimento, não finalizo, não afirmo a conclusão deste processo, que segue aberto, móvel, como um Mapa porvir, cArtegrafias inventivas, atualizáveis em sobreposições de imaginações, contornos, formas, devires...Até aqui, prossigo entre voos, pousos, quedas livres, e tal qual Alice ao cair na toca rumo ao 'País das Maravilhas' (ou o 'Centro da Terra?'), ainda me interrogo;

“Qual seria a Latitude ou Longitude em que estou?”

Latitudes e Longitudes são linhas imaginárias, descrições de localização, talvez por isso, mais interessante que saber logicamente de coordenadas geográficas, da disciplina cartográfica, seus graus, se estamos no Paralelo ao Sul, no Meridiano ao Oeste, seja desaprende-las, não sabê-las, subverte-las, inventa-las, perceber e conceber deslocalizações, desorientações, criar, divagar com as mentiras contadas pelos Mapas, em acordo com Wislawa Szymborska quando poetiza; “Gosto dos mapas porque mentem. Porque não dão acesso à verdade crua. Porque magnânimos e bem-humorados abrem-me na mesa um mundo que não é deste mundo”<sup>141</sup>.

---

<sup>141</sup> SZYMBORSKA, Wislawa. **Um amor feliz**. Companhia das Letras: SP, 2016.

D<sub>N</sub>2. cArto<sup>E</sup>grafia de Fontes

Estrella de Diego Contra el mapa

Siruela

J. BROTTON

Uma HISTÓRIA do MUNDO  
em DOZE MAPAS



YOU

ARE

HERE



HARMON

THE MAP AS ART



SWINDELL



MAKE MAP ART

CHRONICLE BOOK

História da Cartografia

grafia impressa do Brasil

Os 100 mapas mais influentes 1506 - 1922

Max Justo Gued

Fotografia: Vladimir Oliveira

## DN2. cArtoEgrafia de Fontes

ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. São Paulo: Contexto, 2014.

ARCHER, M. **Arte contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALPERS, Svetlana. **A Arte de Descrever. A Arte Holandesa no Século XVII**. São Paulo: Editora da USP, 1999.

ALBERTI, Louisa. **Vous êtes ici! Petit Atlas de l'art contemporain**. Éditions Palette: Paris, 2017.

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. **Dicionário analógico da língua portuguesa: ideias afins**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

BOARD, Christopher. **Os mapas como modelos**. In: CHORLEY, Richard J.; HAGGETT, Peter (Org.). Modelos físicos e de informação em Geografia. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos / Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975. p. 139-184.

BÉZIAT, Julien. **La carte à l'oeuvre: Cartographie, imaginaire, création**. França: Presses Universitaires de Bordeaux, 2014.

BULHÕES, Maria Amélia. **Territorialidades na Arte Contemporânea: Cartografia de Subjetividades**. Anais do XXII Colóquio do CBHA - Colóquio Brasileiro de História da Arte, Porto Alegre/RS, 2002. Disponível em: < <http://www.cbha.art.br/coloquios/2002/>>

\_\_\_\_\_. **Cruzando Territórios: História da Arte e Arte Contemporânea**. Anais do XXIV Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte – CBHA, Belo Horizonte, 2004. Disponível em< <http://www.cbha.art.br/coloquios/2004/anais/anais2004.html>>.

\_\_\_\_\_. **Geopoéticas, práticas artísticas que exploram territórios**. Sul21, 2011. Disponível em <<https://www.ufrgs.br/artereflexoes/site/2011/10/08/sul21-geopoeticas-praticas-artisticas-que-exploram-territorios/>>

BUCI-GLUKSMANN, Christine. **L'oeil cartographique de l'art**. Français: Editions Galilée, 1996.

BROTTON, Jerry. **Uma história do mundo em doze mapas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.). **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002 (Coleção Visualidade).  
BERTIN, Jacques. **Semiology Graphics: diagrams, networks, maps**. Califórnia: ESRI Press: 2010.

BOURRIAUD, Nicolas. **Topocrítica. El arte contemporáneo y la investigación geográfica**. In: A.A.V.V. Heterocronías. Tiempo, Arte y arqueologías del presente. Murcia: CENDEAC, 2008. p. 17-34.

- BORGES, Jorge Luis; KODAMA, Maria. **Atlas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Sobre o Rigor na Ciência**, em História Universal da Infâmia. São Paulo, Globo: 2001.
- BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. Lisboa: Edições 70, s/d.
- \_\_\_\_\_. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BROWN, Lloyd A. **The story of maps**. New York : Dover Publications, 1979.
- BABER, Peter; HARPER, Tom. **Magnificent Maps: Power, Propaganda and Art**. London: British Library, 2010.
- BERTIN, Jacques. **Ver ou ler: um novo olhar sobre a Cartografia**. Seleção de Textos, São Paulo, n.18, p.41-43, maio, 1988 (b).
- BARROS, Manoel de. **Poemas rupestres**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- BORGES, Jorge Luis. **Obras Completas II**. São Paulo: Globo editora, 1999.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra: Seis Ensaios Sobre a Paisagem e a Geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- \_\_\_\_\_. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- BESSE, Jean-Marc; TIBERGHIE, Gilles A; GLON, Eric. **Opérations cartographiques. Arles-França: Actes Sud, 2017.**
- BLACK, Jeremy. **Mapas e história: construindo imagens do passado**. Bauru, SP: Edusc,2005.
- BARACHINI, Teresinha. **Discursos construídos pela cartografia holandesa**. 2011. Disponível em [http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/teresinha\\_barachini.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/teresinha_barachini.pdf)
- BERRY, Jill K. **Making art from maps: inspiration, techniques, and na international gallery of artists**. USA: Rockport, 2016.
- \_\_\_\_\_. **Personal Geographies: Explorations in Mixed-Media Mapmaking**. USA: North Light Books, 2011.
- CARROL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas**. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Editora 34, 2015 (1ª Edição). 184p. (Coleção Fábula)
- \_\_\_\_\_. **La Caza Del Snark**. Biblioteca Virtual Universal, 2006. Disponível em: < <http://www.sisabianovenia.com/LoLeido/Ficcion/Carrol-Snark.htm> >
- CAZETTA, Valéria; PREVE, Ana Maria Hoepers; SEEMAN, Jorn. **DOSSIÊ: Mapas Rizomáticos e Novas Cartografias**. Revista RA'E GA (online) – O espaço geográfico em análise, No.30/2014. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.5380/raega.v30i0>
- CASTRO, José Flávio Morais. **História da Cartografia e Cartografia Sistemática**. Belo Horizonte, MG: Ed. PUC Minas, 2012.

CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CATTANI, Icléia. **Mestiçagem na arte contemporânea**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

CARNEIRO, Fernanda Maria Trentini. **A cartografia no ensino de artes visuais: percursos, processos e experiências**. Santa Catarina: UDESC, 2010. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de Artes Plástica/DAP, Centro de Artes/CEART, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis – SC, 2010.

CALDUCH CERVERA, Juan. **El Greco Cartógrafo: Vista y Plano de Toledo (1608-1614)**. EGA Expresión Gráfica Arquitectónica, [S.l.], n. 19, p. 68-77, mar. 2012. ISSN 2254-6103. Disponível em: <<https://polipapers.upv.es/index.php/EGA/article/view/1359>>.

CARERI, Francesco. **O caminhar como prática estética**. São Paulo: Gg, 2013.

CALVINO, Ítalo. **Cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CASEY, Edward S. **Earth-Mapping: Artists Reshaping Landscape**. University of Minnesota Press: Minnesota, 2005.

CALCANHOTTO, Adriana; CICERO, Antônio. **Asas**. Intérprete: Adriana Calcanhotto. In: Adriana Calcanhotto. **Marítimo**. [S.l.]: Sony Music, 1998. 1 CD (ca. 46:47min). Faixa 9.

DIAZ ANGEL, Sebastian; NIETO OLARTE, Mauricio (comp.). **Dibujar y pintar el mundo: Arte, cartografía y política**. Universidad de los Andes, Colombia; Razón Cartográfica, Red de historias de las geografías y cartografías de Colombia, 2014. Disponível em: <https://appsciso.uniandes.edu.co/sip/data/pdf/Dibujar%20y%20pintar%20el%20mundo.pdf>

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, v.1.

\_\_\_\_\_. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. SP: Paz e Terra, 2018.

\_\_\_\_\_. **Conversações**. São Paulo: Ed.34, 1992.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Trans, 2010.

DANTO, Arthur. **Após o fim da arte: arte contemporânea e os limites da história**. São Paulo: Odysseus, 2006.

DONDIS, Donis A. **A sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ESTRELLA, Diego de. **Contra El Mapa**. Siruela: Espanha, 2008.

ENO, Brian; SCHMIDT, Peter. **Oblique strategies: Over one hundred worthwhile dilemmas** (cards). [The Authors]; 1978 edition (1979)  
 ECO, Umberto. **História das terras e dos lugares lendários**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

Fabris, Annateresa. **Duas cartografias da América Latina: Joaquín Torres Garcia e Anna Bella Geiger**. In América Latina: Territorialidade e Práticas Artísticas, 77-89. Porto Alegre, Brazil: Editora da UFRGS, 2002.

FONSECA, Fernanda Padovesi, OLIVA, Jaime. **Cartografia**. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

FINESSI, Beppe. **Geografie - Representations Of The World Between Art And Design**. Itália: Corraini Edizioni, 2015.

FAVRETTO, Mario Artur. **Sobre a origem das aves**. SC: Editora do autor, 2010.

FOCILLON, Henri. **A vida das formas: seguido de Elogio da mão**. Lisboa: Ed. 70, 1988.

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo: SESC/Annablume, 1997.

\_\_\_\_\_. **Arte Conceitual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FIALHO, Daniela Marzola. **Arte e Cartografia**. I Seminário Arte & Cidade. Salvador-Ba, 2006. Disponível em: < [www.artecidade.ufba.br/st3\\_DMf.pdf](http://www.artecidade.ufba.br/st3_DMf.pdf) >.

\_\_\_\_\_. **Uma leitura sensível da cidade: a cartografia urbana**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Paris – França, 2007. Disponível em: < <http://nuevomundo.revues.org/3698> >

\_\_\_\_\_. **Cidades visíveis: para uma história da cartografia como documento de identidade urbana**. Porto Alegre: UFRGS, 2010. 479p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

FRANCO, Juliana de O. Rocha. **Cartografias subversivas e Geopoéticas**. Revista Geografares, nº12, p.114-137, jul. 2012.

GIRARDI, Gisele. **Mapas Desejantes: Uma Agenda para a Cartografia Geográfica**. Pro-posições, V.20 (no 3), 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v20n3/v20n3a10.pdf>

\_\_\_\_\_. **Ruptura e reencontros entre cartografia e arte e seus desdobramentos na educação geográfica contemporânea**. Geografia, Literatura e Arte, v.1, n.1, 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geoliterart/article/view/140271>

GOMBRICH, Ernst.H. **Arte e ilusão. Um estudo da psicologia da representação pictórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

GUATARRI, Félix.; ROLNIK, Suely. **Micropolítica – Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1999.

GORDILHO, Viga. **Cantos Contos Contas. Uma trama às águas como lugar de passagem**. Salvador: P555 Edições, 2004.

Guixà, Ricardo. (2018). **La poética del vuelo. "Ornitographies" de Xavi Bou.** 9. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/325217974\\_La\\_poetica\\_del\\_vuelo\\_Ornitographies\\_de\\_Xavi\\_Bou](https://www.researchgate.net/publication/325217974_La_poetica_del_vuelo_Ornitographies_de_Xavi_Bou)>

HOFMANN, Catherine. **Artistes de la carte: de la Renaissance au XXIe siècle: l'explorateur, le stratège, le géographe.** Paris: Autrement, 2012.

HARZINSKI, Kris. **From Here to There: A Curious Collection from the Hand Drawn Map Association.** New York: Princeton Architectural Press, 2010.

HARMON, Katharine. **You are here: personal geographies and other maps of imagination.** New York: Princeton Architectural Press, 2004.

\_\_\_\_\_. **The map as art: contemporary artists explore cartography.** New York: Princeton Architectural Press, 2009.

HARLEY, J. B. **Deconstructing the map.** Cartographica. v.26, n.2. Toronto: University of Toronto Press, 1989.

HERKENHOFF, Paulo, 1948 – Cildo Meireles. **Geografia do Brasil.** Catálogo da exposição. Rio de Janeiro: Artviva Produção Cultural, 2001.

HIGGINS, Hannah B. **The Grid Book.** Massachusetts: The Mit Press, 2009.

IBAÑEZ, Raul. **El sueño del mapa perfecto: cartografía y matemáticas.** Barcelona: RBA Libros, 2011.

JACOBS, Frank. **Strange Maps: um atlas of cartographic curiosities.** USA: Viking Studio – Penguin Group, 2009.

JOLY, Fernand. **A cartografia.** Campinas – SP: Papirus, 1990.

JOURDAIN, Frédéric. **cARTographies Dossier enseignant du projet pédagogique 2012-2013.** Fondation espace écoreuil pour l'art contemporain / Toulouse.

Disponível em: <[http://www.cndp.fr/portailsdisciplinaires/fileadmin/user\\_upload/arts/arts\\_plastiques/Documents\\_a\\_telecharger\\_actus/DOSSIER\\_cARTographie-print-complet.pdf](http://www.cndp.fr/portailsdisciplinaires/fileadmin/user_upload/arts/arts_plastiques/Documents_a_telecharger_actus/DOSSIER_cARTographie-print-complet.pdf)>

JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da Deriva. Escritos Situacionistas sobre a cidade.** São Paulo: Casa da Palavra, 2003.

\_\_\_\_\_. **Breve histórico da Internacional Situacionista – IS.** Arquitectos, São Paulo, ano 03, n. 035.05, Vitruvius, abr. 2003. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/03.035/696>>.

JENNINGS, Ken. **MapHead: Charting the wide, weird, world of geography wonks.** NY: Scribner, 2011.

JACOBS, Karen. **Imaginary Cartographies.** University of Colorado Boulder, Boulder-Colorado/USA, 2014. Disponível em: <[http://abacus.bates.edu/~dmills/catalogue\\_and\\_brochure\\_essa/imaginarycartographies-eln.pdf](http://abacus.bates.edu/~dmills/catalogue_and_brochure_essa/imaginarycartographies-eln.pdf)>

LANCRI, Jean. **Colóquio sobre a metodologia da pesquisa em Artes Plásticas na Universidade**. In BRITES, B., TESSLER, E., O meio como ponto zero. Metodologia da pesquisa em artes Plásticas, Porto Alegre, Editora Universidade / UFRGS, 2002. Coleção Visualidade; 4.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2005.

KRAUSS, Rosalind. **Grids**. October, Vol.9 (Summer, 1979), 50-64. Disponível em: [http://art.yale.edu/file\\_columns/0000/2996/krauss.pdf](http://art.yale.edu/file_columns/0000/2996/krauss.pdf)

LÉVY, Jacques. **Le tournant géographique: penser l'espace pour lire le monde**. Paris: Belin, 1999. 400 p. (Mappemonde 8)

MITCHELL, Peta. **Cartographic Strategies of Postmodernity: The Figure of the Map in Contemporary Theory and Fiction**. London: Routledge, 2008.

MONSAINGEON, Guillaume. **Mappamundi, art et cartographie**. França: Edition Parenthèses, 2013.

MORICONI, Italo (organizador). **Os cem melhores poemas brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MONMONIER, Mark. **Comment faire mentir les cartes: du mauvais usage de la Géographie**. Paris: Flammarion, 1993. 233 p.

MARQUEZ, Renata Moreira. **Geografias Portáteis: arte e conhecimento espacial**. Minas Gerais: UFMG, 2006. 250p. Tese (Doutorado) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

MASSEY, D. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2008.

MATIAS, Fonseca Lindon. **Por uma cartografia geográfica: uma análise da representação gráfica na geografia**. São Paulo: USP, 1996. 476p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_. **Sistema de informações geográficas (sig): teoria e método para representação do espaço geográfico**. São Paulo: USP, 2001. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MARTINELLI, Marcello. **Mapas da Geografia e Cartografia Temática**. 6. Ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTINELLI, M. **Curso de Cartografia Temática**. São Paulo: Contexto, 1991.

MALEVAL, Véronique; PICKER, Marion; GABAUDE, Florent (dir.). **Géographie poétique et cartographie littéraire**. France: Les Presses Universitaires de Limoges, 2012.

MENDONÇA, Ana Teresa Pollo. **Por mares nunca dantes cartografados: a permanência do imaginário antigo e medieval na cartografia moderna dos descobrimentos marítimos ibéricos em África, Ásia e América através dos**

**oceanos atlânticos e índico nos séculos XV e XVI.** (Dissertação de Mestrado-2007 - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO - PUC-RIO). Disponível em: < <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.10814> >.

NAVAS, Adolfo Montejo. **Anna Bella Geiger: territórios, passagens, situações.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

NADOLNY, Sten. **A descoberta da lentidão.** RJ: Rocco, 1990.

NOLD, Christian. **Emotional Cartography-Technologies of the Self.** Creative Commons, 2009. Disponível em < <http://www.emotionalcartography.net/> >

NEVES, Heloisa. **O mapa [ou] um estudo sobre relações complexas.** Anais do Corpopcidade: debates em estética urbana. Salvador-BA, 2008. Disponível em: <http://www.corpopcidade.dan.ufba.br/arquivos/mapa.pdf>

NEVES, Marcos Cesar Danhoni; SILVA, Josie Agatha Parrilha da. **A perspectiva anamórfica de Hans Holbein: o início da perspectiva preparatória de Galileo e Cigoli no Sidereus Nuncius.** Disponível em: <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R1151-2.pdf>

ONO, Yoko. **Grapefruit: O livro de instruções e desenhos de Yoko Ono.** Tradução de Giovanna Viana Martins (UFMG) e Mariana de Matos Moreira Barbosa (UEMG), Belo Horizonte, 2008-2009. Disponível em: [https://monoskop.org/images/9/95/Ono\\_Yoko\\_Grapefruit\\_O\\_Livro\\_de\\_Instrucoes\\_e\\_Desenhos\\_de\\_Yoko\\_Ono.pdf](https://monoskop.org/images/9/95/Ono_Yoko_Grapefruit_O_Livro_de_Instrucoes_e_Desenhos_de_Yoko_Ono.pdf)

OLIVEIRA, Cêurio de. **Curso de cartografia moderna.** Rio de Janeiro: IBGE, 1988. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv81158.pdf>

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem: poética da geografia.** Porto Alegre, RS: L&PM Pocket, 2009.

OLIVEIRA, Livia de. **Estudo metodológico e cognitivo do mapa.** Tese de Livre Docência, apresentada no Departamento de Geografia e Planejamento do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Unesp de Rio Claro, 1978.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** Petrópolis: Vozes, 1978.

OBRIST, Hans Ulrich. **Map it out: na alternative atlas of Contemporary cartographies.** London: Thames & Hudson, 2014.

PRIETO, Gonzalo - **Cartografía y arte: la historia de un amor correspondido.** Disponível em: <http://www.geografiainfinita.com/2017/01/cartografia-y-arte-la-historia-de-un-amor-correspondido/>

PADAVICK, Nate.; SWINDELL, Salli. **Make map art.** Califórnia (USA): Chronicle Books, 2014

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética.** SP: Martins Fontes, 1984.

PINDER, David. **Subverting cartography: The situationists and maps of the city.** Environment and Planning A, v.28, n.3, p.405-427, 1996.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

QUEIROGA, Suzana. **Velofluxo**. Textos de Fernando Cocchiarale. Exposição realizada no Centro Cultural Banco do Brasil, Brasília, de 16/08 a 12/10/2008. Rio de Janeiro: Metropolis Produções Culturais, 2008.

ROBINSON, Arthur H. **The Look of Maps: An Examination of Cartographic Design**. Esri Press: Califórnia, 2010.

REDDLEMAN, Claire. **Cartographic abstraction in contemporary art seeing with maps**. London: Routledge, 2017.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo**, Editora Sulina: Porto Alegre, 2006.

RAISZ, Erwin Josephus. **Cartografa geral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Científica, 1969.

REY, Sandra. **Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais**. Porto Arte. Porto Alegre, v. 7, n. 13, p.81-95. nov.1996.

\_\_\_\_\_. **Instaurar uma poética: um problema de pesquisa?** Arte e Critica/Jornal da ABCA nº.38 – Ano XIV – junho de 2016. Disponível em: <<http://abca.art.br/n38/01ensaio.html>>

RAISZ, Erwin Josephus. **Cartografia geral**. Rio de Janeiro: Científica, 1969.

Ribeiro, D. M, & Caquard, S. (2018). **Cartography and Art. The Geographic Information Science & Technology Body of Knowledge** (1st Quarter 2018 Edition), John P. Wilson (ed). DOI: 10.22224/gistbok/2018.1.4

STÉPHANIE, Jamet-chavigny. **DÉLOCALISER, DÉSORIENTER - La cartographie vue par les artistes contemporains ou l'art de se perdre**. CFC (N°213-Septembre 2012). Disponível em: <http://www.lecfc.fr/new/articles/213-article-4.pdf>

SCHÖPKE, Regina. **Dicionário Filosófico: conceitos fundamentais**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

STORR, Robert. **Mapping** (Catalog). Exhibition at The Museum of Modern Art – MoMA – New York, 1944. Available in The MoMA Book Store. Disponível em: [https://www.moma.org/documents/moma\\_catalogue\\_436\\_300293631.pdf](https://www.moma.org/documents/moma_catalogue_436_300293631.pdf)

SILBERMAN, Robert. **World Views: Maps and Art**. EUA: Weisman Art Museum, 1999.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: FAPESB: Annablume, 2004.

\_\_\_\_\_. **Redes da criação. Construção da obra de arte**. São Paulo: Horizonte, 2006.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SALAS, Fernando (Org.). **Geo Graphic: A Book for Map Lovers**. Index Book: Barcelona, 2012.

SEEMANN, Jörn. **Subvertendo a cartografia escolar no Brasil**. Revista Geografares n°12, Departamento e Mestrado em Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo, Julho, 2012. Disponível em <  
<http://www.periodicos.ufes.br/geografares/article/view/3191/2401>>.

\_\_\_\_\_. **Arte, conhecimento geográfico e leitura de imagens: O geógrafo, de Vermeer**. Pro-Posições, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 43-60, set./dez. 2009.

\_\_\_\_\_.

SERRES, Michel. **Atlas**. Tradução de João Paz. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

SCHER, Paula. **Maps**. New York: Princeton, 2011.

SCHLOGEL, Karl. **En el espacio leemos el tiempo (Sobre historia de la civilizacion y geopolitica)**. Madrid: Siruela, 2007.

SOBEL, Dava. **Longitude: A verdadeira história do gênio solitário que resolveu o maior problema científico do século XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

TOBÓN, Hugo Herrera; DRIESSE, Moniek; DE VET, Annelys. **Atlas subjetivo de Colombia**. Semana Libros, 2015. Disponível em: [http://subjectiveatlas.info/wp-content/uploads/2015/09/SubjectiveAtlasOfColombia\\_LR.pdf](http://subjectiveatlas.info/wp-content/uploads/2015/09/SubjectiveAtlasOfColombia_LR.pdf)

TURNBULL, David. **Maps are Territories: Science is an Atlas**. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

TURCHI, Peter. **Maps of the Imagination: The Writer as Cartographer**. San Antonio. Trinity University Press, 2004

TIBERGHIEU, Gilles A. « **Poétique et rhétorique de la carte dans l'art contemporain** », *L'Espace géographique*, vol. tome 39, no. 3, 2010, pp. 197-210. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-espace-geographique-2010-3-page-197.htm>

\_\_\_\_\_. **Finis Terrae: Imaginaires et imaginations cartographiques**. Paris: Bayard Éditions, 2007.

\_\_\_\_\_. **Imaginário cartográfico na arte contemporânea: sonhar o mapa nos dias de hoje**. Trad. Inês de Araujo. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 57, p. 233-252, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i57p233-252>

TORRES, Raúl Ibáñez. **Muerte de um cartógrafo**. Universidad del País Vasco-Euskal Herriko Unibertsitatea Disponível em: <  
<https://www.matematicasenaccion.unican.es/transparencias20072008/raul-iba%C3%B1ez1.pdf>>

OLIVEIRA, Vladimir S. **Sinalizações: orientações gráfica urbanas**. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: < <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/9816> >

OLIVEIRA, Vladimir S. **Cartografias: da arte de fazer mapas aos mapas na arte**. In: Cultura Visual, n. 18, dezembro/2012, Salvador: EDUFBA, p. 97-108. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/rcvisual/article/view/6248/4649>>

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre Arte e Ciência**. Campinas: São Paulo, Autores Associados, 2001.

WOOD, Denis. **The power of maps**. New York: The Guilford Press, 1992.

\_\_\_\_\_. **Map Art**. Cartographic Perspectives, Number 53 (2006). Disponível em < <http://www.cartographicperspectives.org/index.php/journal/article/view/cp53-wood-featured-article/418> >

\_\_\_\_\_. **Rethinking the Power of Maps**. New York: The Guilford Press, 2010.

\_\_\_\_\_. **Catalogue of map artists**. Cartographic Perspectives, n.53, (2006). Disponível em < <http://cartographicperspectives.org/index.php/journal/article/viewFile/cp53-wood-catalogue/426> >

WEITEMEIER, Hannah. **Yves Klein (1928-1962): International Klein Blue**. Alemanha: Taschen, 2001.

WOLLHEIM, Richard. **A arte e seus objetos**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

WERMESTER, Catherine; VANCI-PERAHIM, Marina. **Atlas et les territoires du regard: La géographie de l'histoire de l'art (XIX<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècles)**. Paris: Publications de la Sorbonne, 2006.

SZYMBORSKA, Wislawa. **Um amor feliz**. SP: Companhia das Letras, 2016.

## Catálogos

**A vastidão dos mapas: arte contemporânea em diálogo com mapas da Coleção Santander Brasil**/ Curadoria Agnaldo Farias. São Paulo: Perfil Cultural, 2018.

Catalogue **Le dessus des cartes: art contemporain et cartographie**: exposition présentée à Bruxelles, Iselp - Institut supérieur pour l'étude du langage plastique 14 mai - 24 juillet 2004 / Arlette Lemonnier; Marie-Ange Brayer, Pierre Sterckx.

Catalogue **Cartes et figures de la terre** [exposition]. Centre Georges Pompidou - Centre de creation industrielle, Paris, 24 mai-17 novembre, 1980, 479 pp.

Catalogue **Cartes et figures de la terre**: [exposition] Centre Georges Pompidou, [Paris, 24 mai-17 novembre 1980] [organisée par le] Centre de création industrielle; [avec la collaboration de la Bibliothèque publique d'information, du Musée national d'art moderne et du Service audiovisuel du Centre Georges Pompidou; commissaire général Giulio Macchi]

Catalogue **Des pigeons photographes?** Musée suisse de l'appareil photographique Vevey, Du 21 février au 17 septembre 2007, 38 pp.

## Vídeos

GRAVATÁ, André. **mapa-múndi** (2018) (vídeo-poema de versos do livro "inadiável"). Disponível em: <https://vimeo.com/256337529>

QUEIROGA, Suzana. **Atlas** (2015). Disponível em: <https://vimeo.com/121512321>

WEISHOF, Maya. **Novo atlas escolar português**. Curitiba, 2017. Disponível em: <https://vimeo.com/215027843>

**APENDICE A – cArtEgrafias**

| DANIEL SCOBAR

**Continuous (Belo Horizonte) | 2012**

Papel, metal e máquinas fragmentadoras

Site do Artista: <http://danielescobar.com.br/>**Figura 139**

| SUZANA QUEIROGA

**Topos | 2018**

Recortes em feltro

Fonte: <http://www.bolsadearte.com/oparalelo/suzana-queiroga-no-paco-imperial>**Figura 140**

**Atlas | 2015**

Vídeo – Disponível em: <<https://vimeo.com/121512321>>



**Figura 141**

**Mapamaré | 2010**

Nanquim sobre papel Kraft recortado

Fonte: <https://daniname.wordpress.com/2011/02/24/suzana-queiroga-e-o-complexo-da-mare/>



**Figura 142**

**Soft-Velofluxo | 2008**

Réplica de balão de ar quente e carpete vinílico

Fonte: <https://issuu.com/suzanaqueiroga/docs/velofluxo>



**Figura 143**

## Conexão I e Conexão II | 2008

Recorte de mapa e tinta metálica sobre papel

Fonte: <https://issuu.com/suzanaqueiroga/docs/velofluxo>



Figura 144

| MARCIUS GALAN

## Cartografia abstrata III, 2012

Madeira, pintura esmalte e alfinetes de mapas

Fonte: <http://marcius-trabalhos.blogspot.com>

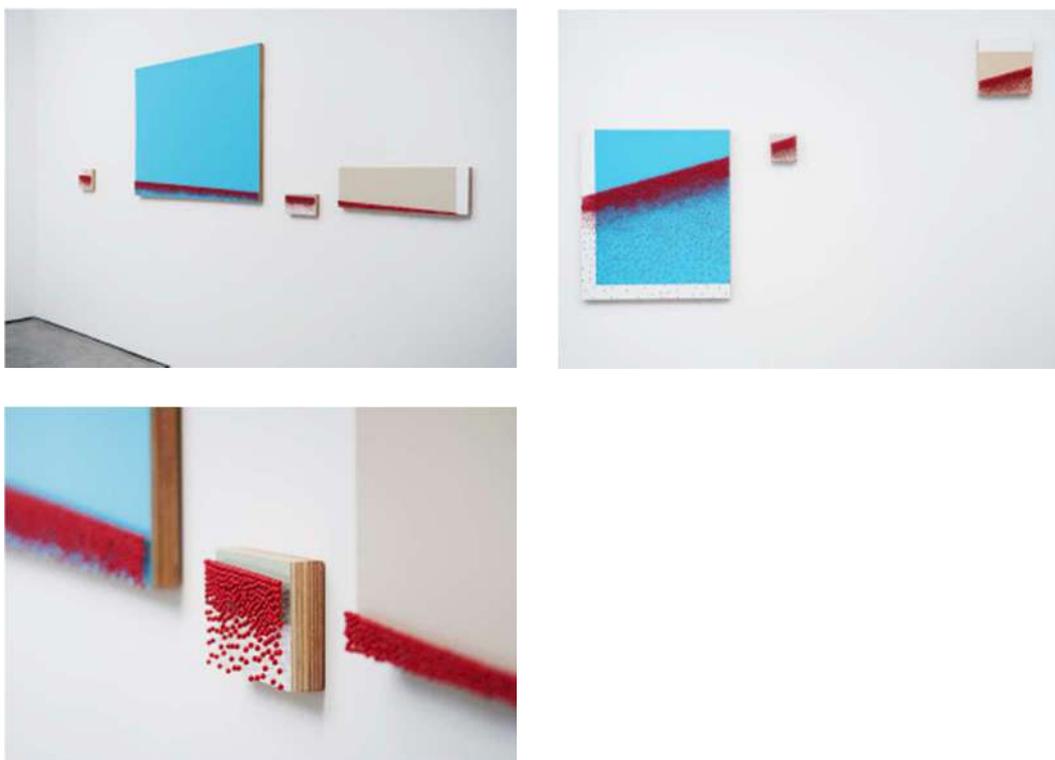


Figura 145

## Algumas distâncias entre pontos - abstrações burocráticas e cartografias abstratas | 2012

Fonte: <http://marcius-trabalhos.blogspot.com>



Figura 146

## Ilhas derivadas | 2011

Fotografia (60x40 cm cada)

Fonte: <http://marcius-trabalhos.blogspot.com>



Figura 147

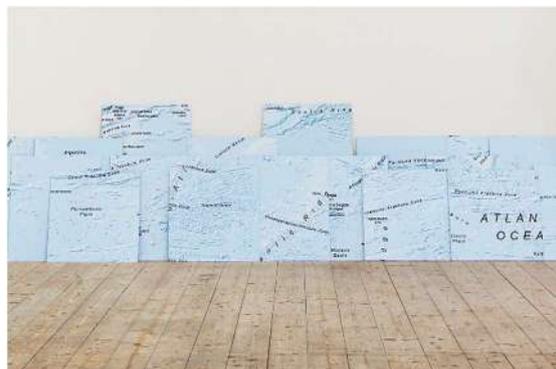
## | MARINA CAMARGO

**Alto-mar (Atlântico) | 2018**

Impressão digital / 90x450cm (total)

Fonte/Site da Artista: <http://www.marinacamargo.com/home/>

Figura 148

**Projeção I e Projeção II | 2012**

Pintura e recortes em vinil adesivo

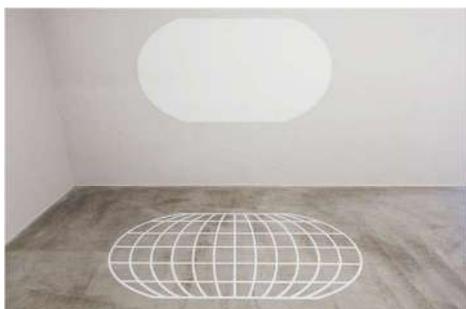
Fonte: <http://www.marinacamargo.com/portfolio/projecao/>

Figura 149

### Gravidade na linha do equador | 2015

Desenhos recortados em madeira e pintados

Fonte: <http://www.marinacamargo.com/portfolio/gravidade-na-linha-do-equador/>

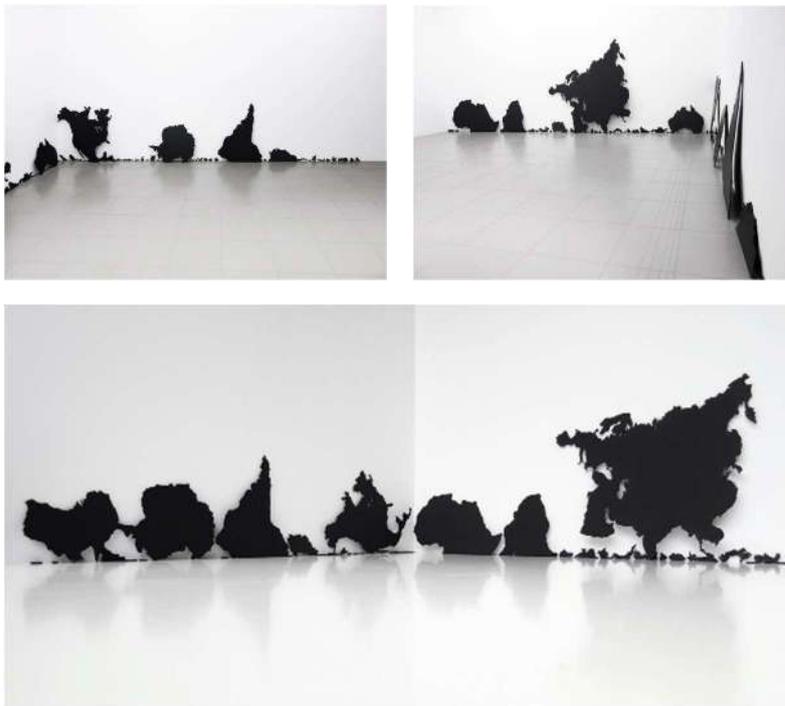


Figura 150

| MAYANA REDIM

### Porto Alegre-RS encontra Portalegre-PT | 2010

### Lagoa, Ribeira Grande e Rio Maior encontram Feliz Deserto | 2010

Nanquim sobre papéis vegetais sobrepostos

Fonte: <https://issuu.com/banco.portfolios/docs/mayana-redin/35>

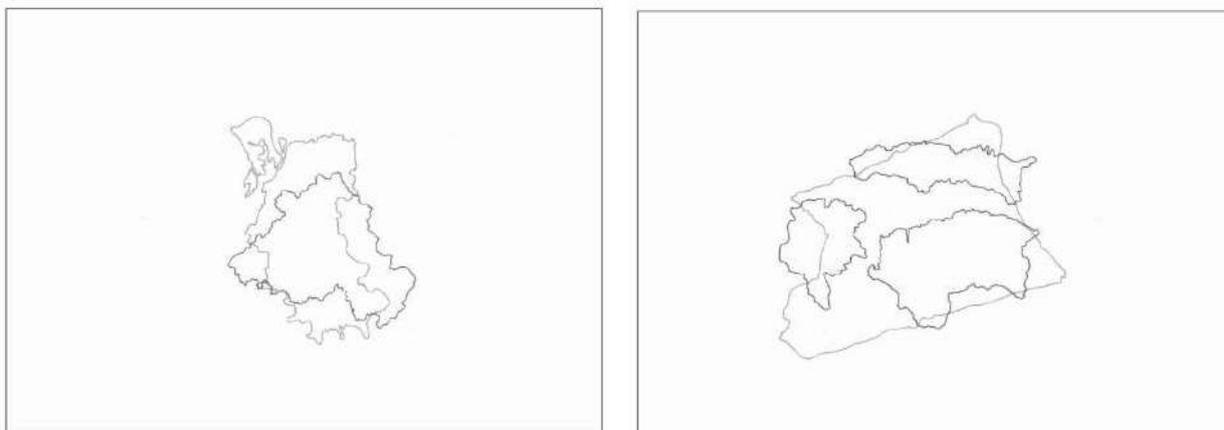


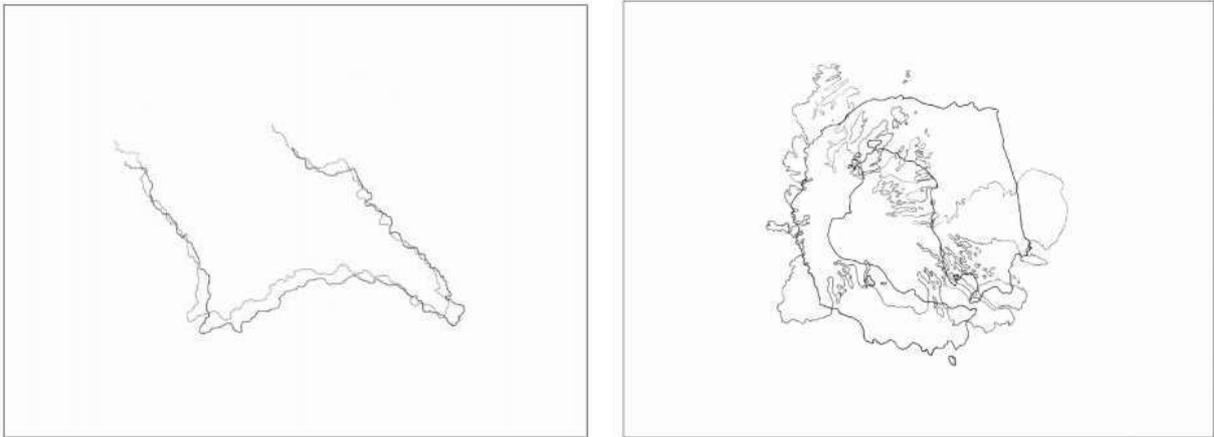
Figura 151

**Cabo da Boa Esperança encontra Cabo das Tormentas | 2010**

**Ilha da Decepção encontra Ilha da Desolação | 2010**

Nanquim sobre papéis vegetais sobrepostos

Fonte: <https://issuu.com/banco.portfolios/docs/mayana-redin/35>



**Figura 152**

**Itália ao acaso | encontrar a mancha da Itália numa rua da Itália | 2009**

Fotografia digital

**Paris ao acaso | encontrar Paris em um muro português | 2009**

Fotografia digital

**Cruzeiro do Sul ao acaso | encontrar o Cruzeiro do Sul no hemisfério norte | 2009**

Fotografia digital

**Portugal ao acaso | encontrar Portugal dentro de casa | 2009**

Fotografia digital

Fonte: <https://issuu.com/banco.portfolios/docs/mayana-redin/35>



**Figura 153**

| FABIO CARVALHO

**Mapa Mole - São Paulo | 2006 e Mapas Moles - Rio de Janeiro - Zona Norte | 1998**

Recortes de impressos colados

Fonte/Site do artista: <https://www.fabiocarvalho.art.br/>



Figura 154

**Cartografias Transmutadas – Londres e Cartografias Transmutadas – Lisboa | 2004**

Mapa impresso recortado e remontado

Fonte/Site do artista: <https://www.fabiocarvalho.art.br/>

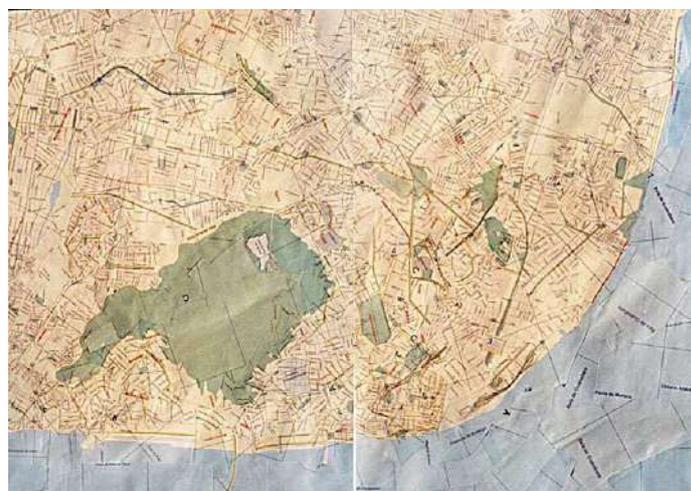
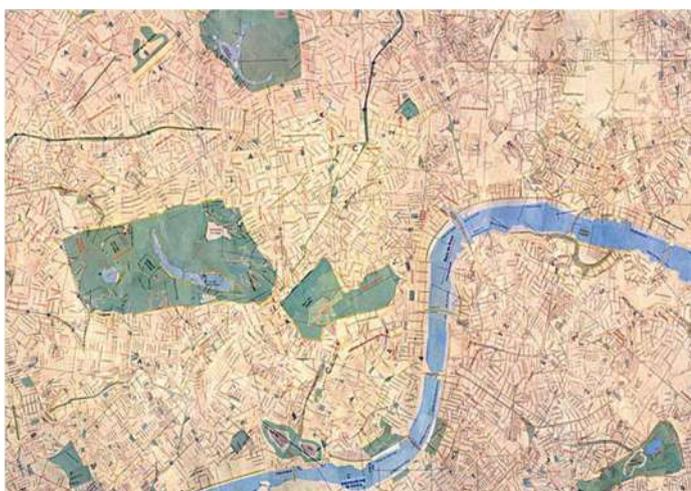


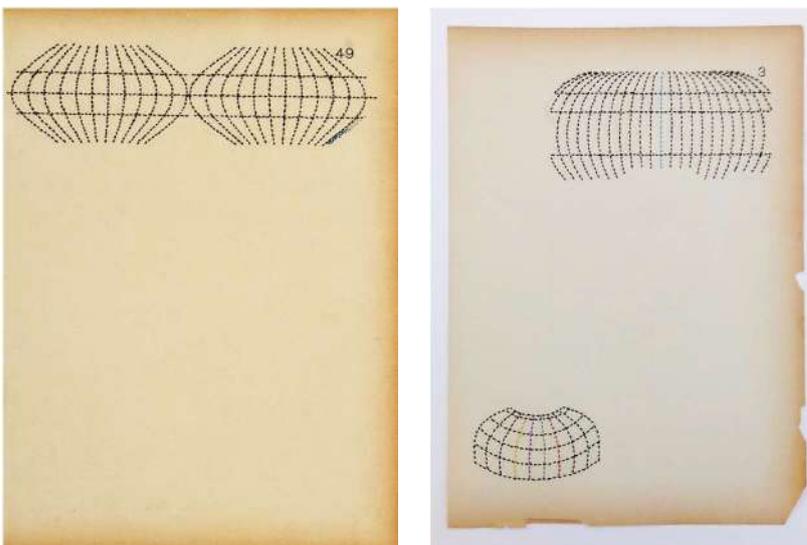
Figura 155

**Cartografia Fragmentária - Belo Horizonte | 2003**

Recortes de impressos, colados sobre foam board

Fonte/Site do artista: <https://www.fabiocarvalho.art.br/>**Figura 156**

| GUGA SZABON

**Mapas bordados**Fonte/Site da Artista: <https://gugaszabzon.com/>**Figura 157**

## Mapas em tecido

Fonte/Site da Artista: <https://gugasabzon.com/>



Figura 158

## Mapas costurados

Fonte/Site da Artista: <https://gugasabzon.com/>

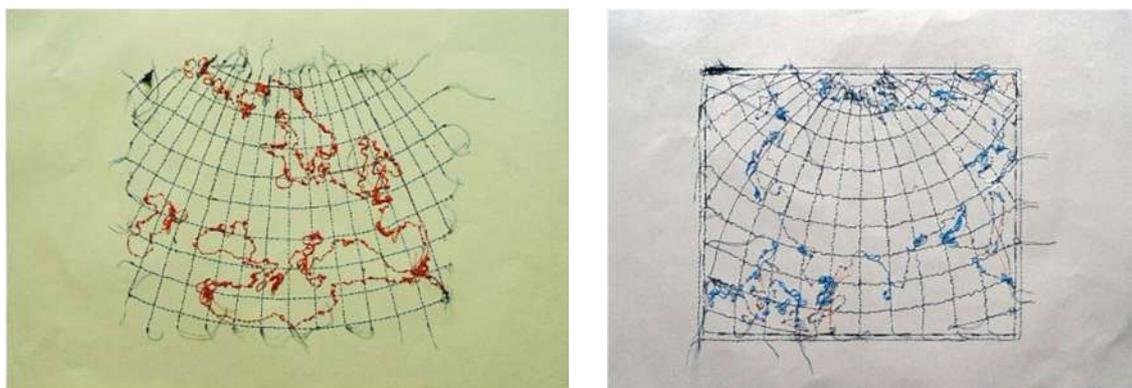


Figura 159

## Lugar nenhum

Fonte/Site da Artista: <https://gugasabzon.com/>



Figura 160

| GUILLERMO KUITCA

### Le Sacre

Camas, colchões e pinturas de mapas rodoviários

Foto: Vladimir Oliveira, 2014

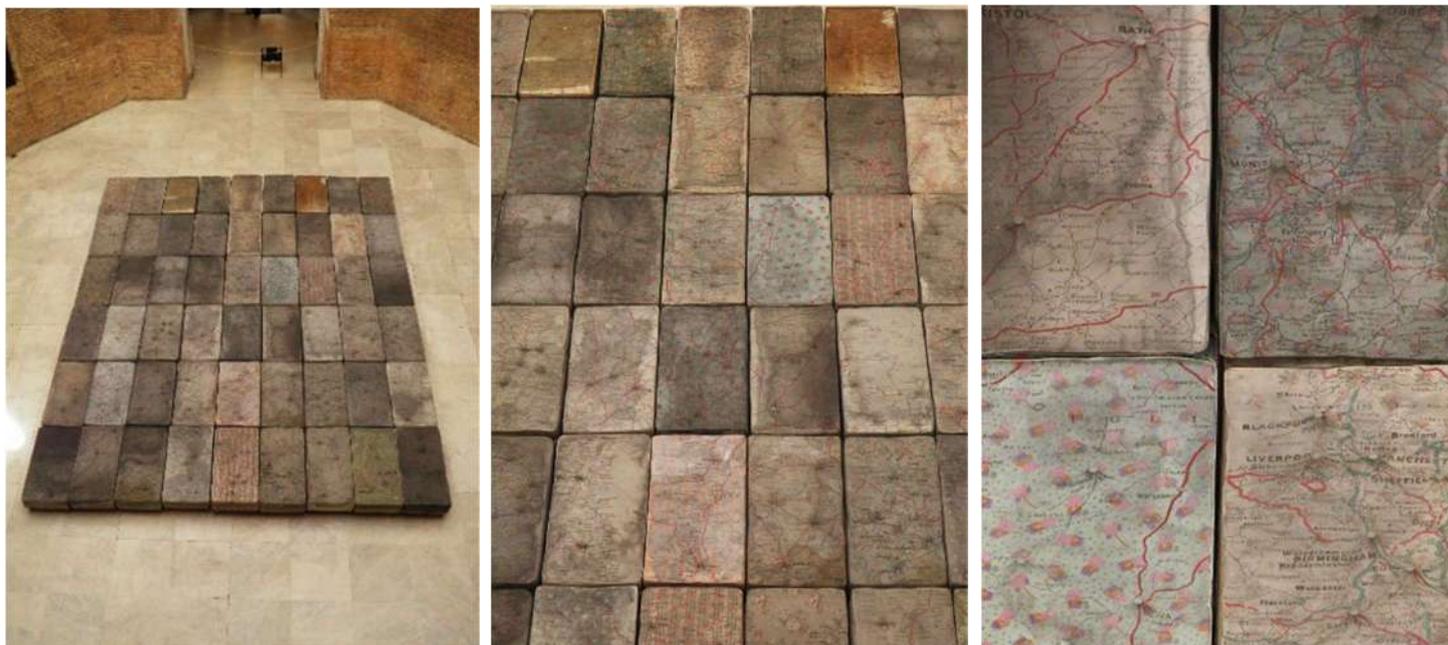


Figura 161

### Untitled | 2008

Óleo sobre linho

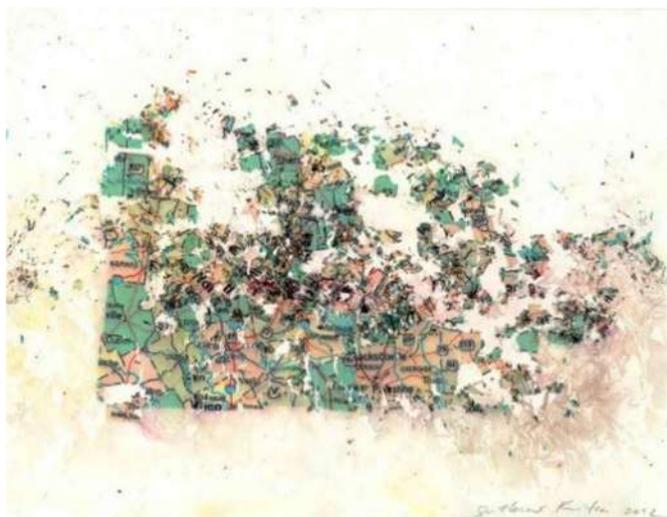
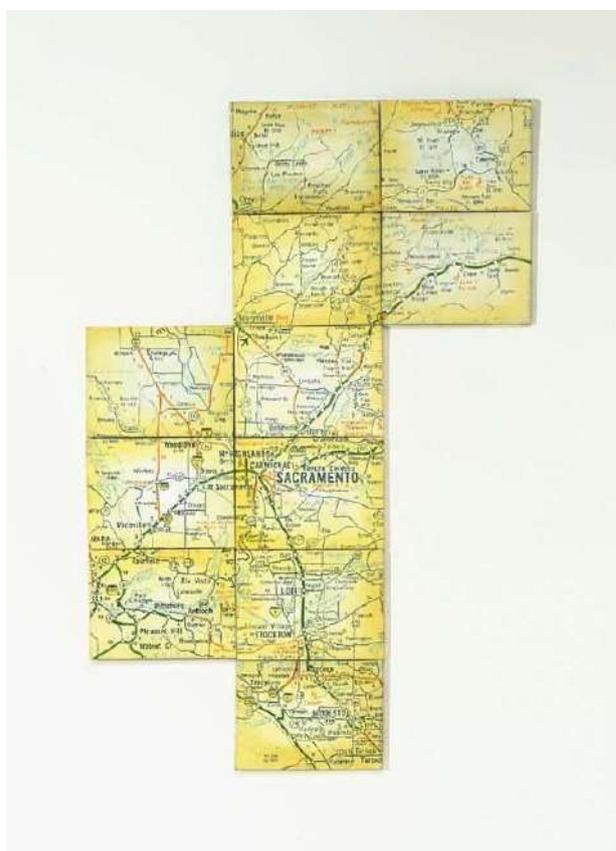
Foto: Vladimir Oliveira, 2014.



Figura 162

**Texas Road Map e Zurich | 2002**

Mixed media on paper

Fonte: <http://monsoonartcollection.com/guillermo-kuitca/texas-road-map/>**Figura 163****(B.1961) SACRAMENTO**Fonte: <https://www.mutualart.com/Artwork/-B-1961--SACRAMENTO/63C5D4A2148631C5>**Figura 164**

| JENNIFER BRIAL

### La légende ou l'atelier de construction du territoire | 2013

Installation / techniques mixtes

Fonte/Site da Artista: <http://jenniferbrial.com/art/>



Figura 165

### Le monde énérvé | 2011

Dessin mural / mine graphite

Fonte/Site da Artista: <http://jenniferbrial.com/art/>



Figura 166

### Cartes recomposées | 2007-2012

Paris, Lyon, Montpellier, Nîmes / papier

Fonte/Site da Artista: <http://jenniferbrial.com/art/>

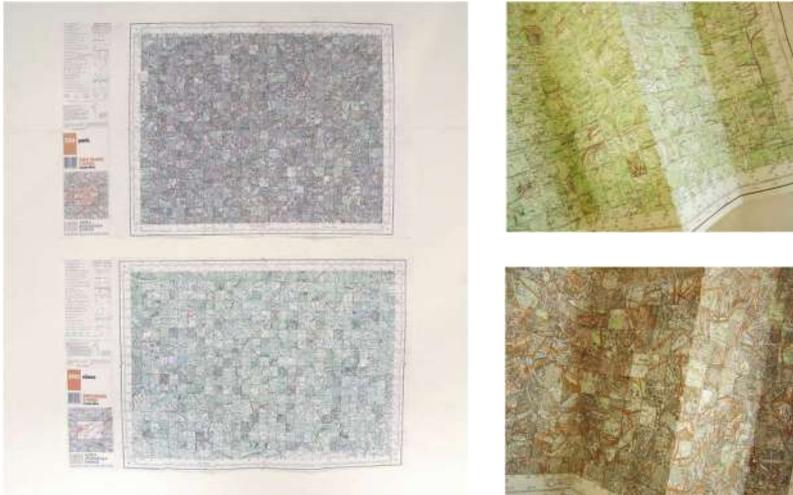


Figura 167

### Dymaxion version 1 | 2010

Sculpture modulaire et imprimable / 22 plaques de MDF

Fonte/Site da Artista: <http://jenniferbrial.com/art/>



Figura 168

| SHANNON RANKIN

### Germinate (5000 Seeds) | 2009

map, paper, pins, adhesive

Fonte/Site da Artista: <https://shannonrankin.com/home.html>

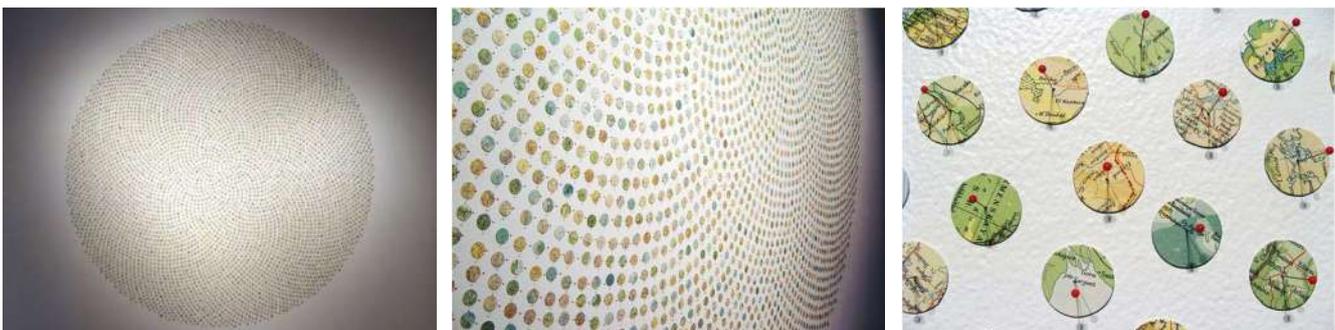


Figura 169

**Artifacts 2 | 2015**

map, acrylic, paper

Fonte/Site da Artista: <https://shannonrankin.com/home.html>**Figura 170****Terrain (Blue No. 1) | Terrain (Pink No. 1) | Terrain (Yellow No. 1) | 2010**

map, acrylic, monofilament, adhesive, paper

**Figura 171****| LINA ESPINOSA****Desprendimientos e Una región sin mapa (de la serie Coordenadas Móviles) | 2012**

Mapa recortado sobre papel

Fonte/Site da Artista: <http://linaespinosa.com/>**Figura 172**

**Relevancias 1/12, Relevancias 8/12, Relevancias 12/12** (de la serie Impacto Mínimo) | 2012

Mapa recortado sobre cartón

Fonte/Site da Artista: <http://linaespinosa.com/>

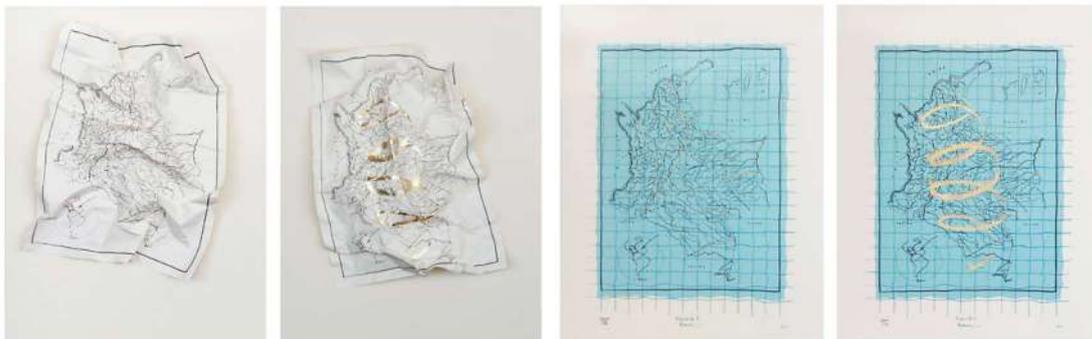


**Figura 173**

**Série Trópicos, No.4 e No.2** | 2017

Serigrafia y hojilla de oro papel

Fonte/Site da Artista: <http://linaespinosa.com/>



**Figura 174**

| KAREY KESSLER

**here, is The Place** | 2017

watercolor on Korean rice paper

Site da Artista: <https://kareykessler.com/home.html>



**Figura 175**

## Sacred Space (neither here nor there) | 2017

watercolor on Korean rice paper

Site da Artista: <https://kareykessler.com/home.html>



Figura 176

## A Place (meant to be forgotten) | now there is order, or disorder, or both | 2013

gouache and ink on rice paper

Site da Artista: <https://kareykessler.com/home.html>

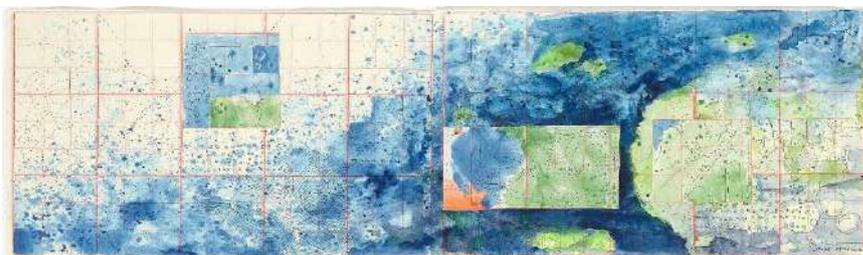
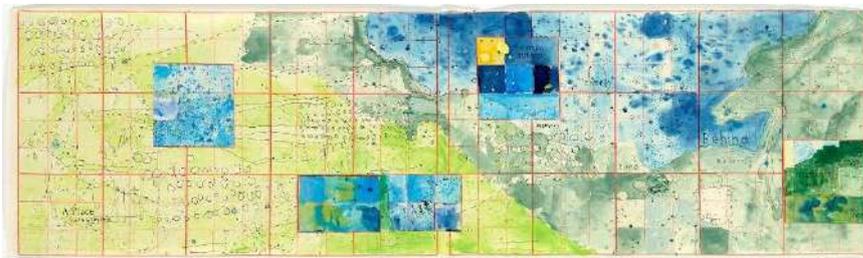


Figura 177

| CHRIS KENNY

## Island | 2013 and Prefecture | 2009

construction with found map pieces

Site do Artista: <http://www.chriskykeny.co.uk/>



Figura 178

## Grey Map Square | 2017 and Elsewhere | 2014

construction with found map pieces

Site do Artista: <http://www.chriskenny.co.uk/>



Figura 179

| JOHN MANN

## Série **Folded in Place**

Fotografia

Fonte: <https://placesjournal.org/article/folded-in-place/>

Site do Artista: <https://www.johmannstudio.com/>



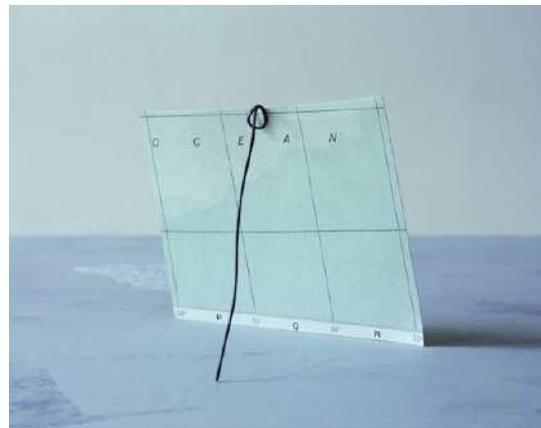
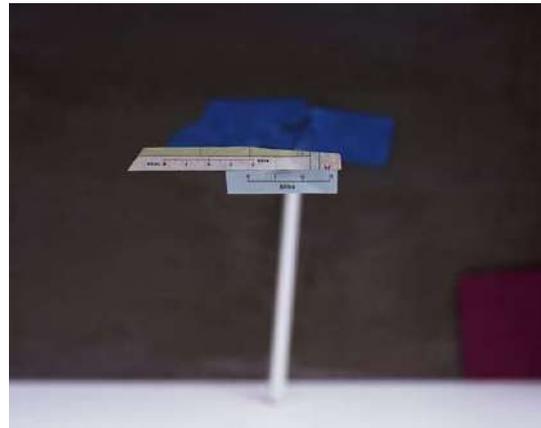
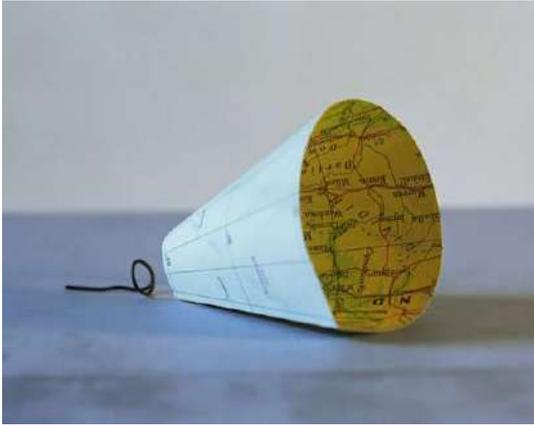


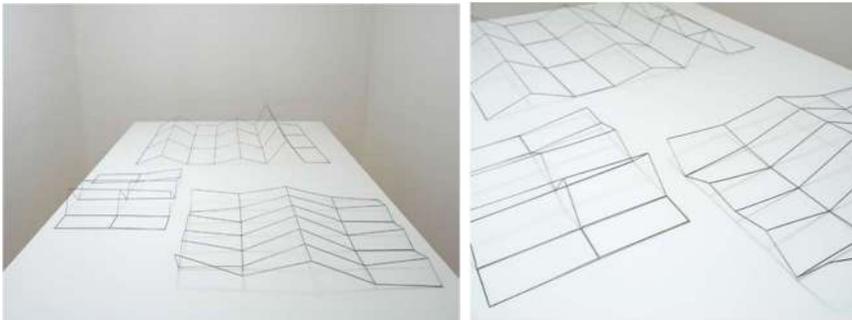
Figura 180

| JORGE MACCHI

**Tour | 2010**

Acero y madera

Fonte/Site do Artista: <http://www.jorgemacchi.com/es>



**Figura 181**

**Guía de la inmovilidad | 2003**

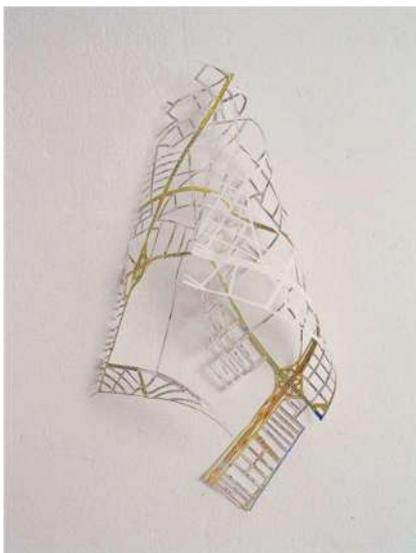
Guía de calles de Buenos Aires



**Figura 182**

**Ciudad cansada | 2004**

Papel



**Figura 183**

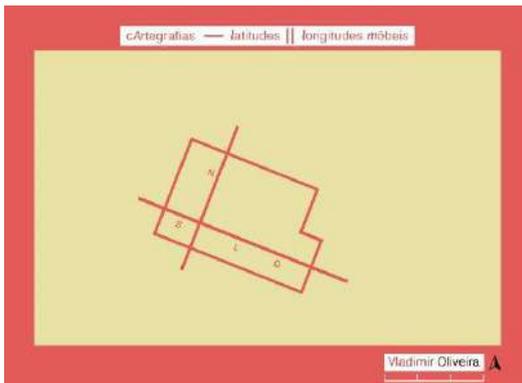
# APENDICE B – PEÇAS GRÁFICAS DIVULGAÇÃO DA EXPOSIÇÃO

## Folheto



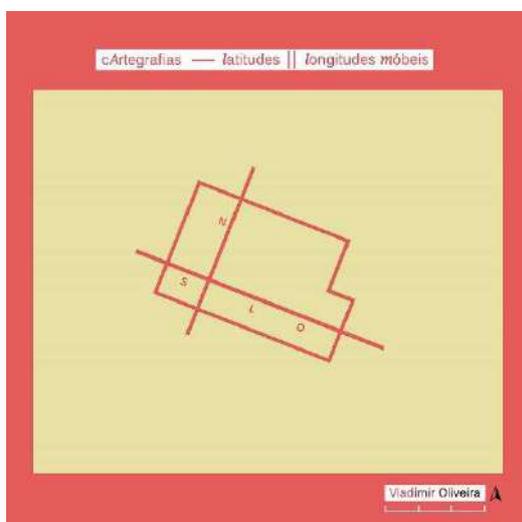
Criação: Vladimir Oliveira | Design Gráfico: Péricles Mendes

## Convite



Criação: Vladimir Oliveira | Design Gráfico: Péricles Mendes

## Cartaz de Parede



Criação: Vladimir Oliveira | Design Gráfico: Péricles Mendes

## ANEXO A – CLIPAGEM EXPOSIÇÃO

Edgardigital - UFBA

<http://www.edgardigital.ufba.br>

### Exposição em Belas Artes brinca com ideia de que "mapas não são neutros"

Autor: Fernanda Caldas

Categorias : [Artes](#)

Data: 11/05/2018

"Há uma estabilidade na cartografia que não é real". Nessa frase curtiinha está contida, em pequena escala, toda a encantadora exposição "Cartografias - Latitudes e Longitudes Móveis", do artista visual Vladimir Oliveira, que problematiza o caráter movente e a constante transformação em torno da ciência dos mapas. A mostra está em cartaz na Galeria Cañizares, na Escola de Belas Artes da UFBA, até 15 de maio, de 9 às 18h, com entrada gratuita.

Mapas, globos terrestres, atlas, guias e derivados cartográficos compõem a dinâmica artística e poética da exposição, ressignificando e mostrando o caráter desorientador, movente, instável e, a rigor, ficcional da cartografia. Normalmente vistos como estáveis e capazes de mostrar a realidade em si, os mapas aparecem na exposição instigando o público a enxergar o caráter não real e fixo de uma representação.

Usando elementos da topografia, a exposição problematiza a ideia de território cristalizado presente na versão gráfica. "O mapa não é neutro. Cartografia é política, relação de poder, história e geografia o tempo todo", resume Oliveira. "O mapa tende a congelar a visão de um espaço, do mundo, da região, do lugar, mas, na verdade, sabemos que existe uma transformação o tempo inteiro. Ele precisaria estar em atualização frequente."

Vladimir Oliveira explorou as perspectivas filosóficas, do imaginário e da poética, e privilegiou trabalhar com a cartografia mais primária, feita a mão, desenhada e pintada. "Ao entrar e fruir a exposição, percebe-se que há camadas subjacentes. É mais que um trabalho sobre mapas, é se sentir problematizado no sentido poético e estético", descreveu.

A exposição é um dos resultados da pesquisa de doutorado em Artes Visuais de Vladimir, cuja linha de pesquisa é processos criativos e poéticas visuais. "A exposição é uma célula da pesquisa, momento que fazemos a curadoria de alguns trabalhos", explicou. A própria mostra abriga o cruzamento de coordenadas (latitudes e longitudes) e convida os visitantes também a intervir, expor "seu mapa", de modo a reforçar o caráter dinâmico da cartografia.

"Essa ideia de geografia move-dança, movente, que desorienta o tempo todo faz parte de valores, éticos e político-sociais e estão aqui alojados na exposição", refletiu professora Viga Gordilho, da Escola de Belas Artes. Ela é curadora da exposição e também orientadora de doutorado de Vladimir. "É maravilhoso quando o professor faz a curadoria de um aluno que está orientando, assim é possível ter mais aprofundamento nas questões que são subliminares. Você pode não ver, mas elas estão ali".

Vladimir explica que seu objetivo principal é subverter a cartografia tradicional. "Eu pesquiso a cartografia na perspectiva das Ciências. Aqui tem também uma pesquisa artística sobre o assunto, que cobre meu interesse na representação, no deslocamento e nas formas de expressão gráfica que as Ciências fazem para mostrar o mundo, o planeta, a terra", contou.

1 / 2

### INTERNET

Veículo:

**Edgar Digital – UFBA**

Disponível em: <<http://www.edgardigital.ufba.br/?p=7754>>

Edgardigital - UFBA

<http://www.edgardigital.ufba.br>



Vladimir Oliveira explora um trecho de Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll, em sua pesquisa de doutorado para demonstrar o caráter também desorientador da cartografia. Caindo após entrar na toca do coelho, Alice anseia saber onde está. Ela acredita estar chegando em algum lugar no centro da Terra. "Sim, acho que está correto, mas em que Latitude e Longitude estaríamos?", questiona Alice. Apesar de não saber o significado de Latitude, tampouco de Longitude, "ela pensava que eram boas palavras para se dizer".

2 / 2

01/05/2018

Próximos Eventos | Exposição cArtegrafias — Latitudes | Longitudes Móveis | Agenda UFBA

Conheça o Agenda Arte e Cultura | Acesso Restrito | UFBA

em Pauta |

« Todos Eventos

## EXPOSIÇÃO CARTEGRAFIAS — LATITUDES | LONGITUDES MÓBEIS

30 - ABRIL | 08:00 - 15 - MAIO | 17:00



No próximo dia 30 de abril, a partir das 17 horas o público pode conferir a exposição cArtegrafias — Latitudes | Longitudes Móveis, do artista visual Vladimir Oliveira na Galeria Cañizares - Escola de Belas Artes - UFBA.

[http://www.agenda.ufba.br/?tribe\\_events=exposicao-cartografias-%E2%80%95-latitudes-longitudes-mobeis](http://www.agenda.ufba.br/?tribe_events=exposicao-cartografias-%E2%80%95-latitudes-longitudes-mobeis)

1/3

01/05/2018

Próximos Eventos | Exposição cArtegrafias — Latitudes | Longitudes Móveis | Agenda UFBA

Os trabalhos que formam esta mostra, componente da pesquisa de doutorado em artes visuais realizada por Vladimir Oliveira junto ao PPGAV-EBA-UFBA, resultam do cruzamento de coordenadas (latitudes-longitudes) criadoras, junto a ações criativas por decomposições e desarticulações do repertório cartográfico clássico, suas convenções, padronizações e funções. A noção de 'subversão cartográfica' foi a linha cardeal inspiradora, construtiva e experimental assumida na pesquisa artística e produção dos trabalhos artísticos expostos, nos quais mapas, globos terrestres, atlas, guias, derivados cartográficos, são re-dessituados numa dinâmica artístico-poética móbil, instável, ficcional e desnordeadora. No seu pensamento e construção, a exposição expressa aberturas, liberdades experimentais e imaginárias no pensar\_criar dos trabalhos, tendo em vista os modos de conhecer e experienciar das Artes visuais contemporâneas, e arranjos de outros usos e formas de percepção da Cartografia tradicional.

Como ilumina a professora e artista Viga Gordilho, orientadora da pesquisa e co-curadora da mostra, o artista visual pesquisador "instaura uma poética movediça", traçando gestos expressivos, 'poestéticos', subversivos, muitos adotando as próprias noções elementares de Cartografia oficial, utilitária, a 'razão cartográfica', a fim de confrontar, desregular, dar a ver deformações, inexactidões, 'imprecisões' da 'precisa' Cartografia oficial. Dessa forma, a mostra demarca um traçado criador que descoordena e inventa, com imaginação poética, outras, novas e possíveis Cartografias e formas de Cartografar-cArtegrafar.

O público poderá participar da conversa com o artista para conhecer um pouco mais do seu trabalho e processo criativo, no dia 09 de maio, às 15 horas no espaço da Galeria Cañizares. A mostra segue em exibição até o dia 15 de maio, com visitaçao de segunda a sexta, das 9 às 18 horas.

### SERVIÇO:

Exposição cArtegrafias — Latitudes | Longitudes Móveis.

Abertura: 30 de abril, das 17h às 21h

Visitaçao: 02 a 15 de maio, de segunda a sexta, 9 às 18 horas

Conversa com o artista: quarta, 09/05/2018, 15h

ONDE: Galeria Cañizares - Escola de Belas Artes da UFBA - Canela.

+ GOOGLE AGENDA

+ EXPORTAR IICAL

### DETALHES

Início: 30. de abril,

08:00.

Final: 15. de maio,

17:00.

### LOCAL

Galeria Cañizares, EBA

UFBA

Rua Araújo Pinho, 19

Salvador, Brazil

+ Google Map

[http://www.agenda.ufba.br/?tribe\\_events=exposicao-cartografias-%E2%80%95-latitudes-longitudes-mobeis](http://www.agenda.ufba.br/?tribe_events=exposicao-cartografias-%E2%80%95-latitudes-longitudes-mobeis)

2/3

## INTERNET

Veículo:

**Agenda Arte e Cultura UFBA**

Disponível: < [http://www.agenda.ufba.br/?tribe\\_events=exposicao-cartografias-%E2%80%95-latitudes-longitudes-mobeis](http://www.agenda.ufba.br/?tribe_events=exposicao-cartografias-%E2%80%95-latitudes-longitudes-mobeis) >

25/04/2018

Facebook

Neste dia 11 6

Curtir Comentar Compartilhar

Explorar

Ver mais...

Criar  
Anúncio · Página · Grupo · Evento

**Agenda Arte e Cultura UFBA**  
12 h ·

Trabalhos que formam a mostra são frutos do componente da pesquisa de doutorado em Artes Visuais realizada por Vladimir Oliveira  
<http://bit.ly/2qVLTPC>



Exposição “cArtegrafias – Latitudes | Longitudes Móveis” entra em cartaz na Galeria Cañizares - Agenda Arte e Cultura

AGENDARTECULTURA.COM.BR

Você e 1 outra pessoa 1 compartilhamento

Curtir Comentar Compartilhar

Escreva um comentário...

Mais relevantes

<https://www.facebook.com/>

## INTERNET

Veículo:

**Facebook – Agenda Arte e Cultura UFBA**

Disponível em: < <https://web.facebook.com/agendartecult/posts/1754772094586330> >

12/11/2018

Cartografias — Latitudes | Longitudes Móbeis

Vladimir Página Inicial Criar

---

### Eventos

- Eventos
- Calendário
- Aniversários
- Descobrir
- Organizando



Galeria Cañizares | EBA | UFBA  
Abertura: 30 | 04 | 18 - 17h | 21h  
Visitação: Até 15 | 05 | 18  
Conversa com o artista: 09 | 05 | 2018 - 15h

Vladimir Oliveira

**ABR 30** Cartografias — Latitudes | Longitudes Móbeis

Público · Organizado por Galeria Cañizares

Tenho interesse
Comparecerei

30 de Abr às 17:00 — 14 de Maio às 17:00  
há cerca de 6 meses

Galeria Cañizares  
Av. Araújo Pinho, 212, 41110-150 Salvador Exibir mapa

Sobre
Discussão

#### Eventos sugeridos

Ver mais



Caetano, Moreno, Zeca e Tom...  
Sábado, 24 de novembro em C...  
2.819 convidados  
Tenho interesse · Comparecerei



Lazzo canta Melodia  
Quinta-feira, 22 de novembro e...  
1.301 convidados  
Tenho interesse · Comparecerei



Gilberto Gil - OK OK OK (Salv...  
Sex Fev 8, 2019 em Teatro Cas...  
153 convidados  
Tenho interesse · Comparecerei



El Gravador Secreto 2018  
Sexta, 30 de novembro em Esc...  
3 amigos confirmaram presença  
Tenho interesse · Comparecerei



De Santo Amaro a Xorém em ...  
Sáb Jan 26, 2019 em Concha A...  
4.806 convidados  
Tenho interesse · Comparecerei



Exposição Paisagens do Exc...  
Sexta em ACBEU - Vitória  
José Henrique Silva Barreto co...  
Tenho interesse · Comparecerei

#### Detalhes

No próximo dia 30 de abril, a partir das 17 horas o público pode conferir a exposição cArtegrafias — Latitudes | Longitudes Móbeis, do artista visual Vladimir Oliveira na Galeria Cañizares – Escola de Belas Artes – UFBA.

Os trabalhos que formam esta mostra, componente da pesquisa de doutorado em artes visuais realizada por Vladimir Oliveira junto ao PPGAV-EBA-UFBA, resultam do cruzamento de coordenadas (latitudes-longitudes) criadoras, junto a ações criativas por decomposições e desarticulações do repertório cartográfico clássico, suas convenções, padronizações e funções. A noção de 'subversão cartográfica' foi a linha cardeal inspiradora, construtiva e experimental assumida na pesquisa artística e produção dos trabalhos artísticos expostos, nos quais mapas, globos terrestres, atlas, guias, derivados cartográficos, são re-dessituados numa dinâmica artístico-poética móbil, instável, ficcional e desorientadora. No seu pensamento e construção, a exposição expressa aberturas, liberdades experimentais e imaginárias no pensar\_criar dos trabalhos, tendo em vista os modos de conhecer e experienciar das Artes visuais contemporâneas, e arranjos de outros usos e formas de percepção da Cartografia tradicional.

Como ilumina a professora e artista Viga Gordilho, orientadora da pesquisa e co-curadora da mostra, o artista visual pesquisador "instaura uma poética movediça", traçando gestos expressivos, 'poestéticos', subversivos, muitos adotando as próprias noções elementares de Cartografia oficial, utilitária, a 'razão cartográfica', a fim de confrontar, desregular, dar a ver deformações, inexactidões, 'imprecisões' da 'precisa' Cartografia oficial. Dessa forma, a mostra demarca um traçado criador que descoordena e inventa, com imaginação poética, outras, novas e possíveis Cartografias e formas de Cartografar-cArtegrafar.

O público poderá participar da conversa com o artista para conhecer um pouco mais do seu trabalho e processo criativo, no dia 09 de maio, às 15 horas no espaço da Galeria Cañizares. A mostra segue em exibição até o dia 15 de maio, com visitação de segunda a sexta, das 9 às 18 horas.

Exposição cArtegrafias — Latitudes | Longitudes Móbeis.

Abertura: 30 de abril, das 17h às 21h

Visitação: 02 a 15 de maio, de segunda a sexta, 9 às 18 horas

Conversa com o artista: quarta, 09/05/2018, 15h

ONDE: Galeria Cañizares – Escola de Belas Artes da UFBA – Canela.

Arte

## INTERNET

Veículo:

**Facebook – Galeria Cañizares**

Disponível em: <<https://web.facebook.com/events/198162820973735/>>

cArtegrafias — latitudes || longitudes *móveis*

conversa com o artista

09/05/2018

15h

Vladimir Oliveira

Galeria Cañizares  
Página criada - 7 de maio

A exposição cArtegrafias — Latitudes | Longitudes Móveis segue em exibição e o público poderá participar da conversa com o artista, Vladimir Oliveira, no dia 09 de maio, às 15 horas.

Anota na sua agenda e vem participar!

VISITAÇÃO  
02 a 15 de maio, de segunda a sexta, 9 às 18 horas.

ENTRADA FRANCA

3 1 compartimento

Curtir Comentar Compartilhar

Escreva um comentário...

<https://web.facebook.com/GaleriaCañizares/photos/a.331246000313144/1503545746416491/?type=3&theater>

1/1

## INTERNET

Veículo:

**Facebook – Galeria Cañizares**

Disponível em: <<https://web.facebook.com/GaleriaCañizares/posts/1503545853083147>>

